Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 N.º 23 144 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA, 22 DEZEMBRO 1989

Ceausescu caiu

A Frente de Salvação da Pátria anunciou a tomada do Poder em Bucareste, com as tropas romenas ao lado da população

O líder da Roménia, Nicolae Ceausescu, fugiu hoje, utilizando um helicóptero que o transportou para o aeroporto de Bucareste, onde até às 12 e 30 (hora de Lisboa) ainda se encontrava a tentar sair do país. Entretanto a "Frente de Salvação da Pátria", liderada pelo antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Corneliu Manescu, anunciou ter tomado o poder. A violenta repressão dos protestos em Timisoara, que provocou a morte de 4.000 pessoas, acelerou a contestação, culminando com protestos ontem na capital, igualmente reprimidos. Mas esta manhã, nos momentos que precederam a fuga de Ceausescu, muitos soldados juntaram-se aos manifestantes e cercaram o palácio presidencial, desafiando as forças ainda fiéis ao ditador. Mas a queda de Ceausescu não constituiu uma surpresa, como aliás é referido no comentário de Jorge Ferreira, na página 3.

Págs. 2, 3 e 11

Reuter

Ceausescu, desesperado com o evoluir da situação, tentava ainda ontem, durante um comício no centro de Bucareste, convencer os romenos a apoiá-lo

Olimpíadas/92

Jovens portugueses treinam-se em Barcelona

São 52 jovens (dos 16 aos 19 anos), cada par representando uma modalidade desportiva e todos sugerindo a ideia de, em 1992, poderem participar nas Olimpíadas de Barcelona. Por isso, a partir de 27 do corrente, vão participar na «Operação Juventude e Olimpismo», que decorrerá na cidade condal e servirá como prova de capacidade para os mais aptos ficarem depois entregues aos melhores mestres, com possibilidades de, enquadrados pela experiência das vedetas que já firmaram prestígio e conquistaram louros, constituírem aquela que se espera seja a nossa mais numerosa embaixada olímpica de sempre.

Pág. 23

Cursos de:

Cabeleireiro

depilação c/ cera e definitiva

manicura/pedicura

Abertas as inscrições:
Av. da República, 12 - 1.º
Telef.: 66 22 77 Lisboa

A Mosca pica hoje

Andou sabe-se lá por onde, longe da vista que não do coração. Volta hoje às páginas do DL.
É A MOSCA. Tem 20 anos de vida, embora alguns de hibernação. Está mais gorda que na sua infância: 32 páginas. Guarda características: as redacções da Guidinha, a escrita de Joaquim Letria. E tem coisas novas: entre elas, as fotografias de Paulo Henriques e Gil Teixeira. Da Cultura e Espectáculos herdou algumas rubricas. E, porque daqui por três dias é Natal, fala muito dele. Boa leitura!

Ora cá estou eu e viva a Câmara Municipal - Guidinha 3

Canal da Crítica - Mário Castrim 4

Bairro Novo, Velho Alto - Joaquim Letria 5

Com 5 pedras na mão - Jorge Silva Melo 12

Percursos - Paulo Henriques 15

Este Natal que nos consome - Eduarda Dionísio 18

Os Natais de Jesus - Daniel Oliveira 21

O Natal do homem moderno por Francesco Alberoni

Pág. 5

Receitas para viajar são e salvo

Págs. 16 e 17

UGT contradiz Conselho Nacional do Plano

Pág. 10

Cheias não dão descanso às populações ribeirinhas

Pág. 13

Enquanto o Presidente Mitterrand, em visita à RDA, condenava duramente o regime romeno, os sangrentos acontecimentos de Timisoara repetiam-se ontem em Bucareste.

Uma ditadura inconcebível na Europa

O Presidente francês, François Mitterrand, afirmou ontem que o regime do líder romeno, Nicolae Ceausescu, tem o dis contados, "tem os dias contados".

No segundo dia da sua visita à Alemanha Democrática, Miterrand condenou o regime de Ceausescu, ao deslocar-se à Universidade de Karl Marx, em Leipzig.

"Como pode tolerar-se que uma ditadura governe aquele país (Roménia) quando os países do resto da Europa de Leste evoluem para a liberdade?, interrogou-se o Presidente francês perante algumas centenas de estudantes.

François Mitterrand condenou também a repressão contra os manifestantes na cidade de Timisoara, no passado fim-de-semana, considerando-a "repressão violenta".

Por seu turno, o chanceler alemão federal, Helmut Kohl, condenou a "repressão brutal dos protestos pacíficos e justificáveis", referindo-se aos acontecimentos de Timisoara.

O porta-voz da chancelaria, Hans Klein, que divulgou a posição de Kohl, exortou o Governo romeno a respeitar os direitos humanos no país, ao abrigo das normas da Carta das Nações Unidas e da acta final de Helsínquia.

A Checoslováquia e a Itália ordenaram o regresso dos seus embaixadores em Bucareste para consultas, após os acontecimentos de Timisoara.

Na Alemanha Democrática, um membro do movimento oposicionista "Nofo Forum", Rolf Henrich, afirmou que as duas Alemanhas devem analisar o corte de relações com a Roménia.

E o Governo de Berlim exortou o Governo de Bucareste a não utilizar a violência para reprimir as manifestações pró-democracia no país.

O descaramento de um responsável romeno

Ontem, o primeiro vice-primeiro-ministro romeno, Gheorghe Oprea, desmentiu as notícias de que foram mortos até 4.000 manifestantes durante o fim-de-semana passado no seu país.

"Nem dez morreram, quanto mais milhares", disse Oprea, citado pela agência turca Anatolia.

"Em Timisoara, os soldados tiveram que intervir depois de mostrarem paciência durante dois dias. Segundo a Constituição romena, o exército teve que intervir, porque tem que salvaguardar a segurança das vidas e propriedade do povo".

Oprea chegou na quarta-feira a Istambul, para uma visita de quatro dias à Turquia.

O Presidente Nicolae Ceausescu decretou no mesmo dia o estado de emergência na cidade ocidental de Timisoara, depois de as manifestações alastrarem a outras cidades. Segundo várias fontes, a Polícia não interveio na manifestação de quarta-feira.

Um residente em Timisoara disse no mesmo dia à televisão húngara que o exército se tinha retirado da cidade, possivelmente para quartéis em Busias, a 20 quilómetros de distância. Mais tarde uma mulher residente na área afirmou que não havia presença visível da Polícia.

O decreto assinado por Ceausescu impõe o recolher obrigatório na região de Timisoara e propõe reuniões de mais de cinco pessoas. Teve por objectivo impedir mais protestos e deu a entender que a liderança romena está disposta a recorrer à força para se manter no poder.

Disparar "sobre tudo o que se move"

A confirmar a disposição de Ceausescu, veículos blindados atropelaram ontem manifestantes no centro de Bucareste, enquanto as forças de segurança disparavam sobre multidões que exigiam a demissão de Ceausescu.

"O correspondente da agência Tanjung viu veículos blindados a atropelar estudantes, enquanto a Polícia disparava sobre tudo o que se movia", referiu a agência noticiosa jugoslava.

Este foi o mais sério desafio popular contra o regime contra o regime desde que Nicolae Ceausescu subriu ao poder há 24 anos.

O tiroteio começou pouco depois de os manifestantes gritarem palavras de ordem contra o líder romeno que discursava num comício pró-governamental na principal praça de Bucareste.

Ceausescu fora interrompido por manifestantes pró-democracia aos gritos de "Liberdade para a Roménia", "Abaixo Ceausescu" e "Abaixo os assassinos", quando falava no comício, organizado pelo Governo.

Segundo relatos de jornalistas soviéticos e jugoslavos na capital romena, as forças de segurança cercaram os manifestantes com a ajuda de tanques militares e começaram a disparar sobre eles.

Timisoara repetiu-se em Bucareste

Testemunhas oculares afirmaram que "muitos deles ficaram feridos ou mortos" no tiroteio, mas é ainda desconhecida qualquer estimativa do número de vítimas.

"Hoje repetiu-se em Bucareste o que aconteceu em Timisoara", afirmou a agência jugoslava, referindo-se à repressão militar contra manifestantes pró-democracia naquela cidade da fronteira com a Jugoslávia no passado fim-de-semana, e em que terão morrido cerca de quatro mil pessoas.

Os acontecimentos de Timisoara motivaram já várias manifestações no país, como a de ontem em Bucareste, e que prosseguem em outras cidades romenas.

A Tanjung noticiou ainda que, de início, a Polícia utilizou granadas de gás lacrimogéneo para dispersar os manifestantes que entretanto começaram a aumentar em número. "De centenas para vários milhares", segundo a Tanjung.

E o correspondente da agência soviética afirmou que as pessoas estavam "em pânico", refugiando-se em casas e em jardins, à medida que os tanques e os soldados avançavam sobre os manifestantes.

Militares juntam-se a manifestantes

Fontes diplomáticas ocidentais na capital romena, citadas pela agência Reuter, afirmaram que "aviões e helicópterosd militares estavam a sobrevoar Bucareste, enquanto se grande número de soldados se concentravam nas ruas".

Antes, a agência jugoslava, que citava estudantes sírios, que tinham acabado de regressar de Timisoara, noticiou que oficiais e soldados do exército se juntaram aos manifestantes antigovernamentais naquela cidade.

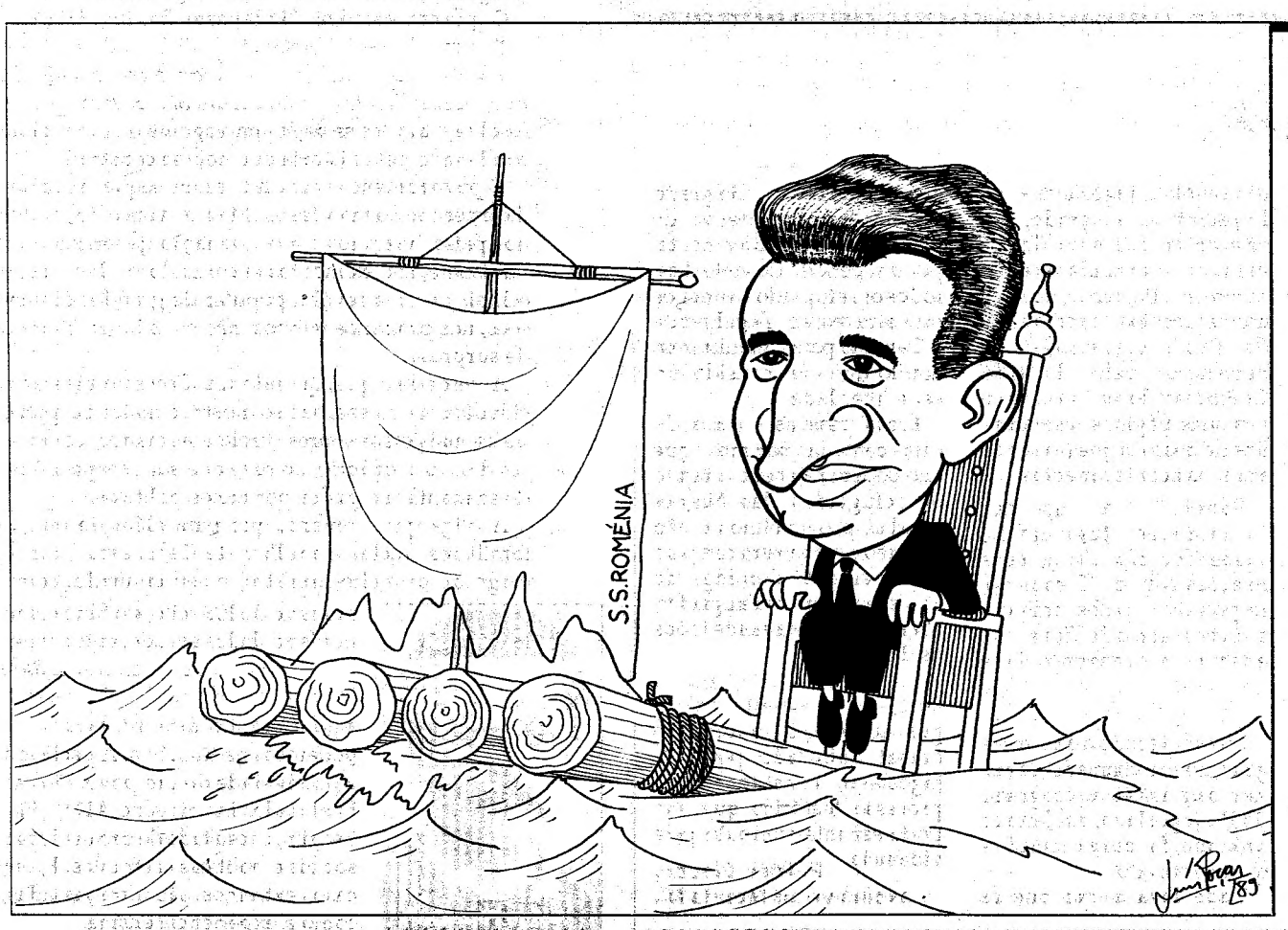
As manifestações continuaram em Timisoara, e noutras cidades como Arad, em que foi também convocada uma greve geral, apesar da declaração de estado de sítio na região, na quarta-feira, e da proibição de reuniões públicas.

De referir que o exército romeno foi entretanto mobilizado e os reservistas chamados ao activo, para controlar a grave situação que se vive no país, segundo a rádio de Budapeste, que citou testemunhas chegadas de Bucareste.

A emissora húngara passou, igualmente, entrevistas com pessoas que têm familiares na Roménia e que afirmaram que a população de Timisoara estava na posse de armas e planeava um levantamento armado.

Um camionista jugoslavo chegado da Roménia afirmou que durante a sua passagem nos arredores de Timisoara viu, pintados nas paredes, apelos a "um levantamento popular dos romenos contra o regime de Ceausescu para o dia 24 de Dezembro".

DL/Lusa/Reuter



«Eu vi tudo,

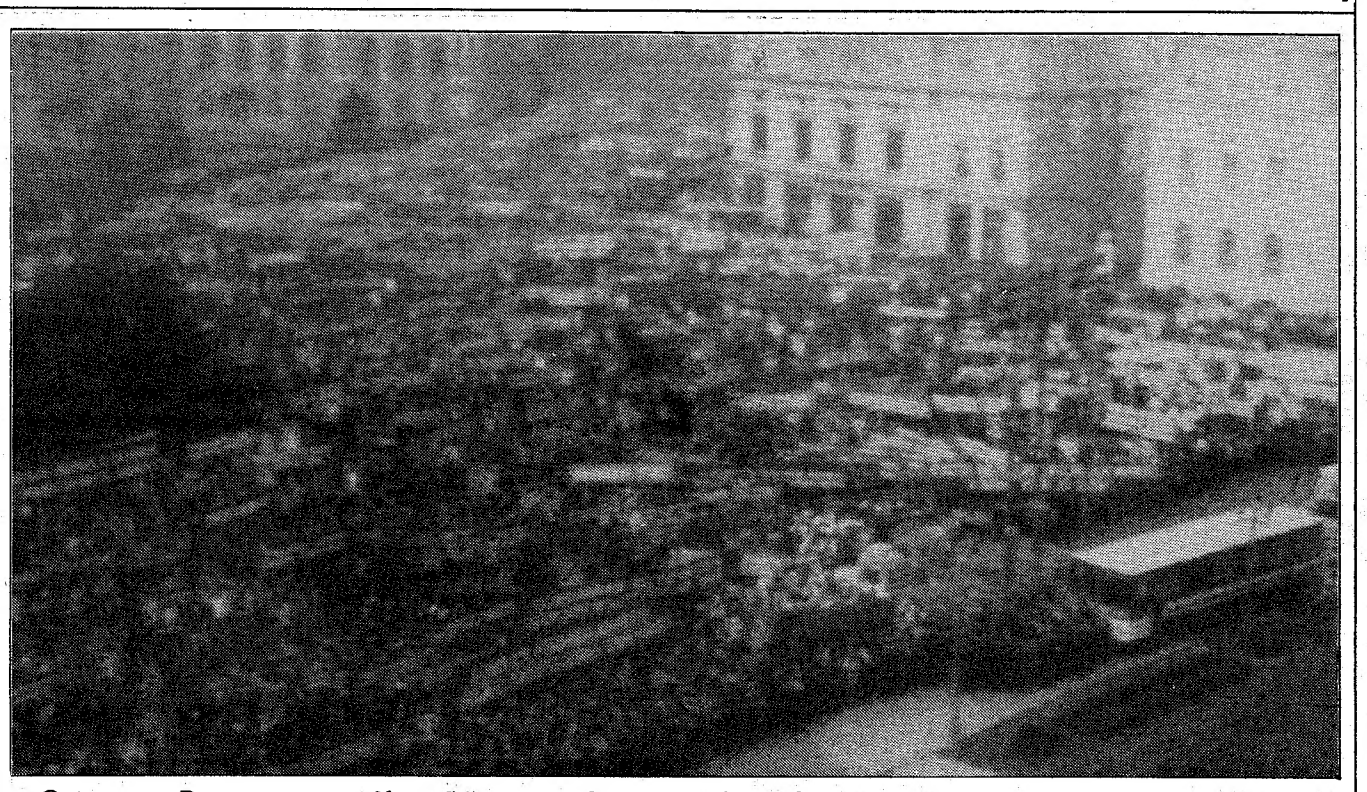
Perante o testemunho de um jovem estudante grego que assistiu ao massacre de Timisoara, Tiananmen não passou de um simples ensaio.

Ao ser interrogado, logo após o seu regresso de Timisoara, um jovem estudante grego, bastante emocionado, disse: «Eu vi tudo, foi horrível. Os soldados disparavam sobre a multidão de manifestantes. Os corpos caiam uns sobre os outros. A uma dada altura, uma mulher com cerca de 50 anos lançou uma pedra contra um carro de assalto. Imediatamente o blindado deu meia volta e lançou-se sobre ela, esmagando-a, assim como às pessoas que se encontravam próximas. Foram reduzidas a uma massa informe. Foi horrível, horrível».

A visão terrificante de Constantinos foi interrompida bruscamente, porque, perturbado como estava, já não conseguia dizer mais.

Aquele domingo, 17 de Dezembro, em Timisoara, um Tiananmen em plena Europa, será inesquecível para Constantinos. De nacionalidade grega, o jovem (de 22 anos) viu, antes da sua partida na terça-feira para a Jugoslávia, várias centenas de cadáveres nos hospitais da cidade.

Estudante de medicina (estomatologia), Constantinos vivia em Timisoara há quatro anos. Antes da carnificina, a cidade, com cerca de trezentos mil habitantes, tornou-se célebre, sobretudo pela qualidade da sua Universidade de Medicina, frequentada por



Ontem, em Bucareste, a manifestação em que Ceausescu foi violentamente apupado, quando esperava mais. uma «gloriosa» prova de apoio popular

As oposições à ditadura romena

Condicionantes várias, para além da revolta surda dos romenos contra o espartilho ditatorial de Ceausescu, há 24 anos no poder, determinaram a explosão de Timisoara.

A crise económica do país, onde a falta de produtos essenciais é gritante, completa uma longa lista de fracassos na gestão de Nicolae Ceausescu. Entre 1980 e 1987, os romenos viram o seu nível de vida drasticamente reduzido. Durante o mesmo período, os orçamentos destinados a sectores como a Educação e a Saúde, sofreram uma quebra de 75 e 25 por cento, respectivamente. As limitações impostas à população a nível de consumo de energia - menos de 30 por cento no Inverno do ano passado - e de bens essenciais, reduziram os romenos à penúria e à obscuridade.

O nervosismo sentido pelo gabinete de Ceausescu era por demais evidente. Em 1977 os grandes objectivos do plano mantiveram-se no máximo sigilo.

Focos de oposição

Perante este quadro, assiste-se ao surgimento de alguns focos de oposição ao regime. A algumas semanas da abertura do 14ª congresso nacional do partido, realizado em Bucareste de 20 a 25 de Novembro, alguns membros do partido, reagrupados numa Frente de Salvação Nacional endereçaram um apelo à demissão de Ceausescu.

Os contestatários, que chegaram a ter o apoio de alguns delegados do partido, pediram aos seus camaradas que deixassem de uma vez por todas, de «mistificar, incensar, escutar e aplaudir», a ditadura. Mas com a reafirmação do poder do «mais querido filho da nação», o congresso acabou por ceder. E dos contestatários nunca mais se ouviu falar.

Já em Março último, um grupo de dissidentes, como Donea Cornéa, antiga professora de françês em Cluj, a escritora Mircea Dinescu e seis antigos dirigentes do partido, denunciaram, em carta aberta, a política da família Ceausescu e o isolamento da Roménia da cena internacional.

Descontentamento dos militares

Em 1987 verificou-se uma rotação total dos quadros do partido, com a nomeação de 18 jovens ministros seleccionados unicamente em função da sua fidelidade ao *conducator* .

No seio das forças militares (e nos próprios serviços secretos) têm circulado rumores de um descontentamento crescente, sobretudo entre aqueles que são obrigados a trabalhar nos campos, minas e áreas produtivas para manter os níveis de exportação ou colmatar a falta de mão de obra no país.

O seu programa de «sistematização do território» e reorganização rural, que consiste na destruição de milhares de aldeias e vilas, na integração forçada de dezenas de milhar de cidadãos de etnia húngara em complexos agro-industriais noutras zonas do país, visa destruir o modo de vida rural e os valores tradicionais, para a «construção de um homem novo», segundo o modelo Ceausescu.

Este facto originou de numerosos protestos internacionais, nomeadamente na Polónia e Hungria.

Nunca o isolamento do regime romeno foi tão grande.

DL

foi horrível»

mais de 500 estudantes de diversas nacionalidades, nomeadamente gregos, alemães, israelitas, sírios, indianos e libaneses.

Ao enviado especial da Agência France Press (AFP) os últimos estrangeiros chegados de comboio confirmaram pormenorizadamente as afirmações de Constantinos ao mundo.

Cenas de horror, crianças esmagadas debaixo dos rodados dos carros de combate, massacres de adolescentes à baioneta, morgues atulhadas e ruas cheias de soldados distribuiam-se até à periferia da cidade.

Este depoimento foi também reforçado pelas declarações de turistas soviéticos, camionistas italianos, estudantes africanos, jornalistas jugoslavos, alemães da Roménia e até romenos de etnia húngara.

Todos estes testemunhos concordam: a aterradora visão, a que se somam vitrinas completamente destruidas pelas rajadas de metralhadoras, marcou aquele fim-de-semana em Timisoara.

O cônsul-geral da Jugoslávia, Mirko Atanackovic, que dirige a única representação diplomática de Timisoara, retomou corajosamente o seu posto na quarta-feira, depois de ter sido convidado a regressar ao seu país. O diplomata fez saber que a extra-territorialidade da sua missão foi violada no domingo pelos soldados romenos, que foram buscar ao interior do consulado manifestantes aterrorizados que encontravam refúgio no seu interior.

Suspensão de relações entre partidos

As vítimas são numerosas - provavelmente muito mais que duas mil, diz uma fonte diplomática jugoslava - e a Imprensa de Belgrado, liberta da autocensura de má memória que ainda recentemente existia, fez-se eco dos acontecimentos - mesmo antes da firme condenação do massacre pelo Partido Comunista local - inserindo nas suas páginas testemunhos de pessoas que presenciaram os acontecimentos.

Entretanto, a Liga dos Comunistas Jugoslavos, suspendeu *sine die* as suas relações com o PC romeno, responsável pelos trágicos acontecimentos de Timisoara, e denunciou o sangrento ajuste de contas e as represálias contra a população.

O convite feito a esse triste génio do mal chamado Ceausescu para assistir ao congresso do PC jugoslavo, em Janeiro próximo, foi pura e simplesmente retirado.

Tudo leva a crer que as autoridades de Belgrado deverão também deixar de prender sistematicamente, por um período de vinte dias, todos os refugiados romenos que atravessem ilegalmente o Danúbio para conquistarem aquilo que eles consideram ser a liberdade.

Essas pessoas - cerca de duas centenas por mês - que não podem receber o estatuto de refugiados das Nações Unidas, provavelmente não voltarão a ser repatriadas para a Roménia. O domingo de Timisoara, para os refugiados, alterou completamente todos os dados.

As transformações em curso na Europa de Leste, afirma por seu turno o comunicado oficial publicado pelo PC jugoslavo, constituem um processo histórico que não pode ser interrompido pela violência.

Patrice Claude, exclusivo Le Monde/DL

Roménia: um reforço dos sinais de fraqueza

Em termos de violência e derramamento de sangue, Timisoara ultrapassa, de longe, Tiananmen. Foram quatro mil pessoas (quantas serão amanhã?) friamente baleadas e esmagadas pelos tanques, só porque ousaram protestar contra a dinastia de Ceausescu.

Os lamentáveis acontecimentos do fim da Primavera passada (2.000 mortos?) em Pequim, foram filmados, fotografados e divulgados em todo o mundo. Mas a matança romena de domingo só foi conhecida mercê da "indiscrição" de viajantes e turistas, muitos dos quais, apanhados de surpresa, foram compelidos a regressar aos países de origem.

Desde o primeiro dia, a Imprensa estatal romena tem minimizado os graves incidentes, classificando-os como "actos terroristas" instigados por inimigos do país. Mas "ignora" totalmente as vítimas. Pretenderá, deste modo, fazer crer que Timisoara não passou de uma invenção maldosa contra o "socialismo real". Seria caricato, se não fosse trágico, até porque a máscara não tardou a cair: pouco depois, as autoridades de Bucareste advertiam que no "glorioso" império de Ceausescu não seriam toleradas perturbações à ordem e à legalidade.

Entretanto a grande repercussão externa dos sangrentos acontecimentos, e a crescente tensão interna, obrigaram Bucareste a tomar uma posição.

É assim que Nicolai Ceausescu, regressado da visita aos amigos ayatollahs, proferiu na quarta-feira um discurso em que "justificou" o uso da violência pelo exército, dizendo que os manifestantes eram "terroristas", e ameaçavam a ordem estabelecida. Mas, quanto ao elevado número de vítimas, não produziu uma única palavra. E os numerosos cadáveres entretanto desapareceram, deixando apenas um único rasto: o da dor estampada nos rostos e corações das muitas pessoas que perderam familiares na manifestação de Timisoara. Cerradas as fronteiras, todas as fronteiras, o último país do Pacto de Varsóvia a resistir ao vendaval das mudanças, transformou-se desde então numa ilha. A lei marcial foi instaurada, e os militares fazem das ruas o seu campo de operações, prontos a abater quaisquer ajuntamentos que se lhes afigurem suspeitos.

O terror reforça-se, pois, e com ele a raiva, que já começa a produzir os seus frutos, traduzidos em manifestações espontâneas, onde são queimados livros doutrinários e efígies de Ceausescu.

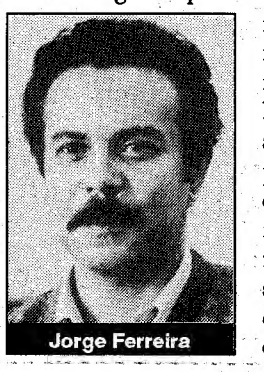
Mas, oficialmente, nada aconteceu de especial. O "conducator" continua a "denunciar" o carácter "subversivo" dos protestos e considera que a situação está "calma". Mas para um tirano que manda executar cidadãos, por dá-cá-aquela-palha, é fácil imaginar que essa calma seja a dos cemitérios.

O que em Varsóvia, Budapeste, Berlim, Praga ou Sofia tem sido resolvido através do diálogo, da cedência, em Bucareste "soluciona-se" a tiro, à baionetada, de uma forma brutal e indiscrimada. E será que se resolve, ou antes se prolonga a agonia de um regime condenado pela história que hoje se constrói?

O povo romeno está de luto e nem sequer a sua dor lhe é permitido manifestar. Mas, o avanço libertador nos países vizinhos e a condenação generazada de Timisoara, são elementos encorajadores. Por isso, o eclodir de uma revolta popular de grandes dimensões, nos próximos tempos, não constituiria motivo de surpresa.

A verdade é que, quando um Governo massacra cidadãos indefesos, não só mostra o maior desprezo pelos mais elementares direitos humanos, como se condena a si próprio, ao revelar a sua incapacidade de se manter no poder por meios políticos.

A oligarquia romena, que para além de outros familiares, inclui a mulher de Ceausescu, com o cargo de primeiro-ministro, o seu cunhado, como ministro do Exército, e o filho como ministro da Juventude, autocondenou-se de forma irreversível. E tudo leva a crer que, depois Timisoara, algo de muito forte irá sacudir os poderosos da Roménia. A paciência e passividade de um povo não são fatalidades inscritas no ADN. São, isso sim, o resultado de circunstâncias sociais e políticas castrantes. E, em casos extremos, são ultrapassadas, como a experiência ensina.



Jorge Ferreira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

SONDAGEM

Lisboetas dizem que o Governo perdeu

Os eleitores da área metropolitana da capital não têm dúvidas sobre os resultados das autárquicas e a qualidade da gestão municipal de Jorge Sampaio

QUADRO I

	TOTAL	SEXO Masculino	SEXO Feminino	IDADE 18 a 24	IDADE 25 a 34	IDADE 35 a 54	IDADE Mais de 54	CLASSE A/B	CLASSE C1	CLASSE C2/D
Recordes	204	79	125	31	30	57	86	74	86	44
TOTAL	200	89	111	28	34	70	69	66	80	54
P. 1 O QUE FORAM AS AUTÁRQUICAS PARA O GOVERNO										
Vitória	30	2	28	3	3	13	11	10	8	13
Derrota	85	41	44	10	17	31	27	25	40	21
N/vitória, n/derrota	54	33	21	9	7	18	19	22	16	15
Não sabe	26	9	17	6	6	3	10	5	16	5
Não responde	5	4	2			4	1	4	1	
P. 2 A GESTÃO DE JORGE SAMPAIO SERÁ EM RELAÇÃO À DE NUNO ABECASIS...										
Melhor	101	47	54	16	15	35	35	30	39	33
Pior	18	6	12	1	5	7	5	4	8	6
Igual	42	22	20	7	7	13	15	18	15	9
Não sabe	30	10	20	4	5	9	11	9	15	5
Não responde	9	4	4		1	5	2	5	3	1
P. 3 AO FIM DE QUANTO TEMPO PODERÁ SER JULGADA A PRESIDÊNCIA DA CÂMARA										
6 meses	27	10	17	1	5	8	13	9	11	7
Um ano	92	44	48	17	19	35	21	32	38	22
Dois anos ou +	57	25	32	8	6	19	23	17	19	21
Não sabe	18	6	12	2	2	4	10	4	10	3
Não responde	7	4	3		1	4	2	4	2	1

QUADRO II

	TOTAL	SEXO Masculino	SEXO Feminino	IDADE 18 a 24	IDADE 25 a 34	IDADE 35 a 54	IDADE Mais de 54	CLASSE A/B	CLASSE C1	CLASSE C2/D
Recordes	204	79	125	31	30	57	86	74	86	44
TOTAL	200	89	111	28	34	70	69	66	80	54
P. 1 O QUE FORAM AS AUTÁRQUICAS PARA O GOVERNO										
Vitória	15.1	2.5	25.1	9.1	9.4	18.9	16.4	14.4	9.9	23.5
Derrota	42.7	46.8	39.4	35.1	51.0	45.0	39.2	37.6	49.6	38.5
N/vitória, n/derrota	26.9	37.1	18.8	34.2	21.5	26.0	27.5	34.1	20.0	28.4
Não sabe	12.8	9.6	15.3	21.6	18.1	4.8	14.8	7.2	19.6	9.6
Não responde	2.5	4.0	1.4			5.3	2.0	6.6	.9	
P. 2 A GESTÃO DE JORGE SAMPAIO SERÁ EM RELAÇÃO À DE NUNO ABECASIS...										
Melhor	50.7	53.5	48.5	57.2	45.5	50.1	51.3	45.1	48.7	60.5
Pior	9.1	6.5	11.2	3.1	15.0	9.8	7.9	6.8	10.3	10.2
Igual	21.0	24.4	18.3	23.9	20.1	19.2	22.1	27.4	18.1	17.4
Não sabe	14.9	10.8	18.1	15.8	15.2	13.1	16.2	13.9	19.0	10.0
Não responde	4.3	4.8	3.9		4.2	7.9	2.5	6.9	3.8	1.8
P. 3 AO FIM DE QUANTO TEMPO PODERÁ SER JULGADA A PRESIDÊNCIA DA CÂMARA										
6 meses	13.4	11.2	15.1	3.1	15.9	11.4	18.3	13.5	13.8	12.5
Um ano	45.9	49.6	42.9	61.5	54.5	50.2	30.9	48.9	47.2	40.3
Dois anos ou +	28.3	28.1	28.5	29.2	18.4	27.3	34.0	25.8	23.2	39.0
Não sabe	9.0	6.3	11.1	6.3	7.0	5.9	14.2	6.2	13.1	6.3
Não responde	3.4	4.8	2.3		4.2	5.3	2.5	5.6	2.6	1.8

QUADRO III

	TOTAL	SEXO Masculino	SEXO Feminino	IDADE 18 a 24	IDADE 25 a 34	IDADE 35 a 54	IDADE Mais de 54	CLASSE A/B	CLASSE C1	CLASSE C2/D
Recordes	204	38.7	61.3	15.2	14.7	27.9	42.2	36.3	42.2	21.6
TOTAL	200	44.3%	55.7%	13.8%	17.0%	34.9%	34.3%	33.0%	40.0%	27.0%
P. 1 O QUE FORAM AS AUTÁRQUICAS PARA O GOVERNO										
Vitória	30	7.5	92.5	8.3	10.6	43.8	37.2	31.5	26.4	42.1
Derrota	85	48.6	51.4	11.3	20.3	36.8	31.6	29.1	46.5	24.4
N/vitória, n/derrota	54	61.1	38.9	17.5	13.6	33.7	35.1	41.8	29.7	28.5
Não sabe	26	33.2	66.8	23.3	24.0	13.1	39.6	18.6	61.2	20.1
Não responde	5	69.2	30.8			72.4	27.6	86.2	13.8	
P. 2 A GESTÃO DE JORGE SAMPAIO SERÁ EM RELAÇÃO À DE NUNO ABECASIS...										
Melhor	101	46.7	53.3	15.6	15.2	34.5	34.7	29.4	38.4	32.2
Pior	31.6	68.4	4.8	28.0	37.4	29.9		24.4	45.3	30.2
Igual	42	51.5	48.5	15.7	16.3	31.9	36.1	43.0	34.6	22.4
Não sabe	30	32.3	67.7	14.6	17.4	30.6	37.3	30.7	51.1	18.2
Não responde	9	49.2	50.8		16.4	63.8	19.7	52.9	35.6	11.6
P. 3 AO FIM DE QUANTO TEMPO PODERÁ SER JULGADA A PRESIDÊNCIA DA CÂMARA										
6 meses	27	37.1	62.9	3.2	20.2	29.6	47.0	33.4	41.3	25.3
Um ano	92	47.9	52.1	18.5	20.2	38.2	23.1	35.2	41.2	23.7
Dois anos ou +	57	43.9	56.1	14.2	11.0	33.6	41.2	30.0	32.8	37.2
Não sabe	18	31.0	69.0	9.7	13.2	22.8	54.3	22.7	58.3	19.0
Não responde	7	62.3	37.7		20.8	54.2	25.0	54.2	31.1	14.7

Quem é que ganhou as autárquicas ? À primeira vista, a vitória pertence indiscutivelmente ao Partido Socialista. No entanto, Cavaco Silva teimou em reivindicar os louros para si e, só anteontem, é que veio a público admitir a derrota.

Por cá, na Grande Lisboa, esta questão parece definitivamente encerrada, como se depreende do facto de 42,7 por cento dos eleitores inquiridos numa sondagem Euroteste / «DL», realizada nos dias 18 e 19, terem vinculado o Governo a uma incontestável derrota.

Curiosamente, a sondagem - feita por telefone a 204 residentes na área metropolitana da capital - revela que apenas 15, 1 por cento das respostas surgem a defender a vitória do Governo nas últimas eleições, enquanto 26,9 por cento dos inquiridos diz que ele não perdeu nem ganhou.

Os objectivos deste inquérito prenderam-se com a auscultação do significado genérico das eleições autárquicas em termos da posição do Governo, com as expectativas quanto à gestão municipal de Jorge Sampaio face ao desempenho do seu antecessor e, ainda, com o período de tempo necessário para se poder julgar com objectividade a nova presidência do município lisboeta.

Em relação a Jorge Sampaio, 50,7 por cento dos inquiridos asseguram que a sua gestão vai ser melhor do que a de Nuno Abecasis, 9,1 por cento dizem que ela será pior e apenas 21 por cento prevêem que a nova gestão venha a ser igual à anterior.

Sobre a avaliação do trabalho do líder socialista e da sua equipa à frente da Câmara Municipal de Lisboa, 45,9 por cento dos inquiridos dá o prazo de um ano a Jorge Sampaio para se pronunciar, enquanto 13,4 por cento dizem estar aptos a emitir um veredicto ao fim de 6 meses. Mais dilatado é o prazo que lhe dão 28,3 por cento das pessoas sondadas, que entendem poder apenas pronunciar-se passados 2 anos ou mais.

No que respeita à divisão por classes, a sondagem também nos dá perspectivas curiosas. Por exemplo, entre os que admitiram que o Governo sofreu uma derrota nas autárquicas, 37,6 por cento pertence à classe alta e média alta, 49,6 por cento à classe média superior e 38,5 por cento à classe média inferior e baixa. Já em relação a quem admitiu uma vitória do Governo, constata-se uma significativa variação: 14,4 por cento das respostas pertencem à classe alta e média alta, 9,9 por cento à classe média superior e 23,5 por cento à classe média inferior e baixa.

Por sexos, os inquiridos que admitiram a vitória do Governo dividiram-se assim: 2,5 por cento para o sexo masculino e 25,1 por cento para o sexo feminino. E por idades, também entre quem admitiu a vitória, temos o mínimo de 9,1 por cento para os inquiridos entre os 18 e os 25 anos e um máximo de 18,9 por cento de respostas de indivíduos entre os 25 e os 35 anos de idade.

Outra conclusão interessante é a das percentagens de pessoas que não souberam responder a como é que a gestão de Jorge Sampaio será em relação à de Nuno Abecasis: 14,9 por cento manifestou essa indecisão, mais evidente nos inquiridos do sexo feminino (18,3 por cento), nas pessoas com mais de 54 anos (16,2 por cento) e na classe média superior (19 por cento).

Por último, de salientar que 2,5 por cento dos inquiridos não responderam à pergunta sobre a vitória ou derrota do Governo, tal como 4,3 por cento não se pronunciaram sobre como é que será a gestão de Sampaio em relação a Abecasis, e ainda 3,4 por cento do total de inquiridos evitou fixar um prazo para avaliar a gestão do novo presidente da Câmara de Lisboa.

Ficha técnica

Amostra constituída por 204 entrevistas telefónicas a residentes na região da Grande Lisboa, com mais de 18 anos.

Informação recolhida por 8 entrevistadores através do sistema de tratamento informático de questionários - CATI.

Quadro 1 - Resultados absolutos; Quadro 2 - Percentagens verticais; Quadro 3 - Percentagens horizontais.

FORUM

público e privado

O NATAL DO HOMEM MODERNO

Ainda que esperado ansiosamente e muito amado, o Natal enche-nos de uma subtil inquietação. Há quem, nesta quadra, se sinta tomado de angústia; quem viva uma dolorosa experiência de solidão, sobretudo com o aproximar do fim do ano; quem ainda sinta o desejo de alguma coisa que não sabe definir, expectativa e nostalgia ao mesmo tempo. Outros fogem para longe, para lugares onde não existe Natal, festejando aí um Fim de Ano pagão.

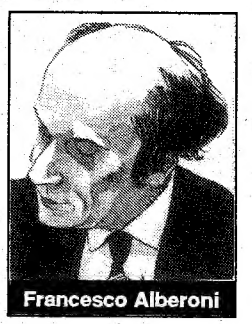
O Natal é a única festividade que reactiva o profundo significado sacro da festa antiga. E até o ser humano mais moderno, mais desencantado, mais frio, acaba de certo modo por ser tocado pelo sagrado e é levado a olhar para um abismo onde vislumbra uma realização plena à qual aspira e que sente ter perdido.

Há muitos anos atrás, as celebrações do Natal cristão despertavam em todos a emoção de uma unidade profunda, mística, um contacto de tudo com tudo, do céu com a terra, do passado com o presente e com o futuro, dos vivos e dos mortos. E isto acontecia porque se juntava toda a comunidade, todos os indíviduos com a sua família, todas as famílias na Igreja, todas as Igrejas na mesma prece. Uma unidade orgânica, compacta, na qual o homem se fundia e aí encontrava a sua essência una, a sua simplicidade.

Nós fomos evoluindo, diferenciando-nos uns dos outros, emancipando-nos desta fusão orgânica. Tornámo-nos indivíduos com ofícios diversos, diversos objectivos. Ao longo da vida vamo-nos renovando continuamente. Deixámos a cidade natal, os pais, aquilo em que acreditávamos, trocámos de marido ou de mulher, mudámos de amigos e de modo de pensar. Tornámo-nos seres complexos, heterogéneos, contraditórios. E eis agora que o Natal nos convida a reencontrar a nossa essência primária. Pressiona-nos para que reconstituamos a nossa família, para que abracemos mais uma vez todos os que amámos, que nos amaram. E nós não sabemos o que fazer, pois estas pessoas estão dispersas, não se conhecem nem querem reunir-se. Então procuramos um centro, um lar. Mas somos sempre obrigados a dividirmo-nos, estar um pouco num lado, um pouco no outro, um pouco com os pais, um pouco com os amigos, um pouco na nostalgia, um pouco na aventura.

A festividade do Natal, que se prolonga até ao fim do ano, constitui também o activar de uma morte-ressurreição, o fim do ano velho, do passado, e o brotar triunfante do novo ano que deixa para trás tudo o que passou, que está morto. É o reanimar de um estado nascente, do momento divino das origens, triunfo da vida em toda a sua pujança.

Há muito tempo, quando as sociedades se alteravam lentamente, este convite não surtia um efeito tão estrondoso. Integrava-se na questão de se encontrar a própria essência profunda, deitando fora tudo quanto estava errado em cada um de nós, ou tudo quanto era inútil. Numa sociedade como a nossa, dominada por uma vertigem do novo, em homens como nós em contínua mudança, este convite tem, pelo contrário, um efeito diverso. Leva-nos a correr para a frente, ao encontro da vida, à procura de novas aventuras, de novos amores. Eis a razão por que a época do Natal é tão perturbadora. Porque somos impelidos a ir ao encontro do passado, a reconciliar-nos com aquilo que fomos e, ao mesmo tempo, a procurar o presente. O resultado é que sentimos uma profunda nostalgia por tudo quanto perdemos e também uma grande nostalgia pelo que ainda não alcançámos.



Francesco Alberoni

Na grande festa do Natal e Fim do Ano, o impulso vital é potenciado. O seu poderoso simbolismo evoca em cada um de nós a expectativa de um acontecimento extraordinário, no qual concretizemos todas as nossas potencialidades e encontremos a nossa realização plena. É esta a emoção, é o sagrado, que nos fascina e perturba. Porque somos impelidos a desejar o inacessível. Aquela plenitude pertence ao absoluto. Nós, podemos só pressenti-la... e perdê-la, inevitavelmente.

Trad. de Manuela Ferreira de Almeida
Exclusivo «DL»

CORRIERE DELLA SERA

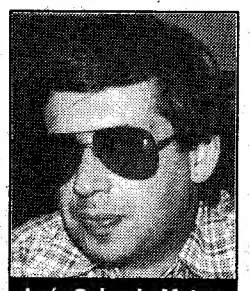
A SUBLIME PORTA E A TERCEIRA ROMA

Há cerca de cem anos, a Europa chorava os jugoslavos pela opressão que o império otomano decadente sobre eles exercia. Anos depois destas lágrimas, em Sarajevo, começava a guerra. Hoje, chora os que o império russo ainda oprime. Daqui a anos, lamentaremos o fim da Terceira Roma?

A agonia dos impérios é triste. Para os que neles vivem, começa por aliviar e logo provoca saudades. Para os vizinhos, cedo cria a dolorosa sensação do vazio. E como o vazio provoca problemas, o fim dos impérios provoca problemas.

A dissolução do Império Otomano esteve na origem do desequilíbrio europeu que conduziu à primeira conflagração mundial. A morte do império austro-húngaro, desequilibrando o centro da Europa, contribuiu para o desembainhar das armas hitlerianas mais do que o chapéu de chuva de Chamberlain.

Virá a dar-nos semelhantes maçadas a liquidação em curso do império russo? As bondades da *perestroika* hão-de ter os seus custos. Não falo já na reabertura da questão alemã: a divisão dos germanos resulta da Segunda Guerra Mundial a que, dentro em breve, irá ser posto ponto final, com a assinatura do tratado de paz - do qual, diga-se de passagem, não seremos parte.



Luís Salgado Matos

Falo de um problema menor mas mais visível: a repetição em cadeia dos 25 de Abril naqueles países que Deus pôs entre russos e teutões: Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Polónia, Roménia e Jugoslávia (ela própria um pequeno império).

A euforia da libertação neste Leste da Europa pode levar-nos a supor que, se tudo correr pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis: quando muito ,o império russo poderia contra-atacar.

Os mais cépticos pensarão que as dificuldades económicas daqueles países são muitas e que estão a viver acima dos seus meios: tendo posto o socialismo real na gaveta, não perceberam que o capitalismo não é a terra do leite e do mel onde o *Uncle* Sam coloca, na chaminé de Natal, o *hi-fi* japonês, o *foie gras* e o *champagne* franceses, o café da Colômbia, o pão alemão. Aqui, a Polónia é o caso limite do país de Leste que vive acima dos seus meios. O Partido Comunista local gastou muitos biliões de dólares e de rublos convertíveis a tentar comprar os operários. Não teve êxito. E os ditos operários, por Solidariedade interposto, estão hoje no Governo em Varsóvia.

Parecem económicos os problemas destes países que saem do império russo. Mas, sem boa política, eles não terão boas finanças. Conseguirão eles ter boa política? É duvidoso. Todos eles são culturas antigas e nacionalidades frescas: há cem anos, nenhum existia no mapa político da Europa. A vivacidade do sentimento nacional não tem a contrapartida da vitalidade de tradições políticas. Muito menos de tradições políticas democráticas. A Bulgária e a Roménia - filhas da Sublime Porta - nunca foram administradas por um governo eleito democraticamente. Os herdeiros do império dos Habsburgos conheceram hábitos mais doces: a Hungria teve um breve período democrático antes de Estaline começar a violar o acordo de Yalta; a Checoslováquia também já praticara a democracia no período entre as duas guerras e, não fora Munique, teria gostado. Os polacos tinham-se dado mal com as eleições a seguir à Primeira Guerra Mundial e pouco os deixaram experimentar depois da Segunda.

Os russos de Brejnev também tinham pensado que o problema de Leste era económico. Bem caro lhes está a sair. Se a CEE concluir que a solução da Europa de Leste vem pelo dinheiro, logo surgirão travões automáticos: quanto mais *écus* lá forem despejados, mais problemas surgirão; quem mais der, mais dificuldades terá com os donatários.

Aqueles países não precisam de um Plano Marshall: têm necessidade, isso sim, de algo entre um novo Yalta e o Tratado da Antárctida.

Os problemas políticos que os respectivos sistemas políticos têm que resolver não são poucos: integrar as minorias nacionais (que todos têm, excepto a Polónia); assegurar a liberdade religiosa (afinal a mais fácil - quando, para mais, a questão religiosa contribuiu para a feliz solução em curso); co-habitar com a Alemanha e a Rússia; deflacionar as expectativas económicas dos cidadãos ao mesmo tempo que mudam de racionalidade económica (e está por escrever o manual de transição para o capitalismo: pode ser ainda mais difícil do que a transição para o socialismo, tão laboriosamente estudada por G. Bettelheim).

Cada um destes Estados terá o seu caminho e as suas dificuldades: a relação de vizinhança não é uma comunidade de destino. De comum, têm todos a falta de tradições e de um grupo dirigente democrático - falta ela própria diferente: a Croácia, a Eslovénia, a Checoslováquia têm uma «cultura cívica» que não é comparável à de polacos, romenos, ou montenegrinos.

Se a *perestroika* correr a contento apenas para alguns, não virá grande mal ao mundo. Mas se a debilidade política dos países da Europa de Leste não lhes permitir resolver os problemas em agenda, então será preciso evitar que aquela fraqueza venha a contaminar a questão alemã.

FORUM

NO RESCALDO DAS ELEIÇÕES

Os resultados das eleições autárquicas estão apurados e publicados. Foram já comentados por vencedores e vencidos. Interpretados por analistas políticos, por sociólogos, por jornalistas. Destes, em suas análises, interpretações e comentários, raros são os que reconhecem aos cidadãos eleitores, com humildade, uma comprovada maturidade política, um agudo sentido da escolha, uma sensata resistência às técnicas de *marketing* e à estafadíssima utilização de ameaças e espantalhos. Indiferente aos golpes publicitários e aos perigos das «marés vermelhas», o povo eleitor manifestou-se de dois modos: pelo voto e pela abstenção.

É certo que a larga abstenção mostra que os eleitores ignoraram o apelo do Presidente da República que os convocava para «desde as mais pequenas e remotas aldeias, até às maiores e mais importantes vilas e cidades de Portugal - incluindo obviamente as regiões autónomas - as populações que nelas habitam têm o direito - e também o dever - de participar democraticamente na organização e orientação da sua vida colectiva». E ministrando a pedagogia do exercício do voto como «primeiro instrumento dessa participação», o Presidente da República exortou: «Nenhum cidadão consciente e responsável deve pois alhear-se de uma tal escolha, porque isso significaria desinteressar-se da resolução dos problemas e necessidades da terra em que vive, das suas perspectivas de progresso, do modo como é dirigida e governada...».

Apesar da experiência fecunda do *poder local*, da sua positiva contribuição para a vida democrática do País, os eleitores desinteressam-se das eleições autárquicas, não corresponderam ao apelo do Presidente da República, e atenderam, muito relativamente, a chamada dos partidos políticos. A abstenção foi inferior à verificada nas eleições para o Parlamento Europeu (48,8 por cento), mas situou-se num valor alto: 39,1 por cento.

A nível concelhio as *eleições autárquicas* são *eleições políticas*. Disputam-se entre partidos ou coligações partidárias. Colocam aos eleitores problemas políticos: de afinidade, de disciplina, de fidelidade. Embora, em muitas situações concretas, o eleitor vote com motivação local. O eleitorado tem, de eleição para eleição, um comportamento flutuante, mas que não é irracional. Verificam-se linhas de continuidade e movimentos pendulares que propõem à interpretação sociopolítica constantes e variáveis de leitura acessível.

A evolução dos valores da abstenção evidencia que estamos perante uma tendência que se tem acentuado: 1979 - 24,6; 1982 - 28,6; 1985 - 36,1; 1989 - 39,1. Ao contrário do que foi argumentado, em relação à elevada abstenção quando das eleições para o Parlamento Europeu, não se trata, neste caso das eleições autárquicas, de desconhecimento das funções e competências dos mandatos a conferir. Os eleitores chamados a eleger 55272 mandatários para as Assembleias de Freguesia, Juntas de Freguesia, Assembleias Municipais e Câmaras de 4208 freguesias e 305 concelhos, tinham a experiência democrática do poder local. Sabiam, de sua experiência, o que podiam esperar do resultado das eleições. A abstenção tem significado político: pode reflectir uma certa decepção quanto ao poder local, pode ser a manifestação de um desacordo e de um desencanto perante a política nacional do Governo.

As perdas do PSD, mais do que o resultado de simples transferências de voto, pela sua forte expressão, terão que ser interpretadas como a afirmação de uma corrente oposicionista em progresso. O Governo PSD perdeu câmaras, perdeu eleitorado. Se à derrota da coligação PSD-CDS-PPM em Lisboa é justo atribuir uma importância política particular, não deixemos de contabilizar a extensão nacional da derrota do PSD. O Partido Socialista, no plano autárquico, passou a ser o maior partido português. A conquista de câmaras pelos socialistas em todo o território continental e nas regiões autónomas - essa, sim, foi a «maré vermelha» para a qual nos tinham alertado o Primeiro-Ministro e os correligionários.

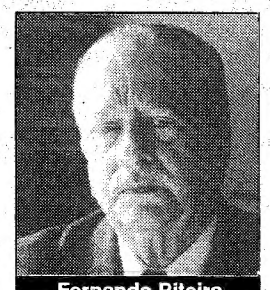
A conquista de câmaras pelos socialistas em todo o território continental e nas regiões autónomas – essa, sim, foi a «maré vermelha» para a qual nos tinha alertado o primeiro-ministro e os correligionários

A «maioria parlamentar mantém as suas virtualidades de cordato, disciplinado e incrítico apoio ao Governo PSD e ao Primeiro-Ministro». «Para já, o PSD - como declarou o dr. António Pinto Leite ao 'DL' (19-12-1989) - está muito bem entregue a Cavaco Silva». No que respeita ao Governo, ele tem a confiança de Cavaco Silva. O Primeiro-Ministro gosta muito dos seus ministros e louva-se na sua dedicação, competência e obra feita.

Não escuta os protestos, não medita as críticas, não reconhece o desgaste eleitoral. Está crente na repetição do sucesso de 1987. Não se impressiona com a subida do Partido Socialista. Não mede o desprestígio das afimações não provadas. Não tem dúvidas, raramente se engana.

Enganou-se (ou enganaram-no) na noite das eleições. Rectificou o que afirmara, dois dias depois. Prometeu ir pensar na razão de ter perdido três dezenas de câmaras. Vai, seguramente, verificar como funciona o aparelho do partido, arrumar a casa, deter a onda das ambições. «Para já - disse o dr. António Pinto Leite - o PSD está muito bem entregue...». E amanhã?

O próximo teste eleitoral não são as *eleições legislativas* em meados de 1991. São as *eleições presidenciais* em finais de 1990. E Cavaco Silva - ele que não é homem de dúvidas e enganos - sabe que não tem candidato. Um candidato para opor a Mário Soares.



Fernando Piteira Santos

FORÇA, LEITOR!

As reacções dos leitores a este renovado DL, que nos chegam em catadupa, são desvanecedoras porque não são acríticas. Agrada-nos a verificação de que não estamos a fazer o Jornal sozinhos, de que o aplauso vem temperado pelo reparo justo; e partimos munidos da predisposição para dar a mão à palmatória - um capítulo do nosso Livro de Estilo presta vassalagem ao direito de resposta e obriga-nos, com humildade e prontidão, a emendar os erros.

Os erros, nesta fase de mudança, ultrapassam em número e variedade o que o leitor por certo levará a desconto da sua e nossa humanidade. Passeiam-se entre a gralha tradicional, a omissão do pormenor indispensável e a rectificação dispensável... porque reincidente na falta que pretendia compor.

Olhos atentos fizeram-nos notar um H intrometido no nome de Umberto Eco - patriótico transporte de aportuguesamento que cilindrou a grafia italiana (imperdoável, como todos os excessos de zelo?); a rubrica «Auto-Retrato», ontem, por falta de uma explicação do que se trata, teria provavelmente criado no leitor a suspeita, não fosse o autor António Barreto, de que a abertura do nosso «Forum» é generosa ao ponto de dar guarida a um apontamento de psicanalista como se fora artigo de opinião (o «Auto-Retrato é um desafio que o DL lança às mais diversas personalidades da vida portuguesa, a quem pedimos um autobiografia como se de ficha de enciclopédia se tratasse); e, na mesma edição, uma nota bem intencionada, visando corrigir um lapso num artigo acerca do surrealismo, redundou num exercício de escrita automática, infelizmente criador de novo erro (o leitor fará o favor de acreditar que, nas nossa mentes, não confundimos dadaísmo com cubismo, nem a emergência de cada um no tempo).

Sabemos que, se teve paciência para nos ler até aqui, espera o pedido de desculpas por uma aparente discrepância, ontem também, na primeira página. Pergunta: já que estão em maré de autocrítica, a do primeiro-ministro foi há dois ou há três dias? Respondemos sem pestanejar que foi há dois *e* três dias. Vejamos: Cavaco Silva falou ao País (quer dizer, pela televisão, que ainda é o único meio de alguém falar ao País) às 0h e 30 de segunda-feira, 18; às 13h de quarta-feira, fez acto de contrição perante jornalistas - o qual só às 19h e 30 chegou aos portugueses armados de televisor. Temos, portanto, dois dias num caso e três noutro. Dois dias e meio e três dias menos cinco horas, para sermos exactos. O leitor perdoar-nos-á, certamente, esta homenagem ao carácter poligonal da verdade. E fique ciente de que *nós* estamos sempre em maré de autocrítica. Nunca as mãos lhe doam! Gostamos de partilhar consigo o nosso êxito - evidentemente, num papel melhor do que aquele que ontem lhe chegou às mãos: a remessa do mais branquinho, cujo uso inaugurámos no passado dia 18, atrasou-se, mas o reencontro está prometido para breve. Como já deu para ver, o cinzento não quadra nada bem à nossa alma lavada...

POLITICA

Tecnocratas do Governo desagradam a Abecasis

Marcelo Rebelo de Sousa «quis fazer tudo sozinho e sozinho acabou», diz o presidente cessante da Câmara de Lisboa

«Quando digo que sou metalomecânico digo-o para os chatear», afirma é Nuno Abecasis e «eles» são os políticos da nossa praça. O presidente do município lisboeta, em fim de mandato, esteve ontem na reunião extraordinária da Assembleia Municipal, destinada a ratificar decisões já aprovadas em câmara. Contudo, acabou por não haver sessão. Falta de quorum, foi o motivo. Tal facto não constituiu, no entanto, preocupação de maior para Abecasis que ficou calmamente a conversar com os presidentes de junta e com todos os que paravam para o cumprimentar.

Quando o DL lhe perguntou o que achava do Governo que temos retorquiu:«Tem lá alguns tecnocratas que já deviam ter saído». Mas para Abecasis, a actuação do primeiro-ministro tem sido correcta. «É um homem hábil, inteligente e sério», sublinhou.

Voltando à questão da equipa que rodeia Cavaco, Abecasis, a princípio escusou-se a comentá-la, mas acabou por admitir que «é tempo de uma remodelação». A propósito, lembrou-se do «prestígio da governação» de que falava Salazar para dizer que «agora é que se preocupam muito com isso».

No seu entender, alguns membros do actual Executivo puseram em causa esse prestígio por isso, afirmou peremptório: «Há determinadas coisas que eles fizeram, que se fosse eu a governar já estavam na Cochinchina há muito tempo».

«Não consigo perceber como é que a ministra da Saúde quer fazer medicina sem médicos», disse o autarca, acrescentando que nestas coisas de governação tem de se encontrar sempre um ponto de equilíbrio.

A vontade do povo

Quanto ao rescaldo das eleições de domingo, Abecasis tinha um ar de quem disse eu bem avisei. «Acho que foi a vontade do povo que se fez sentir e eu fui o primeiro a felicitar o vencedor. Só espero que ele não fique prisioneiro da aliança que fez como PCP», disse.

No que diz respeito ao desaire do candidato PSD/CDS/PPM, Abecasis não poupou palavras duras. Chegou a sua vez.

«É lógico que tenha sido Marcelo a assumir sozinho a derrota. O que é que ele queria? Depois de ter passado a vida a dizer mal de quem sempre o apoiou ainda queria que o acompanhassem? Além disso, ele não fez a campanha toda sozinho», perguntou.

«Na altura em que enviei a carta à direcção do CDS disse que se estavam a cometer erros que iriam custar as eleições. Avisei a tempo, não quiseram ouvir-me e perderam.», recordou.

Na sua opinião, Marcelo Rebelo de Sousa devia ter demonstrado mais responsabilidade. «O povo de Lisboa não está à espera que um presidente de Câmara actue dentro da jaula de um leão ou desrespeite a estátua de D. Manuel», sublinhou acutilante.

Para Nuno Abecasis, a campanha de Marcelo Rebelo de Sousa não foi a melhor

A campanha também não lhe agradou. «Quando me candidatei não tive de ir buscar um conselheiro de marketing aos Estados Unidos. As pessoas precisam de saber contactar com o povo e os presidentes de câmara não são recrutados em academias de Ciência ou faculdades de Direito. Há uma grande diferença entre ter feito a vida numa oficina e numa universidade. O Marcelo dá-se optimamente com políticos, mas é incapaz de conviver com a mulher do lugar da fruta e, na verdade, há mais mulheres destas do que políticos», considerou.

Nuno Abecasis, mostrou-se arrasador relativamente ao homem que um dia chegou a ser considerado o seu delfim. «Marcelo passou a vida a dizer mal das coisas que fiz. Foi uma opção puramente eleitoralista. Mas nunca o fez à minha frente. Se o fizesse eu esborrachava-o».

LAB

Militares aumentados em 21 por cento

As forças militares e militarizadas têm os seus salários actualizados, desde ontem, por decisão do Conselho de Ministros, fixando-se agora o pré de um cabo no mínimo de 63 mil escudos e o ordenado do general e do vice-almirante em 419 contos menos 50 escudos.

Este aumento corresponde à média ponderada de 21 por cento e é sensivelmente superior aos aumentos salários que têm estado a ser negociado por classes profissionais civis. Os novos salários diferem consoante o ano de permanência em cada posto e no escalão intermédio correspondem a 122 contos o de alferes (ou sub-tenente, na Armada), 170 contos o de capitão (primeiro-tenente) e 204 o de major (capitão-tenente), todos eles nos dois primeiros anos de permanência no posto respectivo.

Os seis almirantes e os generais de quatro estrelas têm vencimentos próprios, superiores e desenquadrados destas tabelas, em correspondência com as alterações de estatuto dos quadros políticos e equivalentes a ministro e secretário de Estado.

Na mesma reunião do Conselho de Ministros foram aprovados novos quantitativos para as prestações básicas da Segurança Social, todas elas aumentadas percentualmente bem menos do que o foram os salários dos militares.

Assim, o abono de família (12,7 por cento de aumento) fixou-se em 1.550 escudos, o subsídio para deficientes é agora de 11.200 escudos (aumento médio de 16%), enquanto o subsídio de casamento subiu para 13.800 escudos e o de nascimento para 16.600.

Retrato inacabado

Ficou incompleto o trabalho que o DL publicou no dia 19 com as biografias do presidente e vereadores à Câmara de Lisboa. Rui Godinho, quadro do PCP e primeiro candidato indicado por este partido para a Coligação «Por Lisboa», não era nela mencionado, pelo que publicamos a seguir os seus dados biográficos, completando um retrato que, por lapso técnico, ficou inacabado.

«Militante do Partido Comunista desde 1975, Rui Manuel Carvalho Godinho é um dos quadros mais prestigiados dentro e fora do partido. Engenheiro químico, pós-graduado em engenharia sanitária, assistente do departamento de Ciências do Ambiente da Faculdade de Ciências Sociais e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Rui Godinho tem ainda na sua carreira profissional a participação em projectos e obras dos sistemas de abastecimento de água no complexo urbano-industrial de Sines. Como vereador na Câmara de Lisboa chefiou o Gabinete de Estudos de Tratamento de Água da EPAL (Empresa Pública de Águas Livres) e nessa qualidade trabalhou no Projecto do Castelo do Bode, destinado a reforçar o sistema de abastecimento de água em Lisboa, e em especial na Estação de Tratamento de Água da Asseiceira. Enquanto militante do PCP tem defendido a direcção do partido, mas não é considerado um ortodoxo. Recentemente tem manifestado abertura em relação aos críticos, designadamente para os mais moderados, conhecidos por Terceira Via».

‹Cavaco é para Soares uma surpresa absoluta›

Ao fazer o seu balanço da década, o Chefe de Estado considera Savimbi «carismático e invulgar»

O Presidente Mário Soares rejeitou, em entrevista à revista «Grande Reportagem», a sua disposição de se candidatar a altos cargos internacionais, como o secretariado da ONU ou a presidência da Internacional Socialista, na hipótese de, em 91, estar indisponível para outro mandato em Belém.

Defensor da televisão privada em nome da emulação, confessou-se «vacinado» com os casos da "Luta" e do "Portugal Hoje" em matéria de Comunicação Social, em resposta a uma pergunta sobre as controvérsias em torno da Televisão de Macau (TDM)

Ao referir a sua carreira política, Soares colocou em evidência o seu esforço em prol da adesão de Portugal à CEE. «Podemos dizer que apanhámos o comboio certo e, verdadeiramente, no último minuto» - declarou.

A descolonização e a abertura de Portugal ao Mundo são algumas vitórias que reconhece na sua carreira política depois do 25 de Abril, bem como «a luta pela institucionalização da democracia e pela liberdade» e «a coragem de haver conduzido políticas impopulares, mas indispensáveis».

Sobre os tempos imediatamente posteriores à morte de Mota Pinto, Mário Soares afirmou que Cavaco Silva foi «uma surpresa absoluta. Reconheço agora que tinha má informação sobre o que se estava a passar no interior do PSD.Estava convencido que o sucessor de Mota Pinto seria Rui Machete ou João Salgueiro, quando, afinal, Cavaco Silva surgiu como um fenómeno novo e arrebatador.Na altura, era quase um ilustre desconhecido; depois, transformou-se num homem com indiscutível qualidade política».

Ainda quanto ao «caso TDM», Mário Soares disse estar convencido que se tratou de «um caso montado para procurar atingir-me», depois de constatar a existência de «muitas pessoas que se reclamam da amizade do Presidente da República. Mas não posso responder, nem respondo, nem muito menos posso ser responsabilizado pelo que fazem os que foram, são -ou dizem ser- meus amigos. É evidente !»

Mas a ligação política mais perigosa que estabeleceu foi quando disse que « se eu não fosse Presidente em 1987, é possível que o Governo actual não tivesse tido a maioria absoluta».

A entrevista aludida veio a lume quando Mário Soares tinha declarado, pouco antes, na cerimónia de apresentação de cumprimentos por parte do Governo, que a situação em África se está a modificar e que agora são os próprios africanos a reclamar a presença portuguesa. Nas declarações à «Grande Reportagem», e ainda a propósito de África, o Chefe de Estado fez questão em salientar que o líder da UNITA, Jonas Savimbi, «é um verdadeiro chefe africano, um homem carismático e invulgar».

BREVES

Acusados do caso FUP querem Natal em liberdade

Uma amnistia total poderá solucionar a «grave situação dos presos, ex-presos e todos os implicados no chamado caso FUP-FP-25», refere a Comissão Pró-Amnistia Otelo e Companheiros que divulgou mais um comunicado pedindo que seja aprovado o relatório de 5 de Julho da Comissão de Assuntos Constitucionais. Esta organização pretende que as pessoas ainda detidas possam passar o Natal em liberdade.

Juristas portugueses indignados com Ceausescu

A secção portuguesa da Comissão Internacional de Juristas «faz votos» para que Ceausescu e outros dirigentes romenos «sejam julgados e condenados como aconteceu aos chefes nazis no Tribunal de Nuremberga», lê-se num comunicado assinado por António Maria Pereira. O texto condena vigorosamente o massacre dos manifestantes de Timisoara e afirma que depois de tal banho de sangue o líder romeno «colocou-se ao nível dos grandes carrascos da História do século XX», como Hitler e Estaline.

POLÍTICA

Ainda os resultados eleitorais

Cavaco incapaz de voar ao nível a que levou o PSD

Quando Cavaco Silva, anteontem, reconhecia os socialistas como os mais votados a nível autárquico estava a corrigir um erro cometido na noite do escrutínio. Nessa ocasião, toldado pelos comentários dos que lhe são próximos e que se preocupam mais em agradar do que cuidar de um espírito critico ou do rigor das previsões,o primeiro-ministro fora empurrado para o anúncio público da vitória do seu partido.

Corrigido o erro com a dignidade que os homens públicos emprestam a estes gestos, Cavaco não foi mais além e tratou da questão política, afirmando ser tão pequena a diferença entre o PSD e o PS que não considerava o seu partido ultrapassado pelos socialistas, até porque em números de mandatos, os sociais democratas continuam a ter mais representantes do que os socialistas.

Sendo tudo isto verdade, a análise dos resultados mostra que não é a verdade toda.

O simples confronto de resultados (ver gráficos que publicamos juntos) permite concluir que o PSD ficou nestas eleições próximo do valor médio que tem obtido em anteriores votações tornando excepcional a votação obtida nas legislativas de 87.

Os sociais democratas estrearam-se nas eleições autárquicas (em 1976) com 24,27%; nas autárquicas seguintes obtiveram : 25,5 por cento em 1979; em 82, a AD teve 19,57 e, nos concelhos a que concorreu isolado, o PSD teve 14,62 por cento em 1985, o PSD obteve 33,99, ou seja, um por cento mais do que no domingo passado.

Se verificarmos os resultados das legislativas, o panorama é idêntico: em 1980 a AD atingiu 47,36, em 1983 o PSD ficou em 27,24, em 1985 em 29,87, saltando dois anos depois para os excepcionais 50,22 por cento.

O que todos estes resultados parecem querer dizer é que o PSD está de regresso à sua plataforma de votação e que o mesmo Cavaco Silva que conduziu o voo às alturas parece incapaz de planar a esse nível.

Mas como os dirigentes políticos gostam e não gostam de comparar resultados de legislativas com os das autárquicas conforme a vantagem de que dispõem, melhor será esperar pelas próximas legislativas.

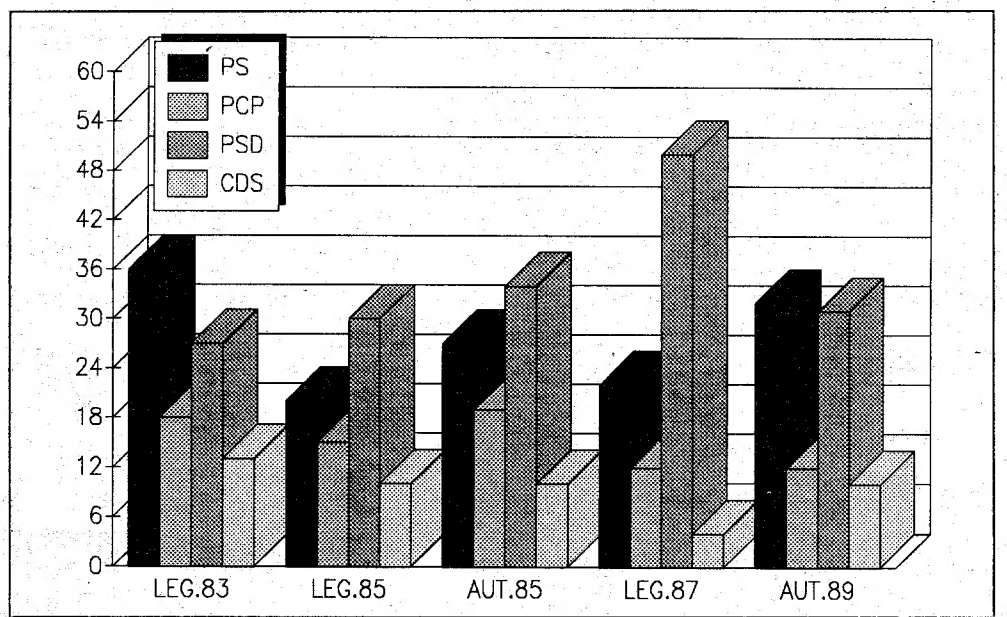
Quanto aos outros partidos, o confronto de resultados patente nos quadros permite concluir o seguinte:

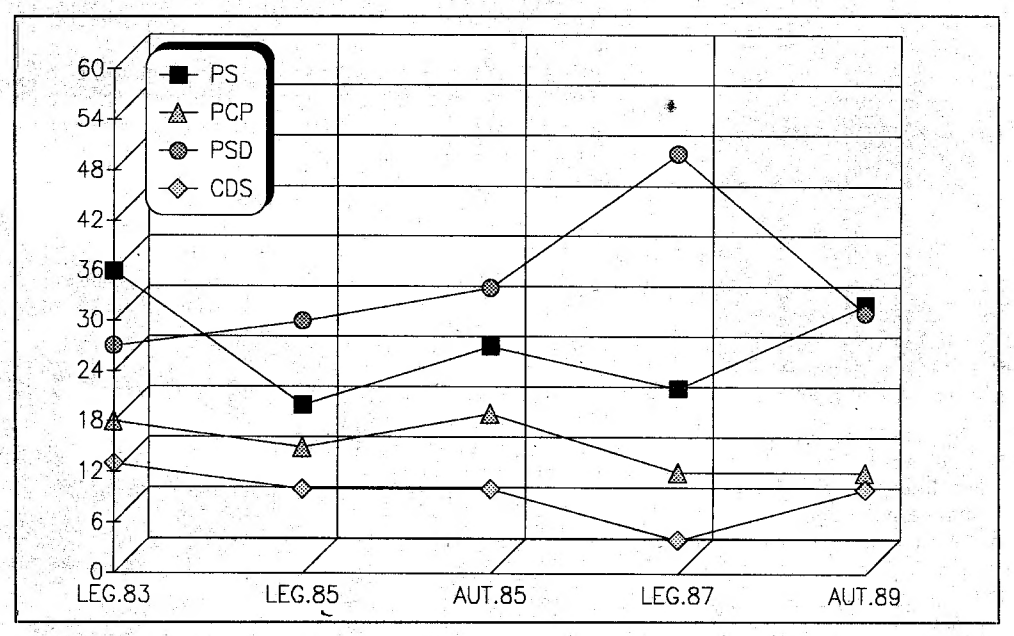
O PS encaminha-se para níveis que desconhecia desde 1983.

O PCP, embora em perda, mantém a representatividade a um nível que disfarça a crise.

O CDS está em condições idênticas às dos comunistas, faltando saber se se encaminha para ganhar autonomia se para garantir e facturar uma aliança eventualmente necessária aos sociais democratas .

J.L.P.





Fórmula 4

Concessionário *FIAT*

automóveis

assistência técnica

peças originais

Aos nossos clientes e amigos desejamos Boas Festas

Estrada Serra da Mira, Lotes 124 – 126
Casal de S. Brás — 2700 AMADORA
Telefs.: 4932724, 4920348, 4922949
Telefax: 4921373

FIAT

30.º ANOS ***Minabela*** **30.º ANOS**

1959-1989 **1959-1989**

SALÕES PRÓPRIOS PARA LANCHES E BANQUETES • UM SERVIÇO ESMERADO COM 30 ANOS DE EXPERIÊNCIA

PROVE O NOSSO BOLO-REI

Deseja a todos os seus clientes, amigos, colaboradores e fornecedores um FELIZ NATAL e um ANO NOVO PRÓSPERO

493 81 81 — AMADORA
493 45 80 — AMADORA
493 02 45 — AMADORA
493 41 23 — AMADORA
924 15 35 — CACÉM
495 08 15 — REBOLEIRA
923 05 05 — SINTRA - TIROL

I Série
N.º 293
Dia 22
de
Dezembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 1090/89:
Fixa em 100 000 000$ o limite a que se refere a alínea *a)* do n.º 1 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 136/87, de 19 de Março, relativamente a despesas do orçamento cambial do Ministério do Emprego e da Segurança Social.

Ministério das Finanças e do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 1091/89:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe da Divisão de Exploração dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Cascais.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 1092/89:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de director do Projecto Municipal Núcleo Antigo da Câmara Municipal de Vila do Conde.

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 254 429 contos.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público ter o Governo dos Países Baixos denunciado, em 9 de Outubro de 1989, a Convenção Internacional para a Limitação de Responsabilidade dos Proprietários de Navios no Mar e respectivo Protocolo, feitos em Bruxelas em 10 de Outubro de 1957.

Ministério da Educação

Portaria n.º 1093/89:
Autoriza a Universidade Nova de Lisboa, através da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, a conferir o grau de mestre em História das Civilizações Pré-Clássicas e regula o respectivo curso especializado.

Portaria n.º 1094/89:
Autoriza a Universidade de Aveiro e a Universidade da Beira Interior a conferir o grau de mestre em Ciências e Tecnologias do Papel e dos Produtos Florestais e regula o respectivo curso especializado.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 1095/89:
Aprova o modelo de diploma para o grau de assistente hospitalar.

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 4520 contos.

Como é habitual no Natal

Presidente divulga amanhã lista de indultos

Os nomes dos cidadãos beneficiários do indulto do Presidente da República, tradicional na época natalícia, deverão ser divulgados amanhã, depois de a lista respectiva ter sido hoje negociada entre Mário Soares e Fernando Nogueira.

Esta discussão com o ministro da Justiça teve como base uma lista de 342 pedidos, individualmente apresentados pelos detidos aos tribunais de Lisboa, Porto, Coimbra e Évora. Esses pedidos foram posteriormente analisados pelos tribunais de execução de penas e pelo Ministério Público, de modo a serem acompanhados, no seu trânsito até Belém, por *dossiers* elaborados nas Direcções dos Serviços Prisionais.

Muitos dos pedidos de indulto são de condenados a longas penas de prisão, por crimes graves, pelo que só muito excepcionalmente poderão ser atendidos. A excepção foi, no entanto, usada em circunstâncias anteriores, em benefício de detidos de avançada idade ou que sofriam de doença grave susceptível de sensibilizar o Presidente da República a usar o seu poder discricionário de perdoar as penas.

O máximo de casos já indulto publicado durante um ano, na última década, foi de 38 e o mínimo de 4. Logo, muito longe dos 342 constantes da lista deste ano e que foram apresentados a Mário Soares já há algum tempo, de modo a habilitá-lo para a escolha sobre a decisão de quem indultar, depois de ouvido hoje o ministro da Justiça em audiência no palácio de Belém.

Indultar e comutar penas é um dos actos de competência do Presidente da República que, no entanto, não pode conceder amnistias. Essas são da exclusiva competência da Assembleia da República.

O indulto, ou perdão, como também é conhecido, geralmente concedido no Natal ou em comemoração da datas fastas na vida da Nação, sob proposta do ministro da Justiça. Assim acontecerá, uma vez mais, este ano, sendo a audiência de hoje de Fernando Nogueira parte integrante deste processo.

Soares vai conceder indultos

PS e PCP discutem lugares na Câmara

Vasco Franco fica com o pelouro da Habitação

Os vereadores eleitos pelo PS e PCP para a Câmara de Lisboa reuniram-se, ontem, pela primeira vez, para prepararem a posse da nova gestão autárquica.

O encontro, na sede da coligação, foi antecedido de uma reunião entre Jorge Sampaio com responsáveis socialistas. Os comunistas fizeram uma sessão de trabalho semelhante na quarta-feira..

Nesta primeira reunião, convocada pelo novo presidente, os membros da coligação «Por Lisboa» discutiram o reajustamento da atribuição dos pelouros e a preparação final do orçamento.

O DL soube que estão praticamente assegurados os pelouros da Habitação (Vasco Franco), Ambiente e Turismo (Victor Costa), Educação e Ensino, Desporto e Juventude (Rego Mendes), Limpeza e Centros Históricos (Rui Godinho) e Transportes (Machado Rodrigues).

Na primeira atribuição de pelouros, ainda durante a campanha, a Organização estava a cargo de Anselmo Aníbal, em colaboração com o socialista José Luis Simões. Este é um dos sectores em que poderá haver reajustamentos.

O vereador socialista deverá ficar com responsabilidades no funcionamento dos serviços da Câmara. O que significa que na reunião de ontem foram discutidos acertos nos cargos destes dois vereadores. Anselmo Aníbal poderá ficar com a parte administrativa, tendo a seu cargo a desburocratização dos serviços camarários.

Tudo depende da filosofia que fôr adoptada, disse um vereador ao «Diário de Lisboa». Ou a distribuição dos cargos se faz por departamentos e serviços, ou então por objectivos. «Como é impossível conjugar a linearidade desta divisão com a complexidade dos problemas, a opção deverá ser um equilíbrio entre os dois factores», salientou a mesma fonte.

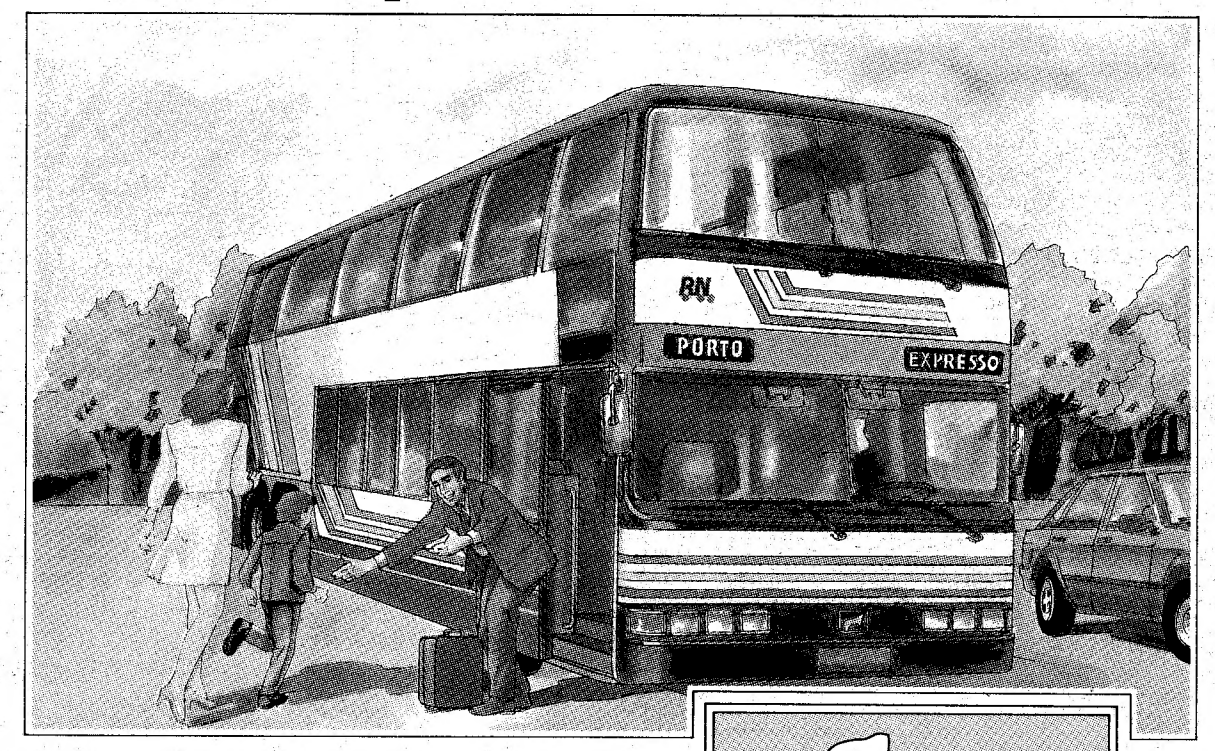
Não foram ainda divulgados os responsáveis pelas Finanças e e pelo Pessoal, dois departamentos muito importantes e que nos anteriores mandatos geraram polémica.

O plano de actividades e o orçamento a propôr pela nova maioria na Câmara foram também discutidos.

Embora não constasse da agenda de trabalhos, tudo indica que os vereadores «Por Lisboa» tenham também abordado questões relacionadas com a actual gestão Abecasis, nomeadamento «as medidas por atacado que ele quer fazer aprovar antes de deixar o município».

Uma fonte da coligação disse ainda ao DL que « algumas das 32 medidas propostas pelo actual presidente, se forem aprovadas, constituem uma pesada herança para a gestão, nos próximos quatro anos», nomeadamente o plano para a Praça de Espanha.

Rede de Expressos da R.N. RODOVIARIA NACIONAL
quando a necessidade do reencontro se torna imperativa



Para vencer distâncias, a solução dos Expressos é a via eficaz e pronta.

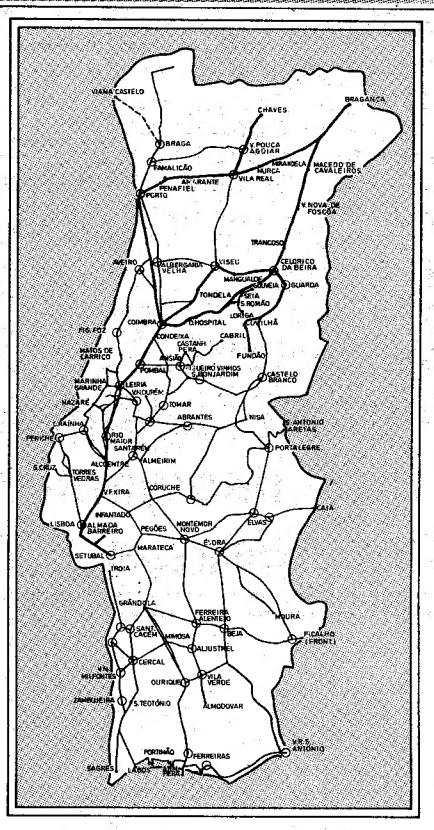
A Rede Expressos da Rodoviária Nacional opera diariamente em 65 linhas regulares e mais de 300 horários. A eficiente coordenação destes serviços permite efectuar cerca de 600 ligações regulares unindo as principais localidades do País.

Connosco Portugal fica mais perto!

E agora os novos Expressos:

BRAGANÇA - PORTO - COIMBRA
BRAGANÇA - COIMBRA - SETÚBAL
FUNDÃO - COIMBRA - LEIRIA
CHAVES - PORTO - COIMBRA

Rápidos, confortáveis e seguros,
os seus autocarros levam-nos com flexível mobilidade até onde queremos estar.



REDE EXPRESSOS — *a opção de bem viajar!*

ECONOMIA

BREVES

Dólar desce e iene sobe

O possível aumento das taxas de juro nipónicas obrigou à descida do dólar norte-americano em relação ao iene, tendo a bolsa de Tóquio registado ontem uma quebra de 0,35 por cento logo na primeira meia-hora de negociação, ou seja 136.50 pontos.

Apesar do desmentido do ministro japonês das Finanças, Ryutaro Hashimoto, a imprensa nipónica refere que o BOJ, Banco do Japão, planeia aumentar a sua taxa de redesconto, ainda esta semana, em 0,5 ou 0,75 pontos percentuais com vista a travar as tendências inflacionistas da economia.

Keizo Matsumoto, cambista do Nippon Credit Bank, afirmou, refere a Lusa, que «*o mercado está a responder calmamente, capaz de travar qualquer quebra acentuada do dólar*».

Segundo a imprensa de Tóquio, a origem da medida anunciada pelo BOJ está no aumento dos preços dos imóveis e dos terrenos no Japão, situação que alimenta a inflação e a posição do iene no mercado de câmbios.

IPE reforça estratégia

A estratégia do IPE, Investimentos e Participações do Estado, ou seja a intensificação do seu papel de parceiro de risco da iniciativa privada, foi reforçada na sua última Assembleia Geral, realizada na passada quarta-feira.

Esta orientação estratégica assenta em directrizes que passam pela associação com investidores privados, em posição preferencialmente minoritária, e pela participação diversificada com empresas de pequena e média dimensão que necessitem modernizar-se com vista a entrarem no novo tecido empresarial português.

Outra das directrizes aprovadas pelo IPE passa-se ao nível do investimento e gestão numa lógica económica de mercado e de sentido de negócio cujo objectivo é assegurar uma boa rentabilidade, salvaguardando um adequado nível de provisões para cobertura de riscos financeiros.

Na referida Assembleia Geral do IPE foi eleito Hermínio Ferreira para o cargo de presidente do Conselho Fiscal, em substituição de Carlos Tavares que foi nomeado para Secretário de Estado do Tesouro.

Crescimento económico posto em dúvida

Conselho Nacional do Plano e UGT têm pontos de vista diferentes

Um abrandamento da procura nos bens de consumo duradouros e de investimento, um défice na balança de transacções correntes e uma desaceleração no ritmo de produção interna em alguns sectores, são conclusões da União Geral dos Trabalhadores, UGT, para o ano de 1989.

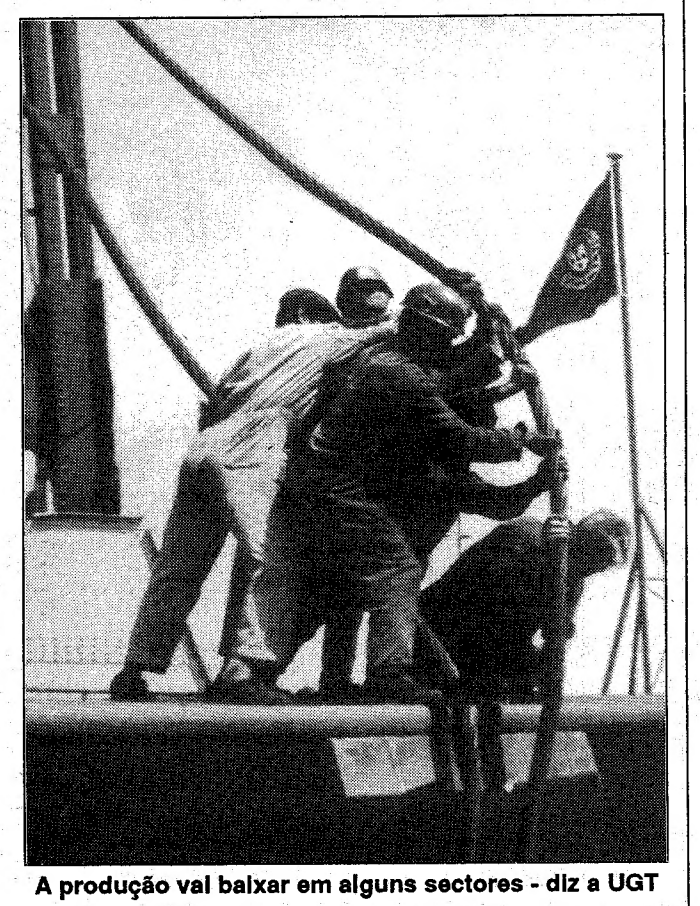
Um porta voz daquela central sindical, em declarações ao «DL», afirmou ainda que a inflação aumentou mensalmente à média de 1 ponto percentual, tendo-se mantido em Novembro deste ano nos 12,6 por cento. Ligeiramente abaixo dos 13 por cento é a previsão avançada pela UGT.

Estas conclusões chocam-se, de certo modo, com as tendências apresentadas pelo Conselho Nacional do Plano (CNP), segundo as quais o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) português poderá manter-se até 1992, continuando a tendência do último quadriénio (1985/88).

O crescimento do PIB passou de 0,5 por cento no quadriénio de 1981/84 para 4 por cento no de 1985/88, situação que permitiu, refere o CNP, «*uma melhoria nas contas do sector público, na balança de transacções correntes e na taxa de crescimento do índice geral de preços*».

Registe-se, no entanto, que Portugal foi o país da CEE que menos cresceu no período de 1981/4, mas que no segundo quadriénio acima referido apenas foi superado pela Espanha.

O CNP acrescenta que o crescimento português deverá manter uma tendência «*propulsionada por ritmos de acumulação de capital invulgares na Europa, os quais poderão situar-se acima dos 30 por cento do produto*".



A produção vai baixar em alguns sectores - diz a UGT

Balança em défice

Para a UGT, o crescimento do sector das construções e obras públicas fica a dever-se aos financiamentos da CEE, apresentando a balança de transacções correntes um défice de 4.474 milhões de dólares nos primeiros oito meses do ano.

Por sua vez, a desaceleração verificada nas taxas de inflação desde Setembro último não permite concluir sobre os seu carácter sustentado ou transitório.

O relatório do CNP conclui ainda que os progressos no domínio da convergência nominal foram menos pronunciados, tratando-se de um ponto importante, p ois está prevista a adesão de todas as moedas europeias ao mecanismo de taxas de câmbio do sistema monetário europeu.

Neste sentido, a análise do CNP aconselha para os próximos anos uma estratégia orçamental de médio prazo que permita a continuação da tendência para a redução da dimensão do sector público e da melhoria das finanças públicas.

Assinala, por outro lado, a necessidade de se seguir "*uma perspectiva estrutural baseada no fortelacimento do papel dos mercados e do sistema de preços na afectação dos recursos*".

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$80	56$80
ALEMANHA FED. (marco)	86$65	87$85
ÁUSTRIA (xelim)	12$30	12$50
BÉLGICA (franco)	3$932	4$182
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	129$55	132$05
(notas de 5 a 1000)	130$05	132$55
DINAMARCA (coroa)	22$30	22$70
ESPANHA (peseta)	1$314	1$434
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	150$35	153$85
(notas de 5 a 1000)	150$85	154$35
FINLÂNDIA (marka)	36$60	37$20
FRANÇA (franco)	25$35	26$05
HOLANDA (florim)	76$70	77$80
IRLANDA (libra)	229$65	233$65
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	1$004	1$059
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	243$15	247$65
SUÉCIA (coroa)	23$95	24$45
SUÍÇA (franco)	96$30	97$80
VENEZUELA (bolívar)	3$309	4$109

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Exportação: factor dinâmico da economia portuguesa

Projecções da OCDE são cautelosas para o período de 1990/91

As exportações portuguesas deverão ser o principal motor do dinamismo da actividade económica nacional, segundo as projecções feitas pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) para o período de 1990/91.

As reformas estruturais de conjunto, em curso desde 1987, levaram a OCDE a ser cautelosa nas suas previsões do crescimento económico sustentado, que situa em cerca de três por cento para o referido período, na sua área de actuação, com a estabilização da inflação nos 4,5 por cento.

Os estudos avançados pela OCDE podem revelar-se cautelosos, dado que os efeitos das reformas estruturais possam ser mais importantes que os considerados nas projecções.

A ser assim, a expansão económica seria mais forte e o dinamismo do investimento produtivo poderia prosseguir.

As previsões indicam também que a taxa de desemprego, no âmbito da Organização, deverá manter-se, nos próximos dois anos, ao nível actual, que é de 6,6 por cento, com a ressalva de ser mais elevada em determinados países.

As projecções em análise apontam para que o Produto Interno Bruto (PIB) deverá fixar-se nos 2,9 por cento, não só em 1990 como no ano seguinte, contra os 3,6 por cento deste ano. A inflação deverá ser de 4,5 por cento no próximo ano e de 4,3 ponto em 1991.

Ainda no que se refere à inflação, a OCDE considera que a sua taxa, embora já estabilizada, não deixa de ser preocupante, uma vez que poderá ser agravada pelo comportamento dos salários.

A Organização afirma, no documento em referência, que «*as pressões salariais poderão ser mais intensas do que o projectado para o próximo ano*».

Aproveitar condições

A OCDE defende que deverão ser aproveitadas as actuais condições favoráveis para o incremento de políticas que reduzam os factores de risco para o crescimento económico, entre os quais se encontram a inflação, o desemprego, a balança de transações correntes, os défices orçamentais, os países altamente endividados e o comércio internacional multilateral.

A resolução destes problemas poderá passar pela existência de políticas monetárias firmes, que estabilizem preços a longo prazo, bem como de políticas orçamentais, em alguns países, de redução dos défices públicos, pelo reforço da componente estrutural das políticas económicas e pela cooperação internacional entre diversos países, da OCDE e exteriores.

De acordo com o relatório, as medidas de política económica anunciadas em Portugal, em Março, causaram um abrandamento do crescimento da procura interna, o que, em conjunto com o aumento das exportações, permitiu uma melhoria da balança de transações correntes.

INTERNACIONAL

Ceausescu, durante um comício ontem em Bucareste, que foi interrompido com apupos e palavras de ordem como "Abaixo o ditador" e Liberdade para a Roménia"

Caiu o regime de Ceausescu

«Frente de Salvação da Pátria» tomou o poder. Desconhece-se o paradeiro do ditador

O líder romeno, Nicolae Ceausescu, fugiu e já não controla o poder, anunciou hoje a rádio de Belgrado, citando informações recolhidas pelo seu correspondente em Bucareste - diz a agência francesa France Press. Fonte diplomática ocidental disse que uma "Frente de Salvação da Pátria", liderada pelo antigo ministro dos Negócios Estrangeiros Corneliu Manescu, proclamou a tomada do poder a meio da manhã, em Bucareste.

Entretanto tropas e manifestantes aliaram forças na capital e avançavam sobre a residência do Presidente Ceausescu, segundo a agência jugoslava Tanjung. "Uma coluna mista de tropas e cidadãos move-se em direcção" à residência presidencial, disse a agência.

O embaixador holandês disse estar convencido de que realmente o Governo de Ceausescu caiu. Este diplomata acrescentou , pelo telefone, que multidões celebravam a queda do ditador na principal praça de Bucareste.

Antes, e pelo segundo dia consecutivo, as forças de segurança da Roménia voltaram a carregar sobre manifestantes antigovernamentais na capital Bucareste, provocando um número indeterminado de mortos e feridos, informou a agência soviética Tass.

Ministro suicida-se

Por outro lado, o ministro romeno da Defesa, Vasile Milea, suicidou-se hoje, depois de ter sido "desmascarado como traidor", anunciou a rádio Bucareste, que estava a transmitir marchas militares.

Por outro lado, iniciou-se também hoje uma greve geral Roménia, e as pessoas que têm estado a abandonar o país descrevem cenas de carnificina nas ruas de Bucareste, segundo a agência Reuter.

Numerosas pessoas, hoje chegadas à Jugoslávia de comboio, declararam à Reuter que havia greve geral em Timisoara, Culj, Brasov, Kraiowa, Sinaya, Lugos e outras cidades. Acrescentaram que os trabalhadores ocuparam grande número de fábricas e barricaram-se para impedir a entrada das forças de segurança.

A rádio Bucareste, captada em Viena, anunciou que entretanto o estado de emergência foi alargado a todo o país e a televisão estatal romena anunciou uma programação especial. Não foram divulgados pormenores sobre o suicídio do ministro da Defesa, também noticiado pela agência oficial Agerpress.

Diplomatas ocidentais contactados por telefone para Bucareste afirmaram que até 30 mil manifestantes estavam nas ruas da capital e classificaram o seu estado de espírito de "animoso".

Um diplomata declarou que algumas unidades do exército estavam a retirar-se e que alguns membros das forças de segurança estavam a depor as armas.

Também um representante diplomático húngaro disse, em entrevista à rádio de Budapeste, que "algumas tropas têm-se recusado a disparar sobre os manifestantes".

Adiantou ainda que os manifestantes gritavam que "o exército está connosco".

"Parece o fim do regime", comentou um terceiro diplomata.

Contudo, forças de segurança em torno da residência do Presidente Nicolae Ceausescu e dos estúdios da televisão estatal dispararam para o ar, em aviso contra eventual aproximação exagerada das linhas da Polícia.

Protestos e mortos

Num despacho da capital romena, a agência Tass diz que a acção contra os manifestantes, concentrados na praça da universidade para exigir a demissão do Presidente Ceausescu, começou cerca da uma hora, depois de as forças de segurança terem feito explodir bombas de gás lacrimogéneo.

"Ouve-se fogo de armas automáticas. Ambulâncias e carrinhas da Polícia atravessam a praça a grande velocidade. Testemuhas dizem que há mortos e feridos entre os manifestantes", escreveu o correspondente da Tass.

As pessoas que abandonavam o local disseram que pelo menos 100 manifestantes ficaram na praça.

Ontem as forças de segurança mataram mais de 50 pessoas que se manifestavam em, pelo menos, duas cidades do país, exigindo o derrube de Ceausescu.

A meio da manhã a rádio Bucareste reafirmou que os "ajuntamentos públicos foram proibidos e foi introduzido um recolher obrigatório" na Roménia.

"O chefe do Estado e do partido romenos ordenou que todas as empresas cumpram as suas tarefas de trabalho", afirmou a emissora.

"Os conselhos populares em cidades e aldeias estão obrigados à manutenção da ordem pública, transportes normais e actividade social e económica", segundo a ordem presidencial citada pela rádio.

Os correspondentes da agência jugoslava Tanjung disseram que um tanque ou um transporte blindado de pessoal ficou ontem a arder no centro de uma praça de Bucareste, quando dezenas de milhar de pessoas começavam a reunir-se. Algumas das vítimas de ontem foram esmagadas por blindados ou atingidas por roquetes disparados de helicanhões.

Segundo o relato da Tanjung, muitos dos manifestantes em Timisoara e Bucareste erguiam ontem bebés sobre as suas cabeças, antes de as tropas abrirem fogo.

"Um jovem de lágrimas nos olhos mostrava a quem o rodeava o bilhete de identidade coberto de sangue de um amigo, que disse ter sido morto a tiro na praça", contou um jornalista. "Vimos os corpos inertes de dois jovens levados para ruas laterais", acrescentou.

Segundo a Tanjung, praticamente toda a população adulta de Bucareste afluiu à praça dos Estudantes e da Unidade, para se manifestar contra o regime.

A Tass, por seu turno, disse que a situação permanecia tensa e que mais pessoas estavam a juntar-se às manifestações.

Adiantou que a praça da universidade se transformou num centro dos protestos contra o Governo romeno e que helicópteros sobrevoavam repetidamente a zona.

Os jornalistas soviéticos que se encontram em Bucareste descrevem a situação como sendo caótica, com multidões a desafiarem os tanques e a gritarem às forças de segurança que "não abandonaremos o local".

A agência soviética informou ainda que, esta manhã, tanques entravam várias vezes na praça, "numa aparente tentativa de intimidar os manifestantes", mas que estes gritavam às forças de segurança que "somos o povo", "não somos terroristas", "vocês como o pão do povo".

DL/Lusa/Reuter

Indignação internacional contra a chacina

O presidente soviético, Mikhail Gorbachev, já convocou o embaixador da Roménia em Moscovo e o representante da União Soviética em Bucareste para que lhe informem sobre a situação real na Roménia e espera em breve apresentar novidades sobre a matéria.

Falando no Parlamento soviético, Gorbachev disse que o seu país não recebeu ainda «informação suficiente» sobre os incidentes na Roménia para que possa emitir qualquer comentário, para além da declaração aprovada esta manhã pelo Congreso de Deputados do Povo da URSS.

O Congresso manifesta-se «seriamente preocupado» com «os dramáticos acontecimentos na Roménia», lamentando profundamente que eles tenham provocado vítimas.

A declaração, que teve 1809 votos a favor, 32 contra e 65 abstenções, foi aprovada após Corbachev, que presidiu à sessão da manhã, ter informado os deputados que, segundo dados da embaixada soviética na Roménia, a situação do país se agravou seriamente na noite passada.

Entretanto, a televisão soviética informou que milhares de pessoas estão a manifestar-se no centro de Bucareste contra a «ditadura de Nicolae Ceausescu», enquanto a agência noticiosa oficial (Tass) está a enviar notícias dramáticas e pormenorizadas de Bucareste, fazendo poucas tentativas para esconder a rebelião contra o presidente Ceausescu.

Anónimo romeno nega existência de vítimas

Um telex ontem difundido pela Tass diz que o seu correspondente «tentou entrevistar uma pessoa à paisana», com quem travou um absurdo diálogo. Para a misteriosa personagem, os episódios que o correspondente estaria a observar eram fruto da «geração criada nos filmes video». O anónimo, que se apresentou como «representante dos trabalhadores que tenta ajudar a ordem» disse também que não há vítimas e que os feridos vistos pelo correspondente nas ambulâncias «eram pessoas sem almoço que desmaiaram devido à excitação».

O correspondente da Tass adianta que foi conduzido através de uma cerca por dois polícias que lhe disseram terem «balas brancas» (pólvora seca) e que «todos os tiros ouvidos ontem eram em branco».

Em Praga, os 1600 delegados do Partido Comunista Checoslovaco reunidos num congresso de emergência, decidiram ontem cortar relações com o seu homólogo romeno.

A mesma decisão doi tomada quarta-feira pelo Partido Comunista da Jugoslávia, que acusou o poder romeno dos massacres cometidos no fim-de-semana em Timisoara.

RFA quer reunião do Conselho de Segurança da ONU

A Alemanha Federal, por seu turno, pediu ontem a convocação de um encontro do Conselho de Segurança das Nacões Unidas para discutir a situação política na Roménia. Uma declaração ministerial afirma que o pedido alemão federal surge na sequência de contactos telefónicos do ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Gencher, com os seus homólogos do Reino Unido, Itália, Hungria e EUA.

O Governo dos Estados Unidos rejeitou sugestões de paralelismo entre a violenta repressão na Roménia e a invasão norte-americana do Panamá e a secretaria norte-americana de Estado anunciou hoje que estão a ser retirados da Roménia os familiares do seu pessoal diplomático.

CE poderá retirar embaixadores

A Comunidade Europeia está, por seu turno, a considerar a possibilidade de retirar os seus embaixadores em Bucareste. Um porta-voz do ministério britânico dos Negócios Estrangeiros adiantou que o debate desta proposta entre os «Doze» é apenas uma entre várias opções a serem estudadas pela CE.

Em Estrasburgo o presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, Anders Bjorck, defendeu ontem, quase simultaneamente à proposta da RFA, a realização de um encontro urgente do Conselho de Segurança da ONU.

O presidente da Assembleia afirmou que os 23 Estados do Conselho da Europa deviam solicitar com urgência esta reunião «já que estes acontecimentos põem em perigo a manutenção da paz e da segurança internacionais».

Portugal, que retirara já em Abril o embaixador em Bucareste, Luís Quartin Bastos - encerrando simultaneamente a embaixada, por considerar que as relações entre os dois países não eram de modo a justificar a manutenção da representação diplomática - tem vindo a seguir orientaçãos adoptadas pelos «Doze» no sentido de manifestarem solidariamente a reprovação pela política de Bucareste.

Lusa

INTERNACIONAL

Panamá: retirada das tropas dos EUA ainda sem data marcada

Os norte-americanos têm «indícios» de que a Nicarágua está envolvida no desaparecimento do general Noriega

As tropas americanas poderão permanecer no Panamá cerca de um mês, considerou Guilhermo Andara, o Presidente do novo Governo panamiano apoiado pelos Estados Unidos, numa entrevista telefónica concedida à cadeia de televisão norte-americana « ABC».

No entanto, Endara, que efectou durante o dia de ontem várias diligências no sentido de formar um Governo, reconheceu não saber exactamente quanto tempo as forças norte-americanas irão permanecer no país.

«Desejaria que as tropas saissem a curto prazo», afirmou Endara, considerando que a presença das tropas americanas no Panamá retira ao seu Governo qualquer poder real.

A principal questão parece residir de momento em saber-se exactamente qual o paradeiro do general António Noriega que, caso não venha a ser encontrado, poderá pôr em causa a intervenção dos Estados Unidos no Panamá.

Fontes citadas pela cadeia de televisão «NBC» afirmaram que os militares norte-americanos dispõem de «indícios» segundo os quais a Nicarágua poderia estar envolvida no desaparecimento do general António Noriega.

As tropas dos Estados Unidos tomaram posições junto das embaixadas de Cuba e da Nicarágua na capital panamiana.

O Governo nicaraguense já reagiu.

Em retaliação, o Presidente Daniel Ortega ordenou o cerco à embaixada norte-americana em Manágua.

Em Paris, o ministro panamiano da Justiça, Renato Pereira, afirmou que Noriega está no Panamá e que não tenciona partir para o exílio.

«Nós sabemos exactamente onde está, Está no Panamá», afirmou.

Em Bogotá, os guerrilheiros do M-19, contituido por várias centenas de militares da «tropa de elite» admitiram hoje a possibilidade de intervirem também no país vizinho, «caso essa seja a vontade do povo panamiano».

Por sua vez, o Presidente George Bush afirmou ontem que não descansará até apanhar o general Noriega e leva-lo a julgamento, e que as forças militares norte-anericanas no Panamá continuarão a procura-lo até o econtrar.

«Não descansarei até qaue seja julgado pela justiça», disse Bush em Conferência de Imprensa.

Quando lhe perguntaram por quanto tempo continuaria a procurar Noriega, respondeu: «até o encontrar».

Bush declarou que as forças norte-americanas vão continuar no Panamá até que Noriega seja descoberto e a estabilidade regresse ao país, que está a ser alvo de sucessivos saques desde o início da invasão norte-americana.

O Presidente panamiano, Guilhermo Endara, acompanhado por Ricardo Calderon, é felicitado por diversas pessoas antes de discursar no Parlamento

«Manteremos as forças necessária até que os militares ao Presidente a sua retirada. Quero-os fora do Panamá o mais rapidamente possível», acrescentou.

Bush, em breves declarações antes da conferência , afirmou que a parte militar da invaão está praticamente terminada.

«A operação não terminou ainda, mas está praticamente a chegar ao fim», sublinhou.

O Presidente, que falava na altura em que começaram a chegar à base aérea de Dover,os primeiros corpos de militares mortos em combate, lamentou a morte daqueles que caíram durante a invasão.

Bush mostrou alguma frustração pelo facto de Noriega conseguir fugir, mas declarou-se satisfeito com o trabalho da espionagem norte-americana, apesar de ter falhado em localizar o general Noriega .

As tropas norte-americanas que tentam erradicar os apoios do general passaram durante o dia de onten a capital panamiana a pente fino, com revistas casa a casa.

A revista efectuada serviu para a aprensão de munições e detenção de forças leais a Noriega, disse uma fonte militar. Ouvia-se entretanto, fogo esporádico no centro da capital, perto da praça onde se situam o ministério dos Negócios Estrangeiros e a embaixada espanhola.

Residentes de Colon, uma cidade pobre a Norte da capital, e na entrada atlântica do canal do Panamá, disseram que houve tiroteio intenso, na medida em que as tropas norte-americanas avançavam sobre grupos armados que saqueavam lojas. Não foram divulgados pormenores de imediato, mas uma recepcionista de um hotel disse: «Há muitos mortos, incluindo soldados».

Entretanto, em Wasington, o ministro da Defesa afirmou que já estavm a surgir os primeiros telefonemas em resposta ao apelo dos Estados unidos para a captura do general Noriega.

Embaraço na ONU

Entretanto, o clima esfriou ontem durante a sessão da Assembleia das Nações Unidas. A intervenção dos Estados Unidos no Panamá renovou a imagem de uma assembleia dividida tanto pelas cisões Leste-Oeste como Norte-Sul. Durante as duas sessões do Conselho de Segurança reunidas para debater a questão panamiana os Estados Unidos conseguiram apenas o apoio da Grã-Bertanha e do Canadá. Recorde-se que os Estados unidos e a Grã-Bertanha têm o direito de vetar qualquer resolução que venha a ser adoptada pela assembleia contra a intervenção norte-americana nos EUA.

Mas uma questão de neste momento deixa num certo embaraço os vários representantes dos países que tem lugar Assembleia Geral das Nações Unidas é do de saber qual o representante panamiano que devem reconhecer: o que foi nomeado por Noriega ou o enviado pelo Governo do novo Presidente Guilhermo Endara.

João Soares

Por lapso, publicamos ontem, na «Grande Angular», a opinião de João Soares, comentarista de política internacional da RDP, relativamente à invasão norte-americana do Panamá. O erro surgiu na ilustração do texto pois a semelhança de nomes levou à publicação de uma fotografia de João Soares, filho do Presidente da República, e não do comentarista da rádio. O nosso pedido de desculpa a ambos.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL

EDITAL

Para efeitos do disposto no Art.º 11.º da Lei 13/85 de 6 de Julho e do Decreto-Lei 181/70 de 28/4 ficam, por este meio, notificados os proprietários dos imóveis situados na zona da Av. da Liberdade e Restauradores, em Lisboa, dentro do perímetro assinalado na planta anexa, de que, por Despacho da Secretaria de Estado da Cultura de 18 de Dezembro de 1989, esses bens imóveis se encontram em **vias de classificação** de acordo com o Art.º 18.º da Lei 13/85, ficando submetidos a toda a legislação aplicável, nomeadamente, o disposto no Art.º 14.º da mesma lei.

Esta decisão justifica-se pelo interesse nacional em salvaguardar o Conjunto da Av. da Liberdade o qual, a exemplo de transformações recentes seguindo critérios que se consideram desactualizados, corre o risco de perder o seu significado cultural.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1989

O Presidente do Instituto Português do Património Cultural
António Ressano Garcia Lamas

Massacre no Sri Lanka causa 200 mortos

Pelo menos 200 pessoas foram mortas a tiro ou esfaqueadas até à morte na pior vaga de violência que jamais se verificou no Sri Lanka.

A informação foi dada, ontem, por residentes na capital do país, Colombo. Um jornalista disse:«Foi terrível. Contei 16 cadáveres de uma só vez».

O massacre verificou-se, segundo esse jornalista, em Hambantota, região situada a 150 quilómetros a sul de Colombo.

Fontes militares recusaram-se a dar pormenores mas confirmaram a descoberta de vários corpos.

Outras testemunhas disseram ter visto cadáveres pendurados em árvores e postes de iluminação pública e, ainda, visto corpos carbonizados por entre pneus de automóveis meio queimados, em vários pontos de Hambantota.

Algumas fontes atribuiram a responsabilidade pelo massacre aos rebeldes de extrema esquerda e às milícias pró-governamentais que foram mobilizadas para perseguirem esses rebeldes.

As milícias integram membros das forças de seguranaça e guarda-costas de dirigentes do Partido Nacional Unido, que se encontra no Poder.

Cerca de 75 pessoas foram, nos últimos tempos, vítimas da Frente Popular de Libertação, o movimento nacionalista cingalês que luta contra o Governo de Colombo.

Entre os mortos contam-se vários informadores da Polícia e outras pessoas que por alguma forma estavam ligadas às forças de segurança do Sri Lanka.

Lusa/Reuter

QUOTIDIANO

Emergência no Douro

O rio transbordou e inundou tudo. Peso da Régua, Miragaia, Vila Nova de Gaia e Ribeira do Porto passam um mau bocado

Eleva-se a cerca de mil o número de desalojados das cheias do Douro em Peso da Régua, estimam os bombeiros locais. A situação era considerada "incontrolável" esta manhã nas áreas próximas da avenida Marginal e na zona ribeirinha.

Centenas de pessoas foram evacuadas para escolas e outras abrigaram-se em residências de familiares e amigos. Dezenas de casas comerciais foram inundadas e falta energia eléctrica em diversas ruas.

Segundo os bombeiros, a situação tende a complicar-se devido à descarga das águas da barragem de Bagauste, embora uma fonte do Gabinete de Protecção Civil tenha dito, esta manhã, ao DL, que estava tudo "estacionário", ou seja, que o nível das águas não subia nem descia.

A tendência, no entanto, é para aumentar o caudal e presume-se que sejam descarregados 10 metros cúbicos por segundo, valores que, na opinião dos bombeiros, são superiores aos verificados nas cheias de 1979.

Os *soldados da paz* estão a receber apoio do centro de operações especiais aquartelado em Lamego e das forças militares de Vila Real.

No Porto, a preia-mar registada ontem, às 22 horas, criou uma situação de profunda emergência. O nível das águas do Douro subiu dois metros acima do caudal normal inundando completamente as zonas ribeirinhas. O rio atingiu os rés-do-chão das casas, restaurantes e estabelecimentos comerciais de toda a área.

A situação não é menos complicada em Vila Nova de Gaia e em Miragaia as águas chegam ao primeiro andar dos edifícios. Todas as estruturas susceptíveis de prestar apoio à Protecção Cívil - dos bombeiros às forças militares e à Cruz Vermelha - estão mobilizados para ajudar os milhares de sinistrados.

As inundações criam, como seria de esperar, enormes problemas à circulação automóvel. Há engarrafamentos um pouco por todo o lado, no Porto e em Vila Nova de Gaia. É impossível circular na Marginal, entre Massarelos e o Freixo, tal como acontece na avenida Diogo Leite, Marginal de Gaia e todas as suas ruas transversais.

A capitania do Douro informou, entretanto, hoje, que as descargas das barragens durienses, tanto em Portugal como em Espanha, continuam a verificar-se sem interrupção. As previsões do Instituto Geofísico indicam, ainda por cima, que "o mau tempo vai manter-se no norte, com céu muito nublado e aguaceiros, vento moderado a forte. O mar será cavado a grosso, com ondulação de três a quatro metros de altura".

São Bento preocupado

Em Lisboa, o Conselho de Ministros decidiu, ontem, criar um grupo técnico com elementos de vários departamentos estatais para acompanhar a situação criada pelas enxurradas. O porta-voz do Governo, o ministro Fernando Nogueira classificou a medida como "preventiva", por considerar que "não há motivos para alarme".

As notícias de lamentos e prejuízos vêm, todavia, de quase todo o país. Em Vinhais (Bragança), por exemplo, as águas desenterraram vários caixões do cemitério que ficaram a boiar na povoação. Os bombeiros acorreram ao local para tentar evitar que as urnas fossem com as cheias.

Comboios da linha do Norte circulam com menos atrasos

Os atrasos dos comboios da linha do Norte eram esta manhã bastante menores que ontem, mas é prematuro avançar com segurança se a situação se manterá, sobretudo no vale de Santarém. Não choveu hoje na zona, mas a barragem do Fratel, por exemplo, descarregava a uma média de três mil metros cúbicos por minuto, o que é considerado elevado neste momento. O nível das águas subiu em Alpiarça 23 centímetros em seis horas - até às sete da manhã - , pelo que se terá de aguardar a evolução da situação.

A previsão do tempo para as próximas horas, com aguaceiros à mistura, é positiva. Conjugam-se vários factores para que os habituais utentes dos comboios de longo curso da CP possam chegar aos seus destinos, embora com atrasos: já não de faz transbordo em autocarros entre Azambuja e Vale de Santarém e de Lisboa a Azambuja os comboios circulam nos dois sentidos.

O nível de águas baixou na faixa das Virtudes, perto do Cartaxo, razão por que os combois funcionam alternadamente em via única entre Vale de Santarém e Azambuja.

Santa Apolónia foi ontem o caos quanto a partidas e chegadas de comboios: ao fim da manhã e à tarde, os atrasos cifraram-se em duas e três horas nas ligações nacionais, mesmo nas suburbanas, subindo para cinco e mais horas nas internacionais. Estes últimos atrasos ficaram em grande parte a dever-se à greve dos maquinistas espanhóis - disseram-nos esta manhã funcionárias do serviço de informações daquela estação. No entanto, mesmo estas ligações funcionavam hoje bastante melhor, pois os atrasos eram de pouco mais de uma hora.

É no Vale de Santarém que a circulação ferroviária se apresenta mais complicada, como acima se conta, se bem que haja problemas deste tipo um pouco por todo o País, desde a Régua ao Algarve. Os comboios circulam hoje a maior velocidade que ontem naquele troço ribatejano, e entre Lisboa e Azambuja estão operacionais as duas vias.

O tempo melhorou nas últimas horas, pelo que muitas das situações referidas esta manhã pelo porta-voz da CP tendem a melhorar. De qualquer modo, a linha ferroviária do Algarve estava interrompida entre a Fuzeta e Olhão devido à queda de uma pedra que obstruiu a via, ao passo que a circulação no ramal Barreiro-Pinhal Novo havia sido restabelecida nas duas vias.

Também nas duas vias funcionavam já as linhas da Beira Alta e Baixa, embora a velocidade reduzida, logo com atrasos. Condicionada estava, por seu turno, a linha do Oeste, com cortes em vários locais por causa de inundações e barragens da via, a partir de Pero Negro.

Os atrasos das chegadas dos comboios a Santa Apolónia são menores que ontem, enquanto o Serviço de Protecção Civil avisa os automobilistas a não circularem na rede de estradas do Vale de Santarém

BREVES

Sindicatos dos médicos e Ministério assinam acordo

O Sindicato Independente dos Médicos (SIM) e a Federação Nacional de Médicos (FENAME) assinaram ontem com o Ministério da Saúde um acordo relativo a carreiras e grelhas salariais, culminando assim negociações que se prolongaram por vários meses.

Uma fonte do Ministério da tutela afirmou que o acordo foi possível depois de apresentadas pelo Governo contra-propostas e alguns reajustamentos aos pontos inicialmente avançados pelos representantes dos médicos. Pendente ficou a discussão a curto prazo do diploma sobre a formação dos internatos.

Destino da taluda

O bilhete do primeiro prémio da Taluda do Natal, vendido em Lisboa, manterá anónima a identidade do seu destinatário. Segundo um funcionário da casa de Lotarias, quando um cliente tem a taluda, o bilhete segue imediatamente para o banco e portanto «não se chega a saber realmente quem foi o premiado».

O segundo prémio, vendido pela delegação de Braga da Casa Campeão, coube a uma sociedade do pessoal da fábrica de textéis Penclitex, de Guimarães.

O terceiro prémio da Taluda do Natal foi vendido em fracções ao balcão da Casa da Sorte, em Lisboa.

«Público» apresenta-se

Alguns ministros e secretários de Estado, personalidades das mais diversas áreas políticas e culturais e muitos jornalistas encheram ontem as instalações, especialmente decoradas para o efeito, do jornal «Público», na festa de apresentação deste novo matutino.

Pela cave da Quinta do Lambert, ontem, muita gente que já passou pela escola de jornalismo do «DL» e pelo «Expresso» deixou o seu nome ligado a esta nova publicação - a sair no próximo dia 2 de Janeiro - numa comemoração onde igualmente pontuou a presença do presidente da edilidade lisboeta recentemente eleito, Jorge Sampaio.

Belmiro de Azevedo e Vivente Jorge Silva, em pequenas intervenções de ocasião, falaram sobre o projecto do «Público», para uma assistência de «amigos de Alex», especialmente atenta às palavras do empresário nortenho.

O novo «DL» acabou por também estar presente na festa de apresentação do «Público», onde as suas recentes edições foram bastante apreciadas.

Morreu Fernando Boim

Faleceu ontem, na sua residência em Lisboa, o engº Fernando Bastos Boim, funcionário superior do Instituto de Qualidade Alimentar. O extinto, que tinha 48 anos, sucumbiu a um ataque cardíaco. Natural de Gáfete, Fernando Boim era casado com a senhora D. Maria Manuela Lazana Ventura Boim e pai de Miguel e de Filipe Lazana Boim, respectivamente com 19 e 14 anos.

O funeral realiza-se esta tarde, às 15 e 30, da igreja das Furnas para o cemitério de Benfica.

EXTERNATOS
CRISFAL
AV. DA REPÚBLICA, 52 e 83
Telefs.: 73 10 85 • 77 90 47 • 76 96 20
PROVA GERAL DE ACESSO

QUOTIDIANO

Natais à margem do tempo

Apesar de muito sacrificados aos ventos da mudança, há festejos natalícios que ainda mantêm algumas tradições seculares

A urbanidade e os seus reflexos no quotidiano dos cidadãos, povoado pelo monopólio dos audiovisuais e dos apelos a um certo consumismo desmesurado, apagaram da memória das gentes muitas das tradições seculares características da quadra natalícia.

Lendas e cultos selados por um imaginário marcadamente popular começaram, um pouco por todo o lado, a dar lugar a um espaço vincadamente urbano - em especial nos estereótipos da vida citadina - mesmo quando vivido num canto recôndito de uma qualquer interioridade.

Tentar reencontrar tradições perdidas, especialmente características da época do Natal, leva-nos a percorrer caminhos tortuosos de serras quase esquecidas onde o progresso da cidade anunciada ainda demora a chegar.

Na Beira Baixa, o frio intenso que anuncia o Natal ainda mantem vivas algumas dessas tradições, com a fogueira comunitária e o «bagaço quente» a protagonizarem, em geral, as noites das diversas Consoadas.

Mesmo o mais desgarrado «progresso» não apaga das memórias as tradições natalícias que anualmente se tentam reactualizar

Ainda hoje, em muitas das localidades mais interiores da Beira Baixa, é possível encontrar o «madeiro» a arder na praça da vila, antes e depois da Missa do Galo, assistindo ao desfile pacífico de romarias em louvor dos santos locais. Em Idanha-a Nova são as mordomias de S.João e do Espírito Santo, constituídas por rapazes e raparigas que enfeitam os carros e os bois, destinados a transportar os troncos de madeira para a fogueira tradicional, com grandes fitas de várias cores. Mas, como o trabalho é pesado e o frio não perdoa, fazem-se acompanhar com uma caldeira de cobre, ou um cântaro de zinco, cheia de vinho e de onde todos vão bebendo, utilizando um copo ou uma lata de esmalte.

«Quem não jejua ao nascimento, ou é burro ou é jumento», diz-se na freguesia do Castelo (concelho da Sertã), onde todas as pessoas jejuam no dia 24 de Dezembro até à hora da Consoada, invariavelmente constituída por hortaliça e peixe frito, caldo verde ou canja, bolos de bacalhau e chouriços.

De grande fama por toda a Beira Baixa eram os madeiros de Salvaterra do Extremo, população vizinha da fronteira espanhola e outrora um importante centro pecuário. Lenda curiosa é a que envolve os festejos natalícios de Monsanto da Beira, onde o madeiro é transportado da planície para o alto da serra. Conta-se que certo dia, já esquecido com o correr dos tempos, um governador de Monsanto teria ordenado que o madeiro fosse desfeito em pequenas achas para arderem na sua própria lareira. O povo da terra, descontente com esta atitude, rogou pragas ao governador e mais tarde, quando o madeiro estava já praticamente queimado na lareira no nobre, nos sonhos de uma criada sua apareceu um anjo que disse: «roubaram o madeiro ao menino Jesus, mas grande castigo irá abater-se sobre o castelo». Segundo a lenda, passados poucos dias, durante uma tempestade, um raio pegou fogo ao palácio do governador e sepultou no seu interior todos os moradores, com excepção da criadita.

Actualizando a crença, ainda hoje os habitantes de Monsanto não só queimam anualmente o seu madeiro, como guardam no adro da igreja, sem que alguém os aproveite, os restos que não tenham ardido para serem queimados na noite de Natal do ano seguinte.

Em Benquerença, também na Beira Baixa, ainda subsiste o costume de, na noite de 31 de Dezembro, deitar farinha junto de todas as portas da aldeia, pois, segundo reza a tradição, os inimigos de Jesus procuravam-no numa casa que o traidor tinha assinalado com uma marca branca junto da soleira. Hoje, os habitantes de Benquerença ainda temem a captura do Menino, e continuam com a farinha a lançar a confusão entre «judeus e romanos».

Grande exposição de carpetes persas e orientais

Rua José Duro, 24 - A/B - Alvalade

O maior salão de exposições de Lisboa — ***Armazéns do Minho***, convida os seus Ex.mos clientes e o público em geral a visitar a exposição-venda de carpetes do Irão, Afeganistão, Turquia, Índia, Paquistão, China, Arménia e nacionais (Arraiolos, etc.)

Armazéns do Minho

Rua José Duro, 25 - A/B - Alvalade
Tel.: 89 35 64 - 89 34 76 LISBOA

CENTRO AUDITIVO

DESEJA
BOAS-FESTAS
E PRÓSPERO ANO NOVO

a todos os seus estimados { *Clientes e Amigos*

O Centro Auditivo é especializado em aparelhos para recuperação auditiva e tem as suas instalações na

Rua da Prata, 227-1.º — Telefs. 32 52 82
346 21 05 — LISBOA

CML

Lisboa cidade limpa

Ida CABELEIREIROS

DESEJA ÀS SUAS CLIENTES, COLABORADORAS E AMIGAS

BOAS FESTAS

CENTRO COMERCIAL DA 1.º piso - Loja 39 - Sacavém — PORTELA T. 943 16 54

CENTRO COMERCIAL DAS Loja 130 (Unisexo) — OLAIAS T. 848 24 72

CENTRO COMERCIAL Av. Almirante Reis, 90 - Loja 51 — HABIB T. 82 70 87

CENTRO EMPRESARIAL TEJO
RUA DE XABREGAS - 20

Da terra para o mar

A pesca e a poluição ameaçam o meio marinho da costa portuguesa. A experiência das reservas naturias vai agora ali ser aplicada

A protecção dos meios marinhos, desenvolvida, até hoje, em Portugal, de forma insipiente, está a tomar um novo rumo. Um punhado de cientistas amante da natureza reuniu as condições para que legislação apropriada concretize a constituição de zonas protegidas na costa portuguesa.

Culminando o esforço desenvolvido ao longo de 25 anos, os especialistas que promoveram esta iniciativa propõem a criação de áreas em que seja proibida a caça submarina e o lançamento de efluentes de qualquer natureza.

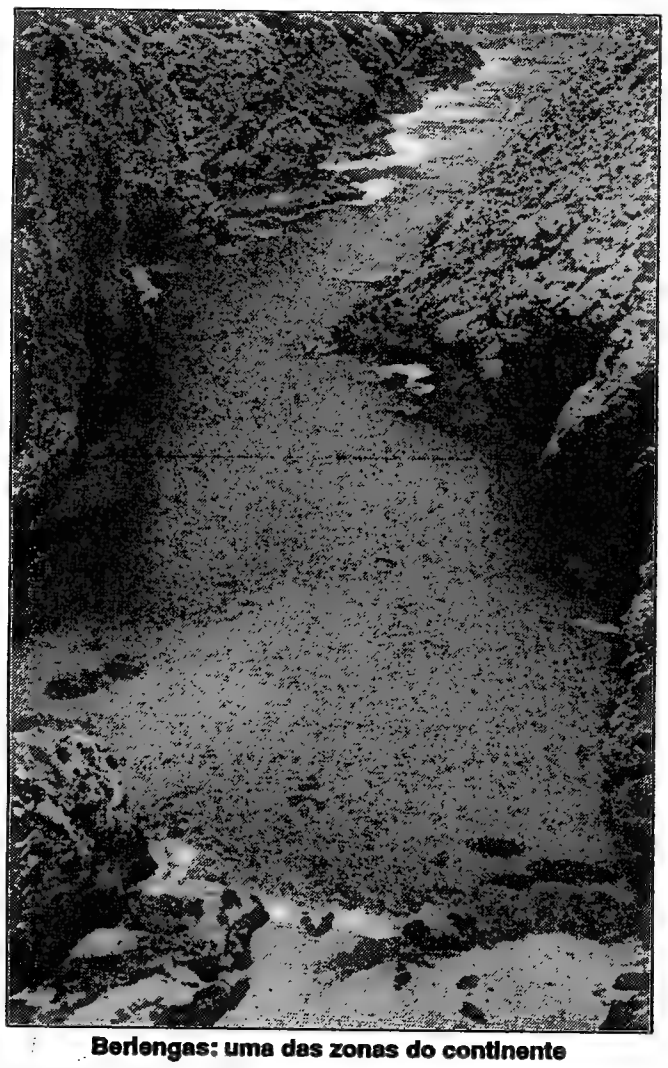
Luiz Saldanha, catedrático da Faculdade de Ciências de Lisboa, disse a este propósito que foram escolhidas quatro zonas de protecção: Berlengas, Peniche, Cabo Espichel e Cabo de S. Vicente. «É difícil proteger toda a costa marítima, o que nos levou a seleccionar alguns locais. É evidente que esta selecção obedeceu a determinados critérios, como a semelhança zoológica , a apresentação estética, a existência de fundos rochosos, que proporcionam o desenvolvimento das espécies, o posiocionamento geográfico e o interesse arqueológico».

Uma vez estabelecidos os critérios de selecção é necessário definir a forma de protecção. Luiz Saldanha considera esse passo muito difícil de dar, porque as ameaças são constantes. «O Instituto Nacional de Investigação e Pescas (INIP) está cada vez mais atento a este problema e a secretaria de Estado do Ambiente está consciente das suas consequências. Nós não podemos isolar as áreas a proteger. Elas terão, simplesmente, de ser demarcadas. «Depois é uma questão de impedirmos as diversas atrocidades que se fazem ao meio marinho, como a pesca e a poluição. E em relação a esta última, ela está a ser avassaladora.

«Existem numerosas fábricas que, durante a madrugada, deitam resíduos para os estuários, ou seja, vão parar ao mar. Embora nós façamos análises à água e cheguemos à conclusão que pertencem a determinadas fábricas, não temos provas concretas para as acusar. E o processo continua *ad eternum*». A maioria das pessoas tem consciência dos malefícios a que a natureza tem estado a ser exposta. Preocupa-se com o buraco no ozono, ou com a destruição das florestas. Sabe que a humanidade corre perigo se nada se fizer para pôr termo à excessiva poluição. Tudo o que se passa na parte terrestre é sentido, porque é vivido directamente.

O mesmo já não se pode dizer em relação às três quartas partes da superfície do planeta que são cobertas por mar.

Luiz Saldanha salienta que «a falta de consciência, por parte de alguns, em relação ao meio marinho tem uma razão de ser. Os efluentes quando vão para o mar, acabam por ser decompostos e desaparecem. As pessoas estão convencidas de que o mar dá cabo de tudo. Mas atenção: é preciso não exagerar. O mar tem sido como que o caixote do lixo da humanidade, onde tudo o que é nocivo acaba por ir parar».



Berlengas: uma das zonas do continente a ser protegida

A preocupação dos defensores da natureza não se refere só à poluição dos mares, mas também aos atentados às espécies marinhas, e aos biótipos (zonas onde vivem as espécies).

«O peixes não estão em vias de extinção -afirma Luiz Saldanha- mas estão ameaçados. O mero é um dos exemplos. Esta espécie, que encontra-se na costa portuguesa, é sedentária, dócil, inteligente e vive cerca de 40 anos. Os caçadores submarinos têm uma preferência pelo mero e não encontram qualquer dificuldade em apanhá-lo, porque ele vai ao encontro dos mergulhadores. Podemos fazer-lhe festas, dar de comer, e ele não se incomoda. Digamos que o seu comportamento é semelhante ao do golfinho. Se não se pescam golfinhos, porque se há-de pescar o mero?

«A sobrepesca tem de acabar também. A nível da caça existem leis: só se pode caçar em determinadas alturas do ano e certas aves. O meio marinho tem de estar sujeito a leis idênticas, para se evitar a leviandade verificada até hoje. Há que estabeler épocas próprias para pescar e definir as espécies que podem ser pescadas.

«É do mar que se tira grande parte dos alimentos que se consome, como tal há que ter consciência da importância de que ele se reveste para a existência e sobrevivência da humanidade» - concluiu Luiz Saldanha.

O grupo de cientista em que Luiz Saldanha se integra batalha desde 1965 por uma legislação adequada, que proteja o meio marinho. Segundo o especialista, «somente agora, a secretaria de Estado do Ambiente se apercebeu da gravidade do problema e mostrou-se disposta a criar parques e reservas». Vale mais tarde, que nunca...

Gisela Oliveira

Açores fora de perigo

A Madeira e os Açores são dois arquipélagos do Atlântico onde existe ainda uma grande fauna marítima. Também aqui a extinção de peixes está fora de causa, mas todo o cuidado é pouco.

O Dr. Ricardo Santos, do departamento de Oceanografia da Universidade dos Açores disse que «neste arquipélago, a ilha que no futuro poderá levantar alguns problemas será a Terceira. Por enquanto verifica-se apenas poluição localizada, que não constitui uma grande ameaça. Mas isto não quer dizer que não tenhamos de estar atentos e preocupados.

«O restante arquipélago está fora de perigo. O decreto-lei 316/89 de 22 de Setembro proíbe a caça aos mamíferos marinhos e a caça ao cachalote há muito que já não se faz.

«Para além de tudo isto, nós temos nos Açores zonas protegidas, através das quais podem ser estudadas as espécies e os biótipos.

«É o caso da Ilha de S. Miguel e da reserva natural do Ilhéu Vila Franca, onde existe uma protecção integral da fauna terrestre e marinha. Os Ilhéus das Formigas não tem um regulamento específico, o que permite a pesca artesanal a embarcações com menos de 14 metros. É uma zona de fundos rochosos e muito irregulares».

Estas duas zonas possuem ainda interesse turístico e biológico, o que contribui para a sua protecção.

Em relação às espécies de peixes, estas abundam no arquipélago. Entre elas está o mero, uma espécie protegida, cuja caça foi proíbida. Mas, como nos disse Luiz Saldanha, «se não se tomarem rapidamente as medidas urgentes que se impõem, veremos, mais uma vez, desaparecer um património de valor estético e biológico inestimável».

Tanto a Madeira como os Açores estão a tempo de salvar o seu património marinho. Basta para isso criar grupos de vigilância, impedir a sobrepesca e fazer com que as fábricas tratem os efluentes. A costa marítima portuguesa e os arquipélagos não podem continuar expostos a sucessivos atropelos.

G.O.

Federação dos Ferroviários estuda greves para Janeiro

A Federação de Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses encara a hipótese de recorrer a formas de luta já em Janeiro, incluíndo a greve, caso o Conselho de Gerência mantenha, na reunião desta tarde, indisponibilidade negocial.

A possibilidade de convergência com a luta dos maquinistas não está excluída.

A celebração de um acordo salarial para 1990 entre o Conselho de Gerência da CP e os sindicatos da UGT no sector está a levar as restantes estruturas sindicais da empresa - Sindicato dos Maquinistas (independente) e Federação dos Ferroviários (CGTP) - a encararem formas de luta, numa tentativa de obrigar a administração a prosseguir as negociações do Acordo de Empresa.

Esta tarde cumpre-se mais uma reunião do calendário negocial, mas a Federação põe sérias reservas à possibilidade de qualquer entendimento, uma vez que o Conselho de Gerência informou, após o acordo com as estruturas da UGT, que considerava «inútil o presseguimento das negociações».

Se esse cenário se verificar, a estrutura da CGTP reunirá os seus órgãos no princípio de Janeiro para estudar quais as formas de luta a adoptar, cumprindo assim as decisões do plenário de activistas desta semana.

José Antunes, responsável pela Federação, afirmou ao «DL» que não está excluída a possibilidade do recurso à greve e que é possível a convergência com a luta dos maquinistas - 10 dias de paralisações por turnos na primeira quinzena do próximo mês - embora nada esteja ainda definido.

A Federação dos Ferroviários reivindica aumentos salariais para 1990 de 15 por cento, um aumento intercalar de cinco contos nos vencimentos de Julho a Dezembro de cada trabalhador, a redução do horário de trabalho de 44 para 40 horas semanais e a manutenção da Caixa de Previdência dos Ferroviários.

ASP/PSP: assembleia geral em Março

A Associação Sócio-Profissional da PSP (ASP/PSP) realiza na primeira quinzena de Março uma assembleia geral para eleger os dirigentes e aprovar as reivindicações da classe.

A ASP/PSP, resultante da transformação do pró-sindical da PSP em associação profissional nos termos da lei aprovada, pretende a melhoria dos vencimentos da classe, atribuição de um subsídio de risco, pagamento de trabalho nocturno e aos sábados, domingos e feriados.

José Carreira, coordenador da estrutura, salientou que se no contexto da nova lei «se constituirem agora outras associações profissionais, nomeadamente com o envolvimento daqueles que nunca lutaram, só à acção da pró-sindical o devem».

«O passado de luta da ASP/PSP é a maior garantia de que esta jamais se deixará instrumentalizar ou domesticar e muito menos satisfazer a apetência dos poderes para controlar, directa ou indirectamente, esta associação», acrescentou o dirigente.

PARQUE DE CAMPISMO VALBOM

ANIMAÇÃO MUSICAL
VARIEDADES
BAILE
SURPRESAS

RÉVEILLON 89/90

Jantar e Ceia com a qualidade e serviço VALBOM

ADULTOS – 6000$00
CRIANÇAS 5-12 – 4000$00

CHARNECA COTOVIA
SESIMBRA

TELEFS. 223 45 45 / 223 53 71
ESCRIT. 984 95 21 / 984 95 71

RESERVE DESDE JÁ A SUA MESA

Neste longo fim-de-semana as estradas enchem-se de carros e acidentes. Há sempre alternativas a tomar em conta

Receitas para viajar

A Brigada de Trânsito da GNR recomenda aos automobilistas que circulam nas estradas portuguesas, ou se preparem para o fazer nesta quadra do Natal e Ano Novo, que não se descuidem, se concentrem ao máximo e que sigam a velocidade moderada. É a «receita» das equipas de patrulha da Guarda Nacional Republicana no âmbito da Operação Vá e Volte São e Salvo, que envolve uma série de precauções e segredos - revelou um oficial de trânsito ao DL. Embora não sendo importantes para o grande público, os segredos e precauções atrás referidos, determinam, em grande parte, o êxito dos objectivos em que os mil e duzentos homens da GNR apostam, mais de metade dos quais da própria Brigada de Trânsito.

Esta espalhar-se-á por todo o País, já nesta primeira das duas fases da operação em curso, até terça-feira, dia 26. A segunda fase, cobrindo a passagem do ano, irá de 29 do corrente a 2 de Janeiro de 1990.

A rádio (da própria Guarda Nacional Republicana) e a comunicação social deverão ter papel importante nesta operação, contando aquela corporação com a contribuição da segunda para o sucesso da campanha.

A via-rádio da própria Guarda Nacional Republicana, cuja utilização não é segredo para ninguém, poderá servir para propor itinerários alternativos em caso de «congestionamento» de tráfego, acidentes que envolvam nais que uma viatura e obstruam as estradas e em condições climatéricas hostis, concretamente em caso de aluimento de terras ou bermas junto às estradas. Uma outra serventia tem: a de avisar as famílias de eventuais automobilistas em dificuldades para chegarem aos seus destinos. Neste caso, as brigadas estabelecerão contactos com os postos próximos oú na área de residência desses familiares.

De pouco serviria se não tivesse, como tem tido, o apoio da comunicação social, nomeadamente a rádio e a televisão.

O facto foi posto em evidência pelo mesmo oficial contactado pelo DL para revelar parte do programa de acção montado pela GNR e já testado durante os dois feriados deste mês, antes e depois dos dias um e oito.

A Guarda Nacional Republicana tem, com efeito, um esquema de estradas alternativas para quase todas as emergências, à excepção do acesso a Lisboa através da ponte sobre o Tejo. O único recurso para uma ventual complicação neste caso, é a estrada que liga a Marateca a Porto Alto-Vila Franca de Xira. Uma alternativa cada vez mais precária, já que a Estrada Nacional número 10, naquele troço (no qual converge todo o trânsito procedente do Alto Alentejo, a partir de Montemor, e de parte do Algarve, saindo também na Marateca), tem vindo a aumentar o seu movimento.

Há também alternativa, igualmente frágil, no acesso a Lisboa pela parte Norte, em caso de dificuldade intransponível.

O desvio para Torres Vedras, antes ou depois de Alcoentre, é uma opção que muitos dos condutores poderão tomar antes, encaminhando-se para as Caldas da Rainha, por exemplo. É o chamado itinerário do Oeste, cujo maior risco é o aperto de Loures até à Calçada do Carriche.

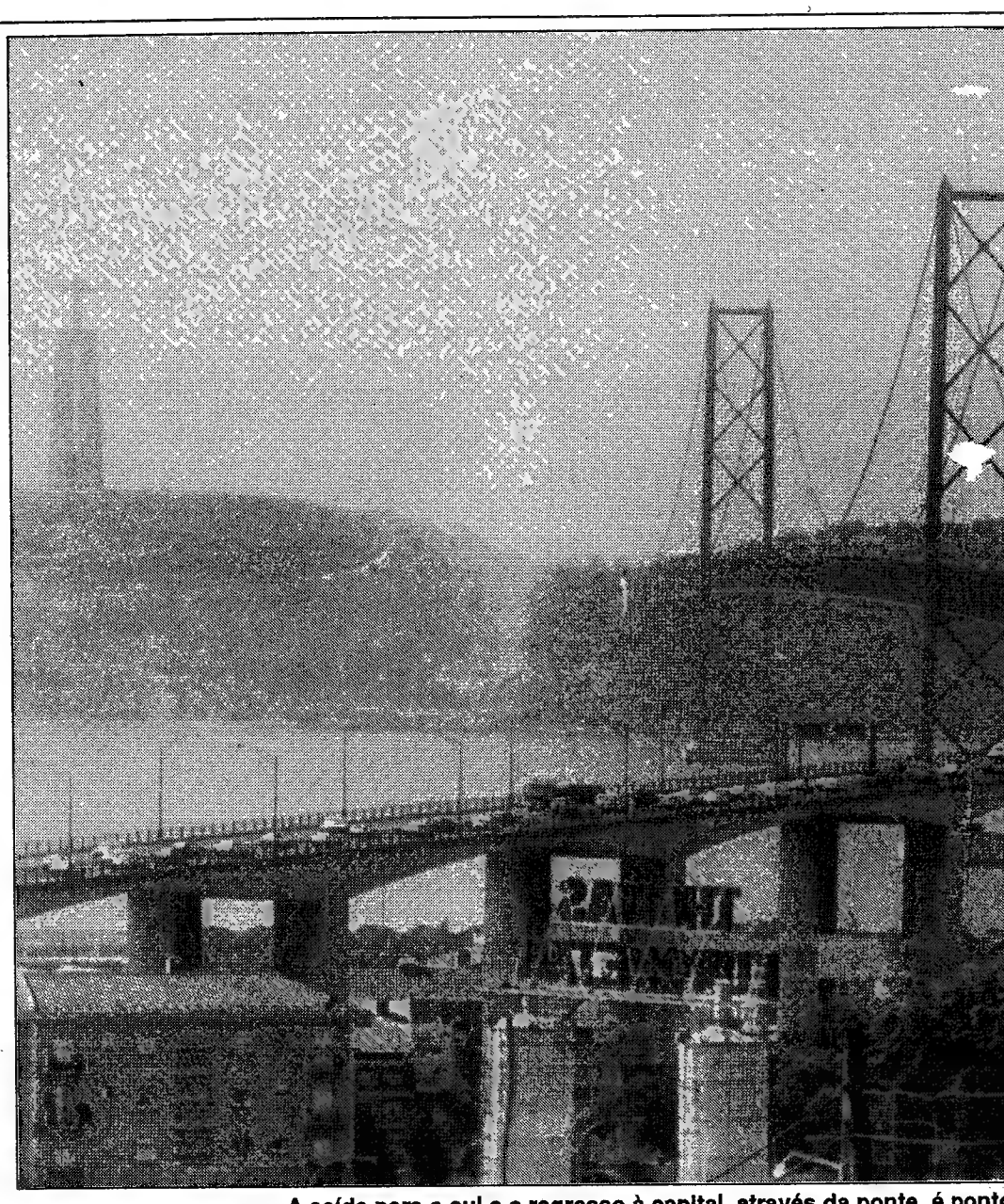
No entanto, mesmo neste caso, haverá sempre riscos de atrasos e complicações por via das obras de restauro da cobertura romana às portas da cidade de Torres Vedras, a cargo da Direcção-Geral do Património Nacional. Derrubadas há alguns meses por uma viatura pesada com excesso de altura, só há um mês foram iniciadas, obrigando o trânsito entre aquela cidade e Sobral de Monte Agraço a um ligeiro desvio, que é mais incómodo devido á falta de sinalização que por causa da distância.

As suas grandes saídas e acessos, nesta quadra festiva que vai do Natal ao Ano Novo, são, sem dúvida, a ponte sobre o Tejo e a Auto-estrada do Norte. Em condições normais, assim será.

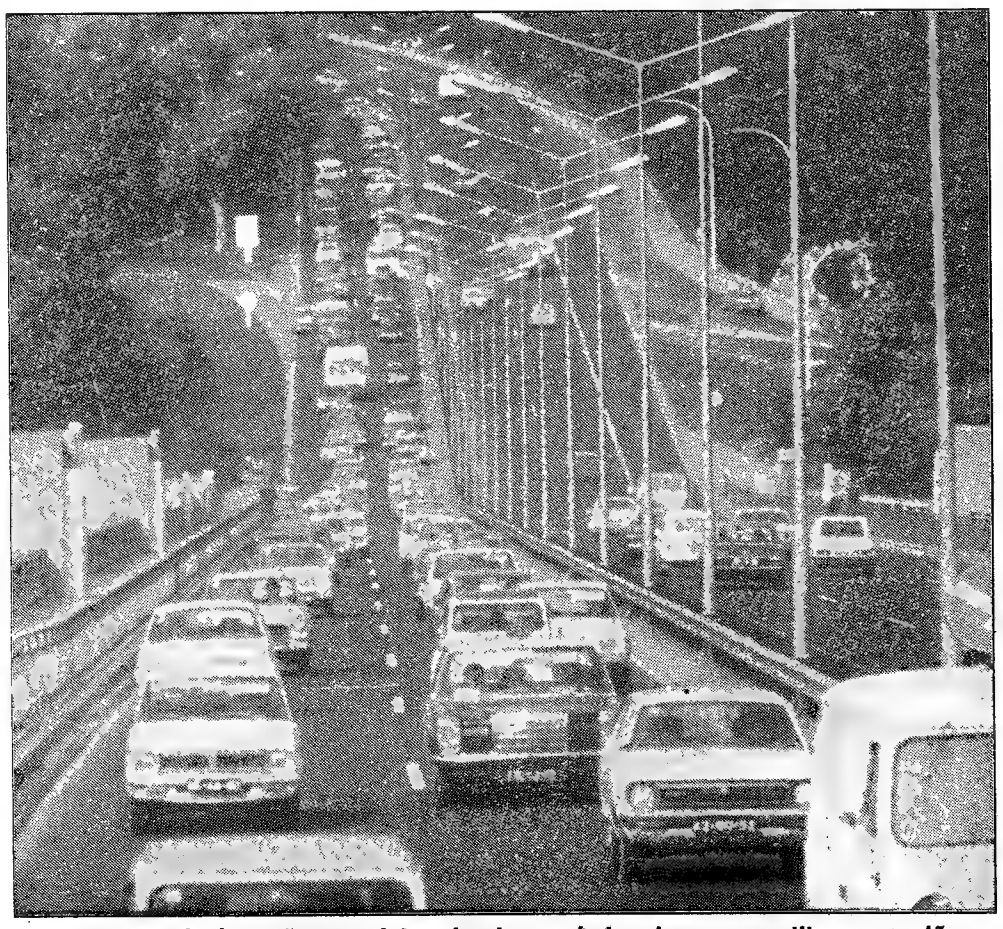
Mais poderia a Guarda Nacional Republicana fazer em apoio dos automobilistas, não fora os protestos de proprietários de oficinas de reparação de automóveis - mecânicos e bate-chapas.

A experiência foi tentada há seis anos, durante uma operação deste género, com outro nome, claro: a Guarda Nacional Republicana colocou em vários locais estratégicos técnicos seus neste tipo de apoio - pessoal das suas oficinas privadas - que, dentro do possível, «desempanaram» viaturas avariadas. Mas como as queixas e os protestos não cessaram de chegar ao Comando-Geral da corporação nos dias seguintes, entendeu a Guarda Nacional Republicana não repetir a ideia.

O DL pôs a questão ao oficial ácima referido sobre a possibilidade da GNR voltar



A saída para o sul e o regresso à capital, através da ponte, é ponto obrigatório de afunilamento da corrente de trânsito



As grandes deslocações em determinados períodos do ano constituem ocasiões favoráveis para alcançar a triste média de seis mortos por dia em acidentes de viação

Estradas cortadas de

No distrito de Santarém ainda é difícil circular na estr últimas horas, desde a Guarda a Faro

São poucas as estradas em que se pode circular com segurança no distrito de Santarém - a província mais afectada pelos temporais dos últimos dias. As cheias provocadas pela chuva intensa que caiu e as descargas das barragens do Tejo, especialmente a de Alcântara, em Espanha, cortou a estrada nacional número 243, no Dique dos Vinte, entre a Chamusca e a Golegã. A número 114, também nacional, que liga Santarém a Almeirim, continuava submersa, agora por uma pequena lâmina de água. Um informador dos bombeiros voluntários de Almeirim damitiu a possibilidade desta estrada poder ser reaberta, hipótese que chegou a estar prevista para ontem.

Nas mesmas condições se apresentavam Vale de Figueira e Casevel, Vale de Cavalos e Chamusca, Vale de Santarém e Valada, e, já na direcção de Porto Alto, a estrada também municipal, número 515, entre Benavente e Barrosa.

A povoação de Reguengo do Alviela continuava também isolada, só sendo possível alcançá-la por barco, do mesmo modo que Reguengo de Valada, Porto de Muge e Valada do Ribatejo, devido à intransitabilidade das estradas nacionais número 3-3 (Cartaxo-Valada), 3-2 (Cruz do campo-Valada), e municipal número 587 (Vale de Santarém-Valada) e entre a Azambuja e Valada (estrada esta também municipal).

Problemas no Porto

Nos arredores do Porto, o perigo de aluimento do pavimento na marginal do rio Douro levou Divisão de Trânsito da PSP a interromper a circulação entre o Freixo e o Infante.

Ainda no Norte, mas na já na Beira Interior, atenção ao que se passa no distrito da Guarda: as pontes estão, na sua maioria, na iminência de aluir, havendo algumas sobre as quais já não se pode passar -apurou o DL junto da Brigada de Trânsito da GNR.

Nesta região, várias estradas municipais e nacionais estão fechadas ao trânsito: a melhor amostra é a número 16, estrada nacional que atravessa a Guarda, cortada neste momento cortada a veículos pesados por ameaçar aluimento.

É claro que, quer neste caso como em todos os outros aqui mencionados, se trata de uma situação provisória que poderá evoluir ou agravar-se de acordo com o tempo. São referências que não dis-

é ponto quase
sito

a ensaiar essa parte do esquema de ajuda aos automobilistas, nesta quadra. A resposta foi simples: «Não o faremos agora e creio que isso não voltará a acontecer. Nem sequer levaremos material desse para a estrada», acrescentou. Portanto, fiquem descansados garagistas, mecânicos e bate-chapas: as avarias ou choques nas estradas, que a GNR espera que sejam nulos ou poucos, serão reparadas por eles.

Júlio Rodrigues

GNR na estrada até ao Ano Novo

"Vá e Volte São e Salvo!" mobiliza mil e duzentos agentes

As quadras natalícia e de Ano Novo representam, todos os anos, um acréscimo significativo no tráfego rodoviário, com o comsequente aumento de acidentes.

Excesso de velocidade, desrespeito pela prioriadade, ultrapassagem perigosa e alcoolémia são as principais causas dos acidentes nas nossas estradas.

Para prevenir e acompanhar os numerosos milhares de automobilistas que naquelas quadras circularão nas estradas portuguesas, a Guarda Nacional Republicana mobilizou cerca de mil e duzentos agentes da Brigada de Trânsito que «estarão atentos» ao movimento nos dois períodos referidos.

O major Ferreira Reis, daquela corporação, revelou que que os 700 homens da Brigada de Trânsito foram distribuídos por 350 patrulhas e unidades territoriais, a que se juntam 450 outros elementos da Guarda Nacional Republicana, das oficinas e dos serviços administrativos.

A esses agentes e demais pessoal das unidades territoriais da GNR caberá tentar regularizar o trânsito nessas épocas festivas para evitar um acréscimo de acidentes nas estradas. Recorde-se que já o ano passado, na operação de Natal e Ano Novo, foi possível à Brigada de Trânsito da GNR estancar a tendência, até então crescente, para o aumento de desastres rodoviários. «É preciso diminuir a média de seis mortos/dia nas estradas portuguesas» - esta a grande aposta da corporação.

A chuva e os perigos que lhe estão associados são dificuldades adicionais que os automobilistas devem ter em conta

Se tal acontecer, como a Guarda Nacional Republicana acredita, apesar do mau estado das estradas por causa das últimas chuvas e do atraso no reasfaltamento de diversas vias que se deterioram ao longo dos tempos, a redução, por mais ligeira que seja, do número de acidentes «é já motivo de satisfação para todos nós», disse um outro responsável da Brigada de Trânsito ao DL.

Morrem por ano duas mil pessoas

A Operação Vá e Volte São e Salvo, que mobiliza mil e duzentos homens da Guarda Nacional Republicana e mil e cem outros elementos deslocando-se em 412 veículos ligeiros e 370 motos, visa prevenir todas as situações nas estradas portuguesas, designadamente uma maior fiscalização e melhor assistência aos automobilistas. É essa a razão dos esforços de patrulhamento suplementares que a GNR anualmente põe em campo.

O major Ferreira dos Reis referiu que acima se fala, que a GNR «pretende minorar, não só os efeitos dos habituais movimentos de viaturas durante as épocas críticas, mas também aconselhar os automobilistas e cidadãos em geral».

Aquele major da GNR afirmou que em Portugal morrem anualmente cerca de duas mil pessoas em acidentes de viação e que as principais causas apontadas são o excesso de velocidade (com trinta por cento), o desrespeito pela prioriadde da passagem (cerca de 15 por cento), a ultrapassagem perigosa (com dez por cento) e a alcoolémia, por último - com oito por cento.

Para Ferreira dos Reis, apesar de ainda ocorrerem bastantes acidentes nas estradas portuguesas durante os períodos de Natal, Ano Novo e Páscoa, os níveis tendem a diminuir.

Não é só a morte, mas também o estropiamento e as fracturas graves, expostas - daquelas que deixam marcas para sempre - que preocupam os agentes de trânsito neste período. Trata-se de dados que manifestavam um crescimento alarmante desde 1965 e que, já o ano passado, foram contidos, apesar do movimento rodoviário ter aumentado.

A chuva e o mau estado das estradas provocado pelas últimas intempéries são as duas últimas - em parte esperadas e normais para a época - dificuldades que o automobilista terá de enfrentar nesta altura. Por esse motivo, a GNR, como aqui se refere, faz três recomendações básicas aos automobilistas para esta quadra de Natal e Ano Novo, de modo a atenuar o agravamento do número de acidentes e de mortes na estrada.

Recorde-se que há pouco mais de vinte anos, concretamente em 1964, se registaram 22 735 acidentes de viação, de acordo com números em posse da GNR. Há cinco anos esse número subiu para 58 mil. Em 1986 cresceu para 64 mil e em 88 a soma foi de 83 557.

Esse núméto não tem parado de subir ao longo do ano, a ponto de entre Janeio e Novembro ascender a 86 mil desastres, em consequência dos quais se passou de 920 mortes em 1967 para 1 947 há quatro anos e 2 051 de Janeiro a Novembro último.

e Norte a Sul

estrada. Outros se lhe juntaram nas

pensam uma informação, sempre que possível actualizada, por das competentes autoridades, ao longo dos próximos três dias. Os automobilistas que viajem nas estradas portuguesas deverão, por isso, estarem atentos a todas as indicações da Brigada de Trânsito da GNR quanto ao estado das estradas nacionais e municipais.

Monchique-Odemira não é aconselhável

Na Beira Interior, a Sul do distrito da Guarda, outras estradas fecharam entretanto ao tráfego, em especial na região de Castelo Branco. É o caso da ligação nacional entre Meimoa e Penamacor. Como alternativa perfila-se a estrada número 18/3, que vai até ao Sabugal.

Há, como se verifica, estradas cortadas um pouco por todo o País. Além dos distritos em foco, em particular o de Santarém, que continua a merecer especial atenção (pois privará muitas famílias de se juntarem nesta quadra festiva), encontra-se em idênticas condições, no distrito de Beja, a estrada nacional número 123, entre Monchique e Odemira.

Ainda no Sul do País: para os automobilistas que se dirijam para o Algarve ou procedam desta região para o Alentejo e Lisboa, fica o aviso de que um troço de estrada entre Boliqueime e Loulé (estrada nacional 260), e o sítio da Murta (também nacional 517), entre esta localidade e Faro, estão cortados. A Brigada de Trânsito recomenda como alternativa à 260 a estrada municipal que liga Quatro Estradas (Ferreiras) a Loulé. A municipal entre Rio Seco e Padrão também não está transitável.

Em muitas das ruas da vila de Constância, em pleno vale do Tejo, a circulação tornou-se impossível

Kodak Express
SERVIÇO CONTROLO QUALIDADE

Foto Damarte
De: António Pedro

Fotografia de estúdio, Publicitária, Industrial e Reportagens

BOAS FESTAS
AGORA FOTOGRAFIAS EM 30 MINUTOS

Telef.: 90 09 36
Rua Conde Tomar, 2-A – DAMAIA – 2700 AMADORA

Secatel

Equipamentos de Escritório, Ld.ª

5 Secções para profissionais

- Desenho
- Material escritório
- Livros técnicos
- Galeria
- Papelaria

Deseja aos seus clientes **Feliz Natal** e **Próspero Ano Novo**

Rua Elias, 151-B — Telef. 4944601 — 4910252

Restaurante
Alverquense

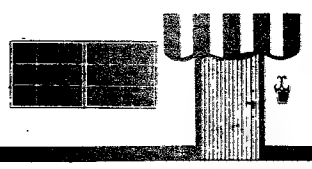
Gerência de «Alexandre»

Especialidades
Cabrito e Bacalhau

Aberto todos os dias

Cruz das Almas
ALVERCA
Telef. 250 03 49

A NOSSA CASA



Cozinha Caseira
Peixe Grelhado
Mariscos do dia
AGORA ABERTO À 2.ª FEIRA
ENCERRA AO DOMINGO

Rua Gonçalo de Abreu, 26-30 – ☎ 33459 – 2900 SETÚBAL

- PRONTO A VESTIR DE SENHORA
- LINGERIE

Arlinês Boutique

DESEJA BOAS-FESTAS A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS

ESTRADA DA FALAGUEIRA, 4-A • TEL. 491 10 95
2700 AMADORA

O PEDRITO

DESEJA NATAL FELIZ
E ANO NOVO MUITO PRÓSPERO
AOS SEUS CLIENTES

TUDO PARA NOIVAS E BEBÉS

RUA ELIAS GARCIA, 233-A • TEL. 493 88 28
2700 AMADORA

Pastelaria • Doçaria titilas

ESPECIALIDADES
Dukitos

BOLOS DE ANIVERSÁRIO E CASAMENTO
PALMIERS, PASTÉIS DE LARANJA, BOLO INGLÊS, QUEQUES DE LARANJA, PASTÉIS DE AMÊNDOA, MADALENAS, ARGOLAS E BOLO-REI

DESEJA BOAS-FESTAS
A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS

Fabricantes e Revendedores de Pastelaria
Estrada da Falagueira, 10 A e B
Tel. 493 75 03 AMADORA

EXTERNATO O PATINHO FEIO, LDA.

Deseja Boas-Festas a todos os alunos, familiares e amigos

Rua Elias Garcia, 362 D - Bloco B - 1.º Piso
Av. Gago Coutinho, 51 - Bloco B - 1.º Piso
*Telef. 493 00 87 - **2700 AMADORA***

MIMO DOS ENXOVAIS

TUDO PARA SI E SEU LAR

DESEJA BOAS-FESTAS A TODOS OS CLIENTES

★ Pronto a Vestir de Senhora
★ Lingerie
★ Têxteis Lar
BORDADOS REGIONAIS
Atoalhados, Artigos de Cama e Brindes
PARQUE DELFIM GUIMARÃES, 9-B 2700 AMADORA

Paula Esteves
Cabeleireiros

Aberto à hora de almoço
e sábados todo o dia

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 31 - 1.º Esq.º
Telef.: 493 82 83 - 2700 AMADORA

SAPATARIA
Fellini

Deseja aos seus estimados clientes um **Bom Natal** e um feliz **Ano Novo**

Avenida Santos Matos, 10-D ★
Tel.: 493 91 59 ★ 2700 AMADORA

A ARCA DO ENXOVAL
DE MARIA DOS ANJOS

Deseja **Boas Festas** aos seus clientes

Têxteis Lar Lavores

Telef.: 492 08 65
C. Com. Babilónia, Loja 41 ★
AMADORA

RESTAURANTE ESCUDEIRO

COM AR CONDICIONADO

O SEU ESPAÇO PARA NEGÓCIOS E LAZER NO CENTRO DA AMADORA
BOAS-FESTAS AOS SEUS CLIENTES — ABERTO TODOS OS DIAS

CULTURA

A partir de hoje em livro

Santa Rita Pintor e Mago

A 29 de Abril de 1918, caía uma cortina de silêncio sobre a vida e sobre a obra do mais polémico pintor modernista português: Guilherme de Santa Rita. Vivera apenas 28 anos, os últimos dos quais tinham sido rigorosa, audaciosamente encenados para chocar uma época provinciana e pouco generosa.

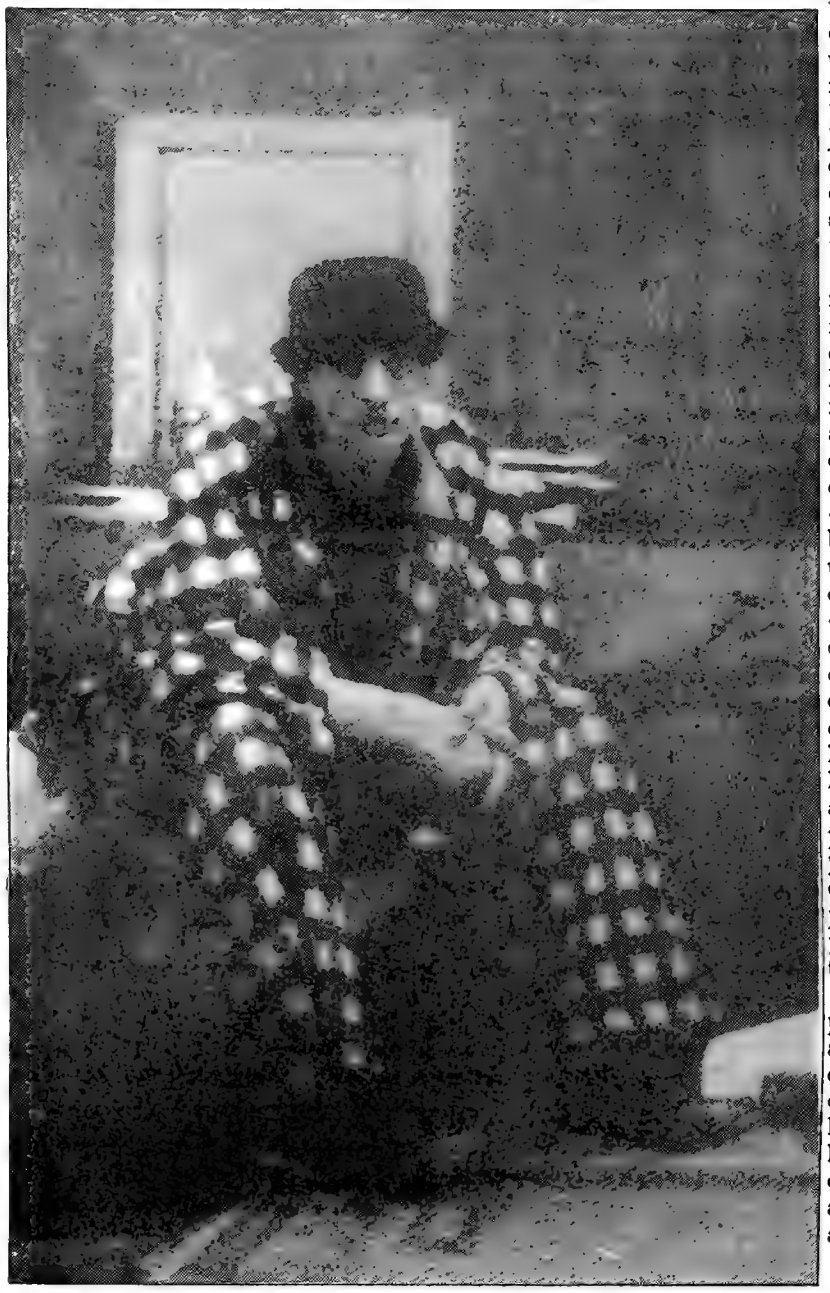
Sete décadas depois, o silêncio pesava-lhe ainda sobre o nome. Ao ponto de o centenário do nascimento, a comemorar este ano, ficar esquecido pelos programas de celebrações mundanas. E 1989 correu sem mudança, antes desta súbita ponte que nos remete para 1889, assinalando finalmente a efeméride: o primeiro livro inteiramente dedicado à vida e à obra de Santa Rita.

Joaquim de Matos Chaves, autor de «Santa Rita - Vida e Obra» (a partir de hoje nas livrarias), tem publicado, ao longo dos anos, vários textos e estudos dedicados ao mesmo tema: desvendar testemunhos sobre a personalidade de Santa Rita e localizar aquilo que resta de uma obra esquecida.

Num artigo publicado aqui no «DL» em 1921 (esquecido desde então e redescoberto agora neste livro), Diogo de Macedo escreveu assim: «Santa Rita foi um pintor, grasnem as rãs o que quiserem». Já então, escassos anos após a sua morte, o mais «blagueur» dos «rapazes do Orpheu» era tido, quase unanimemente, como um audacioso que «pintava umas coisas» quase sempre sem grande interesse ou rasgo de génio. Retomando o julgamento insuspeito de Diogo de Macedo, Joaquim de Matos Chaves restitui ao Mundo, sete décadas depois, o pintor que Portugal nunca reconheceu em Santa Rita.

Pouco antes de morrer, Guilherme convocou o irmão Augusto e obrigou-o a um juramento: queimar-lhe todos os quadros sem deixar qualquer rasto a seguir por um mundo indigno. Assim foi feito. A tarefa dos futuros estudiosos ficou tão comprometida como as reedições das preciosas revistas do modernismo («Orpheu 2» e «Portugal Futurista») em que Santa Rita tinha colaborado com originais.

Anos depois, localizou-se um quadro em tempos oferecido a Manuel Jardim e mais tarde doado ao Estado pelo professor Henrique de Vilhane. E, perante a obra, era já impossível sustentar que o artista fizera da sua atitude o legado único à posterioridade. Agora, neste livro, Joaquim de Matos Chaves revela mais oito quadros e dois desenhos desconhecidos, da época académica. Pela primeira vez, aparece uma reprodução a cores e em tamanho considerável da segunda tela que sobreviveu à destruição da obra, simbolizando já o período futurista. É o «Orfeu nos Infernos», publicada no «Portugal Futurista» em 1917. Pertence ainda à família do comprador, que a adquiriu ao próprio Santa Rita: o Conde de Monsaraz. O cromatismo violento e dinamismo das linhas sugerem já uma ponte para o surrealismo. Datada de 1904, é situada por Joaquim Matos Chaves entre 1913 e 1915. À troca das datas «talvez não seja alheia qualquer 'boutade' do artista».



«Boutades» permanentes, voluntárias, faziam de resto parte do quotidiano de Santa Rita Pintor, artista por si mesmo endeusado e afastado da banalidade do bom-senso. No capítulo dedicado aos «depoimentos», entre a biografia e as fotos de uma vida, Matos Chaves encerra algumas das «histórias do Santa Rita», contadas por amigos e contemporâneos. Delas é fácil imaginal o ponto de partida para uma lenda que subsiste. Uma lenda que «Orpheu» acalentou no seu seio, projectando sobre o pintor a dupla sombra de uma geração polémica com uma componente enfatuada a posteriori: Fernando Pessoa.

Mais de 70 anos depois, Santa Rita Pintor arriscou-se a atravessar em silêncio o ano de um centenário memorável. Rematando 1989, este livro vale por 12 meses de injusto silêncio. Os anos 90 terão um pintor a redescobrir.

Marina Tavares Dias

B R E V E S

Rock Rendez-Vous faz anos

Aquele que poderá ser o último aniversário do Rock Rendez-Vous, visto pender sobre a «catedral» das músicas jovens a ameaça de encerramento, é hoje comemorado. São nove anos de concertos e desbundas, nove anos de revelações, de trânsitos, de modas, de sucessos e insucessos musicais. Durante todo este tempo o Rock Rendez-Vous, se foi pioneiro numa aposta que depois muitas casas nocturnas adoptaram - apresentar às tantas um grupo rock -, manteve-se porém como o único espaço em que o rock foi motivo, finalidade, empenhamento e militância. Os vizinhos por vezes queixaram-se do barulho, as autoridades fizeram mais vistorias das que seriam normais, evidenciando algum preconceito, mas a cultura, porque o rock também é cultura, tem tido neste espaço um espaço possível. Da guilhotina, logo se verá...

Sinatra amanhã na TV

Era para passar «O Sapato de Cetim» de Manoel de Oliveira, mas alguém voltou o polegar para baixo. São coisas, e nem calhou muito mal: o serão de amanhã terá como ponto alto, em alternativa e no segundo canal da televisão, um programa intitulado «Frank Sinatra: 50 Anos de Canções», uma produção mista Editing Productions/Antenne 2, com realização de André Halini. Hora marcada: 22 e 30.

Está lá (quase) tudo, e quase porque a vida de Mr. Voice tem muito que se lhe diga e habitualmente até nem se diz: do princípio de carreira na orquestra de Harry James, o trompetista capaz de tirar as notas mais altas do planeta, depois a gravação, a 13 de Julho de 1939, do primeiro «single», mais o salto em 1953 quando fez de soldado Di Maggio no filme «Até à Eternidade» e por aí fora, à sua maneira. A não perder.

olhar de mocho

Pessimismo colectivo

O Karl Valentim, satírico de gema e coração e que o Bert Brecht considerou um dos seus mestres, referiu-se ao espírito dos dias da quadra festiva que nos preparamos para atravessar, nestes termos: Eu preferia que cortássemos do calendário o dia de Natal se com isso conseguíssemos que os restantes 364 dias do ano fossem todos de Natal».

Afigura-se, por isso, extraordinariamente saudável que o Canal 2 tenha colocado no sapatinho das prendas um aguilhão que nos obriga a ver ao espelho uma parte do nosso pessimismo colectivo: o execrável negócio das criancinhas. É mesmo assim, tal e qual: «Hora da Verdade». Ninguém pretende roubar ao Natal o que ao Natal pertence - festa, celebração, liturgia da paz que se deseja, expressão daquele messianismo idílico que está sempre a sonhar dentro de nós. Mas para que o Natal não seja o festival da hipocrisia, precisamente por isso, é que o programa da Margarida Marante foi, ontem, um contributo para o nosso perfil colectivo: um esboço do nosso pessimismo colectivo para podermos esboçar projectos de optimismo colectivo. O Goya nos vizinhos do lado de lá e o Pessoa nas Arcadas do nosso Martinho são peças de cultura por não terem fugido ao pessimismo, e como eu não defendo o masoquismo para pautar vida humana em sociedade, acrescento que o pessimismo, quando é cultural e não patológico, tem uma costela optimista: criar o horror do que temos e não queremos.

Em certas ocasiões o fácil e natural é protestar, acusar ou mesmo pedir a Lua - o recente caso da droga das duas Américas talvez seja exemplo disso. Mas soluções drásticas terão sempre de ser excepção, e quem abusar delas será um draconiano - muitas soluções draconianas geram o Drácon. E nós, Portugueses, que já tivemos alguns, o mais recentecom 40 e tal anos de exercício da profissão, não devemos repetir a receita. Também não é com caridades mal entendidas que se resolverá o problema das criancinhas que vimos na «Hora da Verdade». Para evitar o lugar comum de instituir uma Liga Nacional das criancinhas vítimas de pais tiranos, como peditórios pelas ruas de Lisboa e o dia mundial do bebé escravizado, fica-nos a solução democrática. Um pessismo colectivo, sentido em dias que trazem rótulo e garantia de optimismo, poderá constituir excelente reedição da *Crítica da Razão Prática* ..

José S.Monteiro

Crítica de teatro

Triângulo no Balancé

BALANCÉ, de William Gibson. **Tradução:** Suzana Borges. **Adaptação:** Virgílio Castelo. **Encenação / Cenografia / Figurinos / Luz:** António Caldeira Pires. **Interpretação:** Suzana Borges e Virgílio Castelo. **Produção:** Companhia das Luzes. Estreia: **Clube Estefânica:** 22-11-89 (13-12-89).

Quarta-feira, 13 de Dezembro, Clube Estefânia. Na sala onde se apresenta um espectáculo de teatro, uma peça norte-americana para dois actores, estão duas jovens espectadoras, um crítico de teatro, e um espectador conhecido, o sr. Magalhães (nome falado na peça a tirar fotografias. Louve-se, antes do mais o profissionalismo dos dois intérpretes e dos seus colaboradores que aceitaram representar nestas condições.

Mas concordemos: assim não dá. Assim não vamos a lado nenhum.

Ninguém tem culpa disto, e todos temos culpa. A começar pelos responsáveis pelo espectáculo, convencidos que tinham descoberto, com a velha peça de William Gibson, uma espécie de galinha dos ovos de oiro, passe o exagero. Culpas também por parte do público desinteressado pelo trabalho de dois actores que merecem a sua atenção, embora esse mesmo público possa alegar que o preço dos bilhetes é, para um espectáculo como este, incomportável.

Vários equívocos, pois, na produção deste espectáculo. O primeiro deles tem a ver com a escolha da peça. Se alguma vez foi interessante, a obrinha de Gibson parece hoje sem ponta por onde se lhe pegue. Um episódio da maioria das telenovelas brasileiras é bastante mais interessante que este texto. E não é por acaso que falo em telenovela já que Virgílio Castelo procedeu à adaptação do texto, transformando as personagens do original em personagens portuguesas, com a personagem masculina casada com uma brasileira de S. Paulo, terceiro vértice deste triângulo amoroso algo sensaborão. A meu ver, esta adaptação não se justifica e teria contribuído para a pouca plausibilidade dos conflitos que constituem o núcleo dramático do texto e que passam pela história de um advogado que fugiu da mulher que tem um pai rico e, entretanto, arranjou um namorado e da jovem que sofre de uma úlcera no duodeno por quem se apaixona - para tudo acabar... bem, o melhor é o leitor, se estiver interessado, ir ver como acaba.

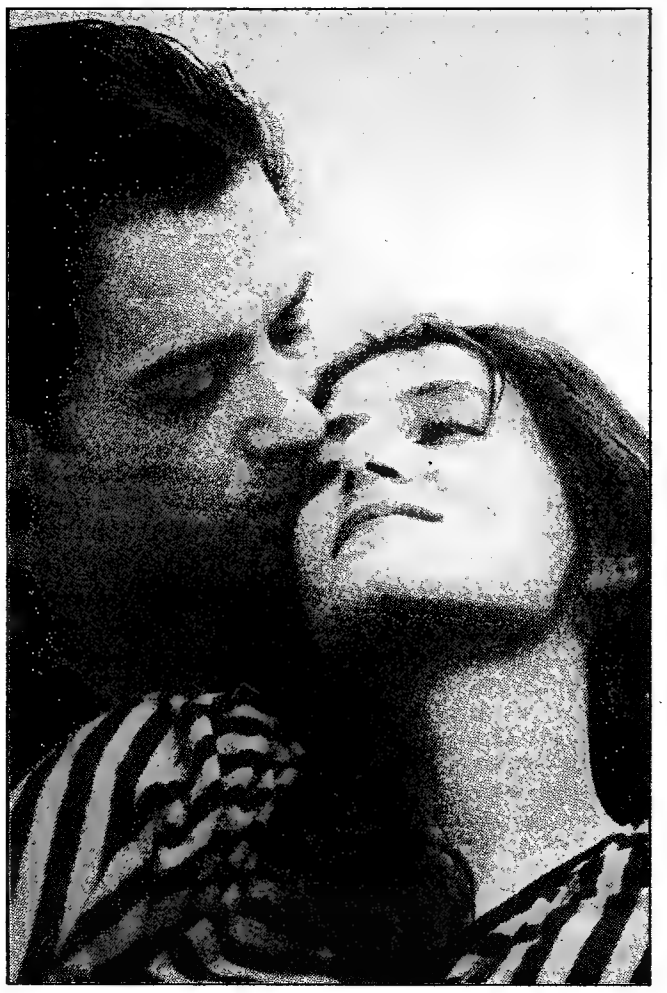
A encenação de António Caldeira Pires só não brilha pela invisibilidade (o que num texto como este se compreenderia) porque inclui um cenário *impossível* (a falta de recursos não explica tudo) e uma direcção de actores, pelo menos, insuficiente.

Porque Suzana Borges e Virgílio Castelo são dois bons actores, como já tenho comprovado, porque esta peça, não sendo mais nada, exige um jogo brilhante por parte dos intérpretes, menos explicável se torna a mediania do seu trabalho. Claro que a ausência de público pode explicar, em parte, uma certa frieza, claro que o espectáculo pode bem querer recusar o brilho das luzes, preferindo uma interpretação comedida, depurada de efeitos mais ou menos fáceis. Se assim foi, trata-se de um outro equívoco: sem o brilho das luzes (o brilho dos intérpretes) esta peça não existe. E mesmo assim...

Tenha-se, no entanto, em conta, uma "nuance" no que se refere ao trabalho dos intérpretes e que tem a ver, talvez, com a estrutura das respectivas personagens, mais interessante, sob o ponto de vista humano e teatral, a personagem feminina permitiu a Suzana Borges um trabalho igualmente mais interessante, talvez mais denso.

Falta ainda referir um último equívoco que é o do próprio projecto. Admite-se que haja algum público para ver, num sítio como o Clube Estefânia, um espectáculo de vanguarda, por assim dizer, uma peça de um autor na moda, como Mamet. Mas não é para esse público que o espectáculo apela, mas sim para um público mais vasto capaz de se interessar por uma comédia sentimental como esta, público que obviamente não frequenta salas como esta, aliás bastante má.

Carlos Porto



Virgílio Castelo e Suzana Borges

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO do T.N.S. CARLOS
Direcção Artística de ARMANDO JORGE

COPPÉLIA
(Bailado em 3 actos)

DEZEMBRO, 22, 27 e 28 (21.00 h), 23 e 30 (16.00 h)
JANEIRO, 4, 5 e 6 (21.00 h), 7 (16.00 h)
no
Teatro Municipal de S. Luiz

Coreografia: JOHN AULD,
segundo A. SAINT-LÉON,
M. PETIPA e E. CECCHETTI
Música: LÉO DELIBES
Argumento: CHARLES NUITTER
e ARTHUR SAINT-LÉON
Cenografia e Figurinos: PETER FARMER
Luzes: DAVID MOHR

ARTISTAS PRINCIPAIS
ADELINE CHARPENTIER,
DIDIER CHAZEAU (22, 23, 27, 28, 30)
CRISTINA MACIEL, PATRICK ARMAND* (4, 5, 6, 7)
JOHN AULD** (22, 23, 28)

BILHETES À VENDA: Bilheteira do Teatro Municipal de S. Luiz
AGÊNCIAS: ABEP e ALVALADE.

* Artista convidado
** Participação especial

Preço máximo: 1 650$00
Preço mínimo: 500$00

Apoio da Câmara Municipal de Lisboa
Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do Teatro Nacional de S. Carlos
Dia 28 — Espectáculo para o "Metropolitano de Lisboa", E.P.

APOIOS: / / Rádio Comercial /

BERNARDINO & PINHEIRO, SOCIEDADE DE ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS LIMITADA

Sociedade comercial por quotas com sede na Rua Tenente Espanca número trinta e seis B, freguesia de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número sessenta e dois mil oitocentos e vinte e dois com o capital social de três milhões de escudos, pessoa colectiva número 501 655 530. Certifico que por escritura de vinte e quatro de Novembro de mil novecentos e oitenta e nove lavrada de folhas 29 verso a folhas 31 verso do livro 318-C das notas do 20.º Cartório Notarial de Lisboa; Gilberto Pinheiro Antunes renunciou à gerência que vinha exercendo autorizando que a firma continue sem alteração. António Bernardino Pereira e Alcina do Céu Coelho Arandas como únicos sócios e ele como gerente deliberaram por unanimidade alterar os artigos terceiro, quinto e sexto do pacto social os quais passaram a ter a seguinte redacção:

TERCEIRO — O capital social é de três milhões de escudos, está integralmente realizado e corresponde à soma das quotas dos sócios: uma quota de dois milhões novecentos e cinquenta mil escudos pertencente a António Bernardino Pereira e uma quota de cinquenta mil escudos pertencente a Alcina do Céu Coelho Arandas Machado.

QUINTO — A administração e a representação da sociedade compete aos gerentes cargo para o qual continua designado o sócio António Bernardino Pereira.

SEXTO — A sociedade fica devidamente vinculada e representada pela assinatura de um gerente.

Está conforme

Lisboa, aos 15 de Dezembro de 1989

A Ajudante
(Assinatura ilegível)

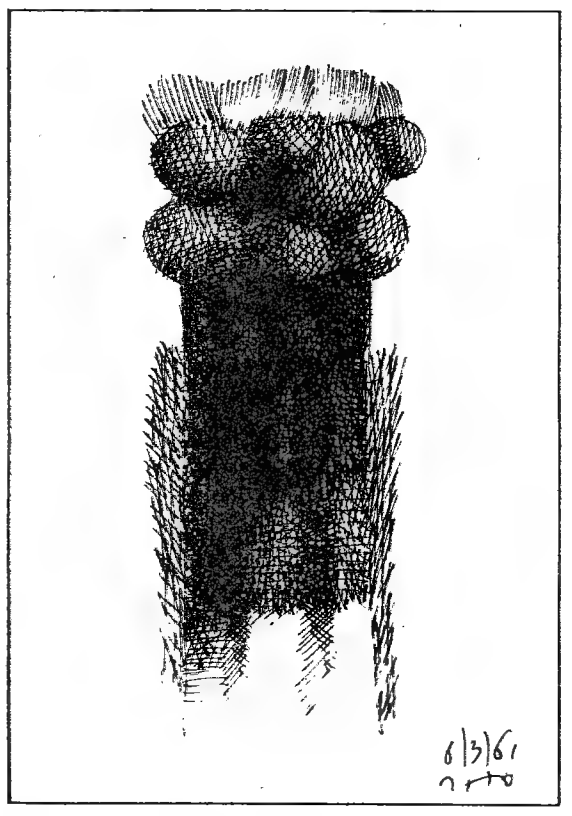
Ângelo de Sousa lançou álbum de desenhos na Diferença

Com a chancela da Editorial "O Oiro do Dia", foi lançado na Galeria Diferença, um álbum de desenhos do pintor Ângelo de Sousa. Feitos entre 1958/62, os desenhos a tinta da china, ponta de feltro, grafite e flo-master, segundo o seu autor, «constituíram uma família, ou série, que se dilatou até muitas centenas, designada pelo título genérico (ou melhor, alcunha) de ÁRVOREs».

Personalidade determinante das artes plásticas portuguesas contemporâneas, Ângelo de Sousa formou-se com 20 valores, pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde lecciona.

Integrou, com Armando Alves, Jorge Martins e José Rodrigues, o Grupo 4 Vintes, cabendo à Cooperativa Árvore, o mérito de os conciliar numa exposição histórica.

O álbum, tem uma tiragem de mil exemplares, e uma especial de cem que, além de numerados e assinados por Ângelo de Sousa, incluem um desenho original não reproduzido, a escolher entre os expostos na Galeria Diferença.



Comissão dos Descobrimentos dá prenda ao IPPC

Não houve sapatinho, nem se entoaram hinos natalícios, mas o presidente da Comissão aproveitou para ler dois poemas quando, ao fim da manhã de ontem, entregou à secretária de Estado da Cultura três recentes aquisições para o Instituto Português do Património Cultural.

Depois da aquisição nova iorquina dos astrolábios, em colaboração com a Marinha, e da criação de condições que permitiram (desta vez com o apoio da Biblioteca Nacional e na Alemanha Federal) a compra de um acervo de livros e manuscritos respeitantes aos Descobrimentos, a Comissão volta a enriquecer o Património de Estado com a doação do manuscrito onde se encontra a cópia do retrato de Camões, um conjunto de três manuscritos do Século XVI, escassos dias posterior a Alcácer Quibir, e o retrato da Imperatriz Isabel de Portugal e avó de D. Sebastião.

Da autoria de Fernão Gomes, o retrato de Camões constitui o único meio de que hoje dispomos para conhecer os traços fisionómicos do vate, feito em vida do modelo por um pintor profissional. Quanto aos manuscritos, relacionados com o inventário de D. Martinho de Castelo-Branco, Vasco Graça Moura, na qualidade de Presidente da Comissão, leu o essencial do parecer do prof. Martim de Albuquerque, especialista consultado pela Comissão antes de tomar a decisão de compra. Depois de salientar o seu mais alto valor histórico, o prof. Martim de Albuquerque considera os manuscritos «parte integrante do património moral essencial do nosso País, importantes para a história de Alcácer-Quibir, mas, sobretudo, assumem relevo ímpar para os estudos camonianos», porquanto, e segundo aquele especialista, «contêm referências em vida do próprio poeta demonstrativas do prestígio e da influência já então alcançadas pela sua obra».

Mas foi na apresentação do retrato da Imperatriz, que Vasco Graça Moura brilhou ao enumerar as complexas posições genealógicas da retratada, em erudição de História de Arte, pautada pela recitação duma «graciosa litania ingénua em louvor da Infanta, escrita por Gil Vicente», seguida da «pungente exclamação, talvez real, talvez lendária», do Marquês de Lombay e futuro S. Francisco de Borja, perante o corpo decomposto da Imperatriz: "Nunca mais servirei senhor que possa morrer." Considerada por Graça Moura «com uma funda dimensão mítica», a expressão poetizada por Sophia de Mello Breyner mereceu recitação do presidente da Comissão dos Descobrimentos.

Igualmente comparável em complexidade, é a autoria do protótipo subjacente às séries iconográficas conhecidas de Isabel de Portugal. Como Graça Moura, sucintamente explicou, a série póstuma «forma uma cadeia (entre esculturas, medalhas e telas de Scrots, Leone Leoni e Pompeo Leoni) a partir de um protótipo que Carlos V enviou a Ticiano, e que Arieto considerava "muito parecido com o modelo, mas de pincel medíocre". Da autoria de Seisenegger, como alguns sustentam, o retrato que se encontra em Viena terá sido pintado durante a permanência do pintor em Espanha, antes da morte da Imperatriz, em 1539, e inspirador de Ticiano, como já o fora um seu retrato de Carlos V».

A outra série, e ainda segundo o presidente da Comissão, «é a dos retratos executados a partir de um protótipo feito pouco depois do casamento da Imperatriz, atribuído a Vermeyen, e eventualmente encomendado por Margarida de Borgonha. Na Galleria Nazionale di Parma, existe uma série de miniaturas de presumível mão flamenga, representando várias figuras da Casa Real Portuguesa, entre elas Isabel de Portugal, como o retrato do Mestre das meias figuras adquirido pelo Instituto do Património Português Cultural com o apoio da Comissão dos Descobrimentos».

A encerrar a cerimónia, a secretária de Estado adiantou que estas peças farão parte da exposição que em Janeiro próximo estará patente ao público no espaço do Museu de Etnografia, em Belém. E disse-nos que «a opção por esse e não outro espaço, naturalmente que não foi por acaso. É o sinal de uma intenção de o reanimar».

Jorge Fallorca

A secretária de Estado da Cultura, acompanhada dos presidentes do Património Cultural e Descobrimentos, observa o retrato de Isabel de Portugal

Porque faz 30 anos e é Natal

Metro: estações em festa

Até ao próximo dia 29, o Metropolitano de Lisboa está em festa. Razão primeira, as comemorações do 30º aniversário. Mas também a circunstância de a efeméride ocorrer na quadra natalícia, motivou esta empresa pública para a realização de um interessante programa de animação cultural, que se iniciou quarta-feira nas estações dos Restauradores, Colégio Militar e Rossio, com exposições de Artesanato e concursos de Desenho abertos a crianças e adolescentes entre os 7 e os 14 anos.

Na sequência de um concurso promovido pela administração do Metropolitano de Lisboa, foi atribuída à «Crianima» - uma associação (sem fins lucrativos) vocacionada para a animação cultural na área infanto-juvenil - a execução de um projecto previamente elaborado e que integra, além do artesanato e dos concursos já referidos, espectáculos de marionetas, música (ligeira, clássica e coral), folclore, acrobacia em bicicletas, ilusionismo, teatro, e ainda uma actuação do «Avô Cantigas», na estação dos Restauradores, a coincidir com a entrega dos prémios, dia 29 a partir das 16 e 30.

Justamente na estação dos Restauradores, a reportagem do «DL» acompanhou de perto, no primeiro dia, a instalação dos artesãos (brinquedos lúdicos em madeira, peças decorativas e utilitárias em metal e em pele), recolheu declarações da jovem Carla Serrão, presidente e directora de Produção da Crianima e ainda assistiu aos primeiros riscos dos «pequenos artistas» candidatos à bicicleta, ao computador e às duas máquinas de calcular que constituem os prémios a atribuir aos autores dos melhores trabalhos.

Para cima de uma dúzia de meninos e meninas dos 7 aos 12 anos, de várias escolas dos ensinos básico e preparatório, outros tantos com 13 e 14 que vieram da Escola Secundária da Apelação-Catujal (concelho de Loures), não pouparam os materiais que puseram ao alcance do seu poder criativo. Ao fim e ao cabo, apesar dos prémios contemplarem apenas quatro deles, todos saíram satisfeitos pela tarde diferente que passaram. Ao mesmo tempo, sensivelmente entre as 15 e as 18 horas, nas estações do «Metro» do Rossio e do Colégio Militar, cenas idênticas animaram espaços quotidianamente varridos por cidadãos apressadíssimos, mas que desta vez pararam - por segundos que fosse - para apreciarem, de perto, coisas que habitualmente não acontecem em lugares como aqueles.

Carla Serrão, que com a colaboração da antropóloga Maria João Carvalho planificou um programa que ao todo se distribuirá por oito dias - repartido por mais de uma dezena de estações - estava optimista em relação ao cumprimento dos objectivos propostos. Disse-nos, por exemplo, que a grande afluência de utentes do «Metro» por via da quadra festiva que atravessamos constituti à partida uma garantia de que gente não vai faltar. Quanto ao programa propriamente dito - que na quinta-feira prosseguiu a partir das 10 da manhã nos Restauradores, Alvalade, Colégio Militar, Rotunda, Rossio e Arroios - ela garante que a organização se esforçou para apresentar números suficientemente variados, com qualidade, a pensar em eventuais assistentes de todas as idades.

O que ainda se pode ver

Hoje, sexta-feira dia 22, as funções estão marcadas para as estações de Arroios, Restauradores-Norte, Alvalade, Rossio (Praça da Figueira), Rotunda e Colégio Militar. A partir das 14 horas nas duas primeiras, há música clássica e o coro infantil da TAP; nas seguintes duas, entre as 15 e15 ás 16 horas, estão um grupo para interpretar música clássica e o coro da Misericórdia de Lisboa; nas estações que restam, a partir das 16 e 30, repete-se o programa de Arroios e Restauradores.

Amanhã, sábado, pode dizer-se que é o folclore quem mais ordena: às 14 horas no Rossio e Restauradores/Norte, às 15 e 15 no Colégio Militar e na Rotunda e às 16 e 30 em Alvalade e Arroios.

Após uma paragem na véspera e no Dia de Natal, a animação regressa ás estações do Metropolitano de Lisboa, com uma programação variada. No dia 26, por exemplo, há palhaços e acrobacia em bicicleta: a partir das 10 da manhã na Rotunda e Restauradores, às 11 e um quarto em Alvalade e no Rossio e ás 12 e 30 em Arroios e no Colégio Militar.

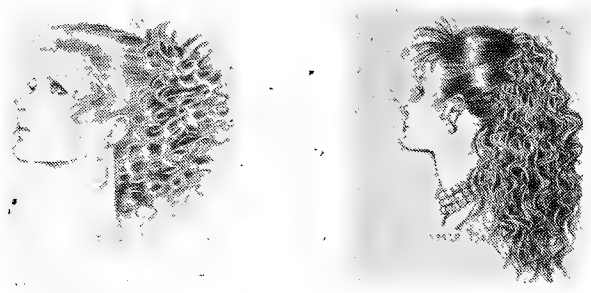
O artesanato volta no dia 27, entre as 14 e as 17 horas nas estações do Colégio Militar, Restauradores e Rossio (Pª da Figueira).

Nos últimos dois dias, tanto de manhã como de tarde, a festa do Metro continua. Arroios, Restauradores/Norte, Rotunda, Rossio, Alvalade e Colégio Militar no dia 28 (com ilusionismo e acrobacia em bicicleta) e, mesmo para terminar, na sexta-feira dia 29, sempre entre as 16 e 30 e as 17 e 15, quem quiser pode deslocar-se a qualquer uma destas estações: Colégio Militar (acrobacia em bicicleta), Rossio (artesanato), Alvalade (palhaços), Arroios (ventríloquo), Restauradores (Avô Cantigas e entrega dos prémios), Alameda (ilusionismo/imitador), Rotunda (artesanato), Saldanha (música clássica) e Anjos (teatro).

Rodrigues Borges

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
2.ª FEIRA A SÁBADO - 21.30
★ DOMINGO, 17H ★ FOLGA - 4.ª FEIRA
Representação portuguesa no 1º. Festival da CONVENÇÃO TEATRAL EUROPEIA, St. Étienne, Novembro de 1989
TEXTO NATALIA CORREIA
ENCENAÇÃO JOÃO MOTA
MÚSICA JOSE MARIO BRANCO
A PECORA
«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»
Dias 24, 25, 26 e 27 não há espectáculos
APOIOS • PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE • FNAC • CABELEIREIRO CITY • RÁDIO COMERCIAL • ANTENA UM • «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
Praça de Espanha • Marcações Tel.: 726 08 18
Subsídios — Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian

PARA AS SUAS FESTAS



Adquira uma trança ou postiço de alta qualidade e perfeição e o seu cabeleireiro fará de si a rainha da festa. Completo sortido de perucas, tranças e postiços em cabelo natural ou fibra sintética, a preços acessíveis. Assistência técnica permanente visite a exposição da

CASA DINABEL

Rua Morais Soares, 82-2.º-F — Tel. 83 44 34 — 1900 LISBOA

SIORTO

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE ORTOPEDIA, LDA.

Deseja à Exm.ª Classe Médica e Amigos

FESTAS FELIZES

Avenida Almirante Reis, 173, r/c., Esq.º LISBOA

VENDE-SE

MOTA - YAMAHA
TCR-125
(como nova)

Contactar telef.
495 03 05

«TORREIRACINCO — EMPREENDIMENTOS URBANÍSTICOS, LIMITADA»

Certifico, para efeitos de publicação que por escritura de 5 de Dezembro de 1989, exarada a folhas 93v e seguintes do livro 6-I, do 24.º Cartório Notarial de Lisboa, foi entre: — JOÃO MANUEL PINTO DE RUELLA RAMOS; ANTÓNIO PEDRO PINTO DE RUELLA RAMOS; MARIA DO ROSÁRIO PINTO DE RUELLA RAMOS DE ASSIS PACHECO; MARIA DO CARMO PINTO DE RUELLA RAMOS; e, MANUEL GUILHERME PARDAL MONTEIRO MAGALHÃES, constituida uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe e, com sede em Lisboa, na Rua de Santo António à Estrela, oitenta e quatro freguesia da Lapa, que se rege nos termos dos artigos constantes da presente fotocópia:

1.º

A sociedade adopta a denominação TORREIRACINCO — Empreendimentos Urbanísticos Lda, tem a sua sede na Rua de Santo António à Estrela, oitenta e quatro, freguesia da Lapa, concelho de Lisboa, conta o seu início desde esta data.

2.º

O seu objecto é a construção civil.

3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro já entrados em caixa, é de dois milhões e quinhentos mil escudos, e corresponde à soma de cinco quotas cada uma no valor de quinhentos mil escudos pertencente a cada um dos sócios.

4.º

A cessão total ou parcial, de quota entre os sócios é livremente permitida, ficando, no entanto, dependente do consentimento da sociedade a cessão a estranhos, a qual terá sempre direito de preferência, em primeiro lugar, e os sócios não cedentes em segundo.

5.º

A gerência e administração de todos os negócios da sociedade e a sua representação em juizo e fora dele, activa e passivamente será exercida por um ou mais gerentes com dispensa de caução e com ou sem remunerações conforme for deliberado em assembleia geral.

Parágrafo primeiro — Para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos basta a assinatura de dois gerentes ou um gerente munido de procuração de outro.

Parágrafo segundo — A gerência poderá constituir mandatário da sociedade para a prática de determinados actos mediante procuração.

Parágrafo terceiro — Aos gerentes é expressamente proibido obrigar a sociedade em actos e contratos que não digam respeito aos negócios sociais, tais como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes.

6.º

A sociedade poderá amortizar qualquer quota que seja arrolada, arrestada, penhorada, incluída em massa falida ou insolvente ou por qualquer forma oferecida em garantia a terceiros, salvo autorização prévia expressa.

7.º

Ocorrendo o falecimento de qualquer sócio a sociedade poderá amortizar a respectiva quota pelo valor resultante do último balanço social.

8.º

Ficam nomeados gerentes para o quadriénio de mil novecentos e oitenta e nove a mil novecentos e noventa e dois os sócios Maria do Carmo Pinto de Ruella Ramos, João Manuel Pinto de Rulla Ramos e Manuel Guilherme Pardal Monteiro Magalhães.

Está conforme com o original.

Lisboa e 24.º Cartório Notarial aos 5 de Dezembro de 1989

O 2.º Ajudante
(assinatura ilegível)

S. R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-B Processo 1/455

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Centro de Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea e subterrânea n.º 1905, a 10 kV, com origem na SE n.º 3950 (Mem Martins) em Vale Flores e término no PST n.º 592, na Rua Capitão Mário Alberto Pimentel, com 4332 metros, no Concelho de Sintra, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1989.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

10.º JUÍZO

O DOUTOR MANUEL AUGUSTO MOUTINHO DA SILVA PEREIRA, juiz de Direito deste 10.º Juízo Cível de Lisboa e 1.ª Secção.

FAZ SABER que no próximo dia 2 de Fevereiro de 1990; pelas 11.00 horas, se há-de proceder, à porta deste tribunal, à arrematação em hasta pública do direito abaixo mencionado,penhorado nos autos de Execução Ordinária n.º 12128 desta 1.ª Secção, em que é exequente União de Bancos Portugueses, EP e executada MECA — ELECTRODOMÉSTICOS LDA, com sede na Calçada do Carmo, n.º 9, em Lisboa, pela quantia exequente de Esc.: 3 091 391$50, juros e demais acréscimos legais, direito este que será adjudicado ou entregue a quem maior valor oferecer acima do indicado e que é o seguinte:

BEM PENHORADO E A ARREMATAR

DIREITO AO TRESPASSE E ARRENDAMENTO do prédio sito na Rua Conde Redondo, n.º 21-Loja — em Lisboa e que vai à praça pelo valor de Esc: 3 000 000$00 (Três milhões de escudos).

Lisboa, 7 de Dezembro de 1989

O Juiz de Direito
(Manuel Augusto Moutinho da Silva Pereira)

O Esc. Adjunto
(Carlos Rodrigues)

«DL» 22/12/89 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Ordinária Hipotecária n.º 343/87, 2.ª Secção.

Exequentes — UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES, SA.

Executado — SADURDINE ALIMAMADE HERGY e mulher AMIRBANOS KASSAMALI JAFFAR BHANJI, casados, residentes na Rua Conde de Almoster 96-6.º-dt.º em Lisboa.

Lisboa, 7-12-89.

O Juiz de Direito,
Lino Augusto Pinto
Pel'O Escrivão de Direito,
Augusto Rodolfo Proença Mendes

«DL» 22/12/89 2.ª Pub.

UM CARTÃO. UMA VIDA.

Pode encontrar os cartões de Natal Unicef em
Comité Português para a UNICEF
Av. António Augusto Aguiar, 56, 3.º Esq. - 1000 LISBOA
Telef. 54 78 43 - 54 78 58
Praça Dr. Fernando Amado, Lote 568 - 1.º
Zona J. de Chelas - 1900 LISBOA - Telef. 859 23 54/859 24 78
Delegação Regional do Porto
Rua Dr. Alves da Veiga, 83 - 2.º - 4000 PORTO - Tel. (02) 56 85 63
Delegação Regional de Coimbra
Rua do Brasil, 39 - 3000 COIMBRA - Telef. (039) 2 28 35
Delegação Regional de Viana do Castelo
Rua Cândido dos Reis (Misericórdia) - 4900 VIANA DO CASTELO
Telef. (058) 2 46 08
Delegação Regional de Faro
Rua do Norte, n.º 7-B - 8000 FARO - Telef. (089) 8 28 22
Delegação Regional de Angra do Heroísmo
Rua da Sé, n.º 61/63 - 9700 ANGRA DO HEROISMO
Telef. (095) 2 48 71

TIMINGALLIANCE

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SETÚBAL 2.ª SECÇÃO 4.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ SABER que no dia 26 de Janeiro de 1990, pelas 14 horas, no 4.º Juízo do Tribunal Judicial de Setúbal — 2.ª Secção, nos autos de Carta-Precatória, n.º 1300/88, extraída dos autos de Execução Ordinária Hipotecária, n.º 1917, que União de Bancos Portugueses, EP move contra SADOLHÃO — Cooperativa Industrial de Produtos Alimentares, SCARL, com sede na Travessa Fábrica Aurora, 1 — Setúbal, corre seus termos pela 3.ª Secção — 8.º Juízo Cível de Lisboa, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado em hasta pública ao maior lanço oferecido acima do preço-base de avaliação de Esc. 135 626 638$00, de 5/9 + 31/72 do prédio urbano sito na Rua Oriental do Mercado, Freguesia de S. Julião em Setúbal, inscrito na respectiva matriz sob os art.ºs 560.º, 561.º e 562.º e descrito na Conservatória do Registo Predial de Setúbal sob o n.º 7456 a fls. 161 do Livro B-29, pertencente à executada Sadolhão — Cooperativa Industrial de Produtos Alimentares, SCARL.

Fica por este meio notificado o coproprietário Fernando Manuel de Matos Lopes Pedrosa, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Av. General Daniel de Sousa, Lote 24-2.º Esq.º, Setúbal, da data designada para a arrematação.

Setúbal, 4 de Dezembro de 1989.

A Juiz de Direito,
Maria José Costa Pinto

O Escrivão Adjunto,
José Alberto Esteves Salvado

«DL» — 22/12/89 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANÚNCIO

Proc.º n.º 175/89 2.º Juízo
2.ª Secção

Faz-se saber que no dia 24 de Janeiro de 1990, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial do Seixal, nos autos de Carta Precatória para Arrematação, n.º 175/89, que correm pela 2.ª Secção, do 2.º Juízo do mesmo Tribunal, vinda do 6.º Juízo Cível da comarca de Lisboa e extraída dos autos de Execução Sumária n.º 1966, da 1.ª Secção, que a União de Bancos Portugueses, EP move contra Leonel Batista de Melo e mulher Olga Maria de Carvalho Mendes de Melo, ausentes em parte incerta e com última residência conhecida na Azinhaga das Paivas, Lote E-2, 2.º esq.º, Cruz de Pau, Seixal, há-de ser posto em 1.ª praça para se arrematar ao maior lanço oferecido acima do valor-base de Esc.: 849 855$00, o seguinte bem:

Fracção autónoma designada pela letra «H», correspondente ao segundo andar esquerdo do prédio urbano, em regime de propriedade horizontal, designado por Lote E-2, sito na Quinta do Soares, Azinhaga das Paivas, Cruz de Pau, Amora, Seixal, e descrito na Conservatória do Registo Predial do Seixal sob o n.º 27 699, a fls. 163 v.º do Livro B-75.

É fiel depositário o Sr. Amândio Rodrigues Jorge, com escritório na Rua Vasco da Gama, 70-A, no Seixal.

Seixal, 07 de Dezembro de 1989.

O Juiz de Direito,
Carlos António Paula Moreira

O Escrivão Adjunto,
Carlos Manuel Ramos

«DL» 22/12/89 — 2.ª pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANÚNCIO

Proc.º n.º 175/89 2.º Juízo 2.ª Secção

Faz-se saber que nos autos de Carta Precatória para Arrematação, n.º 175/89, que correm pela 2.ª Secção, do 2.º Juízo, do Tribunal Judicial do Seixal, vinda do 6.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e extraída dos autos de Execução Sumária, n.º 1966, da 1.ª Secção, que a União de Bancos Portugueses EP move contra LEONEL BATISTA DE MELO e mulher OLGA MARIA DE CARVALHO MENDES DE MELO, ausentes em parte incerta e com última residência conhecida na Azinhaga das Paivas, lote E-2, 2.º-esq.º, na Cruz de Pau, Seixal, são este notificados de que foi designado o dia 24 de Janeiro de 1990, às 10 horas, neste Tribunal Judicial do Seixal, para se proceder à Arrematação em hasta Pública, em 1.ª praça e pelo maior lanço oferecido acima do valor base de Esc.: 849 855$00, o seguinte bem:

Fracção autónoma designada pela letra «H», correspondente ao segundo andar esquerdo do prédio urbano, em regime de propriedade horizontal, designado por Lote E-2, sito na Quinta do Soares, Azinhaga das Paivas, Cruz de Pau, Amora, Seixal, e descrito na Conservatória do Registo Predial do Seixal sob o n.º 27 699, a fls. 163 v.º do livro B-75.

É fiel depositário o sr. Amândio Rodrigues Jorge, com escritório na Rua Vasco da Gama, 70-A, no Seixal.

Seixal, 7 de Dezembro de 1989

O Juiz de Direito,
Carlos António Paula Moreira

O Escrivão Adjunto,
Carlos Manuel Ramos

«DL» 22/12/89 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUIZO CÍVEL

ANÚNCIO

Proc.º n.º 9206
2.ª Secção

Por este Tribunal na execução que o exequente, União de Bancos Portugueses EP, move contra os executados JOÃO DE ALMEIDA FERREIRA BATISTA e mulher RITA DA FONSECA MIMOSO, residentes na Rua Carlos Mardel n.º 118-2.º-Dt.º, em Lisboa correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio citando os credores desconhecidos daqueles executados para, no prazo de dez dias posterior aos dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1989

O Juiz de Direito
a) Guilherme Augusto da Igreja

O Escrivão de Direito
a) Manuel Henrique Guerreiro Bonita

«DL» 22/12/89 — 2.ª Pub.

DESPORTO

Pré-olímpicos: 52 vão provar em Barcelona

Vinte e seis disciplinas desportivas integram a comitiva portuguesa que participam na prova «Operação Juventude e Olimpismo»

Estão escolhidos 52 jovens atletas, praticantes de diversas modalidades desportivas (26), que vão participar entre 27 e 30 do corrente, na prova «Operação Juventude e Olimpismo», que tem lugar em Barcelona, precisamente nos mesmos locais em que se processarão os próximos Jogos Olímpicos. Eis os nomes dos indigitados pelas federações para este pré-exame olímpico:

• **Andebol:** Paula de Castro, 19 anos, e Rui Loureiro Veiga, (17).
• **Atletismo:** Pedro Rodrigues (18) e Maria Lucrécia Jardim (18).
• **Badminton:** Sónia Oliveira Lopes (17) e Fernando Rocha da Silva (17).
• **Basquetebol:** Paula Nunes da Silva (19) e Pedro Alves (19).
• **Boxe:** Paulo Mota Seco (17) e Carlos Pereira Couveiro (17).
• **Canoagem:** José Silva (18) e Rui Fernandes (18).
• **Ciclismo:** José Carvalho (16) e Rui Joaquim Sampaio (19).
• **Equestre:** Rafael Melo (15) e Cristina Cruz (18).
• **Esgrima:** Sérgio Filipe (17) e Filipe Melo (17).
• **Futebol:** Paulo Torres (18) e Virgílio Ramos (17).
• **Ginástica:** Hélder Pinheiro (20) e Clara Piçarra (14).
• **Halterofilismo:** Élia Rochina (15) e Nuno Carreira (17).
• **Hóquei em campo:** Paulo Alexandre Santos (17) e Isabel Silva Mendes (18).
• **Judo:** Sara Godinho (16) e Nuno André Ferreira (16).
• **Lutas Amadoras:** Fernando Gaspar (20) e Sandra Moreira (16).
• **Natação:** Natacha Sousa (17) e Nuno Castro (16).
• **Patinagem:** Alexandre Flamino (16) e Nuno Leal (17).
• **Pentatlo Moderno:** Rui Malaquias (18) e Fernando Lacerda (15).
• **Remo:** Ricardo Rodrigues (16) e Luciana Alçada (15).
• **Ténis:** Tânia Moura Couto (16) e Emanuel Couto (16).
• **Ténis de Mesa:** Luís Proença (17) e Maria Lopes (16).
• **Tiro:** Ana Ferreira Neto (19) e Carla Ribeiro (18).
• **Tiro com Arco:** Maria Angelina Rebelo (17) e Pedro Correia (16).
• **Tiro com armas de caça:** Luís Ramos Pereira (19) e Manuel Vieira da Silva (17).
• **Vela:** Vítor Vau Rocha (17) e João Duarte (17).
• **Voleibol:** Miguel Moreira Pinto (16) e Ana Teresa Alves (16).

Os melhores destes atletas, segundo classificação elaborada na competição espanhola, darão oportunidade às diferentes federações do nosso país para elaborarem um plano de eventual presença nas Olímpiadas de Barcelona, já então com o concurso das vedetas que vão submeter-se a um critério de mínimos para selecção.

Alder Dante dirige Boavista-Sporting

Poderá ser a derradeira actuação do árbitro de Santarém que, no dia 31, terá de arrumar o apito

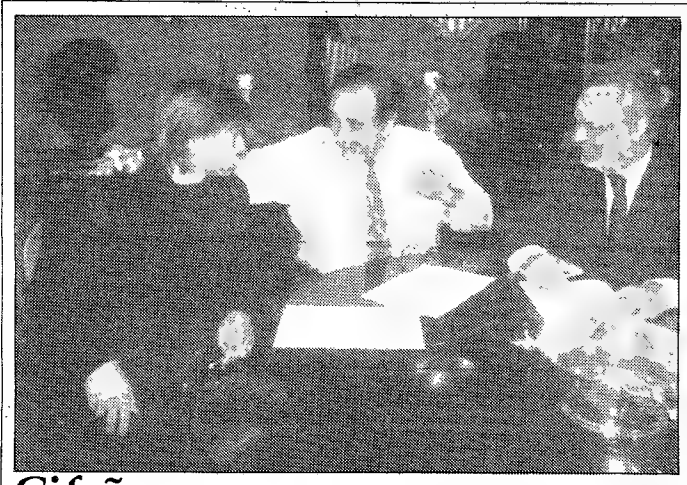
O árbitro internacional Alder Dante que, no próximo dia 31, termina a sua carreira de juiz de futebol, foi o eleito pelo Conselho Federativo liderado pelo dr. Lourenço Pinto, para dirigir o jogo Boavista-Sporting que se realizará hoje no Estádio do Fontelo (em Viseu) e que a RTP transmitirá, directamente (Canal 2), a partir das 21 e 30.

Poderá suceder que este seja o derradeiro encontro dirigido por Alder Dante, após uma carreira que soube dignificar pela isenção, honorabilidade e competência com que pautou o seu comportamento ao serviço do futebol.

Os demais encontros da 13.ª jornada do «nacional» da 1.ª divisão e da 11.ª das divisões secundárias são os seguintes: **I Divisão:** Vitória de Guimarães - Beira Mar, Vitória de Setúbal - Nacional, Belenenses - Penafiel, Estrela da Amadora - FC Porto, Tirsense - Benfica, Feirense - Marítimo e Desportivo de Chaves - Sporting de Braga, às 15 horas.

Segunda divisão: Zona Norte: Joane-Desportivo das Aves (no Campo do Calvário, em Vila Real), Infesta - Gil Vicente, Freamunde - Marco, Rio Ave - Trofense, Maia - Leixões, Vianense - Varzim, Vizela - P. Ferreira, Fafe - Famalicão, ás 15 horas. **Zona Centro:** Guarda - Académico de Viseu, Académica de Coimbra - União de Lamas, Mirense - Oliveira do Bairro, Caldas - Benfica e Castelo Branco, Salgueiros - Oliveirense, Covilhã - Peniche, Sporting de Espinho - União de Leiria, Mangualde - Lousanense, Recreio de Águeda - Marialvas, ás 15 horas. **Zona Sul:** U. Sintrense - Portalegrense, Olivais e Moscavide - Juventude de Évora, Estoril Praia - Torreense (15.30), Silves - Lusitano de Vila Real, Olhanense - Farense, Louletano - Alverca, Lusitano de Évora - Seixal, Samora Correia - Atlético e O Elvas - Barreirense, às 15 horas.

Para a 3.ª divisão, **Série A:** Amares - Grupo Desportivo do Prado, Maria da Fonte - Vieira, Ribeirão - Valpaços, Ponte da Barca - Macedo de Cavaleiros, Lanheses - Vila Pouca, Mirandela - Valdevez, Caminha - Delães, Santa Maria - Esposende e Celoricense - Moreirense, ás 15 horas. **Série B:** Rio Tinto - Sanjoanense, Lixa - Vila Real, Amarante - Santa Marta de Penaguião, Cinfães - Ermesinde, Sandinense - Valadares, Leça - Paivense, Paredes - Lousada, Pedrouços - Lourosa e Régua - Valonguense, às 15 horas. **Série C:** Santacombadense - Argus, Tabuense - Valonguense, Anadia - Oliveira do Hospital, Mealhada - Ovarense, Gouveia - Seia, Valecambrense - Luso, Aba - União de Coimbra, Oliveirinha - Sabugal e Estarreja - Mortágua, ás 15 horas. **Série D:** Castelo de Viseu - Ginásio de Alcobaça, Torres Novas - Naval 1.º de Maio, Mirandense - Sertanense, Marrazes - Bombarralense, Ferrel - Alfeizerense, Marinhense - Fátima, Alcains - Alcanenense, Nazarenos - U. de Tomar e União de Santarém - E. de Portalegre.



Cifrões na mesa: de lá para cá

Madrid: milhões estiveram envolvidos nas conversações entre dois presidentes (Jesus Gyl, do Atlético de Madrid e Valentim Loureiro, do Boavista) por causa da cedência axadrezada de João Pinto aos «colchoneros» da capital espanhola. Os números já ontem foram divulgados pelo «DL»: a foto para a história «encaderna» a milionária girândola que bateu à porta de um menino que o futebol roubou à pobreza

Fim-de-semana desportivo

Hoje

BASQUETEBOL: Correspondente à 9.ª jornada do «Nacional», realiza-se a partir das 21 horas e 30 minutos o encontro Illiabum - Futebol Clube do Porto.

FUTEBOL: No Estádio do Fontelo (Viseu), com transmissão directa pela RTP-2 ocorrerá o encontro Boavista - Sporting referente à 13.ª ronda do «Nacional».

HÓQUEI EM PATINS: Parede - Grundig e Sporting de Tomar - Óquei de Barcelos, são jogos relativos à 7.ª jornada do «Nacional», que se realizam tendo início pelas 21 horas.

Amanhã

BASQUETEBOL: Jogos da 9.ª ronda do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Guifães - Ovarense (18 horas); Esgueira - Ginásio Figueirense (17 e 30); Imortal - Beira Mar (16h); e Barreirense - Sporting (21).

FUTEBOL: Por todo o País, e desde as 15 horas, haverá futebol com a realização dos confrontos que integram os campeonatos nacionais e distritais.

HÓQUEI EM PATINS: Jornada n.º 7 com o seguinte programa: Sporting - Sanjoanense e Valongo - Académica de Coimbra (21 horas); Porto - Oliveirense (a realizar na Anadia a partir das 21h); Benfica - Paço de Arcos; e Quimigal - Turquel (17 e 30).

Particular: Itália, 0 - Argentina, 0

Maradona falou de mais ou levantou uma lebre?

Desde 8 de Julho que a selecção de futebol da Argentina não ganha um jogo: e já teve cinco oportunidades desperdiçadas, a última das quais ontem, em Cagliari (Sardenha), onde não foi além de empate a zero com a Itália, num espectáculo em que Maradona ficou na algibeira de Ciro Ferrara, seu parceiro na formação do Nápoles.

O embate, marcado por bastante rudeza e contínuas interrupções, apenas teve de agradável alguns momentos rubricados por Franco Baresi, Nery Pumpido, Nicola Berti e Olarticoechea. O árbitro soviético Alexei Spirin teve a tarefa muito complicada, apresentando o rectângulo «icterícia» a Ricardo Giusti e Gustavo Dezotti. Estiveram em campo:

• Itália: Walter Zenga (Stefano Tacconi, na 2.ª parte); Giuseppe Bergomi; Paolo Maldini (Luigi de Agostini, 2.ª), Franco Baresi, Ciro Ferrara e Nicola Berti; Roberto Donadoni (Roberto Mancini, 2.ª), Fernando de Napoli, Gianluca Vialli (Luca Fusi, 68) e Giuseppe Giannini; Aldo Serena.
• Argentina: Nery Pumpido; Oscar Ruggeri, Juan Simon, Pedro Monzon e Sérgio Batista; Julio Olarticoechea, Ricardo Giusti, Jose Basualdo (Pedro Troglio, 39) e Jorge Burruchafa; Diego Maradona e Guistavo Dezotti (Claudio Caniggia, 69).

O seleccionador britânico Bobby Robson comentou: **«A Argentina explicou hoje como vai actuar no 'mundial'. A defesa é duríssima, mas a Itália respondeu do mesmo modo.»**

A «bomba» explodiu na boca de Maradona, falando para a Televisão:

— O sorteio do «mundial», transmitido directamente para 500 milhões de apaixonados pelo futebol, foi pré-determinado, com vista a que a Itália integrasse um grupo fácil, enquanto a minha equipa (Argentina) porque é campeã mundial, foi parar ao bloco mais difícil.

No grupo italiano figuram a Áustria, Checoslováquia e EUA, enquanto a Argentina cabe defrontar a URSS, a Roménia e os Camarões.

A réplica às palavras de Maradona veio imediatamente de Guido Tognoni, porta-voz da FIFA:

— Maradona proferiu declarações estúpidas. Foi a maior parvoice que em toda esta década já saiu da boca de um futebolista, mas a FIFA não tomará medidas disciplinares contra o «capitão» argentino, porque é ele prprio que faz de idiota aos olhos de toda a gente. Porém, se os responsáveis pelo futebol italiano entenderem que Maradona terá de ficar sob alçada disciplinar, estudaremos o processo e então talvez a FIFA também encare a hipótese de o penalizar.

Tognoni concluiu:

— Bom seria que Maradona falasse menos e treinasse mais...

LISGRÁFICA — IMPRESSÃO E ARTES GRÁFICAS, S.A.

Sede: Casal de Santa Leopoldina — Queluz de Baixo
Capital Social: 900 000 000$00
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Oeiras sob o n.º 2184

Contribuinte n.º 500166587

OBRIGAÇÕES LISGRÁFICA/87

Pagamento de juros — Cupão n.º 4

Avisam-se os senhores subscritores que a partir do dia 31 de Dezembro de 1989 se encontra a pagamento o cupão n.º 4 aos balcões da União de Bancos Portugueses.

Juro líquido..... 81$25

Lisboa, 21 de Dezembro de 1989

O Conselho de Administração

Benfica: 85 anos de história

A vida do clube da Luz é contada em livro por Carlos Perdigão, António Manuel Morais e José de Oliveira Santos

A categoria de honra mais antiga do Benfica, em plena época de 1904/1905

Está enriquecida a bibliografia desportiva do nosso país, com a publicação do volume «Benfica: 85 anos de história», uma obra da autoria de Carlos Perdigão, António Manuel Morais e José de Oliveira Santos, que foi apresentada à Comunicação Social num convívio que se processou na Cinemateca Nacional.

Assinada por três verdadeiras dedicações ao clube rubro, esta obra teve apresentação pelo dr. João Loureiro que, nomeadamene, afirmou: «*Quando, há mais de dois anos, no âmbito das minhas funções de presidente da Comissão Central do Sport Lisboa e Benfica, desafiei os autores a integrarem um Grupo de Trabalho para a História do Benfica, sabia de antemão que, da sua experiência, amplitude de conhecimentos, competência e dedicação clubística resultaria um trabalho valioso e com o inquestionável mérito que tem esta obra. A dimensão que o nosso glorioso clube tem no espaço, projectando o nome de Portugal por todo o mundo, também a tem no tempo, deixando a sua multifacetada actividade desportiva, social e cultural um rasto ímpar e duradouro de triunfos, sucessos, honra e fama.*

João Loureiro prosseguiu:

António Manuel Morais, Carlos Perdigão e José Oliveira Santos interpretaram e avaliaram com rigor e criterioso método essa dimensão temporal do maior clube português, e acabam de nos legar um indispensável instrumento de promoção da imagem do Benfica, após incansáveis trabalhos e intermináveis tarefas de investigação e síntese a que se vêm dedicando há larguíssimos anos, quer no plano narrativo, quer no plano das estatísticas desportivas.

Salientando que o Benfica acaba de ver preenchida uma lacuna «provocada pela inércia ou desinteresse de quem tinha a obrigação de tomar iniciativas deste tipo ou, pelo menos, apoiá-las e fomentá-las», João Loureiro concluiu: «*esta obra é um notável trabalho ao serviço dos mais profundos interesses do Sport Lisboa e Benfica*».

Poderia apenas dizer-se: nesta síntese, está definido o trabalho do triunvirato de benfiquistas que se abalançaram a um bonito empreendimento. Restará salientar-se que a obra está dividida em diversos capítulos: Breve história do clube, Futebol: 85 anos de sucesso. Da «Taça latina» às taças europeias da UEFA, Eusébio: embaixador de Portugal e cidadão do mundo, Actividades amadoras: figuras e factos, A evolução das instalações desportivas, A cidade desportiva, A massa associativa e a mística benfiquista, Actividade social e cultural, Perfil dos presidentes, Números e nomes do futebol e ainda um registo de datas e personalidades que ficaram para a história.

Na cerimónia em que o livro foi apresentado aos jornalistas, projectaram-se filmes que recordaram momentos da vida benfiquista perante uma plateia onde se notavam personalidades como o dr. Tato Marinho, o comandante Lima Basto, dr/ Miguel Magalhães, Alexandre Alves, Fernando Martins, o dr. Fonseca Dias, Artur Monteiro, Vasco Miguéns, Carlos Carvalho, dr. António Pinto Leite, Guilherme Espírito Santo, dr. Santos Nunes, João Botelho, Perlico Dias, Carlos Andrade, Nené, Shéu e José Henrique. «Benfica: 85 anos de História» é uma edição da JML (Consultadoria e Promoção, Lda.), criada e coordenada pela Casa das Ideias (Criatividade e Comunicação, Lda.) com impressão na FNAC Gráfica. Uma obra que se recomenda a quem está interessado por dilatada fatia do desporto português.

N. de S.

Carlos Lopes: mais uma corrida

O ex-campeoníssimo Carlos Lopes acaba de iniciar mais uma corrida, ao inaugurar um salão de cabeleireiro de parceria com um dos mais admirados artistas na arte de bem pentear. O salão está instalado no Centro Comercial Libersil e na apresentação estiveram, entre outros, os futebolistas Fernando Gomes, Álvaro, Paulinho Cascavel e o já dirigente Shéu. Medalhas de ouro certamente que irão ser atribuídas pelas exigentes clientes. Esse é o nosso voto.

Fotos de **António Capela**

«Leões» não dormem

Sporting: posse dos novos vice-presidentes. Sousa Cintra, Abílio Fernandes, Nunes da Silva e Jesus Oliveira: completo o elenco directivo de Alvalade.

HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

«REVEILLON»

...dois estilos diferentes que combinam consigo...

• Salão Panorâmico «Gala de S. Silvestre» c/o Conjunto IMPULSE

• Salão D. Fernando «Baile Reveillon» c/ Música Seleccionada

Com o nosso «Impulso» entrará melhor no NOVO ANO
Estadias • «REVEILLON» com Jantar de Gala
PREÇO DESDE 15 250$00

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

CHURRASQUEIRA CAMPO GRANDE

BOAS-FESTAS

A GERÊNCIA DA **CHURRASQUEIRA DO CAMPO GRANDE** DESEJA A TODOS OS SEUS CLIENTES E AMIGOS **FELIZ NATAL** E UM **NOVO ANO** CHEIO DE PROSPPERIDADES, E INFORMA QUE O RESTAURANTE ESTÁ ENCERRADO EM 25/12 E 1/1 EM VIRTUDE DE SER DIA DE DESCANSO DO SEU PESSOAL.

TRIBUNAL DE CONTAS
DIRECÇÃO-GERAL
ADMISSÃO DE PESSOAL

Informam-se os interessados de que foi publicado no «Diário da República», II Série, n.º 290 de 19.12.89, um Aviso relativo à oferta de emprego para 16 técnicos superiores de 2.ª classe, em regime de contrato a termo certo, por um ano renovável, nos termos do Decreto-Lei n.º 184/89, de 2 de Junho e demais legislação aplicável.

CONDIÇÕES

— O contrato de trabalho será a termo certo nos termos da legislação invocada.
— Local de trabalho: Avenida da República, 65 — 1000 — LISBOA.
— Licenciatura em Direito.

OFERECE-SE

— Vencimento mensal equivalente ao de técnico superior de 2.ª classe.

As candidaturas deverão ser formalizadas (prazo de 15 dias) de acordo com as normas estabelecidas no aviso acima referido e remetidas por carta registada com aviso de recepção, ou entregues em mão na morada acima indicada.

Direcção-Geral do Tribunal de Contas,
em 19 de Dezembro de 1989
O Director-Geral,
Ernesto Luís Rosa Laurentino da Cunha

DESPORTO

Câmara dá terreno à Federação de Andebol

A nova sede ficará junto à Avenida Gago Coutinho num terreno com 11 mil metros quadrados

Como reconhecimento do trabalho que a Federação Portuguesa de Andebol tem vindo a desenvolver, particularmente reconhecido ao longo deste ano, em que comemora o seu cinquentenário, a Câmara Municipal de Lisboa resolveu, por unanimidade, atribuir-lhe direito de superfície sobre um terreno para ali instalar a sua rede. A zona agora cedida à FPA situa-se junto à Avenida Gago Coutinho e tem uma área de 11 mil metros quadrados.

Bonita prenda camarária a uma Federação que, sob orientação de Luís Santos, parece encaminhar-se para o prestígio só conseguido quando José Gomes Machado (actual presidente da Liga dos Clubes) desempenhou o cargo de condutor do executivo.

Recorde-se que a actividade da Federação Portuguesa de Andebol tem vindo a ser reconhecida e elogiada e, tanto a Câmara Municipal de Lisboa, como o Governo fizeram essa avaliação ao concederem, respectivamente, a Medalha da Cidade de Lisboa e a Medalha de Mérito Desportivo (título que não foi ainda entregue).

Segundo informações recolhidas junto da direcção da FPA, é intenção dos actuais dirigentes construírem um pavilhão polivalente junto à futura sede.

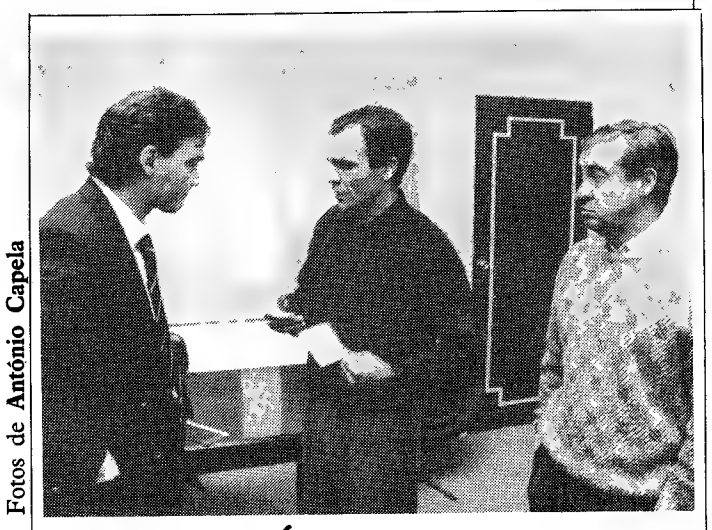
Por seu lado, a selecção nacional de seniores encontra-se na Holanda onde, a partir de hoje e até domingo, toma parte no torneio internacional «Emmen-850». Além de Portugal, participam as formações representativas da Bélgica, Israel, Luxemburgo, Holanda e Lituânia.

O torneio visa a preparação da equipa portuguesa que, entre 30 de Março e 9 de Abril, irá disputar o campeonato mundial (grupo C), na Finlândia. Quanto aos jogadores em digressão, eis a lista: Santa Bárbara, António Figueiredo, Miguel Fernandes, Luís Garrett, Paulo Carneiro, Luís Gomes, Rui Ferreira, António Leite, José Luzia, Jorge Rodrigues, Mário Macedo, Carmo Resende, José Santos, Alberto Cabaço, João Duarte, Luís Galamba e Manuel Pastor.

Calendário dos jogos para **hoje**: Portugal-Bélgica (17 horas locais); Lituânia-Israel (19 e 30); Luxemburgo-Bélgica (21); Holanda-Portugal (21). **Amanhã**: Bélgica-Lituânia (13); Portugal-Luxemburgo (15); Israel-Holanda (15); Lituânia-Luxemburgo (18 e 30); Israel-Portugal (20); Holanda-Bélgica (20 e 30).

Domingo: Bélgica-Israel (10 e 30); Holanda-Luxemburgo (10 e 30); Lituânia-Portugal (11); Israel-Luxemburgo (14); Holanda-Lituânia (16).

Fotos de António Capela



Sporting: Águas e adjuntos estudam planos de ataque

Raul Águas prolonga o período de análise a todo o futebol leonino, apoiado em antigos «internacionais» que integram o Departamento sportinguista mais profissionalizado: Vítor Damas, Fernando Mendes e Carvalho. Para além disso, vai conversando com os «craques» de Alvalade, aferindo das suas ideias e incutindo-lhes aquilo que o jovem técnico considera **um espírito permanentemente ganhador, fruto de muito trabalho e da ambição que sempre deve presidir ao quotidiano do cidadão.** Em Viseu, no jogo desta noite com o Boavista, o «onze» dos verde-brancos será ainda orientado do banco lateral por Vítor Damas: mas a partir daí, Raul Águas assume-se como comandante da formação, **provavelmente treinando com diferentes métodos, dentro do que penso ser o verdadeiro futebol moderno.**

Israel na caminhada do nosso futebolzinho

Juniores lusitanos no torneio de Telavive

As selecções portuguesas de futbeol de Sub-16 e Sub-18, integrando 35 jogadores, vão passar o Natal e o Ano Novo em Israel, participando num torneio internacional que decorrerá de 27 do corrente até 2 de Janeiro. Segundo disse Carlos Queirós (o mais vitorioso dos treinadores lusos), a presença da formação dos Sub-18 destina-se a **rodar a equipa, fazer experiências e observar comportamentos,** tendo em vista **fazê-la crescer em maturidade e coesão** para o «europeu» de 1990, a disputar na Hungria.

Quanto à equipa Sub-16, o seleccionador recorda ser este o primeiro teste e que, em Israel, a turma nacional irá defrontar equipas organizadas. Trata-se dum teste duro, segundo palavras de Carlos Queirós, **pois vamos defrontar selecções habituadas a constantes compromissos internacionais.**

A comitiva portuguesa será chefiada pelo presidente federativo João Rodrigues (um português que brevemente estará no painel dos mais viajados). Os 35 jogadores que, no dia 25 abalarão para Telavive são em **Sub-16** Alexandre, Hernâni, Hugo, Manuel Pereira, Sampaio, Costinha, Eduardo, Gomes, Rui Miguel, Sérgio, Alexandre Ribeiro, Costa, Elísio, Jorge Madureira, Nuno Miguel, Paulo Santos, Poejo e Porfírio. Em **Sub-18:** Brassard, Gil, Miguel Geraldes, Rui Bento, Adalberto, Abel, Álvaro, Bino, Jorge Costa, Luís Miguel, Miguel Bruno, Toni, Figo, João Pinto II, Paulo Pilar, Peixe e Rogério.

VENDO

Um casaco de vison castanho, clássico, comprido.
Um casaco de raposa do Canadá.
Preço em conta.

Tel. 67 87 58

CASA TESTA

RUA DO ARSENAL, 78 – TELEFONE 321892

LOTARIAS
TOTOBOLA

Cumprimenta e deseja a todos os seus clientes e amigos

UM FELIZ NATAL

HOJE — ESTREIA NACIONAL

AV. FONTES PEREIRA MELO, 30
TEL.: 53 85 86 M / 12

ÀS 20.30 HORAS
22.45 HORAS

OCTÁVIO MATOS

TEATRO VILLARET

SIDÓNIO PEREIRA
APRESENTA

MARIEMA

ZÉLIA RODRIGUES
Atracção

CRISTINA OLIVEIRA • FERNANDO FERRAO
ISABEL DAMATTA • AMADEU FERNANDO
UM MODERNO CORPO DE BAILE
AUTORES-TEXTO: MANUEL GÍRIO, MÁRIO RAINHO, CARLOS IVO E ISABEL DAMATTA — MÚSICA: JOÃO HENRIQUE, A. REDES CRUZ E SIDÓNIO PEREIRA — ENCENAÇÃO: OCTÁVIO MATOS — COREOGRAFIA: AMADEU FERNANDO

ACTOR CONVIDADO

EUGÉNIO SALVADOR

SIESI
SINDICATO DAS INDUSTRIAS ELÉCTRICAS DO SUL E ILHAS

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

convocatória

Camarada:

De acordo com o Regulamento da Assembleia de Delegados (art.ºs 3.º, 4.º e 5.º) convoca-se a Assembleia a reunir em sessão plenária no próxima **dia 28/12/89** (quinta-feira) às **14.30 horas,** na sede do Sindicato.

A Asseembleia de Delegados reunir-se-á primeiro em **sessão ordinária,** para cumprimento do art.º 3.º do Regulamento, alínea b) e, **extraordinariamente,** a pedido da Direcção, com a seguinte

Ordem de Trabalhos

1. Apresentação,discussão e votação do Plano Geral de Actividades e Orçamento para 1990, apresentados pela Direcção Central, bem como do Parecer do Conselho Fiscalizador.
2. II Congresso da FSTIEP.
3. Informações sobre a Contratação Colectiva de Trabalho.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1989.

O Presidente da Mesa da Assembleia de Delegados

Manuel Garcia Correia

RESTAURANTES

RESTAURANTE E CERVEJARIA
DUAS AMAZONAS

SALÃO PARA BANQUETES

ESPECIALIDADES:
• ARROZ DE MARISCO • AÇORDA DE LAGOSTA
• FONDUE • BROCHET DE FILÉ MIGNHOM

ESTAMOS ABERTOS DIA DE NATAL

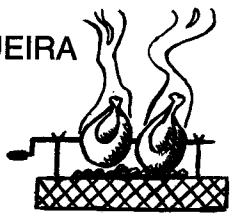
FAZEMOS PASSAGEM DE ANO (ESTAMOS ABERTOS DIA 1)

ENCERRAMOS À 1 DA MANHÃ E AOS SÁBADOS PARA DESCANSO DO PESSOAL

AVENIDA DUQUE D'ÁVILA, 47-A — 1000 LISBOA — TELEFS. 52 18 92 - 52 19 58

CAFÉ CENTRAL

SNACK BAR CHURRASQUEIRA
——DE——
ANTÓNIO J.M. VALENTE
E ANTÓNIO GUERREIRO

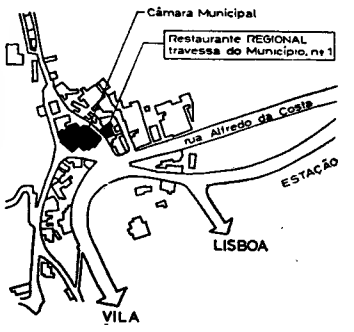


DESEJA A TODOS OS SEUS
CLIENTES E AMIGOS

FESTAS FELIZES

AV. GAGO COUTINHO, 84-B — RIO DE MOURO
TELE. 9260337

Restaurante Regional de Sintra



Almoços
Jantares

Tv. do Município, 1 — 2710 SINTRA

☎ 923 4444

Serviço de CASAMENTOS
BAPTIZADOS
BANQUETES
e
REUNIÕES DE NEGÓCIOS

Desejamos **Boas-Festas** a todos os nossos clientes, fornecedores e amigos

---

O PAVÃO

RESTAURANTE, CERVEJARIA
E MARISCOS

ESTAMOS ABERTOS
DIA DE ANO NOVO

VENHA EXPERIMENTAR AS NOSSAS ESPECIALIDADES

ENCERRAMOS ÀS 2 DA MANHÃ E AO DOMINGO

RUA DONA ESTEFÂNIA, 108-110 — 1000 LISBOA — TEL. 53 14 91

ESCONDIDINHO DO CHILE, LD.ª

CERVEJARIA - VINHOS - COMIDAS

AMPLO SALÃO DE BANQUETES

DESEJA A TODOS OS CLIENTES
E AMIGOS **BOAS-FESTAS**

RUA MORAIS SOARES, 163-A 1900 LISBOA
RESERVAS PELO TELEF. 560313

CASA TRANSMONTANA

ESPECIALIDADES
DE TRÁS-OS-MONTES

• DIARIAMENTE, O PRATO DO DIA É UMA ESPECIALIDADE DIFERENTE

ENCERRADO SÁBADOS E FERIADOS
TODO O DIA E DOMINGOS AO ALMOÇO

CALÇADA DO DUQUE, 39
TEL. 320300 — LISBOA

Deseja Boas-Festas aos clientes e amigos e informa que durante o mês de Janeiro o Restaurante se encontra encerrado.

RESTAURANTE-CERVEJARIA

COM AR CONDICIONADO

O REFÚGIO DOS BEIRÕES

SALÃO DE BANQUETES NO 1.º ANDAR

ESPECIALIDADES NA BRASA — **MARISCO DIVERSO**

ENCERRAMOS ÀS 3.ªs-FEIRAS

ENTRADA E PARQUE DE ESTACIONAMENTO
(RUA NINA MARQUES PEREIRA)

ESTRADA DE BENFICA, 595 — **TELEFONE 70 48 57 — 1500 LISBOA**

DESEJA BOAS-FESTAS A TODOS OS CLIENTES, FORNECEDORES E AMIGOS

Restaurante Típico **O Beco**

Restaurante especializado em
COZINHA REGIONAL PORTUGUESA

DE UTILIDADE
TURÍSTICA

• SERVIÇO DE LANCHES, CASAMENTOS, BAPTIZADOS E CONFRATERNIZAÇÕES

• OUTROS PRATOS TRADICIONAIS SERVIDOS EM AMBIENTE TÍPICO

...e já temos ar condicionado

BOAS-FESTAS

...e já
temos
ar condicionado

Rua da Misericórdia, 24 Tel. 2 46 17 2900 SETÚBAL

Roteia do Seara

CERVEJARIA
RESTAURANTE
SNACK-BAR

ESPECIALIDADES DA CASA:
- ***Feijoada à Brasileira***
- ***Arroz de Marisco***
- ***Espetadas***
- ***Coelho c/feijão e couve estufada***
- ***Cabrito no forno à antiga***
- ***Arroz de tamboril à chefe***
- ***Choco abafado***
- ***Peixes frescos no carvão***

Rua Artilharia Um, 15 — Lisboa • Telefone 68 36 57

The Yellow CAB

THE YELLOW
CAB CO.

ENCONTRE-SE COM
N.Y.
NAS AMOREIRAS
T. 693125 CO.

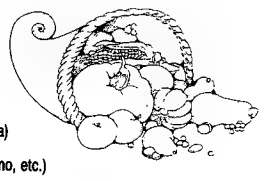
C. COMERCIAL DAS AMOREIRAS - LOJA 3023

---

espiral

BOAS-FESTAS

CENTRO PARA A DIVULGAÇÃO DE ALTERNATIVAS



* Restaurante
Pratos: vegetarianos, macrobióticos, chinês, peixe, doces e salgados, bebidas e sumos
* Salão de chá
* Música ao vivo (todos os sábados)
* Artesanato
* Galeria (exposições de pintura, fotografia)
* Produtos dietéticos
* Livraria (ecologia, esoterismo, orientalismo, etc.)
* Conferências (todas as terças às 21h)
* Cursos astrologia, tarot, meditação, cozinha vegetarianas, macrobiótica e pintura
* Consultas (medicina, acupunctura, dietética, shiatsu, astrologia, tarot)

Aberto todos os dias das 12 às 22h, incluindo fins-de-semana e feriados.
Praça Ilha do Faial, 14-A (à Estefânia) — Lisboa — Telef. 573585

---

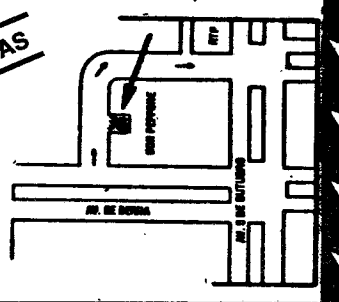
don Peppone

PIZZARIA

2.ª a 6.ª – Das 8.30 às 20.30
Sábados – Das 10.00 às 15.00

★ não tem tempo para cozinhar
★ quer um jantar diferente
★ tem visitas de última hora
★ vai dar uma festa
★ PIZZAS PRONTAS PARA LEVAR
★ PÃO QUENTE A TODA A HORA

BOAS FESTAS



R. Laura Alves, 19-C – 1000 LISBOA (Junto Av. Berna)
Encomendas pelo telefone 73 13 25

AGENDA

HOJE
CONTINENTE

Hoje: Regiões do Norte e Centro: Períodos de céu muito nublado. Vento sudoeste moderado a forte rondando para noroeste durante a manhã e enfraquecendo. Aguaceiros que poderão ser de neve na serra da Estrela e diminuindo de frequência para o fim do dia. Pequena descida de temperatura.
Estado do mar: Mar cavado a grosso. Ondulação noroeste 3 a 4 metros.
Regiões do Sul: Céu muito nublado tornando-se pouco nublado a partir da manhã. Vento oeste moderado rondando para noroeste. Pequena descida de temperatura. Estado do mar: costa ocidental: Mar cavado a grosso. Ondulação noroeste 3 a 4 metros. Costa Sul: Mar cavaco. Ondulação sudoeste 2 a 3 metros.

AÇORES

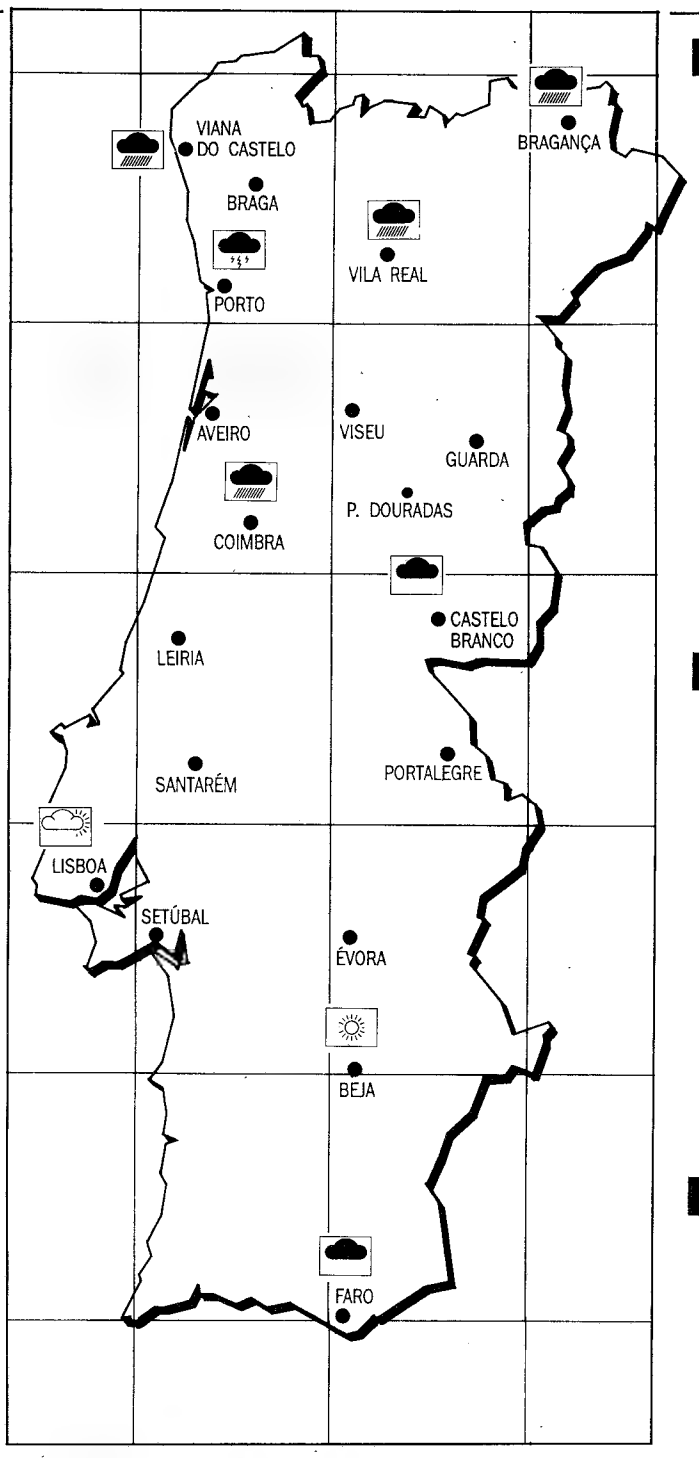
Períodos de céu muito nublado. Vento noroeste moderado, rondando para sudoeste, a partir da tarde e aumentando de intensidade. Aguaceiros fracos, durante a manhã e períodos de chuva para o fim da tarde. Grupo central e oriental: Céu geralmente muito nublado; vento do quadrante oeste moderado, soprando por vezes forte, durante a manhã. Aguaceiros.

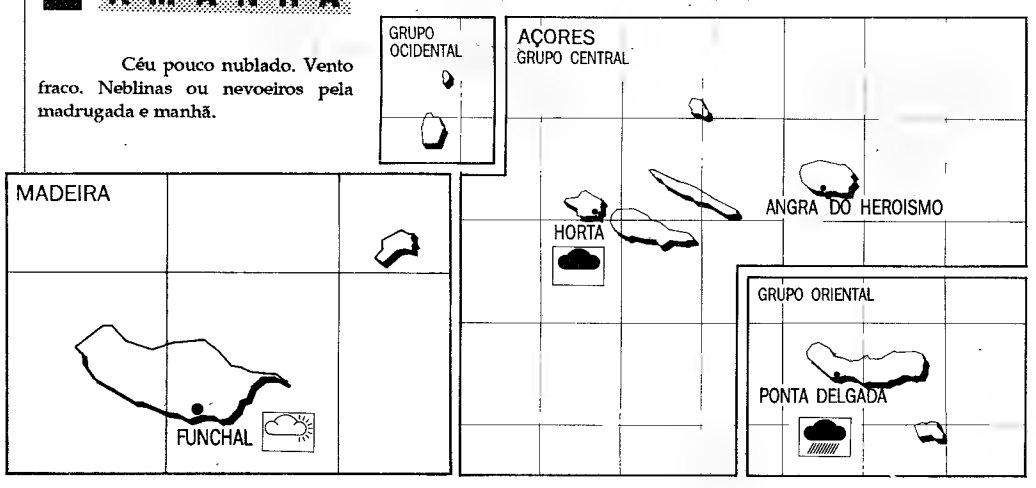
MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco ou moderado de noroeste. Estado do mar: Costa Norte : Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste 3 a 4 metros. Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação sudoeste 1 a 2 metros. Funchal: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.
Amanhã: Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco

AMANHÃ

Céu pouco nublado. Vento fraco. Neblinas ou nevoeiros pela madrugada e manhã.





- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PRAIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.44	3,4m	03.03	2,0m
22.23	3,3m	15.53	1,9m

Amanhã

PRAIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.50	3,4m	04.13	2,0m
23.26	3,3m	16.51	1,9m

PORTUGAL

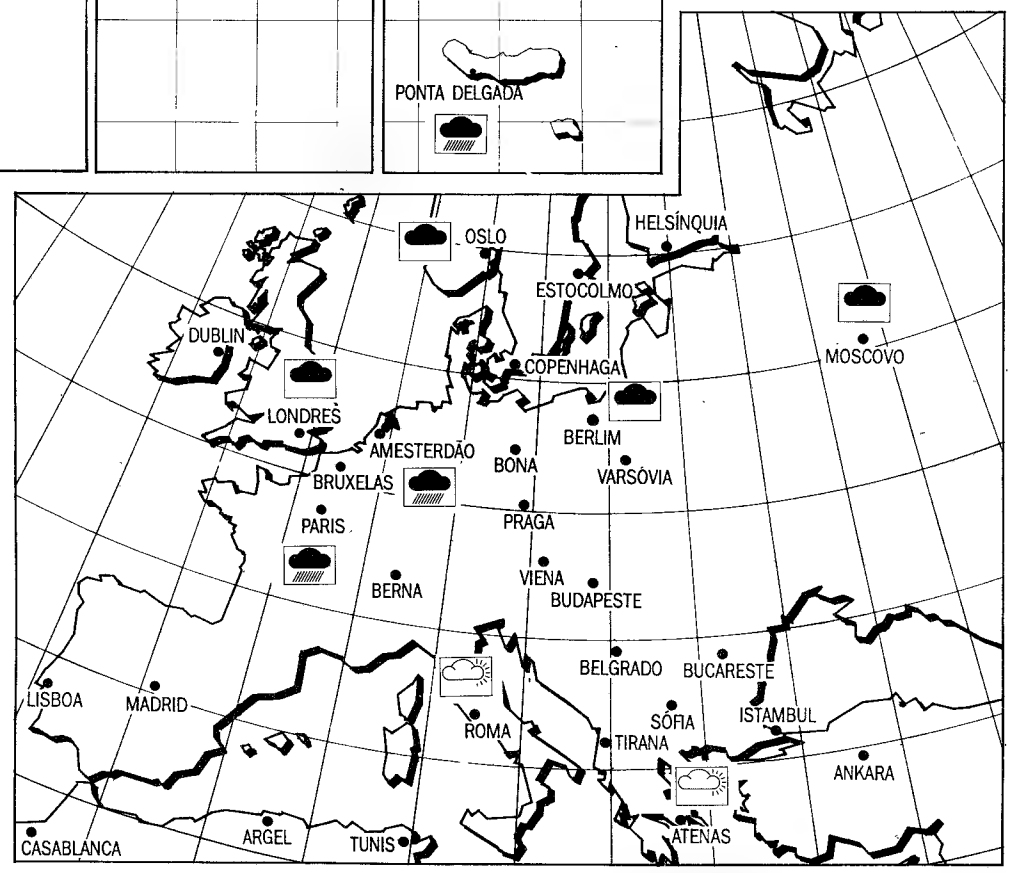
	Min.	T. 6h	Às 18 h.
Bragança	7	7	Chuva
V. Castelo	12	14	Aguaceiros
Vila Real	7	7	Chuva
Porto	10	12	Trovoada
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	10	10	Ag. fortes
C. Carvoeiro	-	-	-
C. Branco	7	7	Encoberto
Portalegre	8	8	Nevoeiro
Lisboa	12	12	P. nub.
Évora	9	9	P. nub.
Beja	10	10	Limpo
Faro	15	15	P. nub.
Sagres	15	15	P. nub.
P. Delgada	14	16	Aguaceiros
Horta	11	17	M. nub.
Funchal	14	16	P. nub.
Sines	-	-	-

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	-	-	-
Londres	9	9	Encoberto
Paris	11	11	Chuva
Bruxelas	10	10	Chuva
Amesterdão	9	9	Neblina
Genebra	4	5	M. nub.
Roma	8	8	Neblina
Oslo	-4	-4	M. nub.
Copenhaga	7	8	M. nub.
Estocolmo	0	0	M. nub.
Berlim	10	10	M. nub.
Viena	4	6	Neblina
Varsóvia	9	9	M. nub.
Atenas	10	11	Neblina
Moscovo	-8	-4	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-32	-18	Limpo
Houston	-6	-4	Neve
Los Angeles	7	20	P. nub.
Montreal	-25	-18	Limpo
Nova Iorque	-20	-10	Limpo
S. Francisco	5	12	P. nub.
Toronto	-18	-12	Limpo
Vancover	5	10	Aguaceiros
Washington	-20	-8	Limpo
Hong Kong	15	22	Chuva
Melbourne	9	21	Limpo
Pequim	-5	2	Limpo
Perth	20	33	Limpo
Singapura	24	31	Aguaceiros
Sydney	18	25	Limpo
Tóquio	5	12	Aguaceiros
Wellington	12	16	Aguaceiros



HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

ACORDO (URSS-EUA) EM HELSÍNQUIA

MORREU JOSÉ RÉGIO

«ÁLBUM DE LISBOA» E OS CONCORRENTES DA PROVÍNCIA

O ÊXITO

«O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS»

NATAL BRANCO—Frio intenso em toda a Europa

Acordo (URSS-EUA) em Helsínquia

Os Estados Unidos e a União Soviética conseguiram hoje chegar a acordo sobre o local para a realização da conferência sobre limitação de armas estratégicas, anunciaram, em Helsínquia, círculos da conferência preliminar. Assim, as conversações preliminares que não avançavam por causa do local devem acabar certamente esta tarde com uma cerimónia final e com a publicação de um comunicado.

Natal branco pela Europa

Três dias antes das festas da Natividade, os europeus estão prestes a ter o «Natal branco» da tradição. Neve, gelo e chuva desabaram sobre as planícies e as montanhas - e por quase toda a parte um frio particularmente intenso faz sentir os seus efeitos. Um exemplo: o Vístula gelou. Entre nós, a meteorologia não prevê melhoria da situação.

Coligação italiana contra a repressão

Reunidos, no domingo, em Roma, os representantes de vários grupos da extrema-esquerda, marxistas-leninistas-maoistas-castristas, bem como os escritores Alberto Moravia, Pier-Paolo Pasolini e Dacia Mariani, decidiram criar uma «comissão unitária das forças revolucionárias contra a repressão».

EFEMÉRIDES

1861
D. Luís é aclamado rei de Portugal

1968
82 elementos do navio dos EUA «Pueblo», acusados de espionagem, são libertados 11 meses após terem sido presos em águas territoriais norte-coreanas

1969
Morre, em Portalegre, o escritor José Régio

1983
Toma posse, em Lisboa, a Alta Autoridade Contra a Corrupção, representada pelo tenente-coronel Costa Brás e criada por decreto-lei.

1986
Eleva-se a seis o número de vítimas mortais na sequência de incidentes registados no antigo enclave português de Goa, na Índia, devido a questões de idiomas

1988
O filme «Os Canibais», de Manoel de Oliveira, é galardoado com Prémio «L'Age D'Or» 1988 da Cinemateca Real de Bruxelas

- É assassinado o ecologista e sindicalista brasileiro Chico Mendes, que se tornou popular pela criação de um movimento de resistência pacífica à desvastação da selva amazónica

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTE

Apeadeiro do Areeiro: Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 890331; **Campo de Ourique:** Castro Fonseca, Rua 4 Infantaria, 28-A, Tel. 688857; **Campo Pequeno - Av. Roma:** Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; **Carnide:** Guimarães Morais, Rua Neves Costa, 33-35, Tel. 7140081; Encosta Restelo - Moinhos: Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A, Tel. 611814; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Igreja de Arroios - Chile:** Oriental de Lisboa, Rua Alves Torgo, 2-B, Tel. 545079; **Pampulha - Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; **São Sebastião:** Sá Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42, Tel. 554672; **Sapadores:** Branquinho, Rua dos Sapadores, 87-89, Tel. 814275; **Sé:** Santa Luzia, Rua Saudade, 2-B, Tel. 869831; **Tivoli - Restauradores:** Galénica, Rua das Pretas, 12-14, Tel. 322588; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A loja e (urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R 8.

REFORÇO

Alto Pina: Eusil, Rua Barão Sabrosa, 104, Tel. 8141912; **Alto Santo Amaro - Rio Seco:** Dilena, Rua Aliança Operária, 49 A-B, Tel. 3636620; **Alvalade:** Roma, Av. Roma, 85-B, Tel. 772466; **Bairro Alto:** Labor, Rua Diário Notícias, 73-83, Tel. 323428; **Benfica - Igreja - Cemitério:** Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, Tel. 703393; **Campolide:** Imparcial, Rua General Taborda, 28-30, Tel. 680931; **Chelas:** Banha, Estrada Chelas, 173-175, Tel. 382241; **Estefânia:** Universal, Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 544158; **Marquês Pombal:** Ribeiro & Castro, Rua Braancamp, 52-C, Tel. 543409; **Martim Moniz:** Tavares, Rua da Palma, 194, Tel. 863350; **Olivais Sul:** Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36 B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

OUTRA BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31. IJ. Moinho, Tel. 2950727, 19 h.; **Costa da Caparica:** Carlos, Av. do Mar, 34-A, Tel. 2901060. 19 h.; **Laranjeiro:** Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A Tel. 2290305. 22h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21, Tel. 2233028. 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. 19 h; **Barreiro:** Piçarra, Av. do Bocage, 65-A, Tel. 2074771. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Estrada Nacional, 178-B, Tel. 2040302. 19 h; Corroios: Bento Lino, **Corroios.** 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; **Seixal,** Alves Velho, L. Camões, 27, Torre da Marinha, Tel. 2211132. 22 h; **Montijo:** Diogo Marques, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035. 22 h; **Moita:** Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24. Tel. 2392294. 19 h; **Alhos Vedros:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. 19 h; **Alcochete:** Gameiro, L. António Santos Jorge, 15, Tel. 2340100. 19 h; **Setúbal:** Mira, P. Jorge Afonso, Tel. 20427. Permanente; Oliveira, R. Misericórdia, 10, Tel. 22488. Permanente; Portugal, R. Camilo Castelo Branco, 134, Tel. 23211. 22 h.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 horas; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 horas; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 horas; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Domg. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B-Lj./2, Tel. 2470361. Até às 22 h.; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 horas; **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Presidente Dr. Augusto Castro, lote 10, Tel. 4430691. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 horas; **Birre:** Imani, Lote 7-B-Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h.; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h.; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41. Tel. 280141. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 4938149. Permanente; Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - **Reboleira,** Tel. 4953424. Até às 22 h.; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A, Tel. 4365849. Permanente; **Queluz de Baixo:** Ambergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Camarate:** Flores, Av. Forças Armadas. V. Mor. Cajujal, Tel. 2510850. Até às 19 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Permanente; **Marcês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 horas; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A Oendoa. Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

OUTRAS LOCALIDADES

Moscavide: Império, R. 1.º de Maio, 48-A, Tel. 2513234. Permanente; **Sacavém:** Maria, R. Salvador Allende, lote 2, Tel. 2514369. Permanente; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média (Emissores do Litoral) e 99.4 em FM (Zona de Lisboa)

10.00/12.00: Os tons da manhã - RDP-Norte; **14.00/1500:** O linho e a seda; **15.00/1700:** Contraste; **17.00/17.15:** Antena 1 - Regiões . (2.ª edição) - Informação; **17.15/19.00:** Porto d'abrigo - RDP-Norte;

Onda Média e FM Estéreo

14.00/17.00: Gerações por minuto; **17.00/19.00:** Sete mares; **19.00/20.00:** Informação e música; **20.00/20.30:** A Europa dos doze; **20.30/21.00:** Musical; **21.00/21.30:** Passos perdidos - Actualidade parlamentar (informação); **21.30/24.00:** Livre e directo (desporto). Noticiários intercalares de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional (FM 2-Estéreo)

17.00: Dicionário sonoro do teatro; **17.30:** Música coral; **18.15:** Ângulos e reflexos; **19.00:** Integrais - a música de câmara de Bela Bartok; **19.41:** Álbum musical - obras de Mozart, Weber, Mahler e Beethoven; **20.40:** Esta madrugada no dois; **21.00:** Canto primeiro; **21.25:** Edgar Varese, 22 de Dezembro de 1885; **22.00:** Música antiga- obras de Purcell, Bach, Narvaez, Corelli e Tallis; **23.00:** Eurorádio - o festival de Bayreuth, 1989. Gravações cedidas pela Radiodifusão da Baviera. - 1.º e 2.º actos da ópera em três actos «A Valquiria», de Wagner. - Sonatas de Scarlatti; **02.00:** Até às 08.00 horas música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

17.00: Contacto; **19.00:** Peça que a gente passa; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de Desporto; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** Fantástico; **06.00:** Diário rural. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Ao fim e ao cabo; **20.00:** Topo de Gama; **22.00:** Pessoal e transmissível; **00.00:** À volta da 1/2 noite; **02.00:** Fantástico; **06.00:** Diário rural. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

PROGRAMA 2

RFM

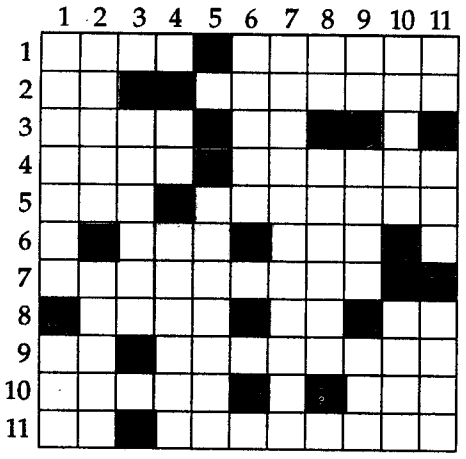
Canal 1-Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da música; **16.00:** Banda da amizade; **18.00:** Bola branca; **18.30:** Transmissão do terço; **19.00:** A viagem continua; **20.00:** Boa nova; **20.30:** Conversa de amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiários todas as horas.

RFM - canal-2 -Rede Nacional de FM-Estéreo

16.00: Fórmula três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de estrelas; **22.00:** Oceano pacífico. Noticiários todas as horas.

PALAVRAS CRUZADAS



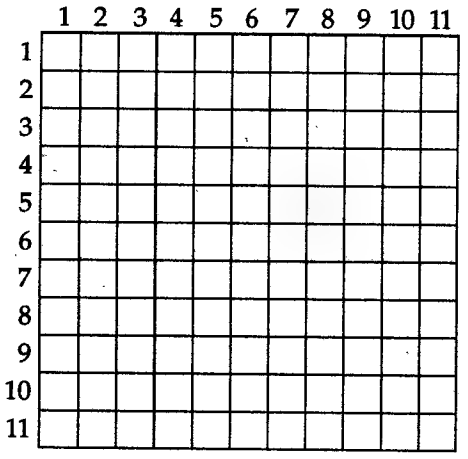
PROBLEMA N.º 17822

HORIZONTAIS:
1 Numeral cardinal. Antiga cidade da Fócida.
2 Abreviatura que se usa em música. Pontiagudos.
3 Fechas as asas para descer mais depressa. Brisa.
4 Remedeie. Contracção da preposição em com o pronome ou adjectivo demonstrativo estas.
5 Anel. Sólio.
6 Concelho do distrito de Cabo Delgado. Fundador de Ílion.
7 Serenadas.
8 Tempo do verbo ir. Preposição latina que designa movimento. Cobalto (s.q.).
9 Laço. Brotaras.
10 Arenoso. Aqui está.
11 Preposição e artigo (inv.). Cárcere subterrâneo.

VERTICAIS

1 Freguesia do concelho de Vila Verde. Recusa.
2 Preparar com ópio. Cidade de Portugal.
3 Madeira de lei (Bras.).
4 Pronome reflexo. Osculam.
5 Móvel de sala sobre o qual se colocam objectos de adorno.
6 Rio do estado de São Paulo.
7 Deram crédito a.
8 Cidade da China. Carimbada.
9 Quinhentos e cinquenta em romano (inv.). Irmãos do pai. Raer.
10 Cobrir de iodo. Tombar.
11 Abreviatura de Santíssimo. Sadias. Serra de Portugal.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16632

HORIZONTAIS:

1 Supremo. Pêlos de certos animais. Batráquio.
2 Agora. Versejarem.
3 Aqui. Centiare. Terra lavrada.
4 Nome de mulher. Cure. Espere resposta.
5 Cidade de Itália. Ruim. Miriare.
6 Agora. Mil e cem em romano.
7 Planta gramínea de cujo grão se obtém uma farinha para o fabrico do pão. Vela de moinho.
8 Rénio (s.q.). Autores. Acreditar.
9 Lavras. Matemática. Prefixo de negação.
10 Oceano. Consertou.
11 Preposição e artigo. Unira pelo casamento.

VERTICAIS:

1 Esmurrara. Ramada.
2 Nome de planeta. Possuirá.
3 Cânhamo de Manila. Paixão. Arara.
4 Cantigas.
5 Chefe etíope. Nome de letra.
6 Vi. Antes do meio-dia. Mecânica.
7 Desejaram. Aparência. (fig.).
8 Cure. Missivas.
9 Rádio (s.q.). Catedral. Batráquio.
10 Governo (fig.). Dignitário de ordem militar.
11 Gostar muito de. Bário (s.q.). Mula.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17821

HORIZONTAIS: 1 Nana. Sora. A. 2 Eras. Anuais. 3 Caos. Tarro. 4 ER. Te. 5 Temente. 6 Sara. Coce. 7 Iva. Cal. 8 DI. Pala. Vir. 9 Assemelhara. 10 D6. Apl. Arad. 11 Ora.

VERTICAIS: 1 NECESSIDADE. 2 Arar. Aviso. 3 NÃO. Una. 4 Asso. Pear. 5 Tampa. 6 Sa. TEM. LEI. 7 Ontem. Cal. 8 Rua. Eca. Hás. 9 Aar. Noivara. 10 Irite. Irar. 11 Aso. Estrada.

PROVÉRBIO: A NECESSIDADE NÃO TEM LEI.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16631

HORIZONTAIS: 1 Picas. Sétia. 2 Adora. Avara. 3 Agar. 4 Olaia. Oba. 5 Nio. Sou. 6 Atuaram. 7 Presos. Sara. 8 Ea. Isolar. 9 Aa. Cansada. 10 Ramosos. Par. 11 Alas. Rosa.

VERTICAIS: 1 Pá. Apeara. 2 Idolatra. Al. 3 Co. Uéi. Ama. 4 Ardinas. Aos. 5 Sá. Airó. 6 Oásicos. 7 Saga. Sás. 8 Eva. Som. 9 Raros. Alapo. 10 Ir. Borradas. 11 Aarau. Arara.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
PERIGOSA SEDUÇÃO
Filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin
Maiores de 16 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Filme de Robert Zemeckis com Michael J.Fox e Christopher Lloyd.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
Avenida Almirante Gago Coutinho. Telefone 806496
OS CAÇA FANTASMAS PARTE II
Filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyd.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
Avenida Almirante Gago Coutinho. Telefone 806496
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOSII
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
Avenida Almirante Gago Coutinho. telefone 806496
ABISMO
Filme de qualidade de James Cameron
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Um filme de Robert Zemeckis.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.45, 1545, 1745, 19.45, 21.45

AMOREIRAS 2
Shpoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de vYS.
Maiores de 6 anos. Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
PERIGOSA SEDUÇÃO
Um filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
O MEU AMIGO MAC
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 E 24 HORAS.

AMOREIRAS 5
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS CAÇA FANTASMAS II
Um filme de Ivan Reitman.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Um filme de Steven Soderbergh com James Spader e Andie MacDowell.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS MARADOS À SOLTA
Maiores de 6 anos.
Um filme de Howard Zieff
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 8
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
A SENHORA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 10.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 10
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Um filme de Tan Haisen - Desenhos animados.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15, 18, 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
FORÇA DE VINGANÇA
Filme de Sam Firstenberg c/ Michael Dudikoff e Steve James
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
FÚRIA SEXUAL
Hard-core-1ª escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
FÉRIAS ESCALDANTES NA GRÉCIA
Com Telly Stalone e Rosy Esternizen
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE CAMÕES

Em exibição na Sala 4 do Quarteto **M/12**
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Pub.

R. do Loreto, 15
Telef. 324194
MISSÃO COBRA
Filme de Larry Ludman com Oliver Tobias e Christopher Conuell
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
BATMAN
Filme de qualidade de Jack Nicholson com Jack Nicholson e Kim Basinger.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O MICROHEROI
Sessão às 24.00 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434773
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Com Harrison Ford e Sean Connery
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
Telef. 9434773
BATMAN
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Maires de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
O ABISMO
Filme de qualidade de James Cameron.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

EDEN
Praça dos Restauradores, 21
Telef. 320768
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyid.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
O APELO DO AMOR
Com Brian Keith e Alexandra Paul
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
CEGOS, SURDOS E LOUCOS
Filme de Arthur Hiller com Richard Prior e Jim Wilder. 9ªsemana
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
Estrada de Benfica 503
Tel.7145088
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
Estrada de Benfica, 503
Telef. 7145088
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia. Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.45.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA
Filme de qualidade de João César Monteiro.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
BATMAN
Filme de Tim Burton com MichaelKeanton e Jack Nicholson.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com Bill Marray e Dan Aykroid.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 19 e 21.30

KING TRIPLEX 2
Rua Bulão Pato, 1-C
Telef. 8480808
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos.
Às 14.30 e 17.30 horas.
CEGOS SURDOS E MUDOS
Maiores de 12 anos.
Às 19.30 e 21.45 horas

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 631162
O ABISMO
(não obtivemos alteração de programação)
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telef. 631162
OS CAÇA FANTASMAS II
(não obtivemos alteração de programação)
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
REGRESSO AO TUFURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
OLIVER E SEUS COMPANHEIROS
De Charles Dikens
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
LAS VEGAS...ZONA DE PERIGO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
LUXURIAS AMERICANAS
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Telef. 806847
ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 18.45 e 21.45

PLAZA 2
Telef. 806847
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.45 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
VOZES DISTANTES, VIDAS SUSPEITAS
De Terence Davis
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22 e 24 horas.

QUARTETO 2
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378

CARTAZ

SEXO, MENTIRAS E VÍDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

QUARTETO 3
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
OLIVER E SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16, 17.30 e 19 horas.
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Às 21.45 e 24 horas.

QUARTETO 4
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
Avenida da Liberdade 175
Tel.57914
OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
QUEM TRAMOU ROGER RABIT?
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 368446
HONRA E VINGANÇA
Maiores de 18 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas.
LUCRÉCIA BÓRGIA
Às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA - BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

AMADORA - LIDO
A LOUCURA DO SURY
Maiores de 6anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ALGUEIRÃO - CINE TEATRO CHABY
(Encerrado para férias)

CACÉM - ESTÚDIO FLORES
Shopping Cacém
Telef. 9247570/45
LADRÕES E CAVALHEIROS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas

MEM MARTINS - ESTÚDIO 2 EME
Encerrado para descanso do pessoal.

CASCAIS

ALGÉS - CINEMA 2000
(Encerrado)

OEIRAS - ALTO DA BARRA 1
Telef. 2439759
O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

OEIRAS - ALTO DA BARRA 2
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 2
Telef. 2465653
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS - ATLÂNTIDA CINE
FORÇA DE VINGANÇA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ESTORIL - CASINO ESTORIL
(Encerrado)

CASCAIS - MIRAMAR 1
Telef. 2841744
O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR 2
SEXO, MENTIRAS E VÍDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.45 horas.

ALMADA

ALMADA - ACADEMIA
Telef. 2752127
CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ALMADA - INCRÍVEL ALMADENSE
QUEM TRAMOU ROGER RABIT?
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ALMADA - CINESTÚDIO
ASSASSINATO À CHUVA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.15 e 21.30 horas.

COVA DA PIEDADE
Clube Desportivo Piedense
CAÇADA AO AMANHECER
Maiores de 12 anos

COSTA DE CAPARICA - CINE PESCADOR
OS MEUS PROBLEMAS COM OS HOMENS
Maiores de 16 anos.
Sessões às 21.30 horas.

TEATRO

LISBOA

ALGÉS - 1º ACTO DE TEATRO
R. Eduardo Pedroso - Telef. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30; Sáb. e Domingo às 17.00 horas.
TROCAM-SE MULHERES, MÁXIMO SIGILO
de Camilo Castelo Branco.
Enc.: Guilherme Filipe.
Interp.: Jorge Alonso, Carlos Borges, Custódia Gallego, Paula
Sá Nogueira, Teresa Faria, Miguel Meneses e Guilherme Filipe.

MAIZUM
R. Poiais de São Bento, 75-B - Telef. 607299
Encerrado até dia 12 de Janeiro.

TEATRO INFANTIL DE LISBOA - TIL
R. Leão de Oliveira, 1 - Telef. 3639974
SABOR DOS SONHOS
Encenação: Carlos Correia. Música: maestro António Redes Cruz. Coreografia: Lúcia Maria. Cenários e figurinos: José Barbieri.

ALMADA - TEATRO MUNICIPAL
R. Conde Ferreira - Telef. 2752175
Às 4ª e 5ª às 17.30 horas.
MARCO MILHÃO de Eugene O'Neill. Pela Companhia de Teatro de Almada. Encenação: Joaquim Benite.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais
Raul Cascais, 1-A - Telef. 661515
De 3ª e Sábado às 21.30; Domingo às 16.00 horas.
CÉU DE PAPEL, textos de Pirandello e Beckett, pelo Teatro da Cornucópia. Enc.: Luís Miguel Cintra. Cen./Fig.: Crisitina Reis.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45; Domingos e feriados às 16.00 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas, Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César. Encenação: Camilo de Oliveira.

TEATRO DO CASINO DO ESTORIL
Telef. 2684521
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação: Filipe La Féria. Intérpretes: António Cruz, Rita Ribeiro, Afonso Guerreiro, Helena Valis, Paula Valério, Eunice Muñoz, Miguel Tavares e Miguel Melo.

COMUNA - CAFÉ TEATRO
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 3ª a Sábado às 22.00 horas; Domingos às 18.00 horas.
FALE BAIXO SENÃO EU GRITO
De Leilah Assunção. Adaptação: Margarida Carpiteiro. Intérpretes: André Maia e Zita Duarte.

COMUNA - SALA 2
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a 5ª às 11.00 e 15.30 horas; 6ª e Sábado às 15.30 e 21.30 horas.
Teatro Bando apresenta
A PREGAÇÃO.
Encenação: João Brites. Intérpretes: Horácio Manuel, Pompeu José, António Carvalho, Bibi Gomes e Elizabeth Piecho.

COMUNA - SALA NOVA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Domingos às 17.00 horas.
PÉCORA de Natália Correia. Enc. João Mota. Música de José Mário Branco. Interp. Carlos Paulo, Manuela de Freitas, Cucha Carvalheiro, Almeno Gonçalves, entre outros. Desc. às 4ªs feiras.

INST. FRANCO-PORTUGAIS
Av. Luís Bívar, 91 - Telef. 544389
De 3ª a Sábado às 21.30 horas; Domingos às 16.30 horas.
OS PAIS TERRÍVEIS de Jean Cocteau. Encenação: Fernanda Lapa. Cenários: Nuno Carinhas. produção: Pró Tea.

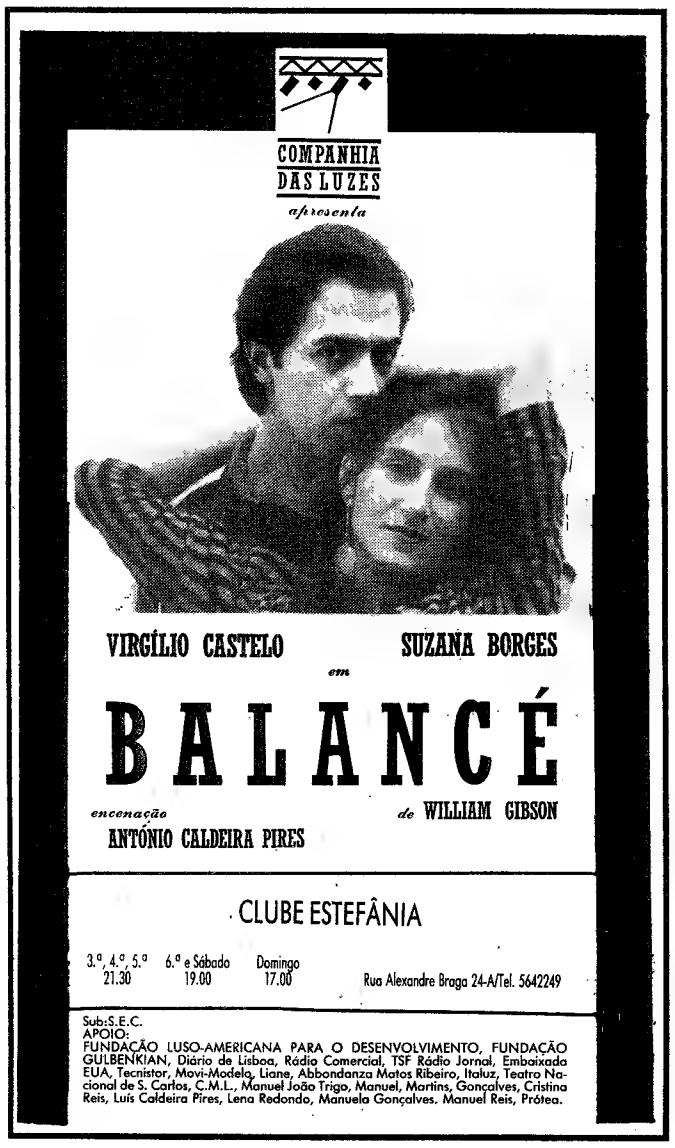
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Av. Fausto Figueiredo, Monte Estoril - Telf. 2670320.
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingo às 16.00 horas.
A MORTE DE DANTON de George Buchner. Tradução: Maria Adélia Silva Melo. Cenários; João Quintão. Figurinos: Emília Lima. Apoio vocal: Maria Cristina de Castro. Encenação: Carlos Avilez.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telef. 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas; Domingo às 16.00 horas.
HAPPY END de Dorothy Lane/ Bertolt Brecht. Música de Kurt Weill. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Direcção musical de Eduardo Paes Mamede. Coreografia de Francisco Camacho. Fig.: José Costa Reis. Enc.: João Lourenço. Pelo Grupo Novo.

TEATRO DA POLITÉCNICA
Rua da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingo às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA de António Patrício. Enc.: Mário Feliciano. Cen.: Manuel Graça Dias e Egas José Vieira. Mús.: António Victorino de Almeida.

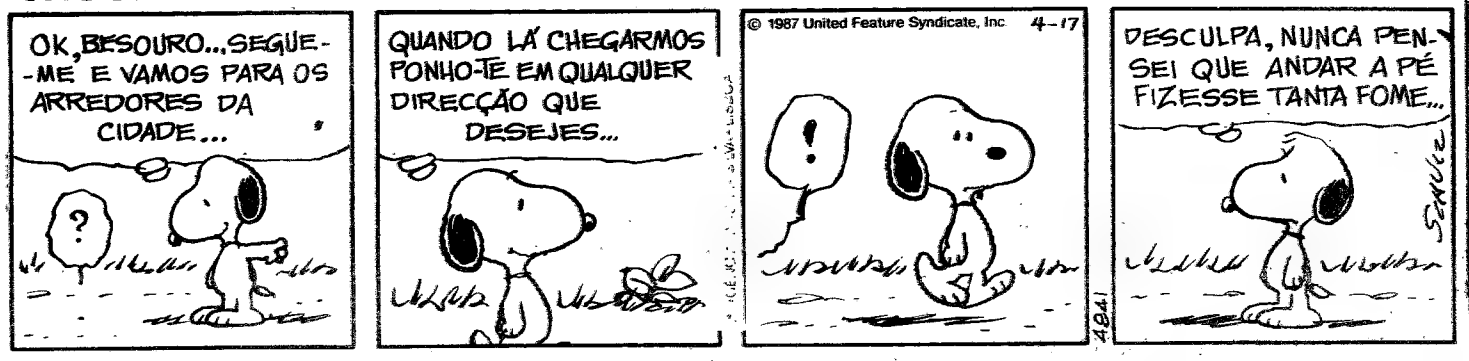
TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª à 5ª às 21.30, 6ª e sáb. às 20.30 e 22.45, Domingos e feriados às 16 e 21.30 horas.
ORA BATE...BATMAN'SO

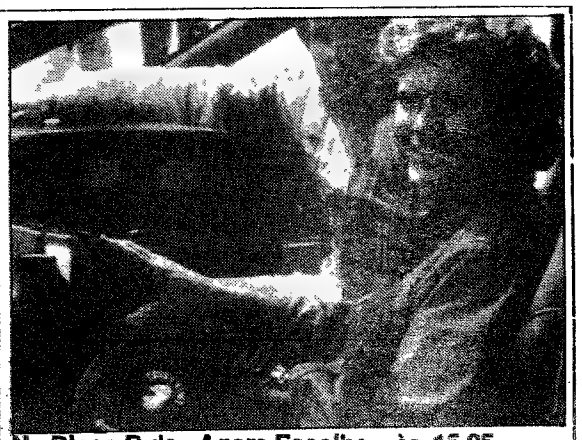
CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - Telef. 542249
De 3ª a 5ª às 21.30; 6ª e Sábados às 19.00; Domingo às 17.00 horas.
BALANCÉ de William Gibson. Encenação: António Caldeira Pires. Intérpretes. Virgílio Castelo e Suzana Borges.



CARTAZ

SNOOPY POR SCHULZ





No Bloco B de «Agora Escolha», às 15,25 no 2º canal, O Justiceiro

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Persil, A Idade da razão, Um Olhar sobre o Mundo, Contador de Histórias
18.20 - RUA SÉSAMO
18.50 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
Um concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.08 - O TEMPO
20.11 - DIREITO DE ANTENA
20.16- DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
Inclui sorteio
20.26 - BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
20.35 - VALE TUDO
21.30 - CONCERTO DE NATAL
Gravado na Igreja da Bem-Posta, a este concerto assistem várias individualidades que nos transmitirão as suas mensagens pessoais de Natal. Está prevista a presença de Maria Barroso, Carmen Dolores. Laura Ayres, Maluda, Herman José e José cardoso Pires, entre outros. As canções tradicionais de Natal são interpretadas por um grupo de solistas de S. Carlos e a Orquestra e o Coro do teatro, são dirigidos pelo maestro Leonardo de Bastos. Os arranjos musicais estão a cargo de Eduardo Pais Mamede e de Jorge Macedo.
22.35 - ENCONTRO DE NATAL
O arquitecto reformado John tanner está a envelhecer e a sentir-se só. A sua mulher faleceu recentemente e o seu filho único, Jim, está casado e vive longe. John aguarda pela habitual reunião natalícia da família Tanner na sua casa da montanha. Porém, Jim propõe-lhe uma mudança de rotina familiar e pede-lhe que vá passar o Natal na Califórnia, em casa dele, com os netos. Todavia, Jim não quer esquecer os hábitos antigos, e recusa. Ele prefere ir para a montanha mas não quer ir só. Ele o que pretende é uma "esposa para o Natal", resolvendo então ir procurá-la através de uma agência...
00.05 - NATAL COM JOSÉ CID
Emissão de um programa especial com o cantor em que participam, como convidados, manuel João ferreira, jovem fadista que canta um poema de maria Manuela Cid e Tó Zé Brito, com a balada "Natal de um Homem Só".
01.05 - 24 HORAS
01.40 - REMATE
01.55 - PELA NOITE DENTRO
"A Troca", de mary McMurray, com George Baker e Christopher Ravencroft.

No 1º canal às 22.35, «Encontro de Natal»

ANTENAS PARABÓLICAS
Sinal
Tel: 892945-884650

RTP-2

15.25 - AGORA ESCOLHA
"Delvin Connection" e " C Justiceiro"
17.00 - 3,2,1 CONTACT
17.30 - TRINTA MINUTOS COM...
17.55 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
2º episódio da série extraída do livro homónino do escritor brasileiro José Mauro de Vasconcelos - uma das melhores histórias infantis do mundo, escrita na língua portuguesa. Agora na TV, o livro retoma e expande a sua dimensão de magia, de sonho, de veracidade e encanto.
18.40 - HAJA MÚSICA
19.30 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - AS CIDADES E AS TERRAS
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - QUEBRAR A SOLIDÃO
22.25 - A REVOLUÇÃO GENÉTICA
23.25 - ROTAÇÕES

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
12.00 - HISTÓRIAS DA ÓPERA
13.00 - NOTÍCIAS
13.10 - OITO E BASTA
14.00 - PARLAMENTO
14.30 - ESPECIAL NATAL/EMIGRANTES
15.20 - CRIME, DISSE ELA
16.25 - SESSÃO DA TARDE
Prenda de Natal
18.00 - VIVAMÚSICA
18.35 - O MAR E A TERRA
19.00 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
20.32 - O TEMPO
20.35 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.40 - A PRENDA DE ZIGGY
21.05 - O DRAMA DE CLÁUDIA
22.15 -ELTON JOHN EM VERONA-1ª PARTE
23.30 - ESPECIAL DESPORTO
00.25 - FILME
"Escuro no Cimo das escadas", de Delbert Mann

RTP-2

09.00 - ABERTURA
09.01 - TV 101
10.45 - O APARECIMENTO DO HOMEM
11.40 - COMPACTO
"Meu Pé de Laranja Lima"
12.10 - O MUNDO MARAVILHOSO DE WALT DISNEY
12.55 - O MELHOR DOS MARRETAS
13.20 - SAÚDE PARA TODOS
15.00 - ESTÁDIO
19.00 - MUSIC BOX ESPECIAL
19.50 - MEU FILHO, MEU FILHO
20.50 - CAROLA ESPECIAL
21.15 - ESTÁDIO
22.30 - FRANK SINATRA
50 anos de canções
23.55 - ZEZÉ MOTA
"la Femme Enchantée"

Farmácias

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766171 766178 766179

Farmácias

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

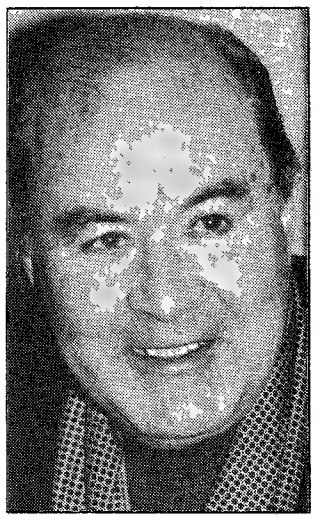
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

UNISOM
INSTRUMENTOS MUSICAIS, LDA
Órgãos • Sintetizadores• Violas • Amplificadores - • Colunas • Acordeons • etc.
Acessórios • Sonorizações
Aluguer de aparelhagem sonora
Estúdio de Gravação e Sala de Ensaio
Assistência Técnica Especializada
ESCOLA DE MÚSICA
Rua da Binta, N.º 8-B — Cruz de Pau — AMORA — 2840 SEIXAL
Telef. 2244918

«Para quem não aprecie emoções fortes, o próximo ano revela-se muito propício: ninguém pede legislativas antecipadas.»

Medeiros Ferreira, «Diário de Notícias», 21.12.89

A PERGUNTA DO DIA



D. Manuel Martins, bispo de Setúbal

Porque escolheu a greve como tema da sua mensagem de Natal?

«Porque, para mim, a grande lição do Natal é a solidariedade. E parece que a greve é um acontecimento social que tem muito a ver com a solidariedade. Por um lado, tratando-se de um direito irrecusável dos trabalhadores, nós, os que formos vítimas da greve temos que aceitá-la e ser solidários com eles. Por outro lado, aqueles que a «jogam», empresários e trabalhadores, têm também que respeitar os direitos dos outros, isto é, os direitos daqueles que lhe vão sofrer os efeitos. Nunca poderão esquecer, que na generalidade, são sempre os mais pobres e desprotegidos que sofrem esses efeitos porque os outros defendem-se bem.»

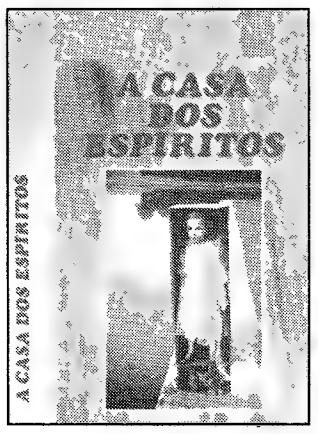
O DL SUGERE

a Álvaro Cunhal

Leia A CASA DA RÚSSIA, o último êxito de John Le Carré. O livro é mais um retrato do país dos «sovietes» e tem a particularidade de a sua acção se passar já na era da *glasnost*. Transparecem inseguranças e temores da liberdade que assaltam aqueles que afinal nunca a viveram. Talvez o secretário-geral do PCP se sinta confortado ao saber que não é só ele que se sente perdido face ao advento da libertação e que não é o único a resistir à mudança.

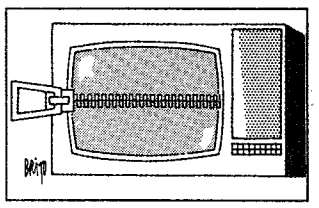
a Patrício Aylwin

Leia A CASA DOS ESPIRITOS, de Isabel Allende. O livro conta a história de um candidato à presidência do Chile, que chegou a presidente e depois foi vitimado por um golpe militar. Um romance onde se segue o trajecto de Salvador Allende, contado pela sua sobrinha. Uma leitura pertinente para Aylwin, eleito há uma semana presidente e que vai ter ao seu lado Pinochet como chefe do Exército. O ditador está inconformado com a derrota do seu candidato e já anuciou não ter a intenção de terminar os seus dias «sentado numa cadeira a ler o jornal».



a Marcelo Rebelo de Sousa

Não perca a reposição de E TUDO O VENTO LEVOU, de Victor Flemming. A campanha eleitoral deve tê-lo deixado exausto, com tantos mergulhos, danças e cantares, que nada melhor que um salto ao cinema. Não ganhou esta presidência, mas não faltarão outras para disputar nos próximos anos. E depois o filme, apesar da emoção, tem um final feliz. Óptimo para esquecer dissabores.



à Rádiotelevisão Portuguesa

A realização de um DEBATE sobre as últimas eleições autárquicas. O programa «Primeira Página» já o tentou, mas como dizia ao *DL* um elemento da produção «o critério não é meu é da direcção». E como havia outras eleições à mão, como era o caso das presidenciais brasileiras, a direcção não esteve com meias medidas: o Brasil é primordial! Da rapidez e exactidão na apresentação dos resultados eleitorais, a RTP prefere agora ignorar a análise das suas consequências.

VAI ACONTECER

Bastonária dos advogados toma posse

No dia 5 de Janeiro, Maria de Jesus Serra Lopes vai tomar posse como bastonária da Ordem dos Advogados. Primeira mulher a desempenhar esta função em Portugal, assume o cargo «a tempo inteiro», como gosta de dizer. Com ela vão ser empossados os Conselhos Superior, Geral e Distrital de Lisboa. Os seus mandatos decorrem até1992.

«Você poderá ser a próxima vítima»

Na próxima semana, a Associação Portuguesa de Seguradores vai lançar uma campanha de sensibilização dos automobilistas para a sua responsabilidade nos acidentes nas estradas. Portugal é o líder europeu na sinistralidade rodoviária e o sector segurador acumulou prejuízos superiores a dez milhões de contos em 1988. É que se registaram - imagine! - 275 mil acidentes.

«Coppélia» no S. Luiz

Até dia 7 de Janeiro, há bailado em Lisboa, no Teatro S. Luiz. «Coppélia» é um espectáculo em três actos, com música de Leo Delibes, que a Companhia do Teatro Nacional de S. Carlos leva à cena a partir de hoje. A coreografia integra-se na temporada de bailado 89-90 que inclui ainda «Petruchka» e «Dom Quixote», entre outros bailados.

Terça-feira no

Diário de Lisboa

A crónica de Umberto Eco

Um artigo de Artur Portela

O auto-retrato de Maria Judite de Carvalho

O programa de acção dos social-democratas alemães

O novo gestor: um pé na universidade, outro na empresa

meteorologia

Das crianças, não só o Natal, mas esta iniciativa de Madalena Perdigão. Ela já não pôde ver a exposição no Centro Artístico Infantil da Fundação Gulbenkian: dois pequenos artistas, as meninas dos seus olhos (hão-de ir longe), João Fazenda, dez anos completos, Ana Alvelos, 14 anos. Uma exposição a sério, diferenciada, épica, técnica, imaginativa, a do rapaz, ornamental, colorida, a da miúda, a lembrar os papéis cortados de Matisse, quando o reumatismo atacava a sua preciosa mão. Perguntei à pintora se conhecia Matisse. Resposta: «Gosto muito». O meu comentário: «Também Matisse havia de gostar da tua exposição». Apreciei ainda a intervenção crítica do professor do Centro, o pintor Eurico Gonçalves na introdução à exposição: não falou de pintura infantil, falou de pintura.

Assim, creio, devia ser a nossa relação com os mais jovens: são nossos concidadãos e sabem quase tudo como nós, talvez um pouco menos, talvez um pouco mais. Vêem a mesma televisão, não lêem os mesmos jornais, sofrem com a política dos transportes, têm contas abertas com o Ministério da Educação.

No CAM, ainda pela última vez, Madalena Perdigão preparara um outro pitéu para as crianças (e seus pais): espectáculo repetido, *A Cauda do Gigante Branco*, do Nothern Black Light Theater - Teatro de Luz negra, de que foi precursor o famoso Teatro de Praga que há anos vimos também na Gulbenkian.

No programa publicado que acompanha o teatro, pode ler-se o último texto público que a Directora do CAM escreveu. A derradeira palavra desse texto é *dedicar*. Palavra do seu testamento simbólico: *dedicação*.

Gostei de falar de filhos e de Madalena Perdigão. Juntar ambos numa simples crónica é estabelecer a mecânica dos fluidos: a ciência meteorológica utiliza-a.

Jorge Listopad

fim da guerra fria ou fim da história?

A TESE DE FUKUYAMA EM DEBATE NO

Diário de Lisboa

A PARTIR DE 26 DE DEZEMBRO

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.

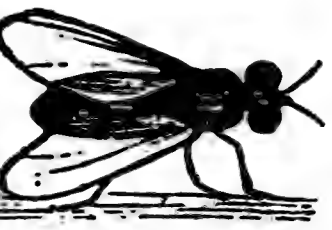
CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
22 DE DEZEMBRO DE 1989,
FAZ PARTE INTEGRANTE DOJORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA



ENTRE FINS E PRINCÍPIOS

Variaram de zero a cem por cento as combinações que entre «princípios» e «fins» se verificaram, nos últimos sete dias, nessa grande zona que excede Cavaco e Sampaio e que se chama o «mundo». Desde o «fim» presidencial de Pinochet, derrotado nas urnas por Patrício Aylwin, até ao «princípio do fim» de Ceausescu e ainda o «princípio-princípio» do alargamento das relações económicas entre a CEE e a União Soviética e o fim absoluto da vida de André Sakharov - de tudo um pouco aconteceu e nisso se jogaram variáveis misturas de princípios e de fins.

O general Noriega, senhor do Panamá, acabou? Talvez tenha acabado, por ora, como o homem forte do país. Talvez tenha começado agora para ele uma nova carreira, a de chefe de guerrilhas (a ameaça foi feita) ou a de hóspede das cadeias norte-americanas.

Dizem estatísticas vindas dos EUA que 91 por cento dos norte-americanos apoiaram a decisão presidencial de mandar invadir o Panamá para capturar o «narcotraficante» António Noriega. Mas analistas de Washington pensam, conforme a Reuter, que até os países latino-americanos que simpatizam com os EUA , vão arreliar a Casa Branca, pois detestam que o «yankee» meta a sua pata militar em terra latino-americana, seja por que motivo for. Irá provavelmente principiar para Bush uma fase difícil na relação com a América Latina ou terminar a sua fama de «quiet boy» ou começar a ser desenhada, para Bush, a imagem de um cowboy reaganista estilizado ou haver a consagração militar da futura grande era do Oceano Pacífico, para a qual a posse do Canal do Panamá é vital.

Tirar pedras à casa soviética

Enquanto informações forçosamente não oficiais davam conta de 4 mil mortos no massacre de Timisoara, Ceausescu afirmava que era calma a situação na Roménia. Foi o fim de um mínimo resto de crédito que o líder romeno ainda tivesse ou o princípio do fim do primário ditador da Roménia ou a abertura de uma nova vida para o país e para as suas diferentes etnias. De qualquer modo, o regime de Ceausescu já estava pôdre há muito tempo e se agora cair isso mais não será do que o fim de um fim começado há muitos anos.

O fim de Sakharov coincidiu, aproximadamente, com o princípio de uma nova fase da luta contra o Artigo 6º da Constituição Soviética, aquele que atribui ao Partido Comunista a liderança única da URSS. Confirmado foi o fim de um isolamento económico comunista clássico quando o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS assinou, há dias, um acordo com a CEE. Prevê o documento, para 1995, o livre escoamento das exportações soviéticas para os mercados dos Doze e isto coincidiu com o 19º Congresso do Partido Comunista da Lituânia, durante o qual foi decidido proclamar a independência deste partido em relação ao partido-pai de Moscovo. Foi o fim da dependência, irá ser o princípio de uma reunião de emergência do Politburo Soviético para apreciar a emancipação dos comunistas lituanos, pode iniciar nova fase no processo independentista das Repúblicas Bálticas e ser mais uma pedra tirada à colossal casa soviética, que já ultrapassou o princípio do fim do império, pois se aproxima do fim do fim.

O presidente Pinochet viu, no fundo das urnas eleitorais, o fim da sua carreira presidencial, consagrado pela vitória do rival Patrício Aylwin, para quem começou um período de poder político que, esperemos, não venha a ter o fim que Allende teve. Ao lado do Chile, o Brasil confirmou, com as eleições presidenciais, que já chegou ao fim do processo de democratização aberto pela eleição de Tancredo Neves, principiando para os brasileiros um período em que, possívelmente, a inflação e a dívida externa não vão ter fim. Enfim...

Paulo David

O DIA SEGUINTE

Ela acordou a esfregar os olhos de espanto e insónia. Espreitou à janela, não viu casas arrasadas e aos poucos lá se foi convencendo. Tinha havido um terramoto, sim senhor, mas abalados estavam apenas partidos, dirigentes políticos e talvez as ideias pessimistas de uns quantos cidadãos, a ela semelhantes em esperanças muitas e desejos adiados. Ligou a rádio e a voz de um «opinion-maker» tirou-lhe as últimas dúvidas: a vitória rosa-vermelha nas eleições autárquicas estava garantida em Lisboa.

Fez um sorriso lento, prolongou-o e saboreou-o tal como o primeiro café do dia. Afinal os eleitores tinham torcido o nariz à campanha-espectáculo. Ainda preferiam os habituais comícios com bandeiras desfraldadas e discursos a quente. Ao fim e ao cabo a estafada técnica de percorrer feiras e mercados, fazer contactos porta-a-porta ou andar à chuva feito penitente, ainda rendiam mais votos do que atravessar o Tejo a nado ou demonstrar coragem a entrar numa jaula de circo.

Sorriu de novo, desta vez das suas próprias incoerências. Claro que para ela o estilo do vencedor era uma coisa velha e estafada, chatice que mal lhe prendia os olhos quando via as imagens de campanha, transmitidas pela RTP. Claro que se tinha espantado, como tanta gente, por ver um professor de Direito, ex-jornalista famoso, ex-ministro, ex-tanta coisa, atirar-se às águas de um dos mais sujos rios da Europa para fazer campanha antipoluição. No fundo invejava-lhe a coragem e aplaudia a capacidade de argumentação de quem o havia convencido. A falar verdade, a imaginação demonstrada pelo agora ex-candidato dava-lhe um certo ar de graça. Mas mesmo assim suspirava de alívio por ele não ter convencido eleitores suficientes.

A natureza humana é muito complexa, murmurou, encontrando certa paz em tal frase feita. Torcia o nariz ao figurino de campanha, fora de moda, do vencedor, e esvaía-se em satisfação por, mesmo assim, ele ter ganho. Pendia-lhe o gosto e um certo sentido lúdico para a experiência de «show» feita pelo vencido e sorria contente por ele ter perdido.

Mas não seria assim com tantos eleitores iguais a ela, perguntou aos seus botões. Encheu outra chávena de café e continuou a divagar. Afinal, talvez fosse essa uma das conclusões a tirar, extrapolítica, é verdade, destinada apenas a uso pessoal, mas nem por isso coisa de somenos.

Porque razão seria necessário gostar, disciplinadamente, dos projectos políticos de um candidato, tanto quanto das artimanhas de campanha por ele escolhidas, se ainda por cima eram decididas graças aos conselhos de um chamado «staff» de campanha, formado ainda por cima por cidadãos iguais a nós todos? Teria ela de se sentir culpada por estar assim dividida entre aquilo que a havia divertido durante seis meses e a escolha final, feita na mais ou menos na recolhida privacidade de uma mesa de voto?

Sorriu irónica e encolheu os ombros. Foi de novo à janela, olhou para o passeio em frente onde, apressadas, umas quantas dezenas de pessoas com relógio de ponto a marcar as oito, seguiam rua fora aos encontrões, se calhar tão mal dormidas como ela. Claro, mais dúvida menos dúvida, toda aquela gente devia ter-se também divertido com o inédito do candidato-espectáculo e, com toda a certeza, muitos como ela tinham colocado o gosto pelo espectáculo de parte, para escolher a segurança do programa do candidato sério.

Restava-lhe uma última dúvida. A coligação rosa e vermelha tinha garantido a soma artimética de votos necessária para ter a cadeira de presidente da Câmara de Lisboa. E ela, se disciplinadamente votara, indecisa continuava quanto aos resultados, práticos e testados no tempo, de tal aliança.

Arredou de novo a cortina, lançou um olhar esperançado para os cidadãos que também tinham escolhido. Não, daí não lhe vinha qualquer ajuda. Essa última divisão entre os sentir e o racionalizar era demasiado pessoal para procurar espelho nos outros.

Desanimada bebeu a segunda chávena de café, esfregou mais uma vez os olhos doridos de sono. E continuou a sorrir, devagar.

MARIA GUIOMAR LIMA

A SEMANA

Sexta, dia 15

Hard, soft, com censura e para todos, Taveira é quatro vezes notícia num dia carregadinho delas. Joana, à «Interviu», diz como foi com o arquitecto, «O Independente» diz como vai ser com o Ministério Público no outro caso Taveira, o Conselho de Imprensa diz que Taveira, caso a caso, configura uma situação próxima da censura, já que não se pode falar; e «O Independente» bisa com o desarrincanço do dia. São duas páginas dedicadas aos «12 edifícios para implodir» em Lisboa. Da dúzia para demolir, se imperasse o bom gosto, três são do arquitecto.

O resto, como dizia o outro, é normal em democracia. Maria João Pires ganha o Prémio Pessoa, Carlos Paredes o da personalidade do ano, Kent Nagano, com Uck Kim no violino, dirige a Orquestra Gulbenkian; Vilaverde Cabral, sem rancor, demite-se da Biblioteca Nacional para ir ler, escrever e dar aulas; e no Ritz Clube estreia-se o «Regresso do Bucha e Estica», no centenário do Estica.

Do estrangeiro, duas notícias de morrer. Linda de Suza, em Argel, é impedida de cantar por pressão dos integristas que a acusam de não ter o rosto coberto; e em Moscovo, de súbito, morre Andrei Sakharov. Se o boicote à cantora passa sem a reacção que se impunha, a morte do cientista evoca o que ele escreveu há um ano: «Os dissidentes são indispensáveis».

Sábado, dia 16

Mais mortes num dia,por outras causas, destinado à reflexão. Lee Van Cleef e Silvana Mangano desaparecem para sempre. Ele foi o «mau» de quase todas as fitas em que entrou, a ela, primeiro descobriram-lhe as pernas, depois o rosto e alma de uma altivez soberana.

Domingo, dia 17

No Brasil Lula perde, na Galiza ganha Iribarne, na Roménia é o massacre. Mas nós ainda não sabemos ou a modos que não ligamos a tanta derrota junta. E compreende-se: por cá são as eleições, ganha Sampaio em Lisboa, perde por todo o lado Cavaco, as autárquicas são um **banho** para o partido do Governo com a derrota nas urnas e o País, em dois anos, virado outra vez do avesso.

Segunda, dia 18

Depois do **banho** nas urnas, são as inundações no País. Começam esta madrugada e irão pela semana fora. Mas a vida continua...como nós continuamos segundo a nossa natureza, que é assim como quem diz que só depois da casa roubada é que se põem as trancas à porta. Desta vez não nos roubaram a casa...é Inverno e choveu e mais uma vez se provou que essa de antes prevenir que remediar não fomos nós que a inventámos.

O resto é como segue: há leilão de livros raros, canta Rosalind Plowright na Gulbenkian, toca Maria João Pires em Paris, Fernando Lopes Graça faz anos e nós aqui no «DL», mesmo sem fazermos anos, estreamos fato novo com a nova direcção.

No S. Carlos, em directo pela TV, canta pela terceira vez Placido Domingo o «Otello», com Soares, Amália e Eusébio a saudar o tenor.

Em Lisboa, na Câmara, é a furtiva lágrima. Abecasis despede-se e Lisboa despediu-se (uff...) dos anos Abecasis.

Terça, dia 19

Ou o Natal se antecipou ou a chuva hoje é de prémios. Armindo Rodrigues e Prista Monteiro recebem os da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos, João de Melo, com «Gente Feliz com Lágrimas», o Fernando Namora, Amália tem papagaio novo e maior vai para o Mosteiro de Alcobaça desde agora incluído na lista do Património Mundial Cultural por decisão da Unesco.

Por decisão de trezentos e tal fundadores é criado hoje o Instituto de Estudos Sociais que adopta a sigla de INES. Como INES soa mal, já todos lhe chamam «a Inês», que nós somos assim, revolucionários não muito, mas por graça transgressores. O que neste caso, aliás, até nem fica mal de todo: sabendo-se, de ciência certa, quais os objectivos do INES, então não é que «a Inês» diz que, modestamente, nasceu para reflectir «uma nova cultura de esquerda»!

Quarta, dia 20

A velha «cultura» de direita, essa reapareceu hoje no Panamá com os States a comportarem-se no melhor estilo da guerra fria e a porem e disporem de um país independente. Como nisto de independências os países são todos iguais, embora (como se vê) uns menos iguais do que outros, por cá ninguém deu por nada, com excepção de algumas vozes, entre elas a do «DL». E a vida continua...

...Assim: com «O Render dos Heróis» inaugura-se, às portas de Lisboa, o Teatro da Malaposta; no meio da Rua Augusta, há concerto de Natal; de Amália saem oito álbuns duplos com 50 anos de canções, uma moçambicana (Maria José Albarran Alves de Carvalho) ganha o Grande Prémio Internacionalde Linguística da Sociedade de Língua Portuguesa e no D. Maria II Ricardo Pais e António Lagarto tomam posse como novos directores, com Teresa Gouveia a recuar na questão dos subsídios. Em vez de cortados cerce, como no espalhanço de há meses, a secretária de Estado admitiu repensá-los.

Quinta, dia 21

Lisboa anda na graça de Deus: Domingo teve a sorte que teve, hoje saiu-lhe a taluda.

Taluda saiu hoje a «Grande Reportagem», com mais de 200 páginas, logo no primeiro número, tudo sobre os anos 80. Agostinho da Silva fala já sobre os 90, o futuro e o Terceiro Mundo, a Europa é (para ele) como segue: «O sujeito que se deita para dormir, acorda na véspera...faz exactamente o que tinha feito ontem e chateia-se».

Rodrigues da Silva

GUIDINHA

ORA CÁ ESTOU EU E VIVA A CÂMARA MUNICIPAL

Ora cá estou eu outra vez a chatear toda a gente para já digo que nao sei se a palavra «chatear» se escreve com «e» ou com «i» fui ver ao «Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa», mas nao tem a palavra se calhar é um vocabulário muito fino daqueles que só tem as palavras que eu nao uso no meu dia-a-dia, mas enfim acabou-se o assunto e vamos ao que interessa para quem nao me conhece digo desde já que sou a Guidinha aquela que mora no Largo da Graça e que tem um pai chamado Gabriel e uma mai chamada Rosa e uma vizinha chama da Engrácia e um primo que tinha um Opel e agora tem um Alfa Romeo como todos os construtores civis chamado Manel e um gato que se chama o «sem vergonha» que foi um nome que lhe poz a vizinha duma vez que o encontrou a mijar na escada do prédio o que ela devia fazer era estar calada para eu nao dizer o que é que já a vi fazer na escada do prédio que até estive para ir à rua chamar um polícia e só nao fui porque achei mais divertido ficar escondida a vê-los fazer aquilo no vao da porta enfim já sabem quem eu sou e nao é preciso dizer mais nada mas para quem achar que eu estou velha demais para ser menina acrescento que o Salazar foi presidente daquele conselho que ele tinha até ter setenta e nove anos e que o Álvaro Cunhal tem setenta e seis anos e dirige um partido político o que me dá o direito de ser menina e virgem até aos cem anos sem explicar nada a ninguém e sem ninguém ter nada com isso e quem nao concordar que vá a um sítio que eu cá sei mas nao digo e que nao me chateie agora vou falar das coisas importantes que aconteceram na minha terra nos últimos tempos ora a coisa mais importante que aconteceu foi as eleiçoes para a Camara Municipal para quem nao sabe o que são eleições eu explico que sao bichas muito grandes que as pessoas fazem para meter um papelinho numa caixa ora quem ganhou estas eleições foi o candidato Marcelo Rebelo de Sampaio que também é conhecido por Jorge Rebelo de Sousa já que entre um e outro não há diferença nenhuma senao pertencerem a partidos que tem gente diferente um pertence ao partido dos democratas-socialistas e o outro ao partido dos socialistas-demcratas o que vem a dar ao mesmo como se viu na propaganda dos dois que até foram ambos passear ao rio Tejo, mas um foi a nadar na m... e o outro passou-lhe por cima de barco eu até fiquei espantada com a imprudencia do que foi a nadar porque podia ter apanhado uma coisa perigosa como a minha prima Adélia que foi nadar à praia de Algés e ficou grávida nao se sabe de quem apesar do meu pai desconfiar de um nadador-salvador que fez uma demonstraçao de respiraçao artificial com ela numa barraca fechada enfim tudo isto sao coisas de família e vocês nao tem nada a ver com as coisas da minha família senao no dia dos meus anos em que devem mandar-me presentes espero que tenham ouvido bem o que eu disse e agora voltamos ao que importa neste momento que é o Jorge Rebelo de Sousa e o Marcelo Rebelo de Sampaio terem ganho as eleiçoes pelo que eu ouvi ambos querem resolver o problema da habitaçao antes de eu casar o que é possível porque eu faço tençao de casar daqui a cinquenta anos e preciso duma casa nessa altura senao nao voto nas eleiçoes do ano 2039 que todos sabem vao ser muito importantes até por causa do relevo político dos dois candidatos que ou são o Jorge Rebelo de Sousa e o Marcelo Rebelo de Sampaio ou dois iguais que haja na altura e agora acabo porque estou cansada até para a semana e viva a nova Camara Municipal que vai transformar Lisboa numa capital do Atlantico para quem nao percebe o que isso é eu explico que é uma espécie de Nova Iorque de Algés e pronto só mais um viva à Camara.

GUIDINHA

...ALEGRIA QUE A RTP NÃO APRECIA

I. Nós vimos naquela reportagem sobre a droga. Não, não era bem sobre a droga, mas sobre a necessidade de dar aos jovens ocasiões para ocupar os seus tempos livres. Porque «sem ocupação dos tempos livres, os jovens ficam mais sujeitos à droga...»

Ao meu espírito tacanho, levanta-se uma questão: se os jovens não têm com que ocupar os seus tempos úteis, como iriam ocupar os seus tempos livres? Além de que seria difícil ocupar as 24 horas de tempos livres de tanta malta nova.

Para grande parte da malta nova, tudo está longe, e só a droga está perto **Marketing,** meus senhores, **marketing!**

2. Não me cansarei de chamar a atenção para a função educativa que exerce todo aquele que aparece na televisão, e só pelo simples facto de lá ir. Sempre são milhões de pessoas a ver e a ouvir, caramba!

Vitória de Setúbal-Benfica. Jaime Pacheco expulso. Entrevistado logo a seguir, declara não saber os motivos da expulsão o árbitro não gostará dele...

O que Pacheco disse ao árbitro terá sido o seguinte: «Vossa Excelência, senhor árbitro, é oriundo de excelentes famílias e merece a minha melhor consideração. Levando a minha taça à sua justiça!»

O árbitro não terá gostado da retórica. E pronto.

3. João Soares Ferreira (que tem sempre o ar de quem nos quer apresentar condolências) fala-nos das neves polares e diz-nos que são imagens «bonitas».

Em verdade, em verdade vos digo que a adjectivação pobre é característica dos espíritos pobres.

Mas eu achei mais piada foi quando ele falou dos «antípodas do pólo sul que são, naturalmente, os do pólo norte».

Gostei muito, João. Posso pedir **bis?**

4. Quinta-feira, dia 14 do mês de Dezembro de 1989. Vou propor que esse dia fique assinalado na História e fique encorporado no espólio cultural, moral, político, nacional do nosso país.

Nada mais, nada menos do que isto: desde que o PSD se encontra no governo, foi este o **único** dia em que não apareceu no telejornal nenhum ministro!!!

Isto só pode entender-se por intercepção divina. Pelo que, com vistas à canonização do **Telejornal,** deve o facto ser comunicado à Santa Sé.

Mais um santo na Folhinha... ou mais um nome no Guiness Book?

5. Nos últimos dias das eleições, ministros e repórteres foram ao **telejornal** gabar as operações para a privatização das empresas estatais.

Curiosamente, nesse mesmo dia, tive, pela rádio, duas mensagens. Uma, veio da BBC, outra veio de Moscovo.

A da BBC fala-nos no escândalo da privatização da companhia das águas. Diz-nos que ela beneficiou uma chusma de especuladores. Assim: as acções, avaliadas tão por baixo, proporcionavam aos seus compradores um lucro imediato de 25 por cento...

A de Moscovo dizia-nos que iam privatizar as empresas que não dão lucro ao Estado. Será por isto que o prof. Cavaco Silva nos diz que os países do Leste têm muito a aprender com ele?

6. Cesário Borga, de Santiago do Chile, para fazer a cobertura das eleições. Dá-nos conta das terríveis desigualdades sociais que grassam naquele país, cuja governação obedece às regras da «escola de Chicago», ou traduzindo: às regras sem regra da grande selva liberalizante.

Teóricos americanos da era Reagan diziam que era a coisa melhor do mundo. Com ela, Chile é um país de pobres e os próprios Estados Unidos correm o perigo de se tornarem numa «colónia» do Japão.

Os alunos de certas escolas não têm emenda...

7. Carlos Manuel, futebolista. Galardoado com o Prémio Stromp, visivelmente comovido. Um bom profissional é assim gosta de ver os seus serviços reconhecidos. É natural. É humano. É justo.

Entrevistado para a televisão, dá-nos conta do seu contentamento: «Esta distinção — diz ele — é, para mim, uma espécie de Prémio Nobel».

Estes futebolistas, são uns exagerados...

8. O drama dos marinheiros que morreram quando o batelão de areia se voltou no Tejo, foi vivido com rara intensidade numa breve reportagem do Telejornal. Por ser caso tão raro, aqui se regista.

Assim, mais algumas vidas se perderam. Não tem grande importância, pois é tudo gente pobre. Nem sequer merecem que lhes digam os nomes. Se é que têm...

Tudo seria diferene se...

... Se, diz o repórter, as autoridades tivessem um rebocador de alto-mar. Mas não existe nenhum!

Será a isto que se chama modernidade?

9. Em tempo de eleições, **Telejornal** fez o levantamento sociopolítico de cada distrito. Os pobres dos repórteres faziam autênticos milagres para conseguir dizer qualquer coisa de jeito em dois ou três minutos.

O prémio da eloquência vou eu dá-lo a António Marques, jornalista da sucursal da RTP em Vila Real, quando a respeito de Mesão Frio, disse: «A não ser a paisagem, falta tudo.»

Dizer tanto em sete palavras, é difícil. A frase tem a estrutura de um verso decassílabo. O poema ficou por aí, porque tudo o mais seria redundante.

A NOITE DAS HORAS LONGAS

I. Na noite das eleições lembrou-se a RTP de homenagear a língua portuguesa. O **minderico**, o mirandês, o barranquenho, o calão...

A propósito: não seria oportuno que a RTP fosse mais exigente na admissão de repórteres e locutores, no que se refere à língua portuguesa?

Peço desculpa. Ter um palminho de cara, um curriculuzito escolar, uma cunhazita extra-escolar e pertencer **à área**, bastam.

Claro. Depois é o que se ouve...

II Não é questão chinfrim.

A repórter da Madeira diz-nos que a genuina oralidade de certas regiões da Madeira está a ser negativamente influenciada pela acção constante da TV. Não só na Madeira, digo eu.

Por isso aos locutores da BBC se exige tanto em matéria do conhecimento e utilização da língua inglesa.

Não se pode brincar com coisas sérias.

III As salas de votação tinham fechado exactamente há um minuto. Nem sequer principiara ainda a contagem de votos. A RTP anunciou a primeira sondagem. Tudo deu certo.

Há que proceder ao inquérito para averiguar como foi que os técnicos conseguiram entrar na urna? Está bem. A mim o que me espanta é como eles conseguiram contar tudo num minuto!

A partir daqui, a RTP podia fechar a loja. Mas ainda ficou a brincar com os números e com as palavras, durante oito horas. Assim se perde tempo.

IV Logo, logo foram à sede do PSD. Ninguém. A imagem perfeita da solidão. Também por lá se ouvira a sondagem. Rendiam-se. E sem luta.

Ao fundo, numa pequena mesa, havia uns croquetes, uns bolecos, umas sandes. Ninguém à volta da mesa. A mesa esperava.

Esperava em vão. Que é que teriam feito aos croquetes?

V Aguardavam-se do Porto notícias pouco agradáveis relativamente ao candidato Carlos Brito.

Dizia-se que se tratava não do candidato do PSD, mas do candidato do Governo. Ouvir-se-ia mais tarde dizer que não tinha carisma.

Pois Brito seria um dos muitos que assumiram pessoalmente a responsabilidade da derrota, género «as propostas eram boas, eu é que não presto».

Ó homem, mas era assim tão difícil ver isso antes?

VI A equipa de comentadores era constituída por Maria João Avilez (PSD) Eduardo Prado Coelho (PS) António Borga (PCP) e Proença de Carvalho.

Monotomamente, o leque foi mexendo.

Para Maria João, «Marcelo foi um candidato sozinho». Para António Borga, o Governo chegou a utilizar «métodos de guerra psicológica» em defesa do seu candidato.

Prado Coelho disse que Marcelo «fez uma campanha confusa, de acordo com a sua oscilação temperamental».

Proença de Carvalho foi de opinião de que houve «a derrota de uma estratégia política».

Minha memória lembra-se disto. Mas não de muito mais.

VII ... E aconteceu que Judite de Sousa, sempre tão sôfrega de intervir (ò menina, tenha termos!) se dirigiu a Prado Coelho e aconteceu mais ou menos isto: Ela — **Você, que também é um intelectual...** Ele — **Obrigadinho por esse «também»...**

Foi o único momento de boa disposição...

VIII Fomos até Vila Real procurando saber o que por lá se passava. António Marques (que nem fez mau trabalho naquelas notas pré-eleitorais) disse que era ainda demasiado cedo. Novidades dignas de atenção? Numa freguesia tinham-se esquecido das chaves e noutra não havia mesa. Mas tudo acabou por se resolver, graças a Deus.

Em Trás-os-Montes funciona-se assim. É graças a Deus que as coisas se resolvem.

IX Eram 8 e 17. Eram 8 e 17 em ponto de la noche. As urnas tinham encerrado havia pouco mais de uma hora. Eram as 8 e 17. Marcelo aparece... para reconhecer a derrota.

Assume-a. Cita Churchill. Se recomeçasse, faria exactamente a mesma coisa. Agradece a todos — a Cavaco Silva, a Freitas do Amaral, a Ribeiro Teles. Agradece «aos jovens que animaram as ruas de Lisboa». Agradece, comovido, aos seus filhos Nuno e Sofia.

Marcelo pode ser tudo. Ingrato é que ele não é.

X Hermínio Martinho, entrevistado, diz achar que fez o que devia ter feito, os lisboetas é que talvez não.

Fala dos milhares de pessoas que encontrou nesta Lisboa, a viver em condições sub-humanas.

Assume, também ele.

E agora desculpem lá, mas está com pressa de voltar a Santarém para recolher umas vacas que, com estas cheias, já devem estar «com água pela barriga».

Pois é, homem. Corra. É tão mau para as vacas um político que só pensa nos eleitores, como para os eleitores um político que só pensa nas vacas.

Chegou a hora de optar.

XI 1. Alberto João Jardim. O eterno e já fastidioso espectáculo da verborreia. Algumas afirmações: que a política não se faz só com as contas da mercearia; que Cavaco não deveria ter dito que não faria remodelação de Governo; que o seu partido poderia vir a apoiar Mário Soares — ele, não; que fora Marcelo quem contrariara a candidatura dele, Jardim, à Presidência da República, e afinal...

2. Freitas do Amaral. A derrota foi para o PSD. O PSD e o CDS nunca tiveram a maioria em Lisboa. O PSD tinha a estratégia de liquidar o CDS. Para este, a situação não seria catastrófica se tivesse mais de 15 câmaras.

Também acho. Assim, pelo menos, já poderia constituir uma equipa de râguebi.

3. Proença de Carvalho. Formidável! Ouço-o — e não acredito. Disse — disse, que eu bem ouvi — que «os eleitores não se movem só por interesses materiais, mas por ideais, por ideias.»

Certo. Ao dizer isto, Proença de Carvalho segue na esteira dos poetas, dos utopistas, dos grandes guias da sociedade. Só que... só que se esqueceu de dizer os ideais capazes de mobilizar os eleitores.

Que nos dissesse, ao menos, quais são os seus ideais. Não estará ali um poeta ignorado?

XII.... Foi então que se lembraram de mostrar a alegria do povo na rua. Jorge Sampaio preparava-se para falar aos seus apoiantes, quando o Garcia disse que desculpassem lá o mau jeito, mas tinham ali à mão o eng.º Krus Abecasis.

Poucas palavras. Só os olhos mais baixos, mais baixos. Que sim, que assumia a sua quota-parte, mas ele, se fosse ele, não faria uma campanha assim. Houve, disse, um claro recuo da direita...

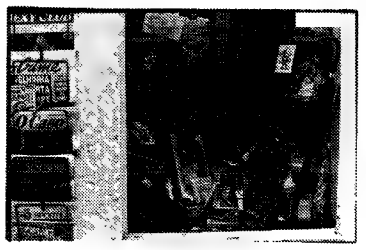
Depois, a emissão voltou para a rua. Para cerca de... 20 segundos de imagens! Entretanto, Sampaio já se fora embora...

A RTP não gosta muito de colaborar em certas alegrias. É muito puritana.

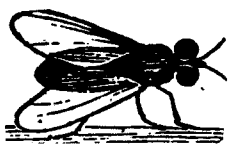
CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

TEXTO DE
JOAQUIM LETRIA
FOTOS DE
GIL TEIXEIRA



VELHO BAIRRO NOVO ALTO

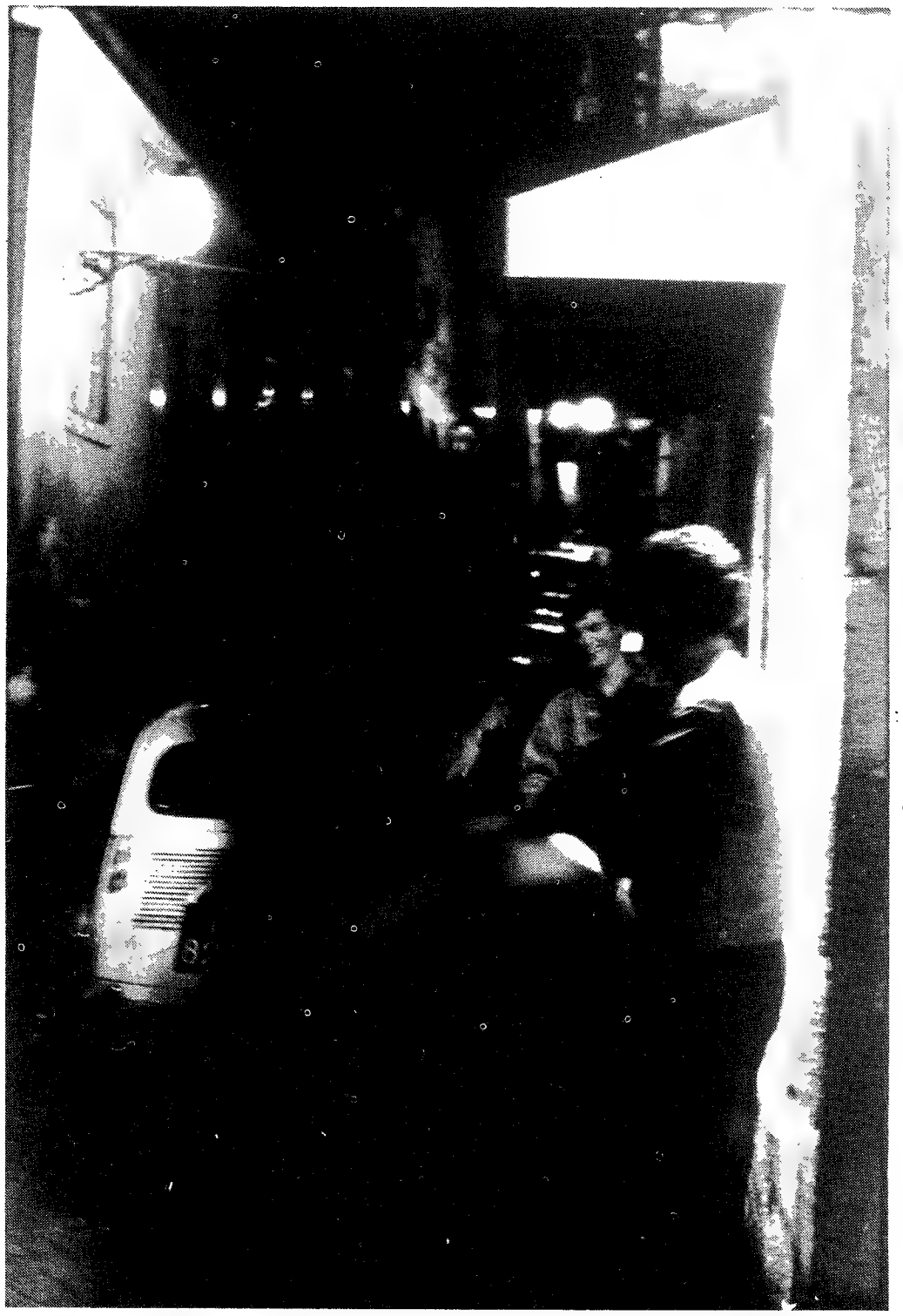


O rapazinho tinha o cabelo rapado a máquina zero, e do meio da sua cabeça saltava-lhe uma crista fixada em gel que lhe dava um ar frágil de galinho da Índia, dentro de um blusão militar em desuso e de umas botas que se calçavam antigamente para gritar «Angola é nossa», em passo de corrida. Talvez para lhe dar um ar mais ameaçador, alguém lhe tatuara, ou desenhara a esferográfica (é sempre preciso ter cuidado com as imitações) uma cruz suástica no dedo médio direito e a palavra «SKINHEAD» nas costas da mão esquerda. Mas a força que esta parafernália despertava, era em quem o fixava atentamente — não resistia à vontade de lhe enfiar uma lambada.

Por falar em lambada, perto do velho «Luso» saía da «clave di nó», assim mesmo em crioulo, um negro com dois metros de altura e uns sapatos tão grandes que davam para dormir em pé, ou para pôr radar e luzes de presença quando ele os descalçasse, pois deviam parecer faluas à deriva no soalho do quarto. Cada uma das suas mãos parecia um polvo de quatro quilos, ou um cacho de bananas da Madeira, e parecia usar reflectores na dentadura quando se ria, como o Gigante da Montanha, em convulsões cavas, «Ah, Ah, Ah,». Adoraria cruzar-se com o galinho da Índia, mas os desígnios de um e de outro não o quiseram, ou terá sido dos seus horóscopos, porque os deuses estavam apaziguados naquela noite tépida e sem chuva de Dezembro e ambos tinham o ascendente em Bairro Alto, que era o território dos dois, partilhado à mistura com fofices da Católica e políticos laranjinha «C», a beberem pela garrafa com medo da SIDA em bordos de copos mal lavados.

Aqui, mandei às urtigas as regras que dizem que eu não devia entrar na história e entrei num pequeno bar, desapertei a gabardina, dei um toque no chapéu para a nuca, pedi um «Constantino», que me acompanha desde longe, e consultei o meu livrinho de apontamentos, encostando-me à parede de espelho de modo a ver quem mais entrasse na história, e de forma a poder, descansadamente, arrumar as minhas ideias.

Pedira-me a minha cliente, Diana Andringa, que descobrisse o Bairro Alto que encontrara no primeiro número histórico da Mosca, de há vinte e tal anos, num arquivo húmido da empresa do «Diário de Lisboa», que é quem me paga, num caso por mim tratado na época, cheio de esquinas mal iluminadas e joguinhos pouco inocentes de vermelhinha, com calcanhares a baterem nas nádegas, que vem aí o tira.



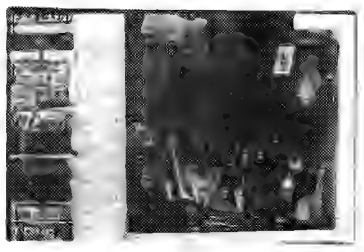
(...) It's too early for the circus
It's too late for the bars
No one's sleeping but the paperboys
And no one in this town is makin' any noise
But the dogs and the milkmen and me (...)

Tom Waits

Quando entrei na espelunca que me serve de escritório, dei logo pelo cheiro dela, que é daqueles perfumes a erva indiana, ou a sabonete ácido, olhei-a de cima a baixo, toda vestida de negro, não usava véu porque isso não é coisa que se pendure duma boina à Che, que era o que lhe ficava a matar, mas tinha o ar de das duas uma — ou tinha um pai rico que vivia numa estufa de orquídeas, ou chegara a directora de jornal, e resolvi logo aceitar o caso que me vinha propor, quanto mais não fosse para a ver outra vez, e também porque eu estava farto de vídeos e fotos e assuntos em trajes menores que era o que me estava a aguentar há uns tempos. Foi assim que voltei ao Bairro Alto, vinte e tal anos depois.

Comecei por uns sítios que conheci bem, mas já lá não mora quem me podia ajudar — 8 das Salgadeiras, 127 da Rua da Atalaia, 100 da Rua do Norte, 8 da Travessa da Água da Flor, hoje locais respeitáveis, com famílias de crianças a brincarem nos fundos, ou armazéns de pequenas empresas, ou ninho de amor duma professora que deixou o marido e foi viver com a melhor amiga do casal, em amor sem protuberâncias, em ampla cama dupla. Hoje já não há mulheres como aquelas dantes, destes e doutros endereços, com um galão e uma bola de Berlim no Dragão Chinês. Hoje há umas felosas que se arrastam aqui e por ali, em zonas esconsas e escuras, travestis que de dia parecem actores da ópera de Pequim e levam às compras o sotaque brasileiro, e à noite uns marrecos que andam por lá, no fundo a fazer o que se fazia há mais de 25 anos, que é o que sempre levou gente ao Bairro Alto, menos aqueles que ali vivem, que é a busca do prazer. O prazer é que é outro, o Bairro Alto também, porque estejam descansados que não sou daqueles que acham que «no meu tempo» é que era tudo bom. Não, hoje há coisas bem melhores, mas no fundo é a mesma coisa, vai-se sempre a este lugar em busca do prazer, não do que o Bairro tem para oferecer, porque isso é diferente consoante as épocas, mas sempre do que nós entendemos como sendo o prazer, que trazemos na cabeça e achamos que existe lá.

Hoje, o Bairro Alto está cheio de lojas bonitas, de antiquários em desaparecidas lojas de divãs, e de «boutiques» onde eram casas de «ferro-velho» e de restaurantes maiores, mais pequenos, bons e assim-assim, recomendados não pela qualidade da cozinha, como no tempo da Rina ou da Cova Funda, mas pelos guias das revistas, melhorou-se muito —



VELHO BAIRRO

as empregadas das lojas de antes liam a «Crónica Feminina», e as de hoje lêem a «Máxima», imóveis como expostas em montras, influenciadas pelos vizinhos «ateliers» de «design», a oitenta contos uma cadeira.

Cruzando as ruas a uma velocidade de cruzeiro, encontra-se de tudo — isto mesmo de que estamos a falar, mais bandos silenciosos de meninos e meninas, de escuro, com sobretudos a parecerem guarda-pós dos amigos de Jesse James ou Sundance Kid, ou outros mais normais, tipo António Arroio ou Conservatório, não sei ainda distinguir, pelo menos são mais animados nas cores, noto é que trocam silêncios entre si, comunicando como os «pianistas» da TSF na II Guerra Mundial, ou os Macubais no Sul de Angola, ou pior, porque estes nem estalinhos dão. Abanam todos o capacete em sítios diferentes e consoante os respectivos silêncios e indumentárias, e saem como entraram, quer dizer, sem uma palavra, em alguns casos dão uns guinchinhos agudos a dançar, levantam-se ou desencostam-se para dançar, conforme há, ou não, cadeiras, e embora vão em grupo para a pista, depois dançam como se ninguém mais existisse, na manhã do «Day After», tão diferente que é do meu tempo, do tango à perna-de-pau e do dançar agarradinho, Lavanda encostada a Tabu, esfrega-te bem tigre, que depois da dança só há que comer, «já que roçou», o que era dito pelos meus amigos da idade da brilhantina, da poupa e do pente no bolso detrás das calças, como se fosse um grande e profundo pensamento, o «já que roçou» pronunciado como «jacques rousseau», o que lhe conferia grande autoridade e, principalmente, grande obrigatoriedade, sempre com grande, grande urgência.

O que não havia no meu tempo era máquinas de preservativos nas casas de banho, «controle» ou «hello», conforme o estado de espírito, penso eu, porque dantes o que havia era que afiambrar, nem que fosse na escada de madeira lavada a sabão amarelo ou macaco, ou a outra coisa pior se havia por ali algum «mija na escada». Espada em riste e sempre que possível «zás», na «mouche», que havia «mameselles» que nem pestanejavam e os «Três Mosqueteiros» tinham sido lidos há pouco tempo.

No Bairro Alto, o amor foi sempre perigoso, penso a olhar para uma máquina de preservativos, enquanto enxugo as mãos. No meu tempo eram os cancros moles e os cavalos duros, época dourada da penicilina, idade do auge do permanganato, que depois de lavado fica-se como novo. Também se lia a «Marca dos Avelares» e hoje lê-se o Milan Kundera e o Miguel Esteves Cardoso, que devia ter existido também neste tempo, mas com a mesma idade, como as figuras das bandas desenhadas. Não havia JSD's ou JC's ou JCP's, havia a Causa Monárquica e o Jockey Club e em vez dos «skinheads» havia o grupo de forcados do Nuno Salvação Barreto, o arquitecto Taveira andava ainda a comprar sandes de fiambre para o Conceição Silva e os colunáveis eram o ministro Corrêa de Oliveira e o Mascarenhas, marquês da Fronteira, corredor de automóveis, como o Filipe Nogueira, com treinos em Monsanto, ídolos do Francisco Balsemão e do Piqui Ruella Ramos, cada um no seu, o Balsemão de Porsche, o Ruella de Austin Cooper, vrooom!, como o Michel Vaillant, a descerem a Luz Soriano, a assustarem os jornalistas que andavam só de eléctrico.

Pedi mais um «Constantino», olhei o meu livro de notas, lembrei-me do Cardoso Pires, entretanto em Alvalade, como na BD, a dar uma cabeçada às sete da manhã na Alga, num tipo que o chateara, enquanto o Sttau Monteiro metia uma flausina qualquer no seu Lotus Elan e partia como uma seta para uma noite no barco que tinha em Sesimbra. Flausinas eram outra espécie, pensei, em vias de extinção, por isso se apagaram. Gritavam sempre que não, que não, fingiam-se muito preocupadas com o que nós íamos ficar a pensar e tinham crises de angústia existencial a que alguns advogados «part-time» estão regularmente sujeitos. Penso mesmo que as crises de angústia devem ter que ver com a dedicação exclusiva.

— Oh meu! — chamo o empregado com uma nota de quinhentos entre dois dedos e digo-lhe:

— Dou-te esta e outra igual se me disseres onde é que aqui no bairro há uma partida de vermelhinha.

Olhou a nota e estendeu a mão.

— A informação primeiro — disse eu.

— Fico só com esta. Vá à rua de cima a um bar que fica na esquina e pergunte pelo Jasmim. Diga-lhe que fui eu que o mandei. Ele sabe tudo do bairro.

Saí. Enquanto estivera no bar, tinha caído um nevoeiro quase cerrado. Subi a travessa, dei a volta, passei por uma casa de fado com um porteiro no passeio. Parecia um chofer de praça do turno de dia e não tinha a imponência dos velhos porteiros, que em vez de sindicato deviam depender do ministro da Marinha. Pensei no fado de há vinte anos e no de agora; cantado deve ser ela por ela, não há mais é a Lucília do Carmo e o seu menino prodígio e, principalmente, falta aquele velho Marceneiro, ti Alfredo para os amigos, mau como as cobras, mas com muita graça, era então um esbelto rapaz o Pargana dos «cartoons» dos artistas e Martin Maqueda

NOVO ALTO

desenhava momentos de glória aficionada da corrida da véspera. Raios, penso, hoje já nem há «américas» para os putos pedirem «Mister, um cigarette» ou as pequenas dizerem com sotaque da Louisiana «Oh camone, senta aqui, darling, são fifties e aqui a querida faz-te um que nunca mais te esqueces». Oh que bons tempos, que bela época, que finesse, que delicatesse. Pelo menos sentimentos havia, porra, lá isso, garanto que havia.

Passo por mais um grupo que vai abanar o capacete. No meu tempo não era preciso. A gente dançava agarradinhos mas davam-nos um uisque tão marado que ficávamos com o ferro de engomar solto dentro da caixa dos pirolitos. Devia ser por isso que não se dançava como agora. Mas que estes miúdos devem ter prazer, devem com certeza, senão não dançavam assim. Quando chegar a casa vou experimentar. E estes putos têm de ter alguma coisa lá dentro, mesmo que já não sejam electrodomésticos como no meu tempo, mas têm de ter algo na tola e procurarem sentir alguma coisa.

Paro, aproveito para acender um cigarro, fico a vê-los passar em frente de um retiro de fado atulhado de turistas japoneses, com o autocarro às ordens no Largo da Misericórdia e a darem com o «flash» na tromba dos artistas, e noto uma diferença fundamental de ontem para hoje.

Dantes, a gente entrava e saía do Bairro Alto como quem vai a uma casa

BAIRRO ALTO

de penhores, quer dizer sem querermos ser vistos; estes putos e miúdas de agora andam por ali a mostrarem-se uns aos outros, como as pequenas matilhas de rafeiros citadidos à mistura com viralatas, cheira-cus e ala que se faz tarde.

Desviei-me do guarda nocturno estilizado. Os «chapas» ou «tiras» só andam de cu tremido desde que viram a «Hill Street», mas isto não é Chicago, a Rua da Rosa não é a Polska Avenue e os rapazes do gamanço o máximo que por aqui fazem são uns tocadores de automobilistas distraídos ou uns «pintores» de bichas envergonhadas.

Que saudades do tempo do «Oh Elsa vais presa?» — «Não, vou dormir com o chefe».

Cheguei à porta do bar que o tipo me indicara.

O fumo é muito e numa mesa há quatro gandulos a olharem para mim. A pequena que me pergunta o que quero é tão branca que só deve ter ido uma vez à praia no tempo dos Pereira da Rosa à frente da Colónia Balnear Infantil «O Século».

— Traga-me um «Constantino» e diga ao Jasmim que preciso de lhe falar.

Dirigiu-se a uma porta dos fundos e pouco depois tinha junto a mim um caramelo com caracóis cor de cenoura e uma camisa havaiana que, se tivesse idade para ter visto os filmes da Mae West, podia ter-me perguntado:

— Esse volume no bolso das calças é uma pistola, ou estás contente por me veres?

— Ouve minha flor — disse eu em voz baixa, mostrando mais uma nota de quinhentos — o teu amigo da rua de baixo disse-me que tu é que podes arranjar uma partida de vermelhinha.

— Ai, que exagero! Olhe, já não há!... Pode ser que encontre na D. Pedro V, no Pavilhão Chinês. É tudo o que sei.

Bebi o «brandy» dum trago, fiz mentalmente as contas às despesas que vou apresentar à minha cliente e cheguei à conclusão que não valia a pena apurar-me porque os arrebentas do IRS vão limpar-mo quase todo. Mas o mais importante é não conseguir lembrar-me de quem é o tipo das notas de quinhentos de agora, enquanto naqueles bons tempos tenho ainda a certeza de que era o Damião de Góis e o gajo das milenas já não me lembro, mas devia ser ainda mais importante.

Levantei a gola e pensei que a minha cliente queria era que eu apanhasse uma pneumonia e, a caminhar desta maneira, até parece o passeio do Dash Hammett na China Town de S. Francisco.

Entrei no Pavilhão Chinês com saudades dos chinezinhos que vendiam gravatas de seda no Rossio e no Elevador da Glória, no tempo em que em Macau havia só putas, ópio e batota, o que era muito mais honesto do que os juristas, políticos e economistas que andam hoje num vai vém de Lisboa para as antecâmaras e vizinhanças de Santa Sancha. O negócio é exactamente o mesmo, a administração é que se pôs, também, a render.

Tirei a gabardina e o casaco na sala do fundo, para mostrar os meus suspensórios de seda, e arregacei a manga esquerda da camisa para não sujar o punho de giz no pano verde da mesa de «snooker».

— Traga-me um «Constantino» e diga-me onde arranjo uma partidinha de vermelhinha.

— Já não há. O senhor Pinto Coelho está a coleccionar para decorar o próximo bar que se vai chamar, precisamente, «A Vermelhinha». Não prefere um uisque? Constantino já não se usa...

Não respondi. Enfiei, com força, a bola negra n.º 8 no buraco do meio. E, a jogar sozinho, enfiei as bolas todas, uma por tacada, pensando que a vermelhinha fora, no mínimo, substituída pelo «poker» de máquina eléctrica.

Antes de sair, escrevi no livro de apontamentos: «'Vermelhinha', já não há. Falar com Pinto Coelho». Parecia nota de dicionário.

Sorri. Levantei a gola. Notei que o João Sebastião Bar também já não existe. Chama-se agora não sei o quê. Mais uma vítima da «perestroika».

Encontrava-me na fronteira do bairro com a D. Pedro V. Quando voltar para cima, vou vender as minhas recordações a um destes antiquários. Agora, vou descer a Rua da Rosa, cair nos braços da minha cliente. Duvido que goste dos resultados. Mas é a verdade.

TEXTO DE
JÖRG ALBRECHT
«DL», EXCLUSIVO DO «DIE ZEIT»

ESCREVE E CALA O BICO

Jornalismo — a nova profissão do futuro? Os que dantes sonhavam em ser pilotos, professores universitários ou comandantes de navios transantlânticos, agora desejam a redacção de um jornal. Mas cuidado com as ilusões! Aqui ficam alguns conselhos amigos...

Quem trabalha num jornal, está num lugar excelente e de grande prestígio. Prova disto é o correio que todos os dias nos invade: o mundo vive a obsessão do homem do jornal.

Quando ao fim do dia já foram parar ao cesto dos papéis os prospectos da Associação Nacional de Produtores de Aparelhos para Deficientes Auditivos, a nova grelha de programas da **Rádio Estrela Polar** e as novidades editoriais das **Publicações Quarta Dimensão** — ainda ficam em cima da mesa três cartas de leitores. Na primeira, o leitor queixa-se amargamente: «Excelentíssimos Senhores: li atentamente o artigo publicado pelo vosso jornal acerca da cultura das urtigas. O articulista revela uma ignorância total do assunto. Se o vosso jornal voltar a publicar reportagens deste estilo, vejo-me na obrigação de prescindir da vossa publicação.»

O argumento dá que pensar. Depois temos a carta de uma leitora: «Nunca na minha vida escrevi uma carta à Direcção de um jornal. Mas o seu artigo sobre a minha terra está tão bem escrito que me atrevo a enviar-lhe a minha obra ainda inédita, 'Que Bela é a Parvónia de Cima!', na certeza de encontrar junto de V. Ex.as, o melhor acolhimento.» A adulação é argumento de peso.

E finalmente... a terceira carta. É dum jovem que oferece os seus préstimos: «estudei durante dois anos Agronomia na Universidade de Alguidares do Meio e seis anos de Comunicação Social na Universidade de... Mas cheguei à conclusão que o meu sonho é ser jornalista. Acha que no jornal que V. Ex.a superiormente dirige terei alguma possibilidade?»

O género literário a que esta carta pertence, caracteriza-se pela dificuldade que se sente em responder.

Sim, como responder? Acaso aconselhar o jovem a tentar a sua sorte na aviação espacial, na cirurgia ou candidatar-se a maquinista dos caminhos-de-ferro — profissões muito mais aliciantes?

Dizer-lhe, preto no branco, que deixe de sonhar com a Imprensa, pois não sabe no que se irá meter?

Por isso é que ofereço agora aos leitores um manual muito resumido do jornalismo prático no intuito de facilitar a escolha dos indecisos.

Em primeiro lugar há que pensar nos jovens indispensáveis à renovação dos quadros: trata-se do estagiário, aspirante a jornalista ou bolseiro — a etiqueta tanto dá.

Os jornalistas mais acutilantes são criados nos viveiros de Lisboa. Foi aí que aprenderam, antes de mais, a escolher no pronto-a-vestir, o fato de pura lã virgem, em segundo lugar, como se utiliza um gravador de cassetes, e finalmente, que os adjectivos devem ser evitados. Dantes exigia-se do jovem jornalista carta de condução e conhecimentos rudimentares de dactilografia. Hoje ele já necessita de um curso universitário, e ai de quem não souber o que é a taxa de desconto do Banco Central. Se a ignorar, pode fazer as malas e ir à vida.

Um estagiário é um voluntário. Ninguém obriga ninguém a nada. Mas no fundo, ele também nada poderá aprender. Já os velhos, raposas experimentadas, garantiam: o talento para escrever ou nasce com a pessoa e está à vista a olho nu no mais pequeno gesto, ou nunca se poderá adquirir.

E quando dois estagiários se encontram por acaso à mesa do café, logo descobrem necessariamente a nova e revolucionária fórmula do jornalismo do futuro. Porém, isso nada tem de excitante dado que nunca existiu uma fórmula do jornalismo. Para os estagiários só existe, válida, uma regra: ele tem de saber escrever três histórias. Primeiro, «Uma Noite Passada com uma Desconhecida». Em segundo lugar, «Um dia no Tribunal do Trabalho». E finalmente, para acabar o seu estágio: «A Noite de Ano Novo na Sala de Partos — o primeiro bebé nascido dez segundos depois da meia-noite foi uma rapariga e chama-se Sílvia.»

O **redactor** forma uma espécie humana única — está sempre mal disposto porque todos lhe causam embaraços. Por isso, ele divide o mundo em duas partes — as coisa que ele já conhece e as que nunca viu (este último aspecto só muito raras vezes se aplica).

O redactor sabe tudo, conhece tudo e todos. Trata-se de uma exigência profissional. Se, por hipótese, alguém lhe vier falar de uma tribo obscura de algum recôndito de África, cujo estilo de vida consiste em os seus membros se alimentarem de cobras venenosas e devorarem em postas todos os etnólogos que por lá vão aparecendo, o redactor responde logo: «já sei, já conheço».

E se alguém referir a existência de matriarcados subtis rodeados de obscuros ritos relativos à fertilidade, o redactor pensa logo, «há dois ou três anos já publicámos no jornal essas histórias africanas».

Ou então surge alguém a sugerir uma reportagem sobre o dia-a-dia numa aldeia perdida no interior: trabalho duro, festas rijas, tudo na pureza original sem manipulações. «Mas que aborrecimento», pensa de imediato o redactor, «nem burro se interessará». Qualquer que seja a proposta que chegue, o redactor tem sempre a pergunta-chapa: «mas onde iremos nós encaixar isso?»

E tudo acaba por ser tratado como mandam as regras da arte: retalha-se o texto e envia-se um naco a cada uma das outras secções editoriais — é o que o homem do talho faz à rês.

Mas o redactor ideal consegue fazer o impossível: escutar pacientemente todas as ideias que lhe são sugeridas, transformar manuscritos ilegíveis em textos exemplares, tratar os seus jornalistas com o maior carinho e admiração. No final da sua carreira, o redactor ideal recebe do Chefe de Estado a comenda de honra por relevantes serviços prestados à comunidade democrática.

Mas raríssimos são os que se podem classificar na categoria de redactor ideal. É que a maior parte dos representantes desta classe profissional, com o decorrer dos anos, transformou-se em «redactor de cadeira». Originariamente, tratava-se de uma actividade de elevado risco: ainda existia a censura que de olho vivo passava a pente fino tudo o que saía das rotativas, e por isso, a redacção precisava de um homem que, em caso de dúvidas, pudesse ser enviado para a enxovia, por ele e em representação dos colegas.

Mas hoje as coisas mudaram e o conceito de redactor já não tem tais contrastes de suspense policial. Os perigos são, actualmente, totalmente diferentes: o tabagismo, a cirrose figadal, a tensão alta e a prisão de ventre, para só mencionar perigos menores.

A vida de um redactor está emsombrada por tenebrosas perspectivas. Quando soar a hora de baixar à cova, já estará classificado como legasténico, incapaz de escrever uma frase escorreita. Apesar de, na sua pedra sepulcrarl ter ficado gravada a seguinte inscrição: autor das mais belas legendas de fotografias e um talento para compilar índices onomásticos.

Uma subespécie da espécie dos redactores pode ser observada nas empresas estatais. O redactor de um órgão de Imprensa do Estado tem de gerir um orçamento sempre deslizante, tem de fornecer aos seus colaboradores material que pertence aos arquivos próprios, mas, sobretudo, passados alguns anos ele vê-se confrontado com a amarga desilusão: qualquer locutor tem mais influência que ele na elaboração dos programas, qualquer funcionário do partido, manda mais, qualquer electricista tem mais poderes e competências, qualquer operador de câmara é mais criativo.

Sempre que o redactor chega a estas conclusões, desinteressa-se do seu posto de trabalho, começa a jogar às intrigas e acaba por só ter tempo para o seu «hobby»: rádio-amador, banda do cidadão.

No começo da sua carreira, todos os redactores sonham com a mesma coisa: atirar fora os tarecos inerentes ao trabalho de assalariado e só escrever as histórias de que gostam. Alguns conseguem mesmo realizar este ideal e transformam-se em empresários por conta própria ou **jornalistas independentes**.

Na realidade, porém, jornalista independente não passa de um terrível eufemismo. A realidade ensina que o jornalista independente é o mais dependente de todos os habitantes deste planeta. Tem de aceitar todas as sugestões que a redacção lhe fizer; trabalhar todos os temas que a redacção achar interessantes por mais batidos e esgotados que estejam. E por fim, aceitar que os seus textos sejam corrigidos, e tudo isto a troco de uns honorários determinados com a maior das arbitrariedades e que ficam muito abaixo de qualquer salário mínimo nacional ou pensão de sobrevivência.

Alguns conseguem transformar a necessidade em virtude e passar à categoria dos **Autores.**

Trata-se de escritores de nível que conseguem sobreviver publicando livros sobre a excitante história cultural da bolacha de água e sal. Alguns desses escritores conseguem, desse modo, engrossar consideravelmente as hostes agressivas dos que, tendo optado pelo **life style**, ganham rios de dinheiro com artigos sobre o horoscópio, a alimentação racional, as relaçãoes entre o amor e sexo, e sobretudo, formas de vida alternativas em todos os cantos do mundo. A receita é simples: o puré de batata é cuidadosamente remexido e vendido como o último grito da moda.

A versão mais apurada do **Autor independente** tem um nome pomposo: é o **ensaísta**. O ensaísta é alguém que não se consegue exprimir claramente e por isso, transforma tudo numa confusão.

Mas também sucede que o autor se transforme em **colunista**: o eterno condenado a traduzir os mais insignificantes acontecimentos do dia-a-dia num indecifrável manuscrito de 150 linhas. O colunista também pode ser um **glosista**: com a ideia fixa do que deverá ser um primeiro-ministro, a partir da sua terceira glosa, já se sabe o que irá escrever.

Finalmente, temos a última versão do Autor independente: o **repórter**. Todos o invejam, mas no fundo ele não passa de um exemplar dos que, na arte de escrever, só merecem a nossa com-

paixão.

Vamos a supor que o repórter é enviado à floresta para cobrir o dia-a-dia do guarda florestal. Faz as malas, instala-se numa pequena pensão do interior e observa. Depois, regressa à redacção do jornal e descreve o que viu: um jovem funcionário público, de ideias arejadas, possui uma modesta vivenda e, convertido à cartilha política dos Verdes, usa **jeans**.

Mas o redactor que escuta a história, responde-lhe em rígido tom de intransigência: «por acaso eu até o conheço e sei que esse guarda florestal usa barba, traz uma espingarda a tiracolo e não vive numa vivenda própria mas sim nas instalações dos guardas.» Nesta altura, o repórter já nada mais pode fazer: a sua história terá de ser redigida como o chefe disse.

Com o passar dos anos, o repórter torna-se manso e pacífico. Ao fim e ao cabo ele correspondeu a todos os desejos da redacção. Por isso, quando o repórter já está velho é enviado para relatar o pôr do sol nas ilhas do Mar do Sul ou descrever as mais belas rotas de comboios da Península Ibérica.

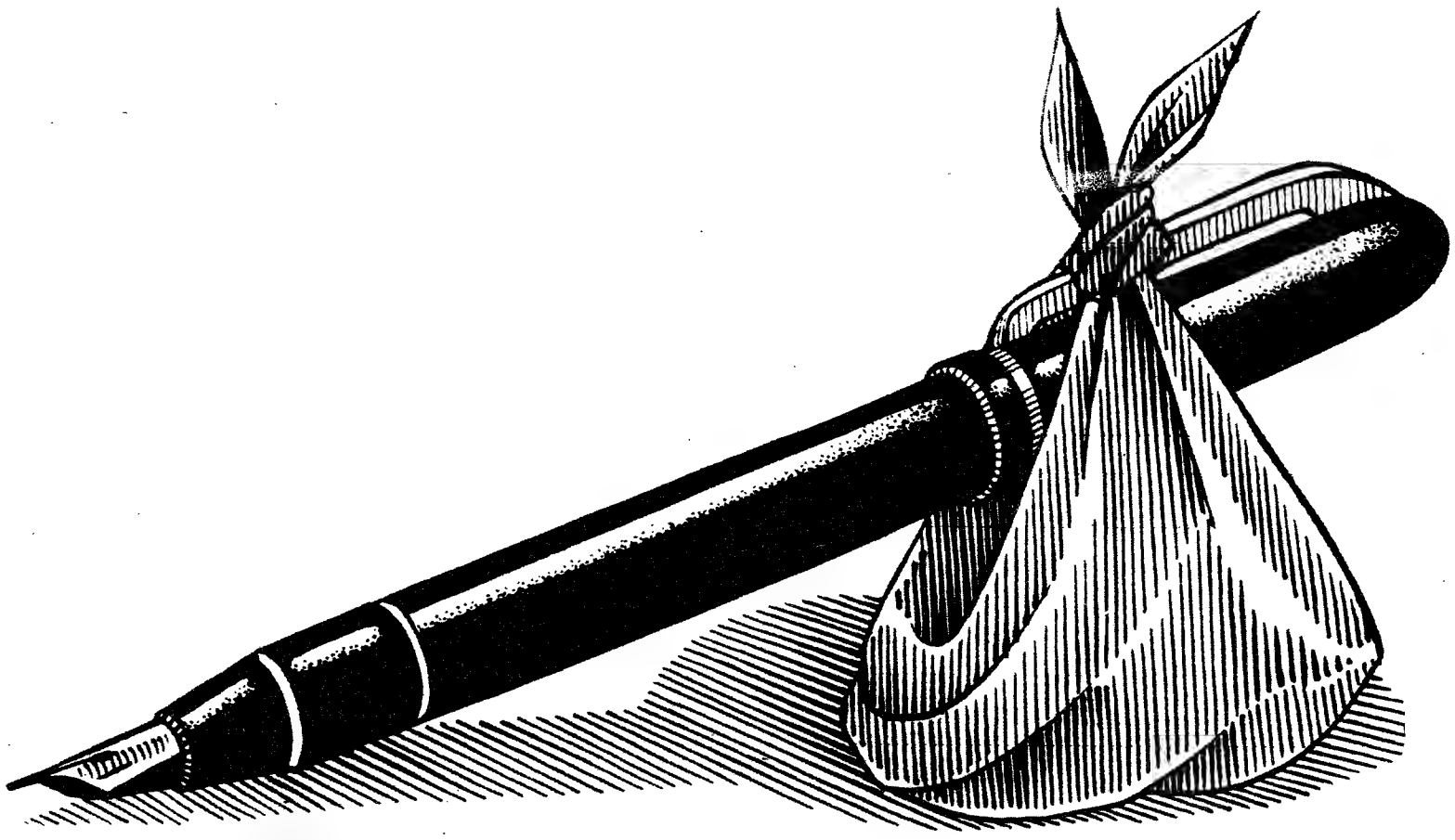
O **correspondente**, uma subespécie do repórter, em geral, vive em hotéis. Enviado para terras distantes, não se sente bem no meio da pobreza, do caos e da corrupção. Por isso, prefere frequentar assiduamente a piscina e os bares. É aí que ele com toda a calma lê a Imprensa local e tem tempo para conversar com outros correspodnentes. E dessas conversas nascem as principais histórias que envia para o seu jornal.

E é por isso que o jornalismo tem muitas pontes que o unem à arte. Não raro, um jornalista acaba em **literato**. E se se der o caso, então, nunca mais tem tempo para as triviais coisas da sua vida profissional, pois está sempre a pensar no seu próximo romance. No fundo, o romancista é o herói oculto que habita cada alma de jornalista. E antes de se dar a mutação, o jornalista pensa profundamente na primeira frase do seu romance-chave, ainda só na sua cabeça: «nesse dia triste de Inverno rigoroso, o chefe estava com uma má disposição insuportável...»

Mas o **chefe de redacção** tem um lema: «o poder só corrompe quem não o tem!»

Ele actua consequentemente. Por isso é que, tendo reconhecido a tempo e horas que é um aborrecimento fazer um jornal, rodar um filme ou andar quinze dias tentando apanhar ao telefone pessoas que lhe possam dar informações úteis, ele decide que é muito mais interessante, a propósito de certas datas, organizar encontros, congressos ou simpósios onde estejam presentes as pessoas importantes e as mulheres bonitas deste mundo.

É muito menos frustrante, traçar as grandes linhas mestras do jornalismo do que andar a gastar energias em trabalho de cão. Esta receita, porém, só é válida enquanto as vendas e a facturação publicitária aumentarem. Se o negócio prosperar, toda a glória vai para o chefe de redacção. Porém o chefe de redacção nato, nunca fica muito tempo no seu lugar. Ou começa a enjoar o corpo redactorial (podem passar-se anos até que tal aconteça), ou o negócio entra em queda livre, e então terá de enfrentar a fúria colérica do proprietário do jornal (facto que, a acontecer, é tão rápido e fulminante como um raio). É uma realidade: nos **mass media** ainda existe justiça.



Nos últimos anos registou-se um aumento verdadeiramente inflacionado dos lugares de chefia ou similares. No sector da Imprensa escrita multiplicaram-se como coelhos os lugares de adjunto de secção, de vice-director, de gestor do gabinete editorialista, de repórter-chefe, de conselheiro, de chefe dos correspondentes (ultimamente surgiu uma nova moda — o «chefe de texto»).

Todos querem mandar, dirigir, organizar. Tudo isto leva a uma certa desorganização, desorganização esta que no jornalismo profissional não se nota muito dado que ninguém sabe bem para onde se caminha.

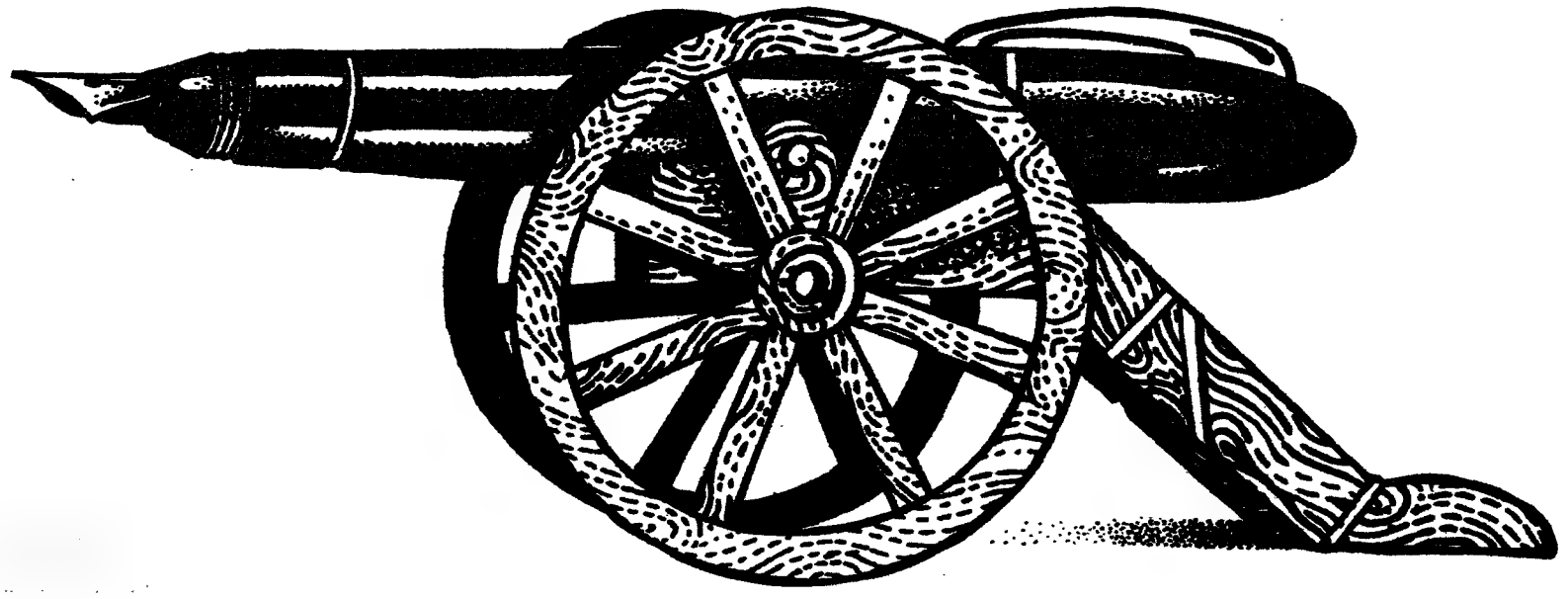
Mas no jornalismo também existem as Sibérias. Sibérias que têm outro nome: chamam-se «redacções de desenvolvimento». Uma redacção de desenvolvimento — em geral pretende-se criar um novo jornal aproveitando o entusiasmo dos profissionais mais idosos —, é sempre implacavelmente apanhada pelo destino — o produto final vai parar ao caixote do lixo.

Devemos reconhecer grande nobreza de carácter nos que trabalham num número zero: cerca de vinte pessoas empenharam-se a fundo para conseguirem um produto destinado a ser esfarrapado. Em geral, nestes casos, o veredicto final é sempre o mesmo: «Não é suficientemente 'sexy'». Preto no branco, tal veredicto significa: poucas fotos, ou então demasiadas fotos; ou ainda, «a mistura de fotos e texto não convence». Na realidade só as pessoas de carácter execrável são enviadas para tais expedições siberianas.

Apesar de também haver voluntários que se oferecem para essas aventuras. Segundo reza a lenda, em Munique existe um considerável número de jornalistas profisionais que até agora ainda não publicaram uma única linha de prosa: todos os jornais para que trabalham ou trabalharam, ainda não ultrapassaram o número zero. Mesmo assim, esses jornalistas recebem chorudos ordenados e levam vida regalada.

Pois é, as coisas passam-se assim. Como explicar, então, que os jornais consigam apresentar dia após dia, noticiários, reportagens, entrevistas, glosas, comentários, sempre da melhor qualidade e segundo as rigorosas regras desta arte? A resposta é clara: trata-se do segredo profissional, e como o segredo é a alma do negócio, não o poderemos revelar a leigos. Esse segredo é o orgulho dos jornalistas e o orgulho faz parte da alma do negócio.

Trad. e adaptação de J.S. Monteiro. Adaptação significa aqui que se tentou uma versão nacional de nomes próprios — reais e fictícios — bem como de alusões regionalistas.



TEXTO DE
JORGE SILVA MELO

COM 5 PEDRAS NA MÃO

A Mosca cinéfila volta a atacar

Há já muitos anos, uma senhora que muito admiro disse **que gostava tanto de teatro que até do muito mau teatro gostava**. Eu respondi-lhe que comigo se passava o mesmo mas com espectáculos que, por não conhecer muito bem, são para mim um mistério — touradas e óperas. Por muito má que seja a récita da **Manon** do Massenet (e o que eu detesto essa ópera!), ou por muita falta de estilo que tenha o Bastinhas, eu cá fico tão contente por lá estar!

Aproveito para lhe dizer com estes anos de atraso — que no cinema é a mesma coisa. Gosto tanto de cinema que até dos maus filmes, confesso, gosto.

Pois o cinema é como os livros: para se chegar às suas mágicas montanhas ninguém me venha dizer que não começou pela simples, gigantesca alegria de ver ou ler **o que quer que seja**. O extraordinário Salgari e a vida de São João Bosco! Ou **O Grande Caruso** com o Mario Lanza! (A cena que mais me emocionou no cinema? Possivelmente aquela em que ele canta que se desunha e todo o público já sabe que lhe nasceu um menino. **Um menino!**). Ou o horrendo milagre do **Marcelino Pão e Vinho!** E se o último disco que comprei foi um CD da Elisabeth Schuman, não me esqueço da alegria com que na Melodia comprei a **Piccolissima Serenata** do Renato Carosone — que, vistas bem as coisas, amei mais profundamente.

Mas eu não lhe disse então que cá para mim, filmes eram filmes, havia os bons, os muito bons, os muito maus — mas eu, no fundo, gostava de todos.

E na altura em que não disse isso havia ainda filmes maus em exibição. Filmes esquecidos que faziam uma semana e às vezes muitos meses. Mas que eram filmes que os críticos não viam, banalíssimos western-spaghetti que não eram de arte (ou seja de Sergio Leone), filmes indianos que não eram de festivais, filmes de vampiros que não tinham cinco estrelas, policiais brutos de co-produção italo-espanhola-alemã (mas ainda não eram **cinema europeu**), comédias italianas que não eram Palma de Ouro em Cannes (havia um actor que eu adorava e era sempre no Politeama: Lando Buzzanca). Para não falar na época gloriosa dos cinemas Roma, (ah, aqueles policiais alemães a preto e branco com o Peter van Eyck, a Senta Berger e às vezes a Dahlia Lavi!), Aviz (**en Madrid aparecen las violeteras**...), o Condes do Eddie Constantine e o Odeon da Imperio Argentina. (O Amedeo Nazzari e a Yvonne Sanson só os apanhei em segundas núpcias, no Cinearte que ainda não era da Céu via Abecasis).

Agora os filmes parece que são todos bons — é o que leio nos jornais. E os maus estão só no vídeo-clube, mas eu já não sei bem quais são — porque pode ser que já sejam de arte (como se diz **móveis de estilo**) sem a gente saber.

Só há pouco tempo, aliás, é que ousei confessar esse **péché-mignon**: sempre que ia ao cinema, eu gostava. Ficava embasbacado com tudo aquilo que via (mas isto até muito tarde, para lá dos trinta anos!), nunca me aborrecia nem sentia que era previsível o desenrolar dos acontecimentos (aliás: nunca percebi as histórias... parece que é importante, mas eu entretenho-me com outras coisas...) ou a **mise-en-scène** — gostava daqueles processos narrativos grosseiros (as personagens chegam a Paris? Pimba: plano da Torre Eiffel; a rapariga teve um desgosto de amor? Sim, mas tem que voltar a cantar a cantiga das suas ilusões e vão ver como o público a vai aplaudir para lá do possível).

Para não falar na Marisol!

Era um encantamento!

Ontem, fiquei com a noite livre. Eram seis da tarde e telefonaram a desmarcar o encontro. E olhem: cheio de saudades dos antigos sábados em que, entre o Jardim Cinema, o Cinearte, o Palatino e o Royal conseguia ver quatro filmes maus ou bons, meti-me no carro, enfiei-me num parque de estacionamento, comprei uma **pizzatakeaway** e bilhetes para três sessões. Não queria ver um filme. Aliás, há um que eu quero ver mas ontem não. Queria **ir ao cinema**. Tal como às vezes me apetece ir comprar esferográficas, sempre me apetece ir à tourada e há alturas em que vou muito a supermercados. Ir ao cinema sem ambições — para o que der e vier.

E isso: gostar de cinema é para o bem e para o mal até que a morte nos separe, etc., **como nos filmes**.

As primeiras imagens fiquei todo contente — era Nova Iorque e Nova Iorque fica sempre bem e por acaso eu tinha comprado um chocolate naquele mesmo quiosque da W42ST, e adoro ver filmes que se passam nos lugares que conheço (excepto na Lisboa do Alain Tanner). Depois, o actor principal é o Al Pacino e eu há meses que me perguntava: o que é que aquele rapaz anda a fazer? Porque isto de ir ao cinema ver actores não é só ir admirar a arte da representação — é também saber como estão esses nossos desconhecidos companheiros de aventuras e noitadas.

Mas ai!

Era na polícia, havia crimes sexuais, o polícia era divorciado e alcoólico, tentava a todo o custo saber da ex-mulher — e o público ao meu lado ria imenso e ria de tudo, palavrões, piadas, previsões...

E eu, nada.

«Grande actor, dizia para mim, grande actor.»

Depois, por necessidade da intriga (bem puxada pelos cabelos, tresandando como agora quase tudo a aula de escrita de argumento na Universidade), o polícia tinha que fingir que era um daqueles homens que põe anúncios sentimentais nos jornais. Primeiro encontro num café e a cena promete emoção: a correspondente que primeiro chega é bem mais velha, as mãos têm rugas. está ávida de homem. A actiz é excelente. A cena é muito bem resolvida no argumento: ela percebe que ele não voltará a aparecer-lhe, afasta-se. Ele mantém-se na mesma mesa a receber outras mulheres que responderam ao seu anúncio. E no fim percebemos que a tal senhora mais velha ficou no restaurante, sentada ao balcão e assistiu a tudo. E o polícia que a vê e fica aflito. Campo-contra-campo: ela sai, com os olhos molhados de lágrimas, o polícia olha e percebemos que negros, muito negros pensamentos lhe atravessam a mente. Fica por segundos comovido — perante a miséria dela e a miséria dele.

Eu, que sou antiquado, pensei: bem feito, boa, tradicional, sólida organização da matéria narrativa, eis o profissionalismo, sim senhor, golpe de teatro bem certeiro. E ia tirar-lhe o meu chapéu quando ouço uma gargalhada. E que no momento em que o polícia, surpreendido, a descobre (e nós com ele), a sala inteira desatou a rir-se (dele e dela).

Confesso: não percebi.

Toda a cena é feita para culminar num pungente apertar do coração perante aquilo que será possivelmente convencional — o envelhecimento, solidão sexual, «grande grande era a cidade e ninguém me conhecia». Al Pacino olha-a e no belíssimo olhar está dito tudo aquilo que devemos sentir. Que quisemos sentir ao comprar o bilhete.

Que este cinema é feito para comungarmos emoções. E os actores oficiam isso.

Mas o público, em vez de ter um pequeno calafrio de comiseração, como tem o herói (e há plano bem longo para vermos isso), achou piada. Nada de identificação com o excelente actor e a explêndida actriz: distanciadas, cínicas, aquelas duzentas pessoas fugiam ao filme por outras razões das que me fizeram perder os minutos seguintes. Porque para mim, de repente, tudo se estragou: admirei a perícia da cena, não percebi os espectadores, pus-me a pensar noutro filme, uma obra-prima que não há meio de conseguiur rever: «The Honeymoon Killers» de Loenard Castle. E a reparar como acena chega aqui via richard Brooks — «Mr Goodbar» — para nela sobretudo pairar (enfim, lá pairar, pára) uma recordação do Cassavetes de **Shadows** e de **Minnie and Moskowitz** (até na maneira atabalhoada de fazer o campo-contra-campo). Para mim, o prazer inocente estava estragado: o filme referia-se a filmes bem melhores (sapateiro, ne supra crepidam!) e o encantamento voluntariamente estupido fora-se.

Mas a gargalhada da sala levou-me a paragens mais sociológicas.

Podia eu ter pensado: olha, o público está mais esperto, deixa de reagir às campainhas narrativas que sempre o fizeram salivar, como aos cãezinhos de Pavlov.

Mas terá sido isso?

Ou não será porque esta cena, ligeiramente mais sensível do que o resto do filme, ligeiramente mais complexa dramaturgicamente já é incompreensível no cinema (ou seja: na jovem pequena burguesia urbana), já não emociona?

E pus-me a pensar: será porque o assunto está estafado, depois de tantas almas sofregamente solitárias que já se viram percorrer as ruas de Nova Iorque? Será porque o público que hoje aqui está é muito mais novo do que a personagem (e do que eu) e este assunto lhe é mais longínquo do que a ilha de Bornéu?

E voltei a ter saudades dos filmes maus que eram só (modesta e profissionalmente) aquilo que eram: para, dengosos, chorarmos todos com a Sarita, rirmos todos com o Cantinflas, nos empolgarmos todos com os murros de Eddie Constantine, e em diferido namorarmos todos a Antonella Lualdi de Vespa na Riviera.

Era um cinema que é claro que era mau.

Mas era ingénuo.

E este filme — que era profissional e aplicadamente medíocre, mas não é esse o assunto — não era ingénuo.

Era, sim, ressabiado.

E por isso o público era igualmente cínico.

Fiquei enjoado.

O cinema, meus amigos, é para a gente amar.

Saí. E já não fui às outras sessões para que tinha comprado bilhetes.

Fui para casa pus um disco da Sara Montiel.

La mocita mas juncal y mas hermosa
De labios de rubi, de labios de rubi!
La que va por esas calles tan marchosa!
Por eso dicen que soy rosa de Madrid!

E esta noite, sonhei.

CONTO DE
JAIME ROCHA

O HOMEM DO EMBRULHO

O homem entrou na carruagem empurrado por um grupo de estudantes no meio dos quais vinha um guarda-fiscal. Era um homem magro, quase sem dentes. Trazia um pacote mal embrulhado com o cordel ainda a arrastar pelo chão, entrelaçado na perna direita.

Devia ser pesado porque não conseguia segurá-lo enquanto ia recolhendo o cordel para o atar. Os estudantes concentraram-se no 'hall' da carruagem. Riam e davam bofetadas uns aos outros.

Gregório S. estremeceu quando o homem se sentou a seu lado e lhe disse que, se tivesse ficado à espera no armazém que lhe preparassem a encomenda, nunca mais se despachava para o almoço. Tirou uma pequena tabuleta do bolso, com a morada do destinatário, mas não conseguiu passar o cordel pelo orifício que havia na madeira. Alargou-o com a ajuda de um canivete.

«Ando com uma fome», disse.

Falou sobre o armazém, sobre a falta de competência dos ajudantes e a incapacidade destes em fazerem nós. Gregório S. reparou que o homem tinha uns óculos exageradamente graduados. Inclinava-se sobre o embrulho para fazer passar o cordel pelos nós. Sempre que ele mudava o embrulho de posição ouvia-se um barulho de água. Poderia ser um conjunto de frascos de perfume ou de 'whisky'.

No banco da frente, duas mulheres, uma delas com um bebé, falavam de um prédio que estava a ruir na Madragoa, mas saíram. Ninguém se sentou nos seus lugares, o homem cheirava mal da boca, ou dos pés, não se percebia bem. Deu ainda três voltas com o cordel, deixando um laço para fingir que se podia desatar a qualquer momento.

«Trabalho há quarenta e dois anos naquele armazém e é sempre isto, atrasado para o almoço. Mas no fim do mês vou-me embora, já avisei o patrão, chegou-me a casa uma carta com um passaporte dentro. Sou o número 54 212, aprovado pelo Governo Civil de Lisboa e vou receber 10 mil contos, o que renderá, depositado no banco, ao juro ilíquido de 14,75 por cento ao ano, em 2000, 39 584 660$00».

O homem olhava de vez em quando para Gregório S. enquanto falava.

«Foi o senhor Vítor Brás que me escreveu, o director dos concursos das Selecções. Mandou-me um cartão de visita e um selo autocolante que vale quatro mil contos em ouro. Não sei se conhece. E ainda uma matrícula para um Peugeot, RC-77-97, como bónus. Tudo isto assim de repente, depois de quarenta e dois anos a transportar encomendas para os correios».

Uma mulher com um prato de plástico e uma criança à anca pedia dinheiro. A criança dormia. De longe, parecia feita de trapo. O homem do embrulho deu-lhe uma moeda: «Não gosto de dar esmola, mas agora é diferente, no fim do mês vou-me embora disto, mudo-me para a terra e não volto mais».

Gregório S. não falou durante o percurso, ia tentando ler «A Cidade dos Prodígios» de um romancista espanhol e mirava de relance os títulos de um jornal desportivo. Era segunda-feira, havia chovido durante o fim-de-semana e os campos de futebol estavam alagados. Sorriu ao acaso.

«Pensava morrer um dia destes debaixo de uma encomenda ou nas escadas do metro, de angina de peito. Cheguei a ir à Cruz Vermalha oferecer os rins. Sabe que tenho uns rins perfeitos. E então chegou-me aquele dinheiro, uns papéis grossos que traziam escrito «Passaporte para a Fortuna». Foi o senhor Vítor Brás, deve-me ter visto nos CTT, sempre são quarenta e dois anos nisto».

Na Rotunda entrou um sujeito a sacudir-se. Era o único na carruagem que se apresentava com guarda-chuva. Toda a gente se voltou para ele. Não estava a chover, e ninguém discutia. Passados momentos, pôs-se a concertar uma vareta. Trazia sapatos de lona semelhantes aos que se usam nos hospitais. Tirou o passe do bolso e mostrou-o sem que lho tivessem pedido.

Gregório S. fechou o livro e sorriu consigo mesmo, não sabia porque é que o nome de Onofre Bouvila, o protagonista do romance de Mendonza, lhe dava essa vontade irresistível de sorrir. Devia ser por causa do homem do embrulho que, sem dentes, se pusera a roer um pedaço de cordel como se estivesse a beber um trinaranjus por uma palhinha. Lembrou-se então que o riso não fora motivado por ele, nem pela heroína do livro, Delfina, que possuía um gato terrível e era descrita pelo escritor espanhol como *«magra, desasada, de dentes protuberantes, pele gretada e olhos fugidios, carrancuda, suja, desgrenhada, andrajosa e descalça».*

O riso surgira-lhe porque lhe viera à memória a figura de um holandês que coleccionava chapéus-de-chuva estragados, encontrados pelo mundo. Esteve para perguntar ao sujeito que concertava a vareta se aquele guarda-chuva seria para enviar ao holandês, mas teve medo. Um dia Gregório S. encontrara um desses objectos encostado ao muro do cemitério de Benfica. Fotografou o local, escreveu a data, a hora, outros dados sobre o chapéu e enviou tudo para a Holanda.

Três semanas depois, o holandês apareceu-lhe em casa: «Estou a morrer, estou farto de vacas e de moinhos». Ficou um mês e desapareceu. Gregório S., mais tarde, deu por falta de jornais antigos, de um poster de Guevara e de uma fotografia de Antero que estavam guardados na despensa junto dos apetrechos de campismo.

O sujeito do chapéu sentou-se em frente do homem do embrulho. Tinha um bigode fino e cabelo penteado para trás, cheio de falhas. Olharam-se em silêncio. O homem do embrulho endireitou-se para o outro caber. Este continuava às voltas com o chapéu, abrindo-o e fechando-o. Ficara nervoso e com a cara vermelha.

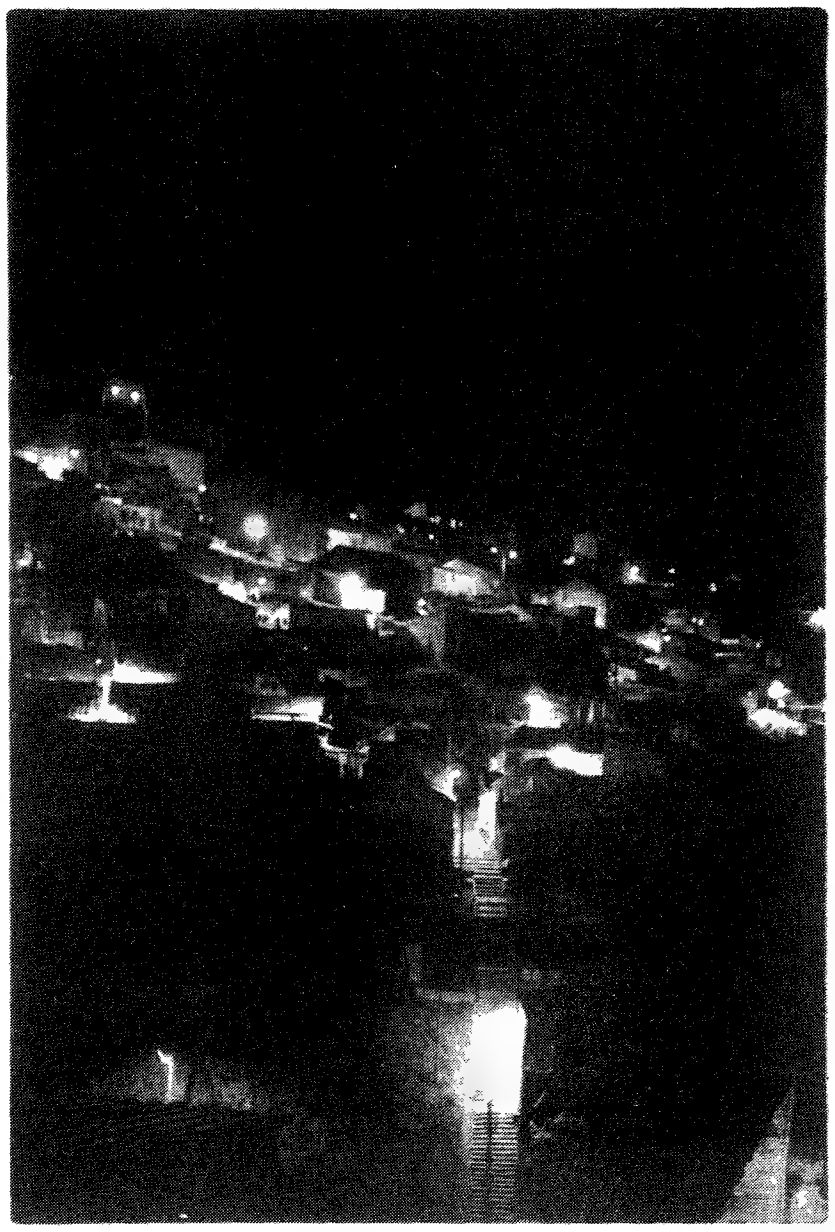
«Encontrei este chapéu num caixote, dá-me jeito, sabe», disse.

«Eu não uso, faz-me impressão», comentou o homem do embrulho.

No Rossio, um polícia entrou e encostou-se a uma das portas. Tossiu durante o resto do percurso. Os dois homens continuaram calados, cada um à espera que o outro iniciasse a discussão. O do chapéu-de-chuva arrancou a vareta, dobrou-a e escondeu-a no bolso. O do embrulho sacou do canivete e pôs-se a cortar o cordel aos bocadinhos.

Gregório S. viu-se obrigado a abrir o livro do romancista espanhol. Olhou para as palavras mas não foi capaz de se concentrar. Tratava-se do episódio em que Onofre Bouvila tinha despejado azeite no telhado para que o gato se fosse esborrachar no chão. A vítima, porém, foi um rival de Onofre que passava inadvertidamente por ali.

Saíram nos Anjos. Todos os passageiros se viraram ao mesmo tempo como se respondessem a um telecomando. Gregório S. levantou-se e seguiu-os. Continuavam a discutir, mas o eco do túnel espalhava-lhes as vozes. Na rua viu-os atravessar a avenida e dirigirem-se para a Sopa dos Pobres. Encostado ao muro da igreja, foi contemplando outros passageiros, vindos de todos os cantos da cidade, com o passaporte das Selecções na mão.



FOTOGRAFIA DA SEMANA

DEAMBULAÇÕES I

«DA FORMA COMO O ESPAÇO, O TEMPO E A MEMÓRIA DESSE MESMO ESPAÇO SE CONJUGAM NUM DADO INSTANTE PARA NOS SURPREENDER UMA VEZ MAIS.» FOTO DE **GIL TEIXEIRA**

TEXTO DE
FERNANDO BREDERODE SANTOS

O RUDE MILAGRE

Bom dia meu querido. Então doentinho?»

A saudação cantarolada não teve efeito visível no garoto. Estava na cama, recostado num almofadão e entretido com o computador, que instalara no tabuleiro do pequeno-almoço, sobre o edredon. E como estava, assim continuou.

Abeirando-se, a senhora esboçou o gesto de lhe tocar na testa. Ele repeliu-a, brusco, quase ao grito. «Agora não, mamã.»

Premia com rapidez ávida as teclas que comandavam os movimentos no ecrã de um boneco representando um transeunte acossado por uma quadrilha de inesgotáveis persistência e efectivos, a quem ripostava com uma devastadora prodigalidade de golpes de Kung-Fu. Um pontapé no ar foi-lhe porém fatal. Um dos miniaturais algozes aviou-o com impiedade mecânica, à matracada, e ele caíu redondo, ao mesmo tempo que uma buzinadela sublinhava o fracasso pontual, destoando na tagarelice de robot recém-nascido produzida pela máquina.

«Fogo, mamã. Estava no terceiro grau.»

Ela aproveitou o descoroçoamento dele para arredar o jogo para os pés da cama. Depois avaliou-lhe com uma mão a temperatura da testa.

«Tão fresco» — estranhou. — «Afinal o que é que sente?»

Ele cruzara os braços, com ar aborrecido.

«Dói-me a cabeça, dói-me um dente e dói-me a barriga» — enumerou. — «Além disso sinto um ardor na garganta. Custa-me a respirar. Ontem, no futebol, torci um pé e levei uma canelada; sou capaz de ter alguma coisa partida. Acho que estou cheio de febre. Apetece-me vomitar. Os intestinos...»

»... Guga, credo.»

A senhora levantou-se, ajustando o robe ao corpo modelado pela dietética e prendendo-o com o cinto. Dirigiu-se a um armário e, de uma gaveta, extraiu um termómetro inquebrável, que foi meter no sovaco do garoto. Depois, contornando a cama, aproximou-se da janela. Afastou a cortina e desembaciou uma nesga do vidro com os dedos. Do outro lado, a chapa estava turva também, da chuva densa que a acometia. Pouco dava para ver, além dos braços reverdecidos pela humidade da palmeira do jardim, a verterem cordões de água para o cascalho, onde batiam com um estridor monótono. Ela estremeceu e chegou as unhas brilhantes de verniz rosado à boca intreaberta num bocejo fugaz.

Na cama, o garoto aproveitara o afastamento da mãe para incentivar o poder de dilatação do mercúrio. Introduzira por um instante a extremidade inferior do termómetro no leite que arrefecia sobre a mesinha de cabeceira. Fora o bastante para a fita de líquido prateado se distender com um ímpeto fálico até ao limite do tubo. Ao consultá-lo, a senhora, primeiro, ficou siderada. Depois zangou-se.

«Guga! O menino não quis foi ir à escola outra vez.»

Lamentou-se. O empenho que ela e o pai tinham posto em lhe arranjar o melhor dos colégios, e era aquela a paga. Faltas, faltas e mais faltas. Até na véspera das férias. Um desgosto.

Sentara-se de novo à ilharga do miúdo. Um ror de queixas e protestos e já estava a afagar-lhe a cabeça, mergulhando as pontas dos dedos no cabelo arruivado e rijo, espetado como relva de plástico. Ele acolhia a expansão com reduzido comprazimento, o rosto sardento franzido e olhos no tecto, como um cônjuge confrontado com a própria pouca sorte. Foi quando bateram à porta.

«Minha senhora, posso? Minha senhora...»

A criada trazia o telefone portátil.

«O senhor engenheiro, minha senhora.»

Ela recebeu o aparelho. Estava de pernas traçadas, chinelinho fofo a balouçar na ponta do pé suspenso. Com a mão livre, extraiu do bolso do robe a cigarreira e o isqueiro, vistosas peças de ouro e laca. Fez sinal à rapariga que, antes de se retirar, lhe trouxe um cinzeiro. Inalou o fumo. Atendeu.

«Sim, Vasco? Olá querido. Então sempre segue para o Porto? Bem. E quando volta? Só pelo Natal? Óptimo. Quer dizer, paciência. E as malas? Tratou de tudo? Não dei por isso, estava tão cansada... Outra noite como a de ontem e apago-me. Os garotos? Olhe, o Guga voltou a fazer das dele. Pois, resolveu faltar à escola. Queixa-se de que está doente. Bom, e a verdade é que com o tempo que faz arriscava-se a apanhar alguma constipação, coitadinho. Atravessar o jardim com esta chuva... Ó Vasco, eu sei que não pode ser, mas também não acho justo que atire para cima de mim com tudo o que são dificuldades com os pequenos. Se ele está aqui? Está, está. Quer falar com ele? Guga, o pai quer falar consigo.»

O garoto tinha extraído um álbum de banda desenhada da estante da cabeceira e agora acompanhava com a moderada concentração da releitura as acrobacias escapatórias de «Conan, o Bárbaro», nas masmorras de uma princesa dotada de todos os atributos que costumam assegurar uma sã maternidade, mas cujo assédio arrebatado provocava no indómito guerreiro um intrigante bloqueio de casto José. No ponto em que ia da história, estavam as coisas a aquecer, com a iminência do confronto entre o musculoso herói e um gorila atacado de gigantismo e de colmilhos emprestados por alguma morsa, que devia constituir sozinho a elite do corpo carcerário. Antes de virar a página, aquele encanto de criança declinou a pretensão paterna com um sumário aceno de mão e uma careta desdenhosa que expôs o aparelho de correcção dos dentes.

«Vasco, amor, olhe, coitadinho do Guga, diz que não pode atender, dói-lhe a garganta. É verdade, sim, acho mesmo que é capaz de estar a incubar alguma gripe. A Talica? Ah, não, essa, sabe como ela é... Imagine que me contou a Custódia que ela queria ir esperar a carrinha do colégio para junto do portão, de chapéu de chuva. Adora a escola. Ainda nem uma falta deu por gosto, imagine. Criança extraordinária...»

Mais umas frases e despediu-se. Virou-se para o filho.

«Foi muito feio o que fez» — admoestou-o. — «Muito feio, Guga. O pai desconfiou e ficou ofendido. E ele não merece que o menino se porte assim com ele.»

O garoto cerrou os olhos, como se apelasse para todas as reservas de paciência. Aparentemente, porém, não encontrou qualquer provisão da tão útil matéria anímica. Fechou o livro com força e arremessou-o contra a parede do outro extremo do quarto, onde ele embateu com estrondo, desprendendo folhas.

«Não merece, uma figa torta» — berrou.

«Guilherme João!

— É o que te digo. Ele anda é a preparar-se para não me dar o que eu quero, que eu já o topo.

— Guga, pare com esse disparate de querer o alienígena. Já ninguém pode com essa conversa.

— É o paras. Quero um alienígena, e quando eu digo que quero é porque quero mesmo. E não me venham cá com o truque do ano passado, de me darem uma imitação foleira do Alf. Quero um alienígena a sério.

— O que é que o menino está a dizer?... Um brinquedo que foi a admiração de toda a gente! Que andava, que falava... E que o Guga deitou para a piscina, de propósito para o estragar, não tem vergonha.

— Era para ver se ao menos nadava, o estúpido boneco. Já disse: desta vez não quero cá tretas. Ele pode ser como o Alf, pode ser como o ET ou até pode ser uma dessas ranhosas das vespas cósmicas do «Oitavo Passagiro». Tem é de ser de verdade.

— Guilherme João, chega.»

A senhora respirou fundo antes de tomar a rota desviada da persuação pela doçura, ciente da improbabilidade da sua eficácia sobre aquele flagelo da pedagogia.

«Guga» — segredou — «se soubesse o presente que vai ter»...

Debruçara-se sobre ele, aconchegando-lhe a roupa até ao pescoço. Estreitava-o. Sorria-lhe. Sussurrava. Mas recebeu em cheio um olhar resoluto e inflexível, de alma íntegra alvejada por uma tentativa de suborno.

«É o alienígena?

— É melhor.

— Não quero. Quero o alienígena. Já o ano passado foi a mesma coisa. Toda a gente teve o que quis. A Talica quis uma bicicleta, teve uma bicicleta. O Nucha quis um Dobermann, os pais dele deram-lhe um Dobermann. Até a Sandra, a filha do jardineiro, quis um hamster e teve um hamster. Só eu é que fico sempre a chuchar no dedo.

— Guga, vou-lhe dizer. Fica só aqui entre os dois...» — Fez uma pausa. E num sopro radiante de voz: — «É um poney. Já está na quinta.»

O garoto hesitou.

«Bom» — transigiu. — «O poney está bem.»

A mãe soergueu-se, aliviada. Só que, quando voltou a inclinar-se, para selar com um beijo o fim da teima, já ele se recompusera.

«Mas» — frisou, desviando a cara — «quero o alienígena na mesma».

A senhora não aguentou mais. Quase praguejava.

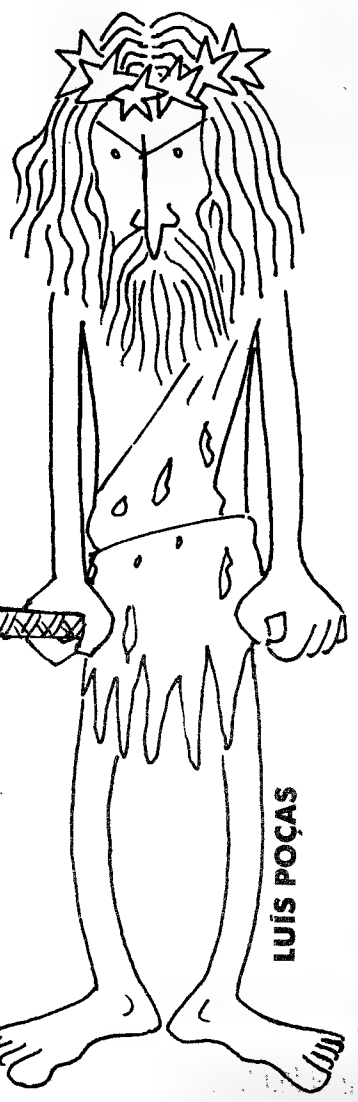
«Apre, Guga, que é demais. Como raio quer o menino que o Menino Jesus lhe faça uma vontade tão parva? Como?»

Com objecções daquelas, iam para o garoto de carrinho. Foi o que ele disse, pelo menos. E também:

«O problema não é meu. E deixa-te dessa patranha do Menino Jesus. Ou pensas que eu nasci ontem? O Menino Jesus! Sempre gostava de o ver, ao teu Menino Jesus.»

Foi quando um formidável relâmpago projectou no quarto um clarão ofuscante. Ao mesmo tempo, o trovão ribombava com um fragor tão próximo que abalou a moradia. Logo a seguir, faltou a luz. Ouviu-se uns passos brutais amarinharem em força a escada que dava para os quartos. Nimbado de uma fosforescência sobrenatural, o Nazareno recortou-se de repente na moldura da porta escancarada. Envergava a túnica inconsútil, por sinal basto danificada pelos coleccionadores de relíquias sacras. Trazia a coroa de espinhos um tanto à banda, resultado provável da pressa com que ali acudira. Nas mãos, com as chagas higienicamente tapadas por pensos rápidos, brandia o chicote com que vergastara os vendilhões do tempo; no olhar, luzia-lhe a divina cólera que o movera nesse dia de violência e glória. E bradou, tremendo:

«Aqui estou!

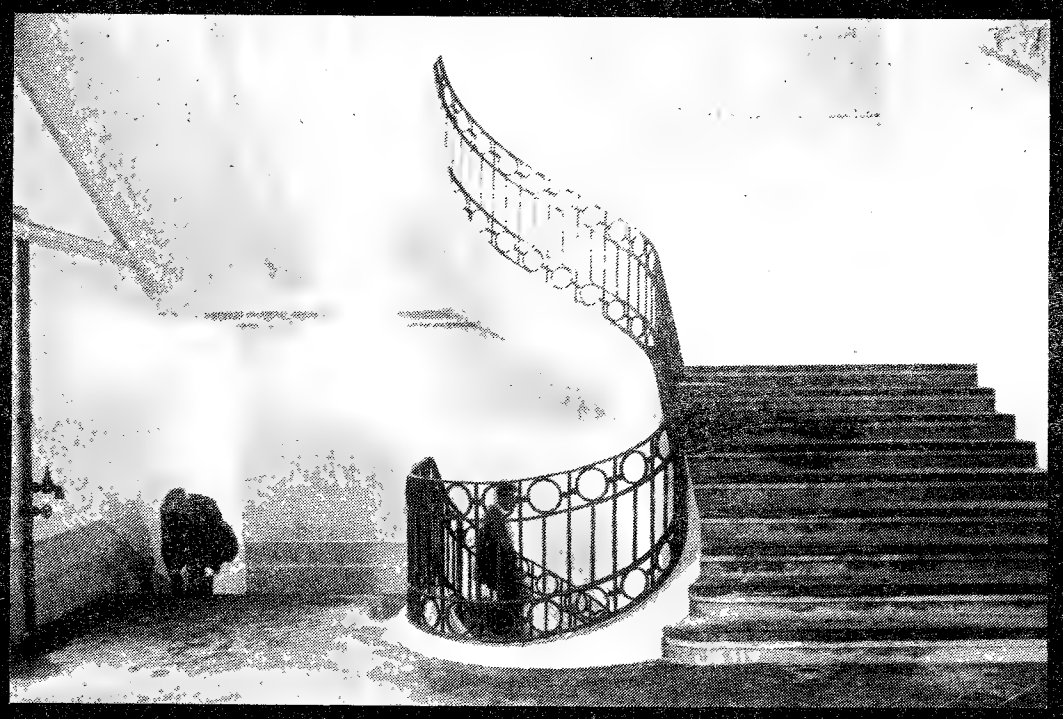


LUÍS POÇAS

FOTOGRAFIAS DE
PAULO HENRIQUES

PERCURSOS

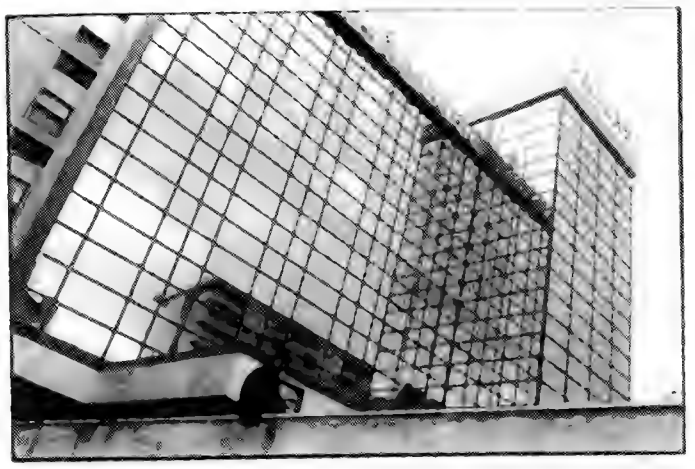
A fotografia cria a sua própria matéria e consome-a no mesmo instante. Forçam-se as fechaduras, mas não as imagens, e há sempre uma ponta do véu que exige não ser levantada: é essa a condição do encantamento. O que conta, acima de tudo, nas imagens e no resto, é o instante decisivo da aproximação em que a vida surge iluminada por uma nova luz e parece ir mudar de sentido.

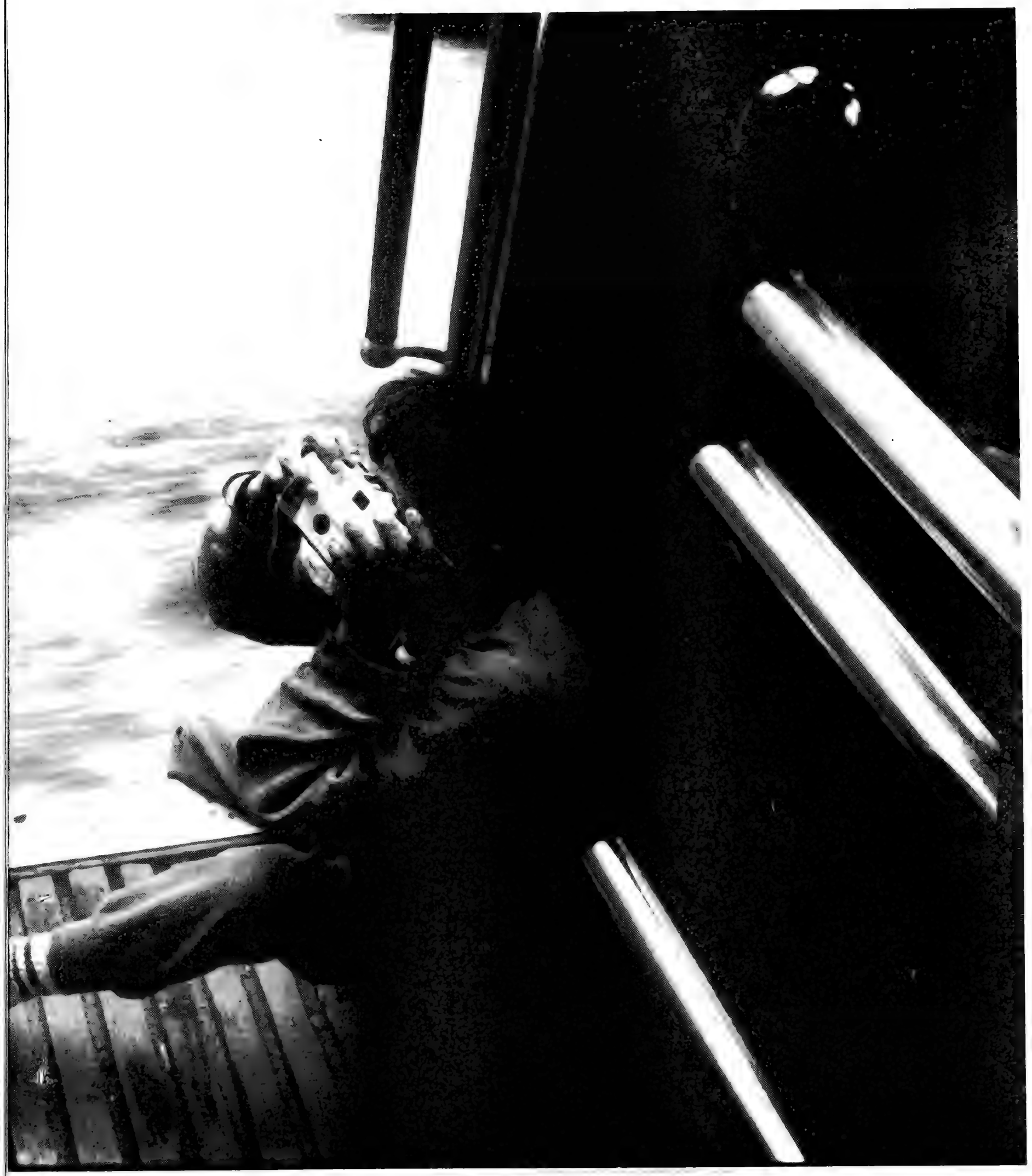


A MOSCA
PÁGINA 14

PERCURSOS

O olhar é o mais belo local de encontros. Contudo, a despeito dos velhos hábitos mentais sempre capazes, ao nível das exigências mais imediatas, de nos garantir o uso de uma incontestável realidade, não será, talvez, abusivo convir que quase nunca se sabe o que se vê das coisas. «O olhar», dizia André Breton, «vive em estado selvagem».





TEXTO DE
EDUARDA DIONÍSIO

QUE

Ele aí vem. Ele aí está. Fatal como o Destino. É o Natal.

É uma enorme teia. Uma rede de laços apertados. Um emaranhado de imagens, de deveres, de memórias e de desejos: renas puxando trenós nas espessas neves dos pólos, estrelas cintilantes em céu azul-escuro de papel de lustro, velas lacrimejantes de cera ao som tremeluzente dos cornetins e dos coros dos anjinhos de asas brancas, laços de fita largos e resplandecentes, perus recheados em travessas, canetas de tinta permanente com aparo de ouro, electrodomésticos recentes, prestação de automóvel último modelo, computador à espera na loja, bicicleta mais barata no Continente. Ninguém escapa. Quer queira quer não. O Natal é coisa democrática, é para toda a gente. Há Natal nos ciganos à porta da Benetton, há Natal na Praça de Espanha e nas cassetes de candonga, há Natal na capelista da esquina que vende lencinhos de assoar, há Natal nas Amoreiras — da Maconde à loja com nome italiano.

Escapar-lhe é um acto mais que heróico que provavelmente nem vale a pena. Aliás, quem não quer ouvir dizer que é amado e dizer que ama, mesmo que seja um amor em série e com data marcada de calendário? Quem não quer, pelo menos uma vez por ano, ser igual a toda a gente? Quem não quer, pelo menos uma vez no ano, ser pai, filho, mãe, tio, avô, neto, sobrinho, primo com lugar marcado à mesa, ser estimado, lembrado numa lista de presentes?

Basta comprar, embrulhar, oferecer, desembrulhar, agradecer. Esperar 365 dias e aí temos o Natal outra vez, com o mesmo pontual Amor.

CONSUMOS & CANSAÇOS

— Tomara já que passem as festas — diz a senhora idosa à amiga da mesma idade.

Estão sentadas numa pastelaria. Não é dinheiro que lhe falta. Estamos na Avenida de Roma. É a paciência. Terá de inventar 33 presentes. Terá ela que fazer a ceia, ou pelo menos providenciar. Há uns anos, não se atreveria a entrar naquela confidência: a Festa da Família, da Paz, do Amor e da Concórdia não permitia sacrilégios assim. Entretanto, até as senhoras idosas da Avenida de Roma perderam a vergonha, com as outras vergonhas que viram perder. O Natal é, para elas, pelo menos para estas declaradamente, mais um sacrifício.

O quadro deve ser banal: filhos e netos em casa dos sogros, um genro que nem genro é e muda todos os anos, umas rivalidades entre cunhadas, um marido morto ou desandado que faz o frete da consoada. Perdidos antepassados e criados, perdidas as infâncias várias, os natais da Senhora Idosa não serão mais do que umas corridas repetidas. Até chegar o dia seguinte.

Trata-se de reproduzir gestos de uma tradição que deixou de o ser ou nunca foi. (Quando é que se descobriu que Portugal inteiro tinha que mastigar — do pobre ao rico, do transmontano ao algarvio — postas de bacalhau cozido com couves pelas 24 horas do dia 24 de Dezembro de cada ano?) E é assim que se assina anualmente uma presença no mundo e se confirma um estatuto — social, familiar. Assim mostramos que não deixámos de ser a pessoa que sempre fomos, que nos grandes momentos nunca traímos a família e a Raiz. Para que tal aconteça, basta comprar e oferecer. Nalguns casos, confeccionar alimentos que os outros vão comer. Também convém estrear qualquer coisa. Que a vida continua, boa como sempre foi, é o que diz o Natal.

Boa, porque se consome: comida, roupa, objectos — necessários, supérfluos. O Natal é mesmo a festa do consumo.

E as pessas consomem-se por entre obrigações e prazeres de ficção.

MARKETING NATALÍCIO

Neste contexto, até o Pai Natal está velho. Mais velho do que a sua bonacheirona velhice permite. Quem acredita nele, na era da pós-modernidade?

Desde Novembro, pendem às janelas dos guarda-roupas de aluguer os fatos encarnados e brancos, encardidos, que hão-de sobrar em Dezembro: um **spot** de televisão é mais caro, mas rende mais que um desempregado de barbas brancas, postado com balões à porta de uma loja de brinquedos a convencer pais e crianças a entrar. O **marketing** de Natal é hoje em maior escala.

O **marketing** sabe que o Natal cobra as receitas do adiar de promessas que se cumprem no dia 24 porque não há volta a dar («hoje não, filho, que é muito caro, vamos lá ver se o Pai Natal te dá»); sabe que o Natal é essa época com um grãozinho de loucura na carteira, com multibanco a ajudar («um dia não são dias e hoje sempre é Natal»); sabe que o Natal faz viver com gosto cada qual «acima das suas possibilidaeds», há a extravagância, a excepção, que todos os anos se repete (seja ela regateada na feira do Relógio ou paga por cartão Visa na Loja das Meias); sabe que o Natal é esse «sacrifício» para pôr um outro contente (ou se não fica contente, ficou a gente), que no Natal se medem amores por cifrões (se ele me dá a mim, eu tenho que lhe dar a ele, se ela me vai dar isto, eu não lhe posso dar só aquilo); que o Natal é a prova provada do amor dos pais que não estão com os filhos e dos filhos que não estão com os pais (e que têm esse remorso mal curado), a prova dos nove dos esposos e esposas com amante ou indiferença escondida atrás da porta (e que sopesam prendas para salvar imagens).

O **marketing** sabe que no Natal a demonstração do afecto é proporcional ao valor do mecanismo electrónico e ao farfalhudo do laço, ao dourado da prata, ao efémero da flor. E o **marketing** sabe que cada um, no Natal, é generoso para consigo próprio, com medo talvez de que os outros não sejam tanto quanto devem, ou que se enganem no adivinhar dos desejos. É por isso que o Natal serve também — e o **marketing** sabe — para cumprirmos os projectos possíveis em nome do menino Jesus: se damos prendas aos outros, porque não havemos de dar a nós mesmos? Aproveitamos o Natal para aquilo de que nunca seríamos capazes se não tivéssemos pretexto forte, condições únicas.

A INDÚSTRIA DA SIMPATIA

O mercado está à nossa inteira disposição. A indústria da simpatia invade o comércio: desde os cartõezinhos com fim dourado a desejar próspero ano novo que se compram numa rua qualquer até à campanha da Renault que em Dezembro nos dá múltiplas vantagens; desde o papel de embrulho com pinhas de purpurina até à Lotaria do Natal, toda ela avantajada.

As pastelarias suplicam-nos com delicadeza que façamos ali a nossa «encomenda de Natal» e os hipermercados desalojam bolachas de água e sal para nos mostrarem cascatas de fios brilhan-

ESTE NATAL NOS CONSOME

tes que havemos de pôr nas nossas árvores de Natal.

É bem verdade que, no Natal, todos pensam em nós: há quem se lembre de cortar centenas de pinheiros e de os colocar à beira dos passeios por onde passamos porque nós precisamos deles (e quem pensa ser ecologista numa festa de amor universal, em que até as guerras fazem por parar?) e há também quem se tenha lembrado de fabricar pinheiros de plástico com electrificação incorporada que podemos conservar uma vida inteira. Há quem se tenha lembrado de substituir o vidro das bolas também por plástico, que dura muito mais, e quem tenha pensado que era muito mais cómodo adquirir centros de mesa todos feitinhos, salpicados de neve carbónica, como que acabados de sair das próprias florestas dos cromos de boas-festas. Mas também se pode comprar barro nas praças. Os supermercados deram-se ao trabalho de amontoar perus congelados à espera de quem os queira, de fazer secções especiais de bacalhau, de multiplicar os sacos de frutos secos já pesados e lembram-nos desde Novembro que a nossa consoada está nas prateleiras deles e pode seguir inteirinha, sem incómodos, e em carrinhos de mão, para as nossas casas. Os editores têm a feliz ideia de lançar livros de bons autores, que serão mais «best-sellers» do que em qualquer outra altura do ano, e livros muito ilustrados para oferecermos a quem devemos favores. Cada cantor, popular ou não, lá se lembra de nos fazer o favor de editar mais um **long-play** porque assim não nos falta a imaginação para irmos ao encontro do nosso gosto que por sinal são os gostos dos nossos amigos...

Não há dúvida que o Natal é um tempo de altruismo, de reconciliação. De conciliação de interesses.

FANTASIAS DE NATAL

Mas basta de falar de adultos e de negócios. Que a criança (no singular e com letra grande) é a grande razão de ser desta quadra, numa época em que a Missa do Galo já deu quase tudo o que tinha a dar.

Como se sabe, as paróquias e as obras de caridade tratam das mais pobrezinhas. Os serviços de pessoal das empresas, através da compra de espectáculos de circo e outros presentes em caixa, encarregam-se, sem discriminação, das mais e das menos remediadas.

Pela criança, faz-se tudo. Ela merece porque é a festa dela. Não tem culpa do Mundo em que está. É inocente.

Por isso, neste tempo de Natal, que é um tempo todo digital, de Moulinex de compact, de Amiga 500 de preferência sem vírus, a publicidade que nos entra pela casa dentro tem sempre um cantinho especial para ela: são as fantasias de Natal (quem disse que em tempo de Natal o chocolate fazia mal aos dentes?) — desde as louras Barbies (e suas congéneres de **sex-appeal** retardado) aos Masters of the Universe e seus guerreiros parentes.

Para melhor orientação na vida, meninas e meninos têm os seus sectores separados no prestável Continente, mas os pais pagarão à saída numa das 50 caixas comuns.

A Americana de fabricação espanhola, que tem marido aprumado e de gravata, vestido de baile, piscina, apetrechos de cabeleireiro, sapatos de salto alto, busto Marilyn Monroe, vai mudar de nome em cada Natal, vai-lhe nascendo um novo modo de vida (sempre ocioso) e vai cumprindo a sua função, a 24 de Dezembro, de modelo tipo Dallas junto das meninas de cada um.

Os **Masters** são **masters** e ensinam os meninos a ter gosto em tomar o espaço nessa guerra de estrelas que está a ficar ultrapassada, mas que serve bem a este comércio de Natal onde cada um e cada sexo tem o seu lugar bem determinado.

E que maior convívio entre gerações — um dos motivos mais apregoados destes Natais que nos vendem, com tradição e sem tradição — do que o momento em que é posto a tocar o mais recente disco dos **Ministars** — oferta da prima ou dos tios — que, tal como o Boca Doce, agrada ao avô e ao bebé e nos instala no gosto musical dominante adulto/**teenager** que nos chega pelas vozes de querubins daqueles meninos alegres e bem comportados que se treinam na indústria que está a dar e que até já parecem, elas umas mulherzinhas e eles uns homenzinhos do Mundo de amanhã: eles cheios de computadores no dia a dia e canetas **Waterman** para assinar os contratos, uma garrafa de whisky dessas várias marcas à disposição e elas, treinadas que foram nos penteados dos póneis coloridos e das Cindies, abrindo a arca frigorífica e fechando o micro-ondas que os esposos, que as quiseram compensar do **peso das tarefas** domésticas, lhes ofereceram num Natal feliz?

O BALÃO DE OXIGÉNIO

E isto tudo graças ao 13.º mês, que adquiriu a dignidade de direito conquistado pelos trabalhadores, tendo quase perdido a designação pelintra de subsídio, que começou por substituir aquela prática patronal/paternal das «broas» — garrafa de espumoso, bolo-rei, envelope com uma nota.

Toda esta felicidade de um dia é de facto possível (assim como a das férias) porque se descobriu que cada um não vive doze meses em cada ano, mas catorze.

Imagine-se o que seriam esses dois ordenados espalhados por 12 meses, como eles se esgotariam facilmente em arroz e bacalhau corrente, em batatas e bifes de peru não recheado, em peúgas e cuecas, em cadernos escolares, em passessociais. Se não houvesse 14 meses num ano, como se pagariam as dívidas, como se teria em casa um vídeo e na rua um automóvel? Como seria, se não fosse esta lembrança feliz de os patrões estarem atentos ao nosso desgoverno, e se nós não lhes tivéssemos dado a ideia de querer receber a dobrar em Novembro e num mês de Verão? De que podíamos perfeitamente criar fôlego assim, duas vezes por ano? De que assim se incentivavam importações, mercados especializados em ofertas e em desejos — de que no fundo os pastores e os reis magos que foram visitar o Menino Jesus são os verdadeiros responsáveis? E assim permitir também o discurso oficial da poupança, das contas jovem, do spot publicitário entre pai e filho que, graças ao 13.º mês do pai, tem o futuro garantido.

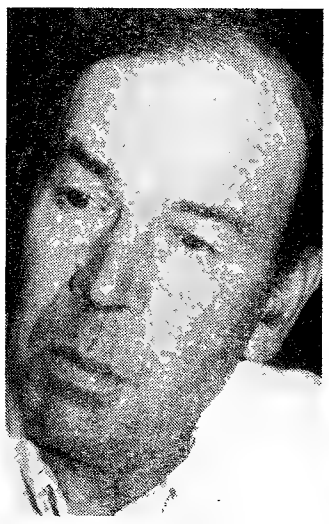
O 13.º mês dá para tudo: para gastar e para poupar.

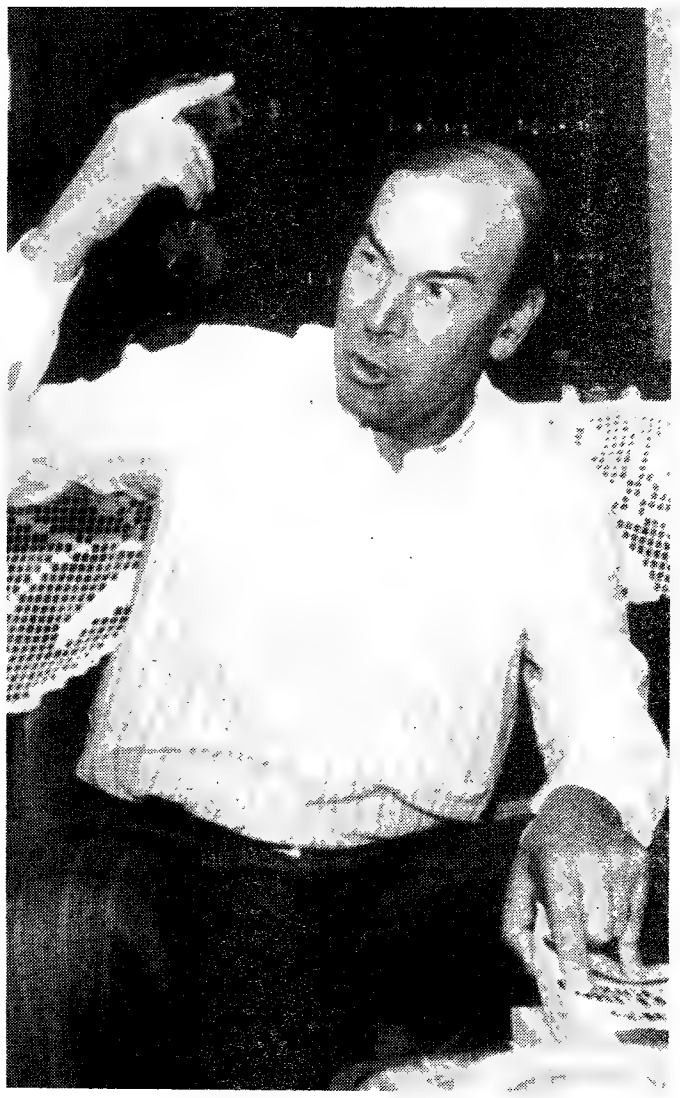
Agradecem os cidadãos (empregados), à excepção dos empregados do comércio, agradecem as associações de pequenos e médios comerciantes, os agricultores de kiwis, os grandes industriais, os bancos, agradecem as agências de viagens e as companhias de transportes, os CTT, as bombas de gasolina, agradecem os vendedores ambulantes, com e sem autorização, os ciganos das camisolas e dos relógios de quartzo, agradecem as agências de publicidade, os stands de automóveis, as lojas de informática, os mini, super e hipermercados, os centros comerciais de dentro e fora de portas. Agradece um País inteiro, eufórico, no andar de casa para casa, de loja em loja, de porta a porta, com as buzinas e o **Jingle Bells** a trotar no desejo do dia seguinte.

O dia seguinte é 25, depois de almoço. O Natal está quase a acabar. Arrastar-se-ão os estômagos, ou mais ou menos recheados os pés calçados de novo, a boneca tirada da caixa, a desmoer por algumas ruas meio desertas em que as montras perderam o interesse e em que as iluminações da quadra voltarão a acender-se à noite.

Os circos de Dezembro farão o dinheiro para todo o ano. Na Televisão, haverá mensagens. As surpresas, se as houve, no desatar do nó, terminaram. O ecrã sossegará os corpos e as almas com um ballet acessível a todas as idades. As viagens, para quem as fez, podem recomeçar em sentido contrário. O trabalho está à espera até ao subsídio de férias — 14.º mês em linguagem de contrato. É um Natal menos digno. Mas é quase Natal.

«A MOSCA» foi procurar um Jesus para saber como passa o seu natal. A tarefa não era difícil. Mas na Moita fomos encontrar um muito especial. O seu primeiro nome: Staline. Os seus natais; retratos da nossa história.





OS NATAIS DE JESUS

ENTREVISTA DE
DANIEL OLIVEIRA
FOTOGRAFIAS DE
RUI PACHECO

Depois da vitória dos aliados na segunda grande guerra, a população levou-o em ombros, gritando **Viva Staline.** Tinha só 12 anos, mas aquela atitude do povo da Moita, sua terra desde sempre, despertou definitivamente Staline de Jesus para a política. O seu nome e as suas origens sociais marcariam toda a sua futura acção de oposição ao regime.

Staline de Jesus nasceu em 1932. Filho de um ferroviário quase analfabeto, o seu nome foi escolhido pelo pai e mais dois colegas. Foram, aliás, naquela época, várias as crianças da margem sul do Tejo baptizadas com nomes de Staline e Lenin.

Anos mais tarde, quando já era dirigente da oposição, o nome de Staline de Jesus seria utilizado pelo jornal marcelista «A Época» para demonstrar as contradições da oposição ao regime: **Ora Staline, ora Jesus.**

Ex-Presidente da Câmara da Moita, nomeado logo depois do 25 de Abril, Staline de Jesus é tudo menos o que indica o seu nome: foi, em 77, conhecido por **«Berlinguer da Moita»,** devido às suas posições reformistas no seio do Partido Comunista.

Staline é magro, tímido. Entusiasma-se quando fala de política e aborrece-se nas conversas sobre as suas lojas de móveis. «Não tinha paciência para aquilo, de forma que doei tudo ao meu filho», conta-nos, acrescentando: «Nunca me senti realizado como empresário». Na terra todos o conhecem pelas suas actividades políticas e pelo nome que tem, e que o padre da Moita tentou modificar, «mas o pai não se deixava convencer com tanta facilidade».

Os natais de Staline, em criança, eram humildes. Comia-se filhoses, como em tantas outras casas, e uma sopa reforçada. O seu pai, que morreu com 97 anos em 85, chamava os cinco irmãos, que dormiam no mesmo quarto, e na outra divisão da casa, a família, apesar de não ser católica, festejava o nascimento de Jesus, nome que Staline herdou de sua mãe. A melhor prenda que recebeu na época foram 5 tostões e uma banana que lhe deu a sua irmã, criada de servir no Barreiro.

Depois foram muitos natais como este e muitos dos poucos brinquedos que Staline teve foi buscá-los aos caixotes de lixo. Com 18 anos já trabalhava numa oficina do Barreiro. Aproximou-se do Partido Comunista e deu início à sua actividade política, ainda não organizada. Com 24 anos Staline de Jesus casou-se, tornou-se comerciante de móveis e ingressou nas fileiras do PCP.

Ainda antes dos 20 anos, já Staline via melhor, «os assuntos políticos apareciam sempre à mesa de natal» Muitas vezes o jovem carpinteiro discutia política com a família da noiva, o que tornava os fins de festa desagradáveis. «Estas discussões aconteciam porque algumas pessoas que participavam nesses natais tinham uma formação e informação diferente da minha», disse-nos Staline de Jesus, na visita que lhe fizemos à Moita, terra onde ainda vive.

Natais na prisão

O Natal de 62 passou-o na cadeia. O facto de ter sabido antecipadamente do Golpe de Beja foi-lhe fatal. Levou-o à prisão do Aljube, ainda com 30 anos, tal como aconteceu a muita gente da sua região naquele ano. Aí, Staline de Jesus passou 3 meses de isolamento, e quando chegou o natal ele, mais 16 prisioneiros comunistas, montaram uma mesa comprida e comeram bolachas e meio copo de vinho. Na sala ao lado, também celebrando o natal, estavam o padre Joaquim Pinto de Andrade, o pintor Nikias Skapinakis e outros antifascistas. E através de uma abertura existente, «por paródia, fez-se espectáculo de uma sala para a outra, e fomos pondo problemas ao padre sobre a contradição de estarmos nós, comunistas, de um lado e ele do outro, mas todos nas cadeias do regime». O seu filho, com pouco mais de três anos, passou a véspera de 25 de Dezembro sozinho, com a mãe.

Staline de Jesus esteve, aliás, em todas as cadeias políticas portuguesas apesar de não ter permanecido, no total, mais do que dois anos preso. Em 67 foi de novo detido.

Em 1968 as suas lojas, na Moita, Baixa da Banheira e Alhos Vedros serviram de centros de recenseamento para as eleições, e os seus armazéns de sede da oposição, que ganhou no concelho. Participou na criação da plataforma de São Pedro de Muel, nas conferências de Aveiro e numa reunião da oposição em Leiria, onde esteve presente, entre outros, Jorge Sampaio. Em 1970, já na época marcelista, foi preso, com mais 8 dirigentes oposicionistas do distrito de Setúbal, depois das manifestações de comemoração do 1.º de Maio na Baixa da Banheira, em que houve confrontos com a GNR. Foram das primeiras prisões políticas depois da subida de Marcelo Caetano ao poder. Passou por Caxias, e foi transferido para a prisão do Porto. O seu julgamento foi em Lisboa e deu lugar a uma manifestação de protesto. Condenado, ficou preso em Peniche. Passou então mais dois natais na prisão. Foram natais mais calmos do que o de 62. Não houve interrogatórios. Com ele estiveram Octávio Pato, Rogério de Carvalho e José Magro.

«Um dia ainda me hei-de vingar destes bandidos», disse uma vez a Staline o seu filho, referindo-se aos agentes da PIDE, que por vezes entravam «de rompante, e de armas na mão» para vir buscar o pai.

Apesar das torturas e dos problemas familiares que lhe trouxeram as prisões, foi aí que Staline aprendeu muito do que sabe. Foi nas cadeias que teve «as conversas políticas mais profundas». Foi nas prisões que teve oportunidade de aprender a falar francês e a jogar xadrez. E o que aprendeu nessas e noutras situações acrescentou-lhe muitos conhecimentos aos poucos que a 4.ª classe lhe dera. Enquanto fala nunca se nota a sua fraca base cultural.

Em relação ao seu homónimo soviético não tem uma posição definida: «Sou contra o tipo de violência de que Staline é acusado, mas tenho que me situar no local e no momento em que ele esteve presente.»

Para além dos três natais que passou na prisão, Staline de Jesus costumava comemorá-los em casa, com o seu filho e a sua mulher, Manuela. «Sempre vivi esses natais com amargura e não me conseguia integrar no espírito da época. Sabia que havia gente na minha terra que continuava a ir buscar o seu alimento ao lixo: galinhas mortas ou batatas que sobravam do jantar dos outros», contou-nos.

Depois de Abril

Depois foi o 25 de Abril e tudo mudou. O Natal de 74, como todos os que lhe seguiriam, passaram a ser mais tranquilos. Staline de Jesus foi escolhido para ser presidente da Junta Administrativa do Concelho. Foi a partir daí que as relações com o Partido Comunista se deterioraram. Já não como presidente da Câmara, Staline põe em causa as linhas do PCP no trabalho autárquico, enviando um documento ao Comité Central. Esse, ao que parece, é posto na gaveta e o militante comunista é aconselhado por vários camaradas seus a abandonar as listas da então APU. Ele não o faz, mas discordâncias permanentes, mesmo em relação à situação internacional,

levam-no, em 1984, a demitir-se do Partido de que fora membro por quase 30 anos e ao qual dera grande parte do seu entusiasmo.

Enquanto foi presidente da Câmara deu todo o seu ordenado à Misericórdia do concelho, conta-nos com visível orgulho.

Foi nos últimos 4 anos presidente da Associação dos Comerciantes do Barreiro e da Moita, função que deixou de exercer o ano passado. Agora a única actividade pública que tem é a de presidente da assembleia geral de uma comissão de reformados e candidato a presidente da assembleia geral dos bombeiros da Moita. Quanto ao Partido Comunista, põe a possibilidade de voltar se a reforma desejada por alguns militantes se der.

Os natais são para os netos. Passa-os com eles, em casa do seu filho e da sua nora, no Barreiro, com a sua mulher e a sua comadre. Comem bacalhau e arroz-doce e trocam prendas. Ao neto, Pedro, que vai fazer quatro anos, vai oferecer um baralho de cartas e um jogo de damas. Staline tem muito orgulho no Pedro. Já lhe ensinou a jogar dominó e cartas e agora está a iniciá-lo no xadrez. Tenta entusiasmá-lo para a música, relembrando os tempos em que foi da filarmónica da Moita. «Em casa pegamos num saxofone de plástico e num tambor e fazemos um concerto», conta bem disposto. A neta chama-se Ana Sara e quem lhe compra as prendas é a avó. A ele oferecem-lhe invariavelmente pantufas, camisolas ou gravatas.

Staline de Jesus está a construir umas vivendas. Além de ser o dono, é também o carpinteiro. «Voltei às origens», explica. Fora do PCP, sem empresas, com o seu filho já crescido e com uma situação económica estável, Staline pega nos chinelos que lhe ofereceram, faz as economias que nunca fez e descansa, pois já têm poucas preocupações os seus natais.

CONTO DE
MÁRIO DE CARVALHO

CARTA DO MENINO JESUS PARA A MOSCA

Veio outro dia o Pedro Porteiro (cada vez mais antipático e rabujento) e despejou um enorme molho de cartas em cima duma dessas mesas que há para aí cheias de pedrarias, rubis, esmeraldas e outros calhaus vistosos que por cá são abundantes. Eram cartas de meninos, na maioria a pedir coisas...

Aqui no Paraíso todas as cartas são lidas e respondidas, embora com um considerável atraso. O Papá entendeu que a redacção das respostas devia ser entregue a S. Bento mai-lo seu grupo de beneditinos que latinizam em pergaminho, com tintas preciosas, letras de preceito e iluminuras trabalhadérrimas. Bonitas respostas ficam excelentes para emoldurar. Demoram é séculos a redigir... Inda agora estão a responder a uma carta de um menino de 1453, que pedia um pote de marmelada.

Do montão da correspondência tinha-se desprendido um sobrescrito dactilografado que ficou a pairar em cima duma nuvem, enquanto o gigante S. Cristóvão (abusam sempre dele, coitado: é grande e bonzarrão...) alencava com a molhada e ia entregá-la aos burocratas. Dactilografado? Então não era carta de meninos... Fui abrir, à socapa, cheio de curiosidade: **«A Mosca«** queria impressões do Menino Jesus nestas vésperas natalícias. **«A Mosca«**... Que saudades... Não vejo uma mosca desde aqueles tempos longínquos em que, por circunstâncias consabidas, fui expedido da Galileia para estas paragens...

É que vigora um estranho preconceito contra os animais aqui no Paraíso. Ainda outro dia vinha eu a jogar à bola com um planeta e o Papá apareceu, zangadíssimo, a trovejar que os planetas custavam muito trabalho a fazer e que eu não tinha nada que lhes dar chutos.

— Então com que é que eu hei-de brincar, Papá? Dá-me um gato...

— Não! — respondeu o Papá.

— Então um cachorrinho, um **cocker spaniel**. Vá, Papá, dá... Dá lá...

Que não, que os animais não têm entrada no Céu. Ainda se fosse um burrinho ou uma vaca, dados os antecedentes, talvez se abrisse uma excepção... Mas um cão, nunca! E um gato ainda menos que dizem que têm pacto com **Aquele-lá-de-baixo**...

Ora vaca e burro são animais simpáticos, de bafo aconchegador, mas pastelentos e pouco comunicativos. Eu cá não quis. De maneira que para aqui ando, aborrecido e desacompanhado. Em tempos, entretinha-me a confundir os doutores que passam o tempo na cavaqueira, sentados junto a um pórtico dourado. Chegava-me ao pé e pedia-lhes que repetissem cem vezes: **«Este chão está mal entrampiquadrilhado, temos de chamar o entrampiquadrilhador-mor para o entrampiquadrilhar melhor.«** E era vê-los atrapalhadíssimos, de línguas entarameladas, a trapejar... Mas sempre a mesma brincadeira é muito cansativo. Qualquer minúscula eternidade esgota logo os trava-línguas todos.

No mais, o Papá, ultimamente anda enervado. Proibiu-me terminantemente de falar com os anjos e de lhes perguntar se eram homens ou mulheres. Parece que a questão lhes minava o moral. Ando desconfiado de que o primo João Baptista, com o seu radicalismo, promoveu por aí umas intrigas e fez umas queixinhas...

Eu, francamente, não vou muito de bem com os anjos. Andam de um lado para o outro a guardar coisas e são muito sisudões. Um deles transporta sempre um gládio flamejante e sorri de beiços à desbanda como quem insinua ameaças chamuscadas. A continuar assim ainda acaba por queimar alguém. Mas, enfim, o Papá tem-nos em grande conta, especialmente depois da tentativa de fuga de Voltaire, Pilatos e outros, que os anjos reprimiram com eficiência. Por um triz que eles não furaram o muro do Paraíso e foram por aí, por essas galáxias a contar inconveniências.

Ao que consta (o Papá nunca me fala nisso), Pilatos era muito pesado e, ainda por cima, atrapalhou-se todo com a toga.

Provavelmente estão admirados por Voltaire e Pilatos (um tanto contrariados, embora...), estacionarem aqui, neste ripanso. Aposto que os viam antes entre chamas, a fazer companhia Àquele-lá-de-baixo... mas não, o Papá entendeu que isto no Paraíso estava muito monótono e que faziam falta uns bons conversadores. De resto, o Papá tem mantido nos últimos séculos uma política de admissões muito abrangente, que vem motivando não poucos protestos d'Aquele-lá-de-baixo que anda sempre a queixar-se do tédio. Um dia destes, mandamos-lhe João Crisóstomo, o Boca de Ouro, a ver se ele deixa de refilar...

Pois foi a seguir, a uma partida de voltarete (Pilatos, com graça, chama-lhe voltairete), quando já toda a gente cabeceava de sono, que aqueles dois se esgueiraram para junto do muro de nuvens compactadas e tentaram sair por um buraco que vinham esfuracando há meses. Não fora Pilatos ter ficado encalhado e as consequências seriam imprevisiíveis. Se calhar fugiam todos e deixavam-me aqui sozinho com o Papá e os sorumbáticos anjos.

Alertados pelo ruído, os anjos lá os trouxeram à presença do Papá que, entristecido, lhes apreendeu o jogo de cartas durante três séculos. A popularidade dos anjos caiu abaixo do ponto zero. Até mesmo São Domingos — imaginem! — deixou de os cumprimentar... Voltaire não se ralou nada. Continuou com muito espírito...

Agora aproveito para lhes confessar uma partida que fiz e que o Papá ainda não descobriu. Ele bem nota que na terra há qualquer coisa que não está a correr como o previsto... Às vezes espanta-se e irrita-se, mas ainda não sabe que uma vez, quando Ele dormia a sesta, fui ao painel de comando — aquele enorme painel dourado, cheio de mostradores, de luzinhas e de botões — e desloquei umas cavilhas. Vi-o depois muito preocupado, a resmungar baixinho: «Que é isto? O muro de Berlim derrubado? Qualquer dia temos a conversão da Rússia...» E olhava para mim com um ar desconfiado, mas eu comecei a saltar ao pé-coxinho e afastei-me, cantarolando. Um destes dias, quando o apanhar outra vez distraído, vou mexer naquela patilha amarela que diz «Japão», a ver o que é que dá... Se ocorrer aí na terra alguma coisa esquisita, depois avisem...

Bom, agora que me deixaram tagarelar um bocado, a minha mensagem para «A Mosca» é a seguinte: Não se esqueçam de que eu nasci pobre, num presépio, na palha dos animais, Pelo correr dos tempos têm-me embrulhado em brocados e ouropéis e forrado de ouro a minha manjedoura, e com isto, me fazem grande ofensa e incontáveis arranhadelas. É um abuso e uma mistificação! Eu sou o pobre dos pobres e é com os pobres que me entendo. Para virem a mim, hão-de os ricos passar pelo fundo da tal agulha...

Arrenego daquelas damas que se exibem em festarolas de patos-bravos, dos empresariozecos e tecnocratas sem alma e sem princípios, dos videirinhos egoístas e trapalhões, que pretendem apropriar-se da minha imagem. Recuso-me. Eles que mandem antes recadinhos àquele ancião pançudo, vestido de vermelho que aproveita sempre esta ocasião para se exibir e se fazer bem visto dos miúdos...

Agora, nem queiram saber o trabalhão que tive para expedir esta mensagem. Roubei um pedaço de papiro a um santo anacoreta, escrevi com restos de pó de estrela e, aproveitando a desprevenção de um anjo, lancei-a, dobrada, em forma de avião, por cima do muro, apontada à Rua Luz Soriano.

E se disse alguma coisa a mais, desculpem: Nem todos os dias tenho ocasião de escrever para os jornais e... sou ainda pequenino.

À NOSSA PROCURA

Somos quatro jovens musicólogos que aceitaram o desafio de estar quinzenalmente convosco nestas páginas. Resolvemos conversar sobre o assunto, e muitos foram os problemas levantados. Partilhamo-los agora convosco de uma forma um pouco sumária, aleatória e espontânea, tal como surgiram no decorrer do nosso diálogo.

Paulo Lameiro P.L.
Ana Mafalda A.M.
Helena Lima H.L.
Paula Bach P.B.

Comunicação musical

P.L. — Acho que seria bom começarmos por discutir os «papéis» de um musicólogo nos nossos meios de Comunicação. Existirão lugares a preencher?

A.M. — Não só existem, como é nosso dever preenchê-los.

H.L. — Será a nossa função mudar o indivíduo?, formá-lo?, ou ajudá-lo a integrar-se na realidade vigente?!!!

P.L. — Bom, que há coisas a mudar ninguém duvida (acho eu!), o problema está em saber o modo de intervenção mais eficiente para operar essas mudanças (onde, como, a que propósito, dirigido a quem...).

A.M. — Em princípio temos um papel de formação.

P.L. — Mais ainda, é que um professor hoje tem que ser um «animador» (isto não só nas artes, mas em todos os campos) e...

P.B. — Penso que se tende para esse conceito, no entanto, ainda não podemos verificar isso hoje em dia.

P.L. — Mas repara como a Comunicação Social é um meio de animação por excelência, e pode ser convertido num processo de verdadeira educação de tão fácil acesso.

H.L. — ... Mas esse tipo de educação tem um inconveniente, que é o de ser unívoca, ou seja, não permite o diálogo entre emissor e receptor.

P.B. — Sim, e outro problema é o simplismo inerente a esse tipo de comunicação, a essa distribuição de informação. Ou seja, há uma standartização de conhecimentos.

Isto passa-se sobretudo nos meios audiovisuais (onde a Televisão ocupa um lugar primordial), os quais não exigem esforço de compreensão da parte do indivíduo. Este não é solicitado a formular questões ou interpretar sentidos recônditos. Se queremos transmitir informação a nível musical a este público, por estes mesmos meios, temos de saber captá-lo para isso e não podemos cair no uso de simplismos. Temos de levar o indivíduo a intervir, a questionar-se, a sentir que está activo na realidade musical quotidiana.

«Videoclips»

P.L. — Ainda bem que falaste em Televisão. Vocês já repararam na velocidade com que os planos se sucedem nos «videoclips» da música dita de grande consumo? Uma das coisas que acho interessante seria verificar de que modo o «acelerar do tempo» desta nossa civilização tecnológica influirá ou não no tempo musical das obras nossas coetâneas e particularmente na realização desta «praga» de «videoclips» com que somos bombardeados a todo o momento...

A.M. — Mas, atenção, um «videoclip» não é só música, mas um conjunto de informações diferentes, provenientes de várias fontes, que se complementam num todo.

P.L. — Sem dúvida, as próprias músicas são depois vendidas muito como consequência das imagens a que estão associadas. Depois já não se consome só a realidade sonora (se é que isso alguma vez acontece!), mas também todo o conjunto de sensações visuais a que estivemos sujeitos anteriormente.

P.B. — Eu penso que esses planos sucessivos a que te referes são um processo de captação da atenção das pessoas, pela emanação de uma pluralidade de imagens. Temos de ligar essa fluidez ao modo de vida actual, à maneira como estamos hoje em sociedade. Hoje em dia não conseguimos comportar, por exemplo, dois minutos de uma imagem estática...

P.L. — Não posso concordar com esse tipo de comunicação. Tem de haver como que uma compensação deste acelerar do «tempo tecnológico-social». Têm de florescer os «momentos calmos» na nossa Comunicação...

P.B. — ... Podiam existir esses momentos; no entanto, as pessoas não estão predispostas para esse tipo de comunicação.

P.L. — Há que criar espaços novos. Deixámos de contemplar o Mundo para o analisarmos, e esquecemo-nos do que aprendemos ao contemplar somente...

P.B. — Repito; as pessoas não estão disponíveis para esse tipo de comunicação. Se se pretender influenciar, primeiro tem de se estudar a maneira de se ser influenciado. E de facto, chega-se à conclusão, hoje em dia, de que para manter o indivíduo interessado tem de se lhe transmitir uma profusão de informação.

A.M. — Eu acho que vocês estão a levantar um problema novo, que é o do comércio.

P.B. — Sim, os «mass media» estão este momento muito mais preocupados com o consumo do que com a preparação e divulgação cultural. Temos de criar um espaço cultural, no nosso caso musical, ou alargá-lo paralelamente ao mercado de consumo.

Fim do concerto?

P.L. — Os espaços musicais já existem, há que ter é imenso cuidado ao ocupá-los. Nunca como hoje as pessoas necessitaram tanto de ler o jornal de amanhã para saberem se «gostaram» do concerto a que acabaram de assistir. Isto a quase todos os níveis, mas então quando toca a «música contemporânea»...

Que fazer então? Acima de tudo, penso que a descrição o mais completa possível dos fenómenos é sempre preferível a qualquer emissão de juízos de valor.

Já repararam como os «críticos musicais» tanto se orgulham de poder comparar a interpretação da véspera com a de todas as versões em compactos do mercado (que possuem na sua «modesta» discoteca!!!). E é claro que quando falo em compactos, não posso deixar de pensar no estado a que chegaram os nossos concertos. Para não falar nos vícios de interpretação a que se sujeitam todos os que cultivam esta ou aquele versão (eles não gostam da Sinfonia n.º 4 de Brahms, gostam «daquela da Deutsche de 81 com o Carlos Kleiber e a Wiener Philharmoniker»...). Isto não é grave. O problema reside no facto de praticarem uma audição com a ausência de ruído quase total. Aquilo que é uma enorme vantagem transformou-se numa limitação terrível. E que depois vão para os concertos, e ai de quem tiver a infelicidade de tossir logo naquela passagem! Pretendem que o concerto lhes possibilite as mesmas sensações que o compacto. Não é bem assim, é claro, mas levanta-se o problema da atitude no concerto. Que diabo, a mais sagrada «Winterreise» foi para ser cantada com e para amigos (ou não!?!) em encontros informais. Porque é que não poderei explodir de emoção com um tremendo bravo no fim de «Das Wirtshaus»? Confesso que esta acumulação de palmas e tosses me enerva! Porque é que todos temos de gostar e tossir ao mesmo tempo?

Há que rever e estudar muito bem o papel do concerto na sociedade dos nossos dias. Será que se vai a um concerto para se ouvir música?...

P.B. — Lembremo-nos de que Christian Kaden menciona que se está a caminhar para o fim do «concerto», da instituição-concerto. Ele defende que a não exteriorização de sentimentos e o facto de não haver uma comunicação intérprete/público, contribui para a sua derrocada. Será que é necessário mudar a estrutura do concerto, o concerto-instituição?

H.L. — Penso que o problema reside no facto de o concerto não estar assim tão integrado na vida em sociedade. As pessoas não vão ao concerto, como o Paulo defendeu à pouco, só para ouvir música, pois muita gente não sente realmente necessidade de música. Para suscitar essa necessidade, temos de repensar as estruturas de base, mais concretamente o ensino. Por exemplo, a maior parte das pessoas que assiste a um concerto de «lied», não faz ideia de que esta é uma obra integrada, quer musical quer literariamente. Há necessidade de uma formação prévia, e só assim se pode modificar a atitude em relação ao concerto.

P.L. — Bem, eu confesso que até tenho medo de falar do ensino. Mas de facto, o grande problema reside em o nosso sistema educativo não prever espaços de verdadeira educação sensitiva e afectiva. Reparem só nos tempos consagrados ao teatro, à dança e à música pelos gregos, na formação total do indivíduo.

Começa-se logo por confundir duas realidades completamente diferentes na sua essência: a arte na educação e a educação pela arte. Muito já foi comentado, mas muito há a comentar. Assistimos na actualidade a uma muito maior preocupação de colocar a arte na vida das pessoas, e muito menor é o interesse em crescer através dela. O caso da música é preocupante. O indivíduo, conscientemente, vê muito mais do que ouve. Não se apercebe do vasto e variadíssimo espaço sonoro que o rodeia. Temos de analisar estas questões e proporcionar meios e processos de rentabilizar o sentido de audição que tem enormes potencialidades.

H.L. — Há certas instituições que não têm uma linha de orientação lógica na organização de concertos. Preocupam-se sim em trazer «vedetas»...

P.L. — Compactos ao vivo!!!

H.L. — ... Não se cultiva a interdisciplinaridade, não se contextualizam os concertos. É preciso não nos cingirmos ao fenómeno puramente musical.

A música de hoje

P.B. — Surge também o problema de se cultivar a música dos períodos clássico e romântico, enquanto de alguma maneira se menospreza, ou pelo menos se relega para 2.º plano, a música do séc. XX. E as estruturas de comunicação de um concerto de música «contemporânea» são, obviamente, muito diferentes. Exige-se outro tipo de atenção por parte do público, outra predisposição e um outro nível cultural e musical.

O facto é que não há uma mentalidade musical de agora.

A.M. — Isso tem a ver com o tipo de formação e com o modo como estão organizados todos os programas utilizados no ensino.

P.L. — Esse problema da música contemporânea não pode ser formulado dessa maneira. A música de hoje é o somatório de toda a música até ontem. A música de Schubert (que é simplesmente o que conhecemos da música de Schubert...) é música de hoje.

P.B. — No entanto, não podemos pensar na música de hoje como o auge de uma evolução de séculos, não podemos cair numa perspectiva evolucionista primária. Se a música de agora é uma aglomeração do passado e presente, então porque continuarmos a ouvir principalmente a do passado?...

A.M. — Temos de pensar também que é pela falta de afluência de público que as instituições não organizam mais concertos de música contemporânea.

A música e o resto

P.L. — Isso advém do seguinte: é que a «potencialidade criadora» da pessoa humana não evoluiu do mesmo modo que a capacidade técnica. É difícil percepcionar esta ideia num longo período histórico, mas recuemos somente cento e poucos anos. O ser humano não alterou significativamente a sua fisiologia, ou se-

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS MUSICAIS

Opções:

— MUSICOLOGIA
— ANIMAÇÃO MUSICAL
— PEDAGÓGIA MUSICAL

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

ja: as suas potencialidades intelectuais quase se mantiveram. No entanto, os meios, a técnica, sucederam-se numa evolução acelerada. Hoje a linguagem da criação artística está directamente ligada à técnica, o que pressupõe que só usufruirá da «obra de arte» na totalidade quem possuir o conhecimento da linguagem. Acontece que, com a formação específica dos nossos dias, muito poucos têm o privilégio de «estar a par» das linguagens hoje empregues.

É, portanto, normal que o público, na sua maioria, procure linguagens que lhe sejam acessíveis. A música dos nossos dias é um conjunto de pontas de toda uma continuidade histórica...

P.B. — É a vanguarda...

P.L. — Mas nós teimamos em querer imaginar que a nossa vanguarda musical deveria estar num sítio em que não está!!!

P.B. — Tem de haver uma formação de base. A música está a mudar muito mais depressa do que as estruturas educacionais. Fazemos um tipo de música e ensinamos outro.

P.L. — Com o nosso sistema de ensino, vai sempre verificar-se essa diferença. As pessoas não têm tempo, na sua média de vida, para aprender o essencial para compreender tudo em todos os ramos do saber. Têm de seleccionar o que querem saber, tornarem-se especialistas em algo...

A.M. — O indivíduo tem cada vez mais uma informação restrita e condicionada, desenvolvida para um certo tipo de actividade. É impossível então estar aberto a qualquer tipo de actividade do mesmo modo.

A música tem de fazer parte da própria vida, ajudar mesmo o indivíduo a viver.

P.B. — Realmente, hoje há uma grande especialização, e temos tendência para esquecer «aquilo-que-une-tudo». A música tem de servir cada vez mais de ligação de fundo a diversas áreas do conhecimento humano. Não podemos deixar que a música se torne separada e especializada como algumas áreas...

P.L. — Olhem, desculpem lá, mas... e se fôssemos ouvir um pouco de música? Proponho um Monteverdi!

TEXTO DE
MANUEL CINTRA

RETRATOS NO TEATRO

MARIA JOSÉ PASCOAL

Imaginei, regra geral, os actores e as actrizes como pessoas solitárias; pessoas que, mesmo rodeadas de multidões ou até de amigos próximos, se sentem quase sempre sós; alguns mo confirmaram; talvez por isso, o meu espanto: desta conversa com Maria José Pascoal fica-me sobretudo a sensação de uma alegria muito grande, nascida devagarinho de uma mulher que é muito actriz e que não está nada só.

A conversa começa nervosa; mais tarde irá tornando-se calma e descontraída, exactamente como, segundo a Maria José, lhe acontece durante um espectáculo, pelo menos quando está em cena há poucos dias: um nervoso tremendo, durante os primeiros minutos, daqueles que levam um actor a perguntar a si mesmo que raio está ali a fazer, porquê, porquê passar por isto, tirem-me daqui...

Maria José Pascoal não é daquelas actrizes que, em pequeninas, já brincam aos teatros e depois se lembram que tudo começou cedo; para esta mulher magra e de olhos enormes, tudo parece estar sempre a começar. Nem sequer é capaz de admitir que será actriz nos próximos anos, nenhuma certeza desse tipo lhe parece possível. Sabe o que já fez, o que a trouxe até aqui, e parece não ter perdido pitada de tudo isso. A vida, que agora lhe borbota dentro com energia, parece ter um balanço positivo, e daqui para a frente só pode ser melhor, seja ela o que for. As pessoas, os colegas de trabalho, os amigos mais próximos a quem excepcionalmente mostra os quadro que pinta, os pais com quem vive, todos parecem parte de um «puzzle» humano em que tudo tem valor, em que tudo vale a pena. Ser actriz é uma dessas coisas, provavelmente a mais importante de há uns anos para cá. Ser vaidosa também. Gostar muito de si, do seu trabalho, mas também, e com grande generosidade, do trabalho dos outros actores; quer trabalhem consigo quer não.

Maria José Pascoal não pensou, até bastante tarde, ser actriz; começou por acabar o liceu e inscrever-se no então serviço cívico, que consistiu num trabalho na Liga para a Protecção da Natureza. Natureza que ama, pela maneira como a isso se refere. Seguiu-se o curso de Arquitectura, durante o qual um dia se inscreveu num curso nocturno de teatro, que o Conservatório Nacional pôs a funcionar nesse ano. Assim, de repente. E o teatro disse-lhe muito, e a Arquitectura também. Tanto lhe diziam os dois que Maria José, por excesso de trabalho, teve um esgotamento que a levou a interromper o curso de teatro para terminar o 3.º ano de Arquitectura. Foi assim que o teatro veio, e depois se foi, talvez deixando semente; não se sabe bem: Maria José recusa-se um pouco a ir buscar razões mais profundas às coisas, dizendo em relação a tudo que foi assim, ou é assim, sabe lá porquê.

O caso é que ao acabar o curso de Arquitectura a primeira coisa que fez foi inscrever-se no Conservatório de Teatro outra vez, desta vez no curso normal, então de 4 anos, e que seguiria até o concluir. Nele foi colega de actores como Luísa Cruz e João Grosso. Refere-se ao curso com grande alegria; não que tenha gostado do curso em si, que ele seja bom ou mau, mas parece ter óptimas recordações dos trabalhos que durante ele fez, e dos colegas, que, como muitas vezes acontece, eram mais unidos no início do que mais para o final.

Durante o Curso de Teatro, como sempre acontece, fez vários trabalhos de escola, dos quais a montagem de «Antepassados Vendem-se», de Joaquim Paço d'Arcos, no 1.º ano, onde fazia de Avô, papel com o qual parece ter delirado... Mas de todos esses trabalhos o que mais parece ter tocado a Maria José foi uma parte de A Gaivota de Tchekov em que fazia de Arkadina, na peça uma actriz, precisamente. Embora lhe seja difícil saber de algum papel em especial que gostasse de representar (parece gostar de todos) acaba por se lembrar da «sua» Arkadina, da sensação que teve na altura de querer um dia vir a fazer o papel por inteiro num espectáculo futuro. A propósito, dá parte da sua predilecção por Tchekov, em relação a todos os outros autores. Tchekov que curiosamente só nesses anos de Conservatório abordou.

Ao longo desses trabalhos lembra-se também de ter sido a Judia em «O Terror e a Miséria no III Reich», de Brecht, e também a Titânia de «Sonho de uma Noite de Verão».

Quando concluiu o Conservatório, o seu trabalho final, já público, foi «As Criadas», de Jean Genet, encenado por Ivo Bernardo Vaz, um seu colega que ela lamenta imenso não ter continuado a ser encenador, pois acha que tinha imensas qualidades.

Tive ocasião de assistir a esse trabalho; foi no Instituto Franco-Português, há já alguns anos. Nele podia sentir-se já a grande actriz que a Maria José poderia vir a ser. Quem mais tarde a tenha visto em «As Lágrimas Amargas de Petra von Kant», de Fassbinder, pelo teatro da Graça, assim como a trilogia de Tennessee Williams que aquela companhia independente recentemente montou, poderá ter tido a confirmação: com o seu curto «Curriculum», Maria José Pascoal é já uma das nossas grandes actrizes. O mais extraordinário, e talvez o mais valioso para mim é, apesar dos vários prémios que recebeu, nada disso parecer ter-lhe subido à cabeça.

No entanto fala-me da fama, do sucesso, como de um perigo. Mas não se acha ainda famosa, nem com esse sucesso perigoso que a poderia destruir e contra o qual se defende já. Fala dele mais a respeito de colegas seus sobre os quais às vezes o vê agir. E tem medo. Tem medo do palco, onde treme sempre durante muito tempo quando o espectáculo começa. Tem medo e parece não gostar tanto, no fundo, de seja o que for, tanto como de ser actriz. Mas nem assim sabe, ou tem a certeza de o futuro ser isso. Gosta muito de viver o presente, e de o viver com força. Depois se vê?

Tomou recentemente uma decisão: recomeçar a pintar. Após anos de paragem, a pintura tornou a fazer-lhe falta. Talvez para explicar a si mesma aquilo que nesses anos dentro de si mudou. Talvez para procurar respostas. Pintar. E depois não mostrar a ninguém, só a amigos muito próximos, porque gosta tanto daquilo que pinta que tem medo de o mostrar a alguém que não goste também. Acha-se vaidosa. No fundo, adora tudo o que faz. E fico a pensar que esta vaidade é estranha. Vê-se tão pouco por fora. Esta actriz, ao falar, torna-se tão simples. E no palco, já a vi fazer coisas tão complicadas, tão próximas da vida que nos emaranha e nos baralha as cartas, todos os dias, até ao fim. Até ao fim, Maria José

MÚSICAS

TEXTOS DE
RUI EDUARDO PAES

OBLÍQUAS

Desengane-se quem pensar que Don Cherry, trompetista de renome nas várias frentes sucessivas que derivaram do free às músicas indistintas, passando pelo jazz «universalista», deu ao seu último disco o título «Art Deco» porque simplesmente lhe deu para isso. Mentira: o objecto em questão é um epifenómeno da vaga de fundo bem séria que nos mostra serem as reproduções das histórias da música algo mais do que a obra de uma imensa nostalgia.

JAZZ: AS REPRODUÇÕES DA HISTÓRIA QUE AS NOSTALGIAS NÃO EXPLICAM

O caso é especialmente evidente nas áreas conotadas directa ou indirectamente com o jazz, e talvez por precisamente aqui se registarem os mais evidentes exemplos de retorno ao passado. É claro que as razões são muitas para tal inflexão, e se depois do esgotamento dos postulados do free jazz e das atribulações do jazz-rock assistimos à beneficiação de estéticas «straightahead» e «mainstream» (atenção: um vocabulário a fixar!) é sinal de que as coisas não íam, de facto, nada bem. Os revolucionários dos anos 60 abriram portas a nível expressivo como também técnico, sem dúvida, e os roquistas do jazz de 70 vieram dizer que também este género podia ser cosmopolita e mundano, e não só uma música de negros em busca de emancipação cultural. Uma e outra virtudes, historicamente comprovadas, não invalidam porém que se tenha deparado com becos sem saída, devido ao próprio extremismo de enunciados e soluções na primeira das vertentes, e ao hibridismo fácil da outra.

Saltando para fora de todos os vínculos, os continuadores dos propósitos de «Ascension», o grito libertador de Coltrane já no final da sua vida, viram-se sobre o vazio e ou se destruíram, deitando tudo a perder, ou insistiram num equívoco que os levou até à improvisação aleatória mas estéril. Daí que surgisse como preferencial, para os demais, a acomodação ao período musical imediatamente anterior, o bop. No campo da fusão foi pior, porque certos músicos ao procurarem fugir aos clichés do jazz acabaram afinal por lhes acrescentar os do rock, minando os resultados e confirmando-lhes uma incoerência básica porque aglutinadora do pior de cada uma das linguagens. Isso foi verdade mesmo para um Chick Corea ou um Herbie Hancock, não obstante as qualidades pessoais de ambos.

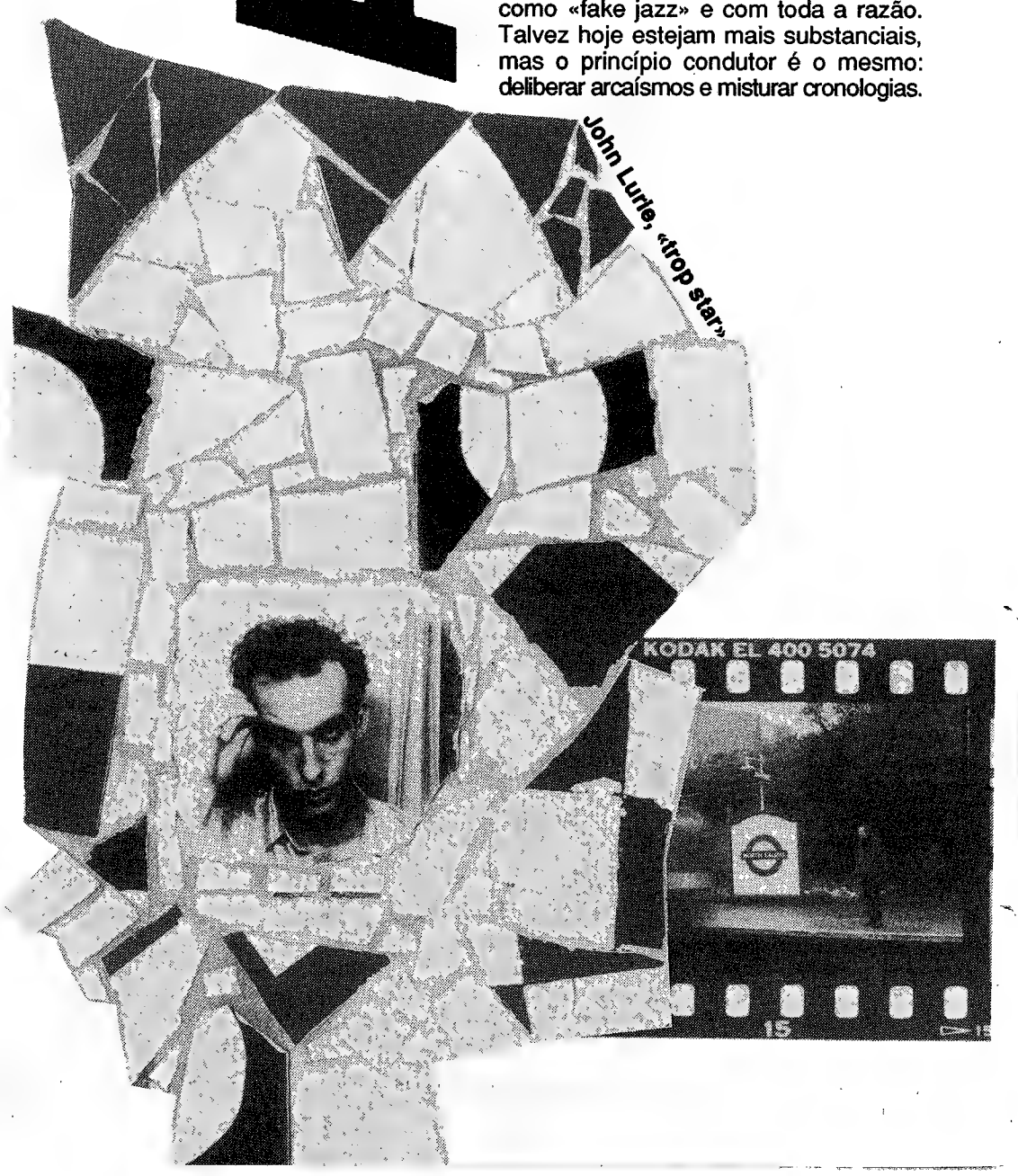
E pronto: depois disto, tocar «certo» foi-lhes compensador, como que o reeencontro com a matriz redifinidora, a única que poderia colocá-los novamente no trilho da história. Assim como assim, o facto é que o contexto destas operações de recurso escolheu justificações bem menos naturais, ou melhor será dizer, menos razoáveis. E isso porque o regresso aos formalismos do jazz cedo consistiu numa receita de aproveitamento comercial, um filão que se auto-explica em todas as decorrências, e tão-só porque, como é sabido, a máquina discográfica, radiofónica e promocional privilegia para sua própria defesa as músicas que não problematizam, que não ponham em causa, que estejam conformes com os gostos estabelecidos e os parâmetros da moda. Uma questão de «business». O que pensar, pois, da inflexão de um Archie Shepp, que foi o papa da revolução free entre 60 e 70, tempo do black power e das teorias comunistas e terceiro-mundistas, mas nos 80 regressou ao hardbop e às baladas bluesy? E da mudança de rumo de um John McLaughlin, que há uma quinzena de anos, com a sua Mahavishnu Orchestra, andou muito próximo do rock «tout court» e hoje está convertido à música acústica?

Pois bem: «Art Deco» está aí nos escaparates, e há muitos mais títulos que ilustram pelo mesmo pé o que vem acontecendo. Curiosamente, porém, não são semelhantes as atitudes, nem as condições. Courtney Pine, o saxofonista negro britânico que nos visitou há semanas, toca habitualmente um jazz não-tanto-assim que é a convergência mais do que óbvia do seu percurso (começou numa orquestra jazzy formada pelo baterista dos Rolling Stones) e das várias músicas que se encontram nas ilhas de Sua Majestade, africanas, jamaicana, norte-americana, indiana. No entanto, ei-lo que aparece com uma novidade, a saber «The Vision's Tale» (Antilles-New Directions, obra importada pela Contraverso), em que o produto avançado é um apanhado largo de «standards» como «God Bless The Child», «In a Mellow Tone» ou «No Greater Love», tocados não com as audácias harmónicas que o jovem mostrou em Lisboa, mas à maneira sólida do legado coltraniano, de que é implacavelmente fiel, tanto que vai mais atrás e lembra mestre Coleman Hawkins, um dos principais «inventores» do saxofone em jazz.

À sua maneira, e situando-se num círculo historicamente mais evoluído, é o que também faz Trevor Watts com os seus Amalgam em «Over the Rainbow», um disco agora aparecido no mercado alternativo português, graças igualmente à Contraverso, apesar de em letra miúda, na contracapa, vir indicado que foi registado já em 79, servindo bastante bem para comprovar que o determinismo do tempo folgou pressões. Ora, neste título o saxofonista londrino parece «fazer questão», pelo que ouvimos, em continuamente citar os jeitos muito particulares de Ornette Coleman, uma referência «must» na galeria dos transformadores. Se com Pine voltou-se ao tradicional trio rítmico do jazz (piano, contrabaixo e bateria), os Amalgam, com guitarra e baixo eléctricos, anteciparam a evolução do próprio Ornette em direcção ao seu presente «double quartet», do qual já se disse praticar uma espécie de funk-punk-jazz, e isso porque correu em sentido contrário, ficando a meio termo. Basta ouvir: Trevor Watts está mais próximo do alto de Ornette Coleman da década de 60 do que este está hoje do seu passado. Para mais, «Over the Rainbow» é o «standard» dos «standards», e esta interpretação esclarece qualquer dúvida que ainda permanecesse.

Sendo integralmente o que são, sem as suas opções na circunstância levarem a quaisquer exclusões de estilo ou manejo, Pine e Watts viraram-se para trás, não de esguelha, espreitando pelo ombro, mas de corpo inteiro, e independentemente de se fixarem em períodos diferentes, um mais recuado, o outro recente, em igual medida procuraram a explicitação dos sentidos que os fundamentam como músicos. Neste particular, não se tratará propriamente de nostalgia comercialona, mas de um aprofundamento expressivo. Uma postura que já não encaixa, por sua vez, com o exemplo fornecido pelos Lounge Lizards de John Lurie, cuja olhadela para a história da música americana, ocidental e não só é ostensivamente superficial e leviana, e com garbo disso. Está lá tudo: Duke Ellington e Captain Beefheart, Bo Didley e Albert Ayler, Jimi Hendrix e Johnny Hodges, Thelonious Monk e Nino Rota, Kurt Weill e Bela Bartok, o jazz elegante das orquestras e os blues das caves fumarentas que vendem mau whiskey, o rock em versão negra e as músicas narrativas do cinema, ou ainda uma certa erudição imanente. Seja como for, o que é mais imediatamente reconhecível num disco como «Voice of Chunk», o último chegado até nós com o selo Milan (Dargil), menos brilhante que o anterior «No Pain For Cake» mas bastante mais «transparente», é a revista do passado todo, inteirinho, do jazz, mas enquadrado por caricaturas modais, esboços de forma que não de conteúdo.

Nos primeiros anos de Lounge Lizards, houve quem apelidasse a música do grupo como «fake jazz» e com toda a razão. Talvez hoje estejam mais substanciais, mas o princípio condutor é o mesmo: deliberar arcaísmos e misturar cronologias.



EM FRED FRITH OU COM OS EX

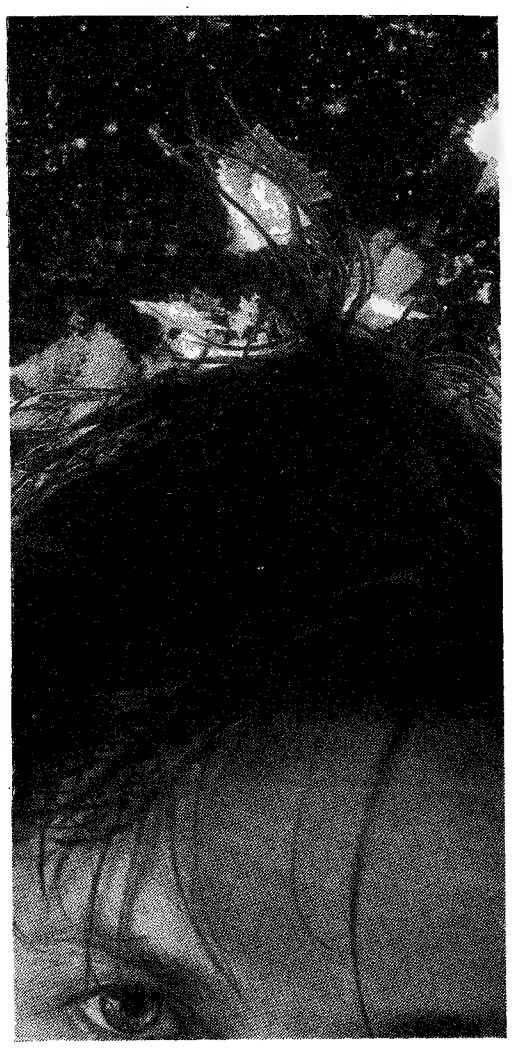
Por isso, o saxofonista-actor John Lurie é tão apreciado pelo público da pop e mesmo encarado como uma «star» da pós-modernidade (o último filme de Jarmush, «Mystery Train», volta a ter a sua assinatura na banda sonora, emoldurando uma selecção de canções em que cabem Elvis Presley e Roy Orbison, por exemplo: aí ele toca guitarra e blues tal e qual, à velha maneira, consoante testemunhamos num outro novo Milan). Mas temos mais: «Hours After» (Black Saint, comercializado igualmente pela Dargil), o mais recente título da Arkestra de Sun Ra, é outra viagem de regresso com bifurcação por duas vias. O lado A desenvolve-se em feições bop, começando logo por um tema de Gershwin que já é obrigatório para os combos «mainstream», «But Not For Me», e o lado B, mais conforme com a mística espacial do pianista e condutor de orquestra, é uma recapitulação dos primados free. E no entanto, como o próprio Sun Ra costuma afirmar, «a música representa o futuro potencial», aquele que não é suposto acontecer mas é sempre melhor do que o previsível. É claro que o jazzista americano fala por metáforas, mas é precisamente graças a elas que compreendemos um fundo desejo (o seu como o de muitos) de indiferenciação temporal entre as várias fórmulas.

O que Sun Ra colocou em paralelo no seu disco, um estranho álbum que reúne doze instrumentistas da Grã-Bretanha, incluindo o já aqui apontado Courtney Pine mas outros ilustres como Evan Parker, John Stevens, Bobby Bradford ou Pete King, força ao cruzamento. O nome é «Freebop: Live Tracks» (Impetus Records, chegado via Contraverso) e não deixa razões para dúvidas, como também as dedicatórias das três faixas, a Monk, a Ornette e Paul Bley, e a Kenny Clarke. O trabalho é de 88 mas, atenção, trata-se de uma gravação ao vivo, em festivais europeus, feita dois anos antes. Vem dar ao mesmo: mediante uma equação com resultado em aberto conseguem os intervenientes passar por cima da fatalidade individual do free jazz e do bebop para, fundindo-os, reiventar o passado próximo do género. A ideia e a sua sequência no vinil podem até ser encaradas como um «divértissement», mas a verdade é que algo de fundamental parece ter sido «resolvido» nestas espiras.

Será uma contrariação da história, visto que nela, afinal, o free foi uma ruptura contra o bop, mas se há faculdade que distingue estes dias é a de poder modificar depois o que fizemos antes, não aceitando o peso do que ficou estabelecido. A «art deco» é uma forma muito contemporânea de praticar o jazz, quiçá demasiado contemporânea pelo que pressupõe com a aparência de uma vaga de fundo premeditada. Distingui-la das bem mais passivas nostalgias circundantes já diz respeito à criatividade do ouvinte, mas cremos ter-lhe dado nestas linhas algumas pistas: é tudo, de facto, uma questão de comportamento (de compostura?), e os que reproduzem o passado sem o questionar são aqueles que não interessam. Em absoluto...

John Stevens: o freebop à beira do tempo

«The Top of His Head»: a capa do último Fred Frith



1937-1989: CAGE SOBREVIVO

Em 1937, John Cage escreveu em meia dúzia de palavras um pensamento que se revelou profético: «Acredito que o uso do ruído para fazer música continuará e aumentará até chegarmos a uma música produzida com o apoio de instrumentos electrónicos que colocarão à nossa disposição todo e qualquer som que possa ser ouvido... Se, no passado, o ponto de desentendimento foi debatido entre a dissonância e a consonância, sê-lo-á, no futuro imediato, entre o ruído e os chamados sons musicais.» A antecipação foi confirmada, mas curiosamente não tanto na área em que o compositor se move: a verdade é que os seus ensinamentos de então foram exemplo para uma geração de dissidentes que os aplicou em formas muito particulares do rock e do jazz. Se houve (ou há, ainda) vanguardismos nestes territórios, deve-se tal às concepções do compositor erudito...

O que é deveras irónico, pois assim deu-se início à hoje confirmada intelectualização de músicas com origem popular, tendência que já vai na direcção dos trinta anos de efectivação mas que alguns doutores da alta cultura ainda dizem efémera. O fenómeno confluiu no derrube das distinções que separavam dois mundos musicais, aquele que se vivia entre as quatro paredes dos conservatórios e o nascido nas ruas, mas se isso aconteceu foi porque Cage, com a sua teoria do ruído em música, obrou um corte radical com a musicologia clássica. Verifica-se agora uma reposição de termos, um voltar atrás das práticas e das fundamentações por parte de músicos e correntes que beneficiaram historicamente da abertura proposta pelo autor de «Silence» - é o caso dos agrupamentos do rock elaborado que se converteram ao neoclassicismo. Ainda assim, a verdade é que nada do que define contemporâneamente as músicas ocidentais, e inclusive nos muitos casos contraditórios e nos muitos equívocos, é alheio à filosofia cagiana. Com esta, aliás, passou-se algo curioso: não foi a tecnologia aplicada à música que forjou, como acabamento seu, uma ideologia com estes contornos - uma vez que fosse a ideologia antecipou os eventos e deu-lhes forma. Se ela parece agora tremer, se ameaça cair, é só porque a ideologia da facilidade consumível se lhe impõe, e mais nada.

A indústria pop tem medo do ruído, obviamente. O ruído tem em acto a faculdade destruidora (e reconstrutora, porque dá lugar a outra coisa) de curto-circuitar o que tende a apresentar-se como falsamente harmónico, equilibrado e simétrico, precisamente os velhos mitos do classicismo, e o que podemos constatar por estes dias é a nova devoção das multinacionais da música pelo que é, outra vez, clássico. Pois bem: o que interessa nesta prosa, contra o sentido de tais recuperações, é a ideia de que o som, qualquer ele seja, pode por si só ser «tão importante quanto todos os parâmetros pedagógicos que nos ensinaram serem importantes na música, como a melodia, a harmonia e o ritmo». A afirmação é de Fred Frith, um inglês hoje baseado nos Estados Unidos que começou pelos blues eléctricos e pelo rock para se tornar no mais ousado e irreverente guitarrista da actualidade, mas também - acrescente-se - violinista, baixista, programador de electrónica, manipulador de fitas pré-gravadas e percutor de objectos de condição absolutamente não-musical.

Frith é um cagiano confesso e a bíblia «Silence» leu-a na mesma altura em que descobria a música de Luciano Berio, pela voz de Cathy Berberian. Tem uma discografia longuíssima mas de «low profile», quase de produção doméstica, e é o exemplo acabado do músico camaleão que não se sente bem com a mesma pele durante muito tempo. O último grande título sob o seu nome foi o duplo «The Technology of Tears», mas outro mais recente já surgiu no mercado paralelo português, via importação (Contraverso), com um estatuto «made to measure»: é o volume 21 da colecção com esse nome na Crammed, com o título «The Top of His Head», e o que nele resulta interessante (algo surpreendente, até), tendo em conta o contexto neoclássico e ambientalista em que se insere, enquanto projecto editorial, é o facto de consistir numa soma de sons subsidiários, de ruídos sem conotação, cingidos num enquadramento que flirta claramente com o orquestralismo classicista e com a canção pop-folk.

O disco está longe de ser o melhor Fred Frith que já ouvimos, mas retrata com uma mestria incomparável o que está em questão na dúbia contemporaneidade musical em que vivemos. A estética aleatória de John Cage está presente, como sempre, bem como a linguagem improvisacional herdada do jazz. São, todavia, evidentes os critérios «estruturalistas», mais convencionais, do último Frith, e o seu pendor para a citação, a referência e a colagem. Digamos que se trata de um registo de música abstracta, constantemente interferida pelo ruído e formatada por uma esculturação que convida ao reconhecimento e ao reenvio. Frith defende que não há géneros de música mais importantes do que outros, e é esse princípio ecléctico e relativista, ainda tão mal entendido, que este trabalho sintetiza.

O guitarrista é já um consagrado, um modelo. Pode-se perfeitamente argumentar que aquilo que faz hoje é uma insistência individual em destom com o que se toca ao redor, nada significando e nada provando. Não é verdade: «Joggers & Smoggers», um duplo em auto-edição dos belgas Ex, acabado de aparecer, confirma plenamente que a estética cagiana continua a influenciar certas margens da música presente. Os Ex são basicamente um grupo de rock, com uma caracterização, aliás, muito próxima do punk. São «literários», claro (a maior parte dos textos que cantam vêm de Kafka, Brecht, Prévert ou Vysotsky), e se por vezes há qualquer coisa neles de gratuito - uma péssima tentação do vanguardismo que lhe sobrevive (perdido o «propósito» fica o tique, pois então) -, manda a justiça dizer que a música «suja», traficada, barroca sim mas de sinal negativo, obscura, negra até, deste colectivo tem um travo de militância sobrevivente e contra a corrente, não com os contornos de uma resistência passadista mas vestindo a força, e o alcance, de uma completa presentificação musical.

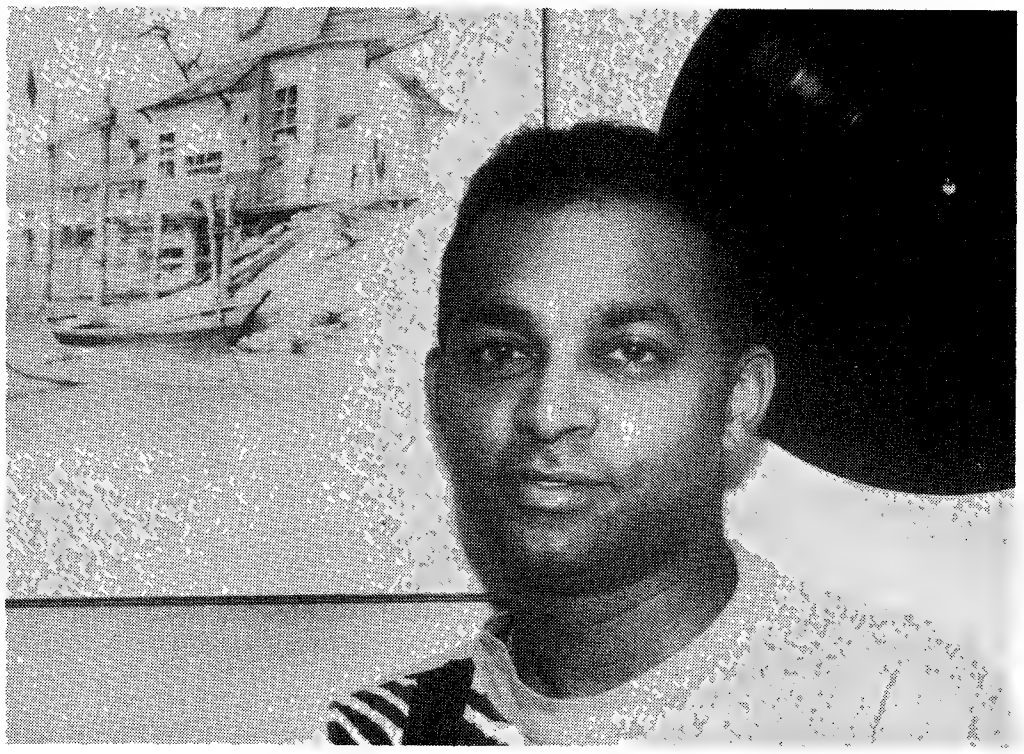
Pensa-se que no estilhaçamento estético e artístico actual é impossível achar qualquer sentido que se defina, mas tais vaticínios não chegam para iludir que ainda encontramos, aqui e ali, velhos maniqueísmos, e não só os que separam a boa música da má. Percebemos sem dúvida alguma que as músicas tendem demasiado facilmente à conformação com as predominâncias instituídas, mas também que algures se manifestam correntes adversas. Os Ex não devem nada à originalidade, e Fred Frith, por mais piruetas que continue a dar no seu multifacetado percurso, não meteu por nenhum desvio: uns e outro indicam no entanto que não marchamos todos na mesma parada.

ÁFRICA AQUI

LEONEL: UM MÚSICO TRISTE

MARIA JOSÉ
BELO MARQUES

Leonel Almeida, natural de São Vicente, Cabo Verde, é um músico diferente. Cantor, actuando sempre com compatriotas seus, optou por uma outra música - os ritmos latino-americanos. A salsa encontra na sua voz límpida um intérprete de respeito, e ao ouvi-lo muitos são os que acreditam tratar-se de um cubano. Se assim é do ponto de vista musical, do outro, o humano, é um orgulhoso filho de África que fala e sente com a dimensão de um arquipélago rodeado de mar, que comovidamente vem banhar a praia dos seus olhos.



Aparentemente, Leonel tem um ar distante. Não o é. Humildade e extrema sensibilidade são caracteristicas deste homem, de trinta e sete anos de idade, cantor, pintor e restaurador de obras de arte por amor, vendedor de profissão.

- Há quanto tempo estás em Portugal?

«Há quinze anos»

- Onde e quando começaste a dedicar-te à música?

« Tinha dezanove anos, e foi em Cabo Verde, no grupo Os Alegres. O primeiro conjunto em que participei era o do Paulino Vieira. Éramos todos miúdos, o Conjunto do Padre Simões, depois fui para Os Alegres.»

- Tens três discos gravados. Foram financiados por quem?

«Dois pelo Bana e, o último, por mim.»

- Costumas actuar com o grupo do Paulino Vieira. Quem te ouve cantar não escuta habitualmente mornas ou coladeras. Cantas outro tipo de música. Interpretas um tema do guineense Justino Delgado, por exemplo, e ao ouvir-te dir-se-ia que se trata dum tema afro-cubano. Disseste-me uma vez que há muita gente a tratar, e bem, da música cabo-verdiana, por isso tu vais por outro caminho. Queres explicar?

«Eu canto morna, mas sem aquele sentimento, estilo, próprio. Eu adoro morna, mas a minha vocação é a música afro-cubana. Talvez por ser aquela para a qual tenho mais queda. A morna deixo para o Bana, Cesária e a Titina, que são expoentes máximos no estilo. São pessoas que cantam morna a cem por cento. Eu não.»

- A música não é a tua profissão. Qual é?

«Desnho, vendo discos. Vou para a Europa e faço negócios.»

- E a música não é a tua profissão por não quereres, ou por falta de condições para que o seja?

«Eu talvez não tenha nascido para ser músico. Talvez tenha nascido para ser cozinheiro, chefe de restaurante ou desenhador. Já cheguei à conclusão de que não nasci para ser músico profissional.»

- Isso não impede que tu sejas um dos nomes cabo-verdianos importantes no panorama da música africana, em Portugal. Tu tens um espaço próprio.

«Tenho um espaço. Talvez graças a três ou quatro pessoas, que se não tivessem estado sempre ao meu lado não me teriam possibilitado adquirir esse nome. São elas: Luís Morais, primeiro que tudo, Paulino Vieira que é meu "irmão" de música, e fora dela, e o Bana, para além do Armando Tito e todos os músicos que tocaram comigo.»

- Quais são os teus projectos a curto prazo?

«Penso entrar em estúdio em Janeiro ou Fevereiro, dependendo das condições financeiras, que não são muito famosas, para fazer uma edição minha.»

- Produção do Paulino Vieira, também?

«Lógico. Se eu pudesse passava a minha vida sempre ao lado do Paulino. Há 17 anos que trabalhamos juntos. Eu e ele parecemos quase irmãos de sangue. A humildade do Paulino é tão grande que o impede de ser mais conhecido, mas ele sente-se bem assim. Podia ir longe se não fosse o coração dele, mas prefere pensar primeiro nos outros...»

(Partilho com Leonel a mesma admiração e amizade por Paulino Vieira. Acho que não exagera, e não me custa a acreditar que as lágrimas de comoção que lhe brilham nos olhos, ao falar do amigo, são sinceras.)

A música africana é muito rica

- Uma das questões que coloco regularmente aos músicos cabo-verdianos refere-se à utilização de instrumentos eléctricos na música tradicional. Qual a tua opinião a esse respeito: achas que a música de Cabo Verde ganha com essa aquisição ou antes pelo contrário?

«A nossa música é muito rica. Apesar de me considerar ignorante sobre esse assunto, do ponto de vista pessoal, posso dizer que gosto de ouvir morna com um bom piano, um bom cavaquinho, uma guitarra de dez cordas e um violino. Pode ser que esteja errado, mas eu gosto de ouvir morna como a oiço nas noites cabo-verdianas, aos domingos, no Bana. Quanto à utilização dos instrumentos eléctricos, penso que depende de quem os tocar, depende da sua sensibilidade.»

- Tu és das pessoas que eu conheço mais atenta à música africana que se faz aqui. É habitual ver-te em todo o lado onde um grupo actue. Achas que a música africana, neste momento, em Portugal, está bem representada?

«Não critico as editoras, porque penso que neste momento não sabem a força que a música africana tem. Os melhores músicos africanos que temos, aqui, não actuam em casa nocturnas. Actuam em estúdios. É o caso do Waldemar Bastos que, para mim, é um grande cantor, o Paulino Vieira que só actua nas noites cabo-verdianas e outros. Mas temos bons músicos africanos em Portugal.»

- Dos que estão "no activo" há alguns projectos que gostasses de referir, por considerares de qualidade?

«Por exemplo, há um miúdo, para mim é um miúdo, o Tito Paris que tem muitas ideias, mas o circuito em que se movimenta não lhe dá oportunidade de experimentar outros voos, mas pode chegar longe. É o caso também do irmão do Paulino, o Toy Vieira. São músicos que poderiam ter um futuro risonho, se lhes derem possibilidades. Isto de Cabo Verde. Depois, temos o Justino Delgado, da Guiné-Bissau, que é um belíssimo cantor e uma pessoa excepcional. Precisa é de apoio.»

- E o que me dizes do "boom" da música africana na Europa: é uma moda ou mais que isso?

«Para mim não é uma moda. A música africana é rica. O funky, o jazz, mesmo o rock, se formos ver, foram beber-lhe às raízes. As pessoas é que durante muito tempo não o quiseram aceitar, ou por racismo, ou preconceito. Se agora a música africana está forte por justiça, já o devia estar há muito tempo.»

Com o coração nas mãos

- Sonhemos. Se eu pudesse dar-te a possibilidade de te tornares cantor profissional aceitavas?

«Depende de muitas coisas. Neste momento, não tenho incentivo para cantar. Subo a um palco, mas não sou eu que estou lá. As pessoas dizem-me que gostam, e eu fico contente, mas no íntimo sei que estou desmoralizado.»

- Porquê?

«Houve, no meu meio, muita incompreensão. Talvez eu tenha contribuido para isso. Mas a verdade é que me sinto triste, um pouco abalado psicologicamente.»

- Estás longe de Cabo Verde há quinze anos, mas tens lá ido todos os anos. Quando chegaste a Portugal e ao longo deste tempo tem sido difícil, para ti, viver aqui?

«Foi difícil, na medida em que vim com um projecto e fiz tudo ao contrário. Vim para estudar e fiz vida de boémia. Conheci a minha mulher, tivemos duas filhas, o dinheiro tornou-se necessário à família, e os estudos ficaram pelo caminho, também não fiz muita força. Hoje estou arrependido, pois gostaria de ter o curso de desenho. Por outro lado tenho a alegria de ver crescer as minhas filhas com a minha mulher.»

- Tu também pintas. Já mostraste alguma vez as tuas coisas?

«Nunca mostrei nada ao público. Pinto só para os amigos. Talvez por falta de confiança na qualidade do trabalho.»

- E hoje, que a tua vida está mais equilibrada, pensas voltar a estudar?

«Falta-me estímulo.»

- Disseste que não foi fácil, ao princípio, a tua vida aqui. Foram desvios de juventude, problemas económicos... e em termos humanos?

«Nunca houve nada de especial. Fui bem recebido. Adoro este país, que considero como a minha segunda terra. Cabo Verde e Portugal estão no meu coração. Por isso nunca aceitei convites para ficar nos Estados Unidos, por exemplo.»

- Há pouco, sobre música, falaste em racismo. Ele existe em Portugal?

« Já assisti muitas vezes a situações que me deixaram triste. Mas não é só aqui, em Portugal. É em todo o lado. Às vezes ouço os taxistas, por exemplo, a "mandar umas bocas", mas são coisas que eu passo sempre por cima.»

- Tens muitas saudades de Cabo Verde?

«Imensas. Mas não me afectam grandemente porque tenho a minha família quase toda aqui, e os meus pais vêm cá todos os anos.»

- Pensas voltar para Cabo Verde?

«Sim. Penso voltar com toda a família e ir viver para lá. Até porque quero ajudar a minha terra, no que me for possível. Ainda não voltei por falta de condições.»

- Há muitos compatriotas teus que afirmam que cabo-verdiano não é africano. Tu és africano?

«Nós somos fruto de uma junção de muitos povos. Há quem pense, por exemplo, que eu sou indiano. Somos um povo de misturas. Acho que Cabo Verde é África, e ser africano é um orgulho.»

- Costumas frequentar bairros onde vivam cabo-verdianos?

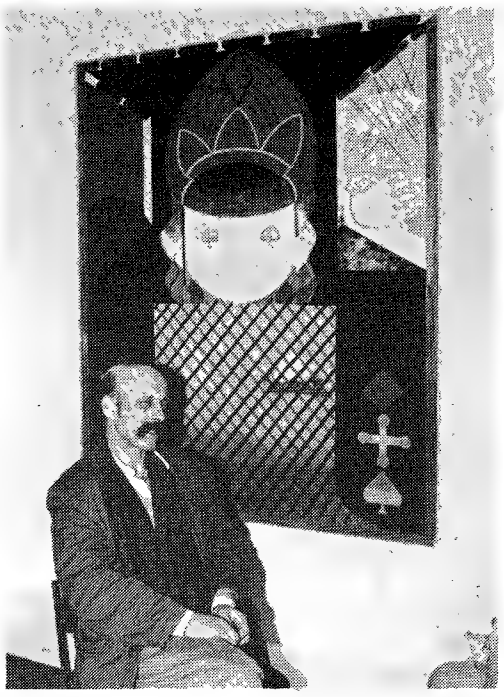
«Vou muito ao bairro do Alto de Santa Catarina, à Buraca. Sou bem recebido, as pessoas são humildes, não é nada daquilo do que dizem dos cabo-verdianos, que são zaragateiros. Somos um povo sensível, não gostamos é que mexam com o nosso orgulho. Penso é que houve muita gente que veio de Cabo Verde, para trabalhar nas obras, e foi enganada pelos empreteiros. Prometem-lhes casa e depois dão-lhes uma camarata ou uma barraca para viver. É impossível não sentir revolta. E só não voltam por vergonha do que na terra vão dizer, por terem sido assim derrotados. Tudo isto provoca uma raiva em vias de explodir, só que a culpa não é deles.»

Para terminarmos, perguntei ao Leonel se havia algo que gostasse de dizer que não estivesse nas respostas às perguntas que lhe foram feitas, com o coração nas mãos, que teve durante toda a nossa conversa, disse:

« Acho que nós músicos, independentemente da nossa nacionalidade, devíamos dar as mãos e unirmo-nos. Porque se os políticos o fazem, e a política é uma coisa suja, nós que somos músicos, e fazemos algo puro como a água cristalina, devíamos juntarmo-nos, unirmo-nos e lutar pelo bem da música. Porque ela é linda quando executada com o coração.»

E não conseguiu dizer mais. Estava comovido, e eu, ao olhá-lo e ouvi-lo, também.

Leonel, um cantor e um ser humano daqueles como todos deviam ser.



TEXTOS
JORGE FALLORCA

Sendo a cabeça do pintor o melhor acesso à exposição de Costa Pinheiro, compreende-se que algumas sensibilidades venham de lá, como se tivessem entrado num bazar...

DUAS JANELAS DE COSTA PINHEIRO NA GULBENKIAN

DA FENÊTRE DE MA TÊTE ATÉ AOS REIS

No mesmo espaço da Fundação Gulbenkian onde há oito anos mostrou aos portugueses **O Poeta Fernando Pessoa**, Costa Pinheiro franqueia-nos agora as janelas do seu atelier de Munique.

Intitulada **La fenêtre de ma tête**, a exposição é também, por vontade expressa do pintor, uma auto-retrospectiva. Ao público viciado nesse tipo de manifestações inventariais, convém saber que esta é a retrospectiva que o pintor quiz fazer, não sendo portanto, a mais obrigado. A entrada faz-se (quase obrigatoriamente) por uma enorme porta silhueta da cabeça do pintor, que, no regresso, assume a luminosidade de uma janela.

Declinando qualquer sedução contabilística, e arqueológica, optámos antes por conversar com Costa Pinheiro, no Centro de Arte Moderna, acompanhados (aqui, sim) pela restrospectiva de **Os Reis**.

«DL» - Em **La fenêtre de ma tête**, trata-se de uma janela por onde o Costa Pinheiro olha para o mundo, ou por onde nos dá a oportunidade de olhar para o seu universo?

"Penso que são as duas coisas. Não se pode pensar uma sem a outra. E há ainda uma outra implicação, que esclareço no catálogo, que é acentuada pelo anúncio luminoso sobre a silhueta da minha cabeça, que dá acesso à exposição. O título está em francês, e se reparar, sublinho sempre a palavra **être**, ser. Foi por essa razão que escolhi o título em francês. Em português não corresponderia às necessidades que eu sentia de expressar através do duplo sentido da palavra fenêtre, para esta auto-retrospectiva".

«DL» - É auto-retrospectiva porque sentiu necessidade de a fazer, ou vem na sequência de um convite?

"Não, de maneira nenhuma. Sabe, não tenho muito respeito pelo conceito de retrospectiva. Não é porque eu não entenda que quando o artista tem uma certa idade, e depois de ter dedicado grande parte da sua vida a uma pesquisa, que não seja legítimo fazer-lhe uma retrospectiva. Eu recusei-me sempre, e talvez isso tenha a ver com o meu espírito um bocado inquieto, de permanente interrogação em relação às coisas, que se reflecte, penso, na minha obra. A auto-retrospectiva, poderá assim entender-se como uma imagem, de certo modo irónica. Tentei debruçar-me sobre o meu passado de pintor, e fazer uma análise. Porque afinal, ao fim destes trinta anos, o que é que eu pintei? O que é que aconteceu em toda a minha imagética? Tentei, de uma forma deliberadamente incompleta, mostrar o que para mim foi importante em determinadas épocas. Dos anos 50, das coisas informais, há muito pouco, porque decidi não as mostrar. Como se tudo começasse naquela figuração dos anos 60, até aos **Reis**".

«DL» - Já sei que não vai concordar, mas continuo a ver nos seus anos 60, influência da Pop-Art...

"Não, a figuração da minha pintura, não teve nada a ver com a Pop-Art. Absolutamente nada. O Antonio Tabucchi disse no meu atelier de Munique, que a **Fenêtre de ma tête** era um imenso auto-retrato, e simultaneamente, uma auto-retrospecção. E foi praticamente daí que nasceu este subtítulo. Não é que eu pretenda desmontar as implicações que tem uma retrospectiva..."

«DL» - O Costa Pinheiro volta a surpreender-nos com a montagem das suas exposições. Foi na de **O Poeta Fernando Pessoa**, e agora desafia-nos a entrar na sua cabeça recortada na parede, onde depois somos confrontados com acessórios agigantados do atelier: a paleta, a tela transparente, mas sobretudo o pote dos pincéis. Partiu de que escala?

"O gigantismo é propositado. A tela transparente vem do meu projecto para as **Telas Desmaterializadas**, que acabei por não concretizar. Mas enfim, tanto no cavalete como na paleta, que até era para ser maior, pretendi encenar toda essa iconografia do pintor, que é de facto representativa. É evidente que há aí um lado irónico..."

«DL» - De que ninguém duvida!

"Mas que não quero tornar anedótico. Essa encenação era fundamental fazê-la, integrada nesta exposição, onde incluo também a **Citymobil** e um espaço para os trípticos só do **D. Sebastião**. Alguns não estão acabados, porque faziam parte de um projecto, que ainda subsiste, de fazer em Munique uma exposição só sobre o **D. Sebastião**".

«DL» - Ao mostrá-los em fase de elaboração, mais reforça a ideia de visita ao atelier.

"Pois claro. E como é o final desta exposição, faz a ligação desta com a de **Os Reis**, no CAM. Esta sim, é uma retrospectiva. Apoiada com os estudos que então fiz para esta série. Difere da de Munique precisamente por isso; lá mostrei apenas uns três ou quatro desenhos. Aqui ela está na íntegra. Completíssima".

«DL» - Porque é que o Costa Pinheiro se "demora mais" no D. Sebastião?

"Eu acho que é uma figura que buliu sempre comigo. Já sai fora da fora daquele carmo das coisas à imagem da mitologia popular. Penso que é uma figura com outro tipo de envergadura, mítica e mística, não é? Nela se reflectem problemas da nossa identidade, é preciso não esquecer isso".

«DL» - É também o arquétipo do nosso desejo histórico.

"Também é isso. O transporte dela através dos tempos, através da nossa imaginação, no seio do nosso povo, com tudo o que ela nos dá do burlesco, do dramático, da lenda, assemelha-se ao Luís II da Baviera. Embora os tempos históricos sejam diferentes".

«DL» - Cuidado, senão teremos de ir ao Eduardo Lourenço e ao Fernando Pessoa...

"Ah sim, e não haveria jornal que chegasse para isso... Nunca mais acabavamos".

O OLHAR EM DIA

Ângelo de Sousa mostra uma a uma nas paredes da Galeria Diferença (Rua de S. Filipe Nery, 42) as páginas do álbum com 48 desenhos a tinta da china, grafite, ponta de feltro e flo-master, feitos entre 1958/62. Re-vistos, ou porque investidos de carácter antológico, estes desenhos que, no dizer de Ângelo de Sousa, «constituiram uma família ou série, que se dilatou até muitas centenas, designada pelo título genérico (ou melhor, alcunha) de ÁRVORE», surepreendem porque, como em nenhuns outros trabalhos, nos aproximámos tanto da sua origem africana (Moçambique).

Personalidade determinante das artes plásticas portuguesas contemporâneas, também formado com 20 valores, pela Escola Superior de Belas Artes, do Porto, onde é professor, integra com Armando Alves, Jorge Pinheiro e José Rodrigues, o Grupo 4 Vintes, de que a Árvore faz uma exposição histórica.

O álbum, editado pela «O Oiro do Dia», tem as tiragens de mil exemplares, e uma especial de cem que, além de numerados e assinados, incluem um desenho original não reproduzido, a escolher entre os expostos.

Para a inauguração da Galeria Pedro e o Lobo (Rua do Salitre, 169), a direcção mostra uma pintora cujo território é o da ocultação. Quer pelos símbolos mais imediatos (ovo, água, gruta, que aqui assume também a configuração da baleia), quer pela técnica; a pincelada vigorosa esconde / revela num jogo permanente.

Mas Ilda David, pela força de um imaginário formado nos cadinhos da mitologia (clássica, urbana, infantil), nunca nos limita à solidão de Voyeures.

«Estes objectos perdem aqui qualquer sinistra obstinação de mensagem, apenas deixam por um instante de aborrecer.» Atirando para a parede o possível conforto que certas sensibilidades se reservam para o couro, Gerardo Burmester destina às urtigas qualquer interpretação dos sensuais quadros estofados que mostra na Galeria Alda Cortez (Largo de Santos, 1).

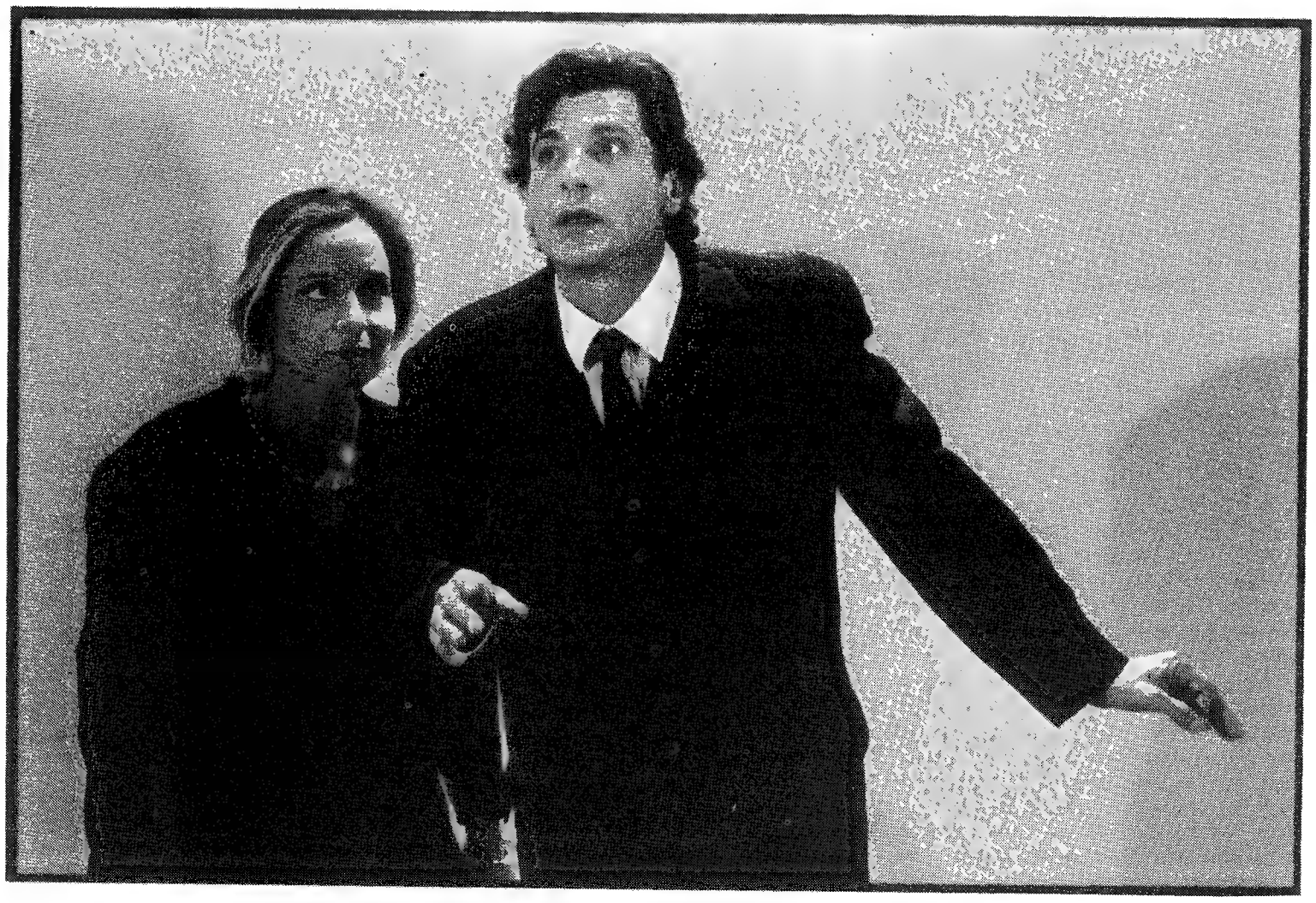
Fique também em dia com:

Henrique Manuel — um percurso que se tem pautado pela irregularidade pública. Na Galeria Novo Século (Rua do Século, 25), a inocência da aguarela é desviada para territórios pânicos. A pornografia nunca fez concessões à hipocrisia do erotismo.

Pedro Proença — «Canzone-ornamento e punição». Desenhos a nanquim, que, por sua vez, emolduram desenhos de pequenas dimensões, no contínuo «flirt» de Pedro Proença com as questões do domínio ético e artístico.
Roma e Pavia — Porto.

TEATRO

TEXTOS DE
CARLOS PORTO



MARGENS

Chegam-nos as primeiras reacções da imprensa parisiense à estreia do espectáculo de Richard Démarcy com a Ode de Álvaro de Campos, interpretação de Serge Maggiani e Teresa Motta. Eis o teor dessas reacções.

Michel Cournot começa por evocar a personalidade de Pessoa e refere o facto, inusual, de dois editores parisienses, La Différence e Christian Bourgeois, estarem a editar as obras completas do autor português. E continua no seu comentário publicado no «Le Monde» de 2 deste mês:

«Uma das suas obras-primas, verdadeiramente belíssima, chama-se **Ode Marítima** e é assinada por Álvaro de Campos. Trata-se de um dos textos publicados por Pessoa durante a vida de Pessoa. Há neste poema recordações da infância de Pessoa em África, sensações de viagem, coisas vistas em Lisboa, nos cais, tudo isso marcado com anotações duma ironia nem sempre jovial sobre o quotidiano de Pessoa, os seus empregos, as suas necessidades de álcool ou e de estupefacientes. E também existe delírio nesse poema.

A tradução apresentada no Théâtre de l'Athénée foi a publicada por Bourgeois, de Michel Chandeigue e Pierre Léglise-Costa. É Serge Maggiani quem representa neste texto, e Maggiani é um «diseur» prodigioso: com ele cada palavra do texto torna-se «sensível», instala-se uma atmosfera de segredo, temos a impressão de segui-lo na ponta dos pés, proibidos de fazer o menor ruído, como se o actor caminhasse em plena selva, entre répteis e feras, selvagens, silenciosos; o próprio Maggiani tem o ar de uma águia do Kilimandjaro, de sentinela.

Espectáculo evidentemente fascinante. O encenador, autêntico veterano com galões do teatro português, Richard Démarcy, desta vez deu carta branca ao actor. E, evocação discreta da misogenia mais ou menos homossexual (em intenção) de Pessoa, colocou, ao lado de Maggiani, ou melhor, «nos seus calcanhares», uma actriz, Teresa Motta, que ouve o texto com os olhos redondos, balbucia de tempos a tempos vinte palavras em português, numa palavra, representa o espanto de maneira perfeita.»

Pierra Marcabru, no Le Fígaro de 30-11-89, escreve, sob o título

Uma poesia dançante:

«Nada mais difícil no teatro do que a poesia, a poesia em estado bruto, nada de mais estranho à encarnação que o teatro exige, de mais oposto, mesmo. E até ao artifício...

Fernando Pessoa é um grande poeta, dividido, contraditório, diversificado, um poeta com múltiplas identidades, mas foi necessário todo o talento, dançante, heróico, contrastado, toda a violência e toda a doçura, os gestos fechados ou livres, a singularidade de Serge Maggiani, para que entrássemos no sonho, no mistério no balanço da **Ode Marítima.**

Em contraponto, em português, Teresa Motta acompanha com a sua voz terna o comediante no seu caminho, no seu combate, que é exaltação, cólera, arrebatamento, paroxismo, depois apaziguamento. É uma rapariguinha que, tímida, atenta, segue um homem na sua loucura nos seus sonhos inexplicáveis que o transtornam.

Pessoa olha o porto, o barco que parte, o oceano que se abre, vê o horizonte e o que está para além do horizonte, todos os mares, o espaço imenso, os outros cais do lado de lá, a partida, a fuga, o regresso. As margens longínquas, e a solidão do navio, o seu coração, as suas coxias, o seu casco de aço, que é como que um refúgio, um meio, qualquer coisa de bem real e no entanto de fantástico, que permite passar para o outro lado, ir para além de si próprio, de abandonar tudo.

Maggiani diz tudo isso num movimento violento onde há desespero e felicidade, uma irritação secreta por tudo o que não é esta vastidão movente, por tudo o que não está algures.

Richard Démarcy, que conhece Pessoa como a si mesmo, que conjectura nele todas as profundezas, orientou este jogo de pura poesia, que se dirige ao poeta que devia existir em todos os homens, como uma música, um canto dançado. É tudo o que se possa imaginar, menos teatro. Mas é belo.

No «Libération» de 5 de Dezembro pode ler-se uma nota breve não assinada:

«Depois de **Daisy, um film pour Pessoa**, ficção na qual os heterónimos do poeta português desaparecido em 1935, faziam explodir a superfície exígua do «Petit-Odéon», Richard Démarcy prossegue a sua investigação em companhia do Naíf Theâtre e da bela Teresa Motta. Em **Ode Marítima,** um dos poemas mais célebres que Pessoa soprou ao imaginário Álvaro de Campos, a actriz portuguesa representa em VO as vozes inspiradoras enquanto Serge Maggiani — um temperamento — compõe um singularíssimo Pessoa — tão extrovertido e mediterrâneo como o Português podia ser desdenhosamente secreto e atlântico».

Em «La Croix» de 6-12-89, publica-se uma entrevista ilustrada com Richard Démarcy, e Emmanuelle Klausner escreve:

«O solo — o cais do porto — está coberto de ripas de uma madeira rugosa com as cores do oceano. É aí que está o poeta, a contemplar um paquete que se apronta para acostar, fera poderosa de metal, de aventuras, de borracheiras e de fumarada. Aventura interior, deriva poética em imagens violentamente líricas, manifesto panteísta, hino que se ergue livre para celebrar as núpcias da sensação interior e da matéria abundante do Cosmos, **Ode Marítima** tem nas suas águas Rimbaud, Lautréamont, Claudel, Saint-John Perse.

Richard Démarcy confiou no arrebatamento sonhador de Serge Maggiani, ao qual Teresa Motta empresta o eco suave da língua portuguesa. Barroco e livre, plástico e selvagem, Serge Maggiani voga na prosódia como numa música bárbara onde, a cada momento, é preciso dançar os estranhos balanços.»

FALAS

Tudo continua insuportável (programa **Caixa Alta** / RTP). **Ouço uma personagem, por exemplo, referir a má qualidade dos críticos de teatro portugueses, em frases insultuosas. Como é possível permitir-se que se façam afirmações tão gratuitas e patetas como esta, vindas, ainda por cima, a total despropósito, insertas na historieta policial apenas como uma verrina pessoal (eventualmente) do seu realizador, actor teatral agastado, provavelmente, com as críticas que tem sofrido? Já não bastava o tratamento parvoinho aos jornalistas, chega a vez agora de outras profissões.**

Orlando Neves
Televício
«Diário de Notícias / 17-12-89

ACTO

Como se dizia antigamente

O Cartaz-Teatro, agora integrado no suplemento Mosca, propõe-se continuar a acção de intervenção na vida teatral portuguesa que tem vindo a realizar desde há alguns anos.

Continuaremos a arquivar aqui, nos limites do espaço disponível, protestos, queixas, sobressaltos, que são o pão-nosso de cada dia do teatro em Portugal, mas também os momentos de alegria que nele e com ele viveremos, contra ventos e marés.

Continuaremos a registar os acontecimentos do dia-a-dia, palavras e imagens de uma actividade geral e imerecidamente menosprezada por uma sociedade virada para outros valores e para outras modas... Embora nos sintamos muitas vezes na situação incómoda e pouco estimulante de pregar no deserto, o facto não afecta a nossa vontade de ajudar, com a fraqueza das nossas palavras, o teatro, e só o teatro.

Agora que já se vislumbra a possibilidade de o teatro vir a ocupar de novo o lugar que lhe pertence como prática estética e como relação social, não podemos deixar de nos congratular pelo facto de participarmos nessa luta, conscientes embora da insuficiência dos nossos recursos.

E conscientes também de que a luta continua. Como se dizia antigamente.

2.° acto

Cumprir as esperanças

Não foi por acaso que parte da classe teatral deu o seu apoio à coligação «Por Lisboa». Esse apoio decorreu do facto óbvio dessa coligação justificar o facto da gente teatral continuar a alimentar esperanças de ver ultrapassadas determinadas situações em que a actividade se mantém em Lisboa.

Durante a campanha o candidato Jorge Sampaio e o seus apoiantes referiram problemas fundamentais do teatro em Lisboa para os quais foram propostas algumas soluções.

O caso do Monumental (como substituir a sala destruida), a ocupação produtiva em termos artísticos das salas municipais, S. Luís e Maria Matos, a revisão dos festivais que devem ser repensados, o caso da recuperação do Parque Mayer, o problema dos prémios, o caso do Teatro Romano, a criação de uma Companhia Municipal (também proposta por Marcelo Rebelo de Sousa), são talvez questões consensuais.

Pensamos, pela nossa parte, na necessidade de a Câmara Municipal de Lisboa elaborar um protocolo com o Teatro Nacional D. Maria II de forma a que esta companhia possa dispor de um outro espaço que lhe permita cumprir um programa de realizações teatrais digno desse nome; também no que se refere a uma campanha de mobilização do público, pensamos que a C.M.L. poderá dar um contributo muito importante.

Sabemos bem como as tarefas que esperam Jorge Sampaio e a sua equipa são tarefas exigentes e a longo prazo. Não podemos aceitar, apesar disso, que a Cultura e portanto o Teatro sejam, como é costume, esquecidos. Estamos certos de que não o serão.

SEMANADA

JOSÉ CARDOSO PIRES: O REGRESSO DOS HERÓIS

Caíram sobre a nossa cabeça — os espectáculos de teatro! Outros estão na forja e não tardam aí.

Na Comuna, depois do êxito indiscutível no I Festival da Convenção Teatral Europeia, o grupo dirigido por João Mota tem em cena com idêntico êxito a peça de Natália Correia, **A Pécora;** no Teatro Aberto, continua **Happy End,** a peça que é e não é de Bertolt Brecht e que João Lourenço transformou num espectáculo feliz, com o Novo Grupo. Voltemos à Comuna por dois espectáculos em cena: **Fale Baixo Senão Eu Grito,** da brasileira Leilah Assunção, com encenação de Zita Duarte; e **A Pregação,** sobre textos do Padre António Vieira e outros, encenação de João Brites com o Bando.

No Clube Estefânia, ali a uns minutos do Saldanha, a Companhia das Luzes tem em cena **Balancé,** a peça de William Gibson encenada por António Pires Cabral. No Instituto Franco-Português, ainda em cena, **Os Pais Terríveis,** de Jean Cocteau, encenação de Fernanda Lapa.

Estreia recente no Ritz Club, o novo espectáculo de Mário Viegas **O Regresso de Bucha e Estica;** outra: **D. João e a Máscara,** de António Patrício, encenação de Mário Feliciano no Teatro da Politécnica.

Para outros gostos: a revista **Ora Bate... Batman'so,** de Manuel Gírio e outros (T. Villaret); a comédia **Os Meninos à Roda da Mamã,** de Henrique Santana (no Variedades).

Fora de Lisboa. Em Olival de Basto, aqui ao lado, **O Render dos Heróis,** de José Cardoso Pires, encenação de José Martins, com o CDIAG num novo espaço, o Teatro da Malaposta; no Teatro Mirita Casimiro, no Estoril, **A Morte de Danton,** de Georg Buchner, encenação de Carlos Avilez com o TEC; para o Casino mudou a comédia de Filipe La Féria **What Happened to Madalena Iglésias?**

No Porto, no Sá da Bandeira, até 1 de Janeiro, mantém-se o espectáculo da Seiva Truque **Gota d'Água,** de Chico Buarque de Hollanda e Paulo Pontes, encenação de Ulysses Cruz.

Em estreia no Porto: a dupla Rogério de Carvalho e José Manuel Castanheira volta a trabalhar com o TEAR depois do êxito que foi a peça de Fassbinder, desta vez com um Tchekhov que promete, **O Jardim das Cerejeiras.**

Voltemos a Lisboa para lembrar as próximas estreias da Barraca, **Margarida do Monte,** de Marcelino Mesquita e Hélder Costa, e **Verão,** de Edward Bond, encenação de Carlos Fernando com o Teatro Hoje, no Trindade.

Rui Mendes e Carmen Dolores na estreia de **O Render dos Heróis** em 1965. Rui Mendes volta a interpretar a peça de José Cardoso Pires.

ESTREIAS

O Jardim das Cerejeiras, de Anton Tchekhov, pelo TEAR.

A última peça de Tchekhov, e talvez a mais polémica, numa leitura que poderá propor uma visão diferente do teatro do autor russo. Com Rogério de Carvalho, encenador, e José Manuel Castanheira, cenógrafo, a equipa reforçada do TEAR.

(Enc: Rogério de Carvalho; cen.: José Manuel Castanheira; mús.: José Pratas; int.: António Capelo, Clara Nogueira, Jorge Pinto, Emília Silvestre, Isaura de Melo, Glória Férias, Luís Correio, José Pinto, etc. TEAR-R. do Heroísmo, 86-T. 573265. Porto hoje, sexta, e amanhã, sábado, às 21.30).

Margarida do Monte, de Marcelino Mesquita, pela Barraca.

Uma curiosidade da Barraca que tem o aliciante de nos mostrar aquele que vai ser o novo espaço do grupo de Maria do Céu Guerra. Hélder Costa foi buscar uma das peças menos conhecidas de um dos mais conhecidos dramaturgos portugueses do seu tempo.

(Enc.: Hélder Costa. Cen./Fig.: António Belart. Mús.: Janita Salomé. Int.: Janita Salomé, Paula Sousa, Luís Tomar, António Gomes, João Maria Pinto, António Cardoso, Madalena Leal, Cristina Charivitch, Oswaldo Ganhita, participação de Maria do Céu Guerra. A Barraca/Cinearte — L.° dos Santos, 2. T. 665360. De terça a sábado, às 21.30; dom., às 16.00. Estreia marcada para 27 de Dezembro).

O Regresso de Bucha e Estica.
Mário Viegas com o seu novo espectáculo, o teatro cómico de Bucha e Estica, mas também com circo e music-haal.

(Enc.: Mário Viegas. Int.: Juvenal Garcês e Eduardo Firmo. Ritz Club. R. da Glória, 57. T. 325140. De terça a dom., às 21.30; sáb. e dom. às 16.30 e 21.30).

O Render dos Heróis, de José Cardoso Pires, pelo Centro Dramático Intermunicipal Almeida GARRETT:

Uma peça mítica dos anos 60 que foi transformada por Fernando Gusmão e pelo Teatro Moderno num dos grandes espectáculos do teatro português da após-guerra. Um grande espectáculo de quando ir ao teatro era mais do que ir ao teatro. O primeiro espectáculo, na sua nova casa, de uma nova companhia cuja importância no actual teatro português é indiscutível.

(Dram.: Mário Barradas. Enc.: José Martins. Ass. Enc.: José Peixoto. Cen./Fig.: Eduardo Cruzeiro. Mús.: António Victorino d'Almeida. Int. Rui Mendes, Cremilda Gil, Raquel Maria, José Eduardo, Canto e Castro, etc. CE-DIAG — Teatro da Malaposta. R. de Angola. Olival de Basto. T. 9873299. De terça a sábado, às 21.30; dom., às 16.00).

Breve
Verão, de Edward Bond, pelo **Teatro Hoje.** Enc.: Carlos Fernando. Cen.: José Manuel Castanheira. Int.: Fernanda Alves, Isabel de Castro, José Wallenstein, Maria José Pa[illegible] coal, Ruy Furtado. T[illegible] Trindade. Rua No[illegible] dade. T. 320000)

CINEMA

A VER

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada pela ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

«Vozes Distantes, Vidas Suspensas« *Terence Davies (1988)*
«Recordações da Casa Amarela» *João César Monteiro (1989)*
«Sexo, Mentiras e Vídeo» *Steven Soderbergh (1989)*
«Indiana Jones e A Grande Cruzada» *Steven Spielberg (1989)*
«Abismo» *James Cameron (1989)*
«Perigosa Sedução» *Harold Becker (1989)*
«Batman» *Tim Burton (1989)*
«Hanussen, O Profeta» *István Szabo (1988)*
«O Amor É Uma Grande Aventura» *Blake Edwards (1989)*
«O Velho Gringo» *Luís Puenzo (1989)*
«Marados à Solta» *Howard Zieff (1989)*
«Oliver e Os Seus Companheiros» *Tan Haisen (1988)-*
«Os Deuses Devem Estar Loucos II» *Jamie Uys (1989)*
«Cegos, Surdos e Loucos» *Arthur Hiller (1989)*
«Os Caça Fantasmas II» *Ivan Reitman (1989)*

Em reposição

«A Bela de Dia» *Luís Buñuel (1966)*
«Quem Tramou Roger Rabitt?» *Robert Zemeckis (1988)*

R. da S.

Tivoli: encerrou

CRÓNICA

BROAS DE MEL BROAS DE FEL

São malhas que o Império tece ou então é Portugal que é assim: no cinema por cá temos do melhor e do pior, broas de mel, broas de fel já que o Natal está à porta. Comecemos antes pelo mel, deixemos o fel para o fim, vai esta crónica um pouco em jeito de balanço do que foi 1989.

Estava-se ainda bem longe de pôr na chaminé o sapatinhho e eis que o cinema português teve a prenda do ano: «Recordações da Casa Amarela», de João César Monteiro. Uma obra de indiscutível qualidade, o Leão de Prata ex-aequo do Festival de Veneza (o maior prémio jamais obtido por um filme português), a nomeação para os «óscares» europeus, na categoria de Melhor Filme... e um êxito de bilheteira com a permanência vai para três meses das «Recordações...» em cartaz.

Se a prenda do ano foi esta, a prenda número 2 foi a Medeia Filmes, estava-se em pleno Verão. Um pauzinho na engrenagem do negócio em Portugal, que em poucos meses transformou o Forum Picoas na única sala de Arte e Ensaio digna desse nome hoje existente em Lisboa.

Paulo Branco não é um anjo, mas tiremos-lhe por uma vez o chapéu. Com a Medeia Filmes foi capaz de criar o circuito completo que vai do produtor ao exibidor passando pela distribuição. Com uma permanente aposta no que é bom e que os outros não querem passar e com as duas salas do Forum, a Medeia Filmes de Paulo Branco não foi só um espaço que criou, criou um público também e jovem.

Mais prendas, mas aqui já não é a novidade, é a rotina. Diga-se isto da Cinemateca e dos que nela trabalham: não são funcionários públicos, nem marcham por dever de ofício.

Correm, parece, por gosto e está visto que não se cansam. O ano foi o que foi: ciclos de Janeiro e Dezembro com os respectivos catálogos. Um orgulho esta instituição.

Outra instituição a seguir, de que (às vezes) se diz mal: o Instituto Português de Cinema. O cronista não diz mal, diz bem: a política do IPC, mesmo com limitações, é a responsável por que Portugal, em vez de dois ou três filmes grandes (o que não quer dizer grandes filmes), produza por ano alguns filmes médios muitas vezes boas obras.

Este ano seguiu-se a política dos anteriores e os resultados estão à vista: Portugal, queira-se ou não, possui hoje uma cinematografia (e não dois ou três cineastas) e filmes portugueses são hoje presença constante em tudo o que é festival de cinema, nos quatro cantos do mundo.

Citem-se os nomes dos realizadores e ver-se-á que com a excepção de Oliveira, Lopes e Fonseca e Costa, a quando do 25 de Abril dos outros nunca ouvíramos falar.

O IPC depende da Secretaria de Estado da Cultura, a qual, graças ao acordo com a RTP, subsidiou a série Fados e apoiou alguns filmes já prontos ou em rodagem. Os Fados não são filmes, são se se quiser — telefilmes —, mas a verdade é que com eles meia dúzia de realizadores de cinema pode exercer o «métier». E já que se fala da RTP louve-se a programação de cinema da generalidade das semanas. Se o cinema nas salas é que é bom, não se pode negar que sem a RTP e o seu critério de escolha verdadeiras obras-primas e muitos filmes referência jamais ninguém os (re)veria.

Do pequeno para o grande ecran para dizer que nem tudo foi mau. Os distribuidores dominantes trouxeram do melhor que havia para mostrar, pena é que muita outra coisa de bom ficasse nas prateleiras. O cinema americano dominou o mercado, às cinematografias periféricas coube a parte ínfima ou menor e aqui fica por explicar porque razão não se aproveitou o efeito de alguns filmes que foram êxitos de bilheteira.

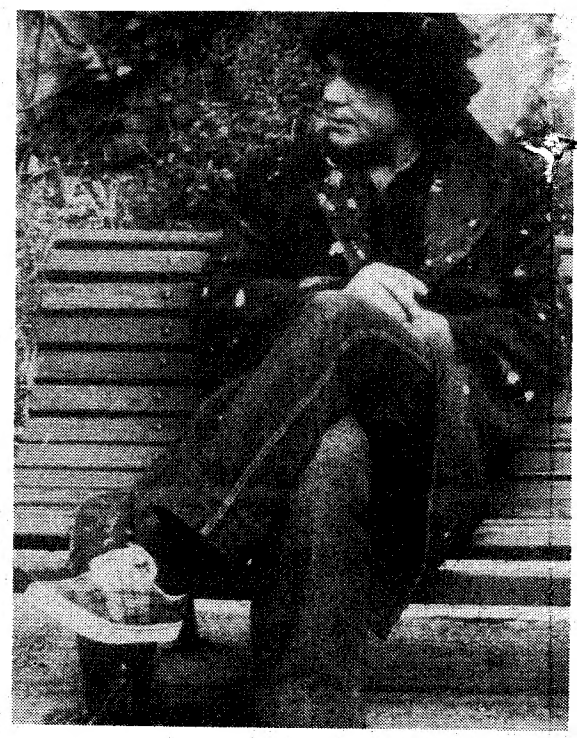
O caso das «Recordações da Casa Amarela» que não foi capaz de arrastar a exibição de filmes portugueses vetados (e «Rosa de Areia», de Cordeiro/Reis é o mais chocante), o caso de «Yaaba» que poderia ter trazido ao nosso conhecimento mais cinema afro-asiático, o caso da Almodóvar pelo qual se ficou este ano entre nós o cinema espanhol; o caso de «A Comissária» a que não se seguiu a divulgação do cinema soviético que ignoramos... são apenas alguns exemplos de um critério que, mesmo em termos meramente comerciais, nem à altura está do público que tem.

E o público nem é tão mau como isso. Recorde-se como foi capaz de defender semanas a fio em cartaz filmes ditos difíceis, como respondeu às melhores reposições do ano («O Acossado», de Godard; e «A Bela de Dia», de Buñuel), como acorreu em geral positivamente ao que havia de melhor para ver.

Não se pede aos comerciantes que por amor do cinema sucumbam, mas é justo exigir-lhe que honrem o seu negócio explorando também os filões da qualidade. E isto quase só por excepção foi feito. Resultado: ao privilégio dado ao cinema espectáculo quase todo americano correspondeu o terem sido preteridas cinematografias importantes (entre as quais a portuguesa) a estéticas dominantes. O colonialismo de um só gosto (e mesmo do mau gosto) imperou mais uma vez.

Imperaram, aliás, outras coisas, entre as quais a morte de alguns cinemas, com o fim do Tivoli e a ameaça do Eden vir a ter o mesmo destino, para não falar do Império. Nada disto é inocente.

A crise das grandes salas funciona como desculpa. Repare-se nas misérias que para algumas delas se atiram, e



«Rosa da Areia», de Margarida Cordeiro/António Reis: a não exibição comercial é o escândalo do ano

aposta que noutras se faz. Ir ao cinema como quem come um «hamburguer», a arte como consumo, é imposta como opção.

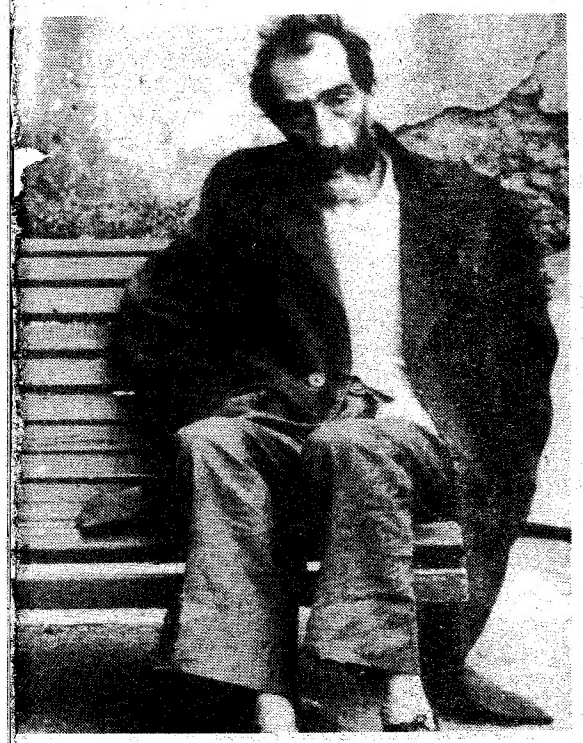
Assim, em síntese, foi o ano cinematográfico por cá. Ele a acabar e duas boas novas ainda: o prémio especial do júri do Festival do Rio de Janeiro para o filme de João Mário Grilo «O Processo do Rei»; e a edição de uma obra de consulta obrigatória para dar e durar: o «Dicionário do Cinema Português 1962-88», de Jorge Leitão Ramos.

Para dar e durar espera-se que não fiquem três filmes que o cronista viu agora à beira do Natal e com os quais vai gastar muita tinta. «Oliver e Os Seus Companheiros» é uma das mais fracas produções Walt Disney dos últimos anos. «Os Deuses Devem Estar Loucos II» mistura a pseudo etnografia com uma história mais ou menos parva e fica-se com a sensação de que os busquimanes mais não serviram que de engodo. Quanto a «Caça Fantasmas II» é mau de mais para ser verdade. E não é. Não pelo título, claro, mas porque não passa do efeito especial erguido em sistema, sem um rasgo de talento, uma ideia de cinema.

Acontece isto quando por Lisboa passa a correr, uma semana (!) «E Tudo O Vento Levou». Ninguém percebe a pressa de tirar o filme de cartaz, nem colhe essa de exibi-lo só para comemorar o seu cinquentenário. Fica a ideia, isso sim que a reposição funcionou como chamariz e publicidade ao vídeo que se anuncia.

Se assim é, é mais um sinal dos tempos, com a lógica toda ao contrário, o fel numa broa de mel que mal deu para saborear.

Rodrigues da Silva



«Recordações da Casa Amarela», de João César Monteiro, o maior êxito do cinema português em 1989

A CINEMATECA ENCERRADA PARA FÉRIAS

Sessões especiais em Lisboa... a notícia não é o que há, é o que não há: Cinemateca. E não havendo Cinemateca (encerrada para férias de Natal), as sessões especiais é o que se sabe: nada ou quase. A próxima semana é quase, como segue e é tudo:

Hoje

Na Fundação Gulbenkian (Acarte): «Em Busca do Vale Encantado», de Don Bluth (às 15.30 e 18 horas).

Dia 27

No Império: «Recordando El Cordobés» e «Sangue e Arena» (às 19 horas).

HITCHCOCK EM VISEU

Fora de Lisboa, são as seguintes as sessões especiais de que temos conhecimentos:

Braga

Teatro Circo: «Regresso de Jedi», de Richard Marquand (dias 22, 23 e 24); «O Passageiro da Lua», de Jerry Kramer e Colin Chilvers (dias 27 e 28); «Willow na Terra da Magia», de Ron Howard (dias 27 e 28).

Coimbra

Gil Vicente: «Os Possessos», de Andrezej Wadja (dias 22 e 23, às 21 e 30); «O Navegador», de Vincent Ward (dia 25, 26 e 27, às 21 e 30); «Último Minuto», de Pupi Avati (dia 28, às 21 e 30).

Viseu

Mirita Casimiro: «Em Busca do Vale Encantado» (dias 22, 23, 24 e 25, às 15 e 30); «U2», de Phil Joanou (dias 23, 24 e 25, às 21 e 30); «Eles Vivem», de John Carpenter (dias 26 e 27, às 21 e 30); «A Corda», de Alfred Hitchcock (dia 28, às 21 e 30, sessão do Cine Clube de Viseu).

SERGIO SAMPAIO
Boutique

DESEJA AOS SEUS ESTIMADOS
CLIENTES E AMIGOS
FELIZ NATAL E
PRÓSPERO ANO NOVO

ALTA
COSTURA
FEMININA

Telefone 54 35 36
Av. da República, 9-A
1000 LISBOA

OS FILMES DESTA SEMANA NA TV

UM ARQUEÓLOGO NO «SAPATINHO»

Neste Natal de 89, ao contrário do que vem sendo corrente, o programa cinematográfico da TV não mostra especial apetência pelos clássicos da «idade de ouro» do celulóide, denunciando, porém, algum bom gosto na escolha dos contemporâneos que abrilhantarão os dias de festa que se avizinham. Com efeito, entre um trabalho sofrível de Gene Kelly e as fantásticas aventuras do Professor Indiana Jones, alguma coisa haverá que agrade quer aos gregos, quer aos troianos, quer mesmo aos próprios cinéfilos.

«A Troca»,
sexta-feira, dia 22, meia- noie

É quase escusado dizê-lo. Trata-se de um telefilme vulgar que aproveitando a propensão para o sentimento habitualmente vivido nesta quadra festiva, explora o tema do desespero de uma jovem mãe quando lhe roubam o seu bébé. Apesar de tudo, preferimos as rabanadas.

«Prenda de Natal»,
sábado, 23, 16 horas

O mesmo tipo de produção, o mesmo sentimentalismo barato, o mesmo desinteresse ,apesar da origem britânica. Nigel Playfire é um executivo bem-sucedido que tem o azar de perder um cheque importante nas vésperas de Natal. O seu engano será, no entanto, devidamente compensado pelo acaso ou pela Providência divina que o delega nas mãos de um menino pobre. Perdoem-nos o cepticismo, mas quem é que ainda acredita em tanta boa vontade?

«Escuro no Cimo das Escadas»,
sábado, 23, meia-noite. .

E eis que a programação televisiva deste Natal atinge o nível do cinema, embora não se trate ainda de uma obra-de-arte. O elenco constituído por Robert Preston, Dorothy McGuire e Angela Landsbury merece , no entanto ,alguma atenção neste filme realizado por Delbert Mann em 1960. O argumento é o habitual neste género melodramático. Há um casal que se acusa mútuamente de infidelidades várias e há uma filha adoloscente que se perde de amores por um desconhecido, como, aliás, convém nestes casos.

«O Despertar»,
domingo, 24, 14.30

Embora se insira também no género melodramático e para isso lá tem a «habitué» Jane Wyman, «O Despertar» vale sobretudo pelo protagonista masculino. Charmoso, envolvente, dotado de grandes atributos interpretativos, Gregory Peck bastaria para construír a lenda de Hollywood, cidade miragem no imaginário do século XX. Neste filme realizado em 1956 por Clarence Brown, Peck encarna a figura do eterno patriarca americano, cujo filho de carácter mais contemplativo que actuante, nutre todo um particular carinho pela Natureza e por um pequeno veado.

Destaque para a excelência da fotografia ,a cargo de Charles Rosher e de Leonard Smith que oxalá não se perca na transmissão televisiva.

«A Ourivesaria»,
domingo, 17 horas,

Se o elenco constituído por dois indiscutíveis «canastrões» das lides cinematográficas, Burt Lancaster e Ben Cross não augura nada de bom, a realização à responsabilidade de Michael Anderson prepara-se para confirmar as nossas terríveis expectativas. Para os eventuais interessados, esclareça-se, porém, que esta é a história de um ourives de Varsóvia que observa a Europa na antecâmara da tragédia. A espera de Natal merece muito melhor.

«Oliver!»,
segunda, 25, 14.30

Foi um dos últimos representantes do cinema espectáculo e obteve um dilúvio de Óscares há precisamente vinte e um anos. Como a mais famosa das adaptações da obra de Dickens, este é um filme de Carol Reed que merece atento visionamento, embora não se trate de uma daquelas obras-primas que nos fazem esquecer o Natal, os presentes, a família para nos rendermos inteiramente ao seu fascínio.

«Hello, Dolly»,
segunda, 21.40

O musical norte-americano tem destas especificidades, mesmo quando produzido na fase de incontestável decadência do género que é a década de 60. Um momento determinado perdura na história do cinema e transforma um filme medíocre numa obra inolvidável. No caso vertente, o momento está-se mesmo a ver qual é. Louis Armstrong canta «Hello, Dolly» e quase nos fez esquecer que a protagonista é Barbra Streisand. A realização é de «mestre» Gene Kelly, mas a autora destas linhas continua a preferir «Serenata à chuva».

«Police»,
terça, 26, 21.30

Porque o cinema não nasceu nos Estados Unidos, nem na Grã-Bretanha, era de esperar que a RTP se lembrasse de nos oferecer um filme francês no Cinemadois das terças-feiras. O feliz eleito é Maurice Pialat, o autor de «Sob o Sol de Satanás» e o filme em questão é «Police», protagonizado pelo grande Dèpardieu e pela jovem Sophie Marceau. Ambos vivem um caso de paixões enfurecidas ao longo de uma investigação policial que envolve traficantes de droga. A não perder.

«Indiana Jones e o Templo Perdido», quarta, 27, 21.30 horas

Ao realizar em 1981 «Os Salteadores da Arca Perdida», Steven Spielberg produziu uma das melhores sínteses da história do cinema, uma vez que à magia dos filmes de aventuras que fascinaram os nossos pais associou o que de mais desenvolvido havia em matéria de efeitos especiais. Ao contrário do que acontece com cineastas menos hábeis, o chamado «menino prodigio» do cinema norte-americano conseguiu produzir uma segunda aventura igualmente poderosa, com um Harrison Ford a revelar-se um dos melhores actores do nosso tempo. Esta é ,aliás, a prenda mais gostosa que a RTP reservou para as festas, com uma entrada triunfal assaz lisongeira para os amantes dos velhos musicais. Quantos vídeo-gravadores vão trabalhar esta noite, quantos são?

Maria João Martins

ESCORT fashion

FASCINA QUEM OLHA FASCINA QUEM CONDUZ

No seu novo Escort, mais conforto, mais segurança.
Jantes mais largas oferecem-lhe uma condução mais estável e dão ao seu automóvel um exterior mais dinâmico, reforçado pelo requinte dos frisos laterais a branco e por tampões de desenho absolutamente original.
No ESCORT FASHION, novos e funcionais equipamentos. Sinta o prazer de abrir e regular as janelas com um simples toque no botão de comando eléctrico.
Controle plenamente o motor, auxiliado pelo novo e bem visível conta-rotações. Beneficie da tranquilidade da trancagem centralizada de portas.
Pequenas diferenças bem estudadas fazem do ESCORT FASHION um novo fascínio, na condução e no olhar.
No seu Concessionário FORD encontrará um amigo para lhe abrir a porta do seu novo automóvel.
ESCORT FASHION, disponível nas versões 1.1, 1.3 e 1.4

* Tecto de abrir - opcional

ESCORT fashion

Ford

QUALIDADE E INOVAÇÃO

Encargos anuais — Combustível: de 106.587$00 a 131.293$50, Seguro Obrigatório: de 17.003$00, Impostos: de 2.840$00 a 4.680$00, (Base 15.000 km, Outubro/89)